
Até
VOCÊ
ser
MINHA
UM ROMANCE UNIVERSITÁRIO DE
NINA QUEIROZ

Até VOCÊ ser MINHA

UM ROMANCE UNIVERSITÁRIO DE

NINA QUEIROZ

Copyright © 2024, Nina Queiroz

Até Você Ser Minha

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Ellen Ferreira.

Diagramação: Nina Queiroz.

Revisão: Gabrielle Andrade e Amanda Mont'Alverne.

Betagem: Ani Marques, Andressa Rocha, Diana Burin, Judy Rodrigues, Marina Cardoso e Milena Seyfild.

Leitura sensível: Thais Meneghetti.

Ilustrações: Hanny (@Hdtarts) e Anamin (@sketchesanmin)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Sumário

Playlist
Nota da autora
Prólogo
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora

Playlist



nota da autora

Oii, eu sou a Nina Queiroz, mas você provavelmente já deve saber disso – levando em conta que meu nome está literalmente na capa KSKSKS.

Não faço ideia se esse é o nosso primeiro contato ou se você já me conhece de outros carnavais. Mas, independentemente disso, desejo a você uma ótima experiência com esse livro.

Se for para ser sincera, nesse exato momento estou nervosa. Nunca escrevi um livro com esse tema, ou abordei uma doença crônica, e uma pequena parte minha está com medo do que vocês irão achar, mesmo tendo plena ciência de que entreguei o meu melhor. Porém, quem está na chuva é para se molhar, certo? Então, vamos com fé. (Amém, Deus).

Antes de iniciar a leitura, tenho dois míseros avisos:

O primeiro, que sempre será o mais importante deles, é que **Até Você Ser Minha** é um livro para **maiores de dezoito** e contém material sensível para **violência física e psicológica, negligência familiar e palavras de baixo calão**.

E embora não seja uma lista grande, ou considerável, caso você não se sinta confortável lendo algum deles, peço que abandone a leitura de imediato. Sua saúde mental é sempre a prioridade e não há nenhum livro no mundo que compense abalar isso.

Segundo: Cindy é uma personagem que possui uma doença crônica **(POTS)** e **Síndrome Vasovagal** e por isso passou por **leitura sensível** da Thais Meneghetti **(@tatameneghetti)**, que também tem o mesmo diagnóstico.

E embora esse não seja o foco do livro, houve muito estudo e esforço para deixar a personagem o mais real possível.

Porém, vale ressaltar que cada ser humano é único. Talvez você tenha POTS e sequer chegue a desmaiar, então não é justo colocar alguém dentro de uma caixa e esperar que todos se comportem da mesma forma, somente por ter o mesmo diagnóstico.

Enfim, obrigada por ter lido até aqui. Agora que já falei tudo o que precisava, espero que você aproveite a leitura e que se jogue completamente ao mundinho caótico da elite de Londres.

Ps: Depois me conta se você é um Anjo ou um Corvo.
Ps 02: Leve os paninhos para passar, ok? KSKSSK.

Ps 03: Se precisarem, ou quiserem, entrar em contato comigo, podem me chamar no direct @ninaqueirozautora



Para todos que vivem uma vida de aparências, saibam que sempre haverá alguém disposto a lhe amar por trás da máscara

Prólogo



Eu sou uma fodida
Tenho hematomas e tristezas
Eu fui feita para todo abuso
Eu tenho segredos que ninguém, ninguém, ninguém conhece
Gangsta _ Kehlani

Cindy Wright

— Não — respondo com tranquilidade, sem me dar ao trabalho de pensar duas vezes.

Caleb me encara e entreabre os lábios, surpreso com a minha negativa imediata. Sua expressão, que segundos atrás estava confiante, muda drasticamente. A raiva adorna suas íris castanhas quase que de modo automático e mesmo de onde estou, consigo sentir sua irritação queimar minha pele.

— *O-o* quê? — questiona, como se não tivesse escutado minha resposta.

Dou um meio sorriso e me viro em direção a Jackson. Seu semblante deixa claro que ele também não esperava por essa negativa.

Idiota.

— Você prefere que eu responda em outro idioma? Sei que voltou a estudar alemão. Eu seria mais clara se o utilizasse? — pergunto com deboche e noto o tremor na mão de Caleb. Seus dedos apertando o copo de vidro com o whisky ficam esbranquiçados.

Meu irmão odeia quando as coisas não saem exatamente como ele quer e, bom, desde o último escândalo, onde começamos a perder contatos importantes e passamos a ser questionados sobre a capacidade dos Corvos, ele tem andado ainda mais estressado e intransigente.

Não o julgo por isso, afinal, como o líder da maior sociedade secreta de Northview, o poder é algo que ele *precisa* ter. E o nosso sobrenome não será capaz de sustentar isso por muito tempo.

Não quando ele foi manchado por Caleb e principalmente não quando a empresa dos Wright, a *nossa* maldita empresa, está passando por uma crise.

Só que, mesmo tendo ciência disso, não irei me sujeitar a essa merda que ele quer. Não outra vez.

Caleb não diz uma única palavra, tudo o que faz é me analisar atentamente. E embora eu odeie perder meu tempo, faço o mesmo com ele. Meus olhos passeiam pelo seu corpo, avaliando desde os sapatos pretos – que brilham como se tivessem sido engraxados agora – até os seus cabelos castanhos.

O *smoking* preto que ele está usando o deixa extremamente parecido com o nosso pai e, por um segundo, me pergunto o motivo do traje tão formal em plena sexta-feira. Mas então basta meus olhos pousarem na mesa de vidro com o convite dourado para que eu me lembre exatamente de onde ele estava e o porquê de estar vestido assim.

Maldito.

Levo minha mão até a têmpora e esfrego o local, sentindo dor de cabeça. Estou acostumada a tê-las, mas ainda assim é irritante quando acontecem na presença de Caleb.

Encaro discretamente o relógio em meu pulso, sobre o seu escrutínio silencioso, onde ele tenta me intimidar, e vejo os batimentos começarem a acelerar.

Isso não é bom.

Dou um passo para trás, quase encostando minhas costas na parede.

— Se isso era tudo o que você queria falar, vou para casa — aviso e uma pontada de irritação me atinge.

Eu já estava em casa.

Fiz meu motorista sair e passei dez minutos dentro de um carro para vir até a merda desse chalé. Foram literalmente dez minutos perdidos somente para ter uma reunião convocada pelo líder dos Corvos e o seu braço-direito idiota, quando ambos poderiam ter ido até mim.

Não é como se faltasse lugar para conversarmos na mansão Wright. Caleb já teria que ir para casa de qualquer forma e Jackson mora por perto.

Então por que diabos eles me fizeram perder tempo vindo até aqui?

Viro, dando-lhe as costas. Porém, antes que eu consiga dar um passo, o copo é arremessado em minha direção.

Fecho os olhos, assustada, e apenas escuto o barulho do vidro se espatifando na parede atrás de mim.

O copo não me acerta e sei que sua intenção nunca foi essa. Se fosse, ele teria atingido minha cabeça com facilidade. Caleb pratica tiro ao alvo desde que tinha dez anos.

Desde quando nossos pais decidiram que as horas ininterruptas estudando, aprendendo outros idiomas, regras de etiqueta e instrumentos não eram o bastante. Foi quando começou o interesse dele pelo tiro ao alvo e o polo. Enquanto eu fiquei contente apenas com as corridas e a esgrima.

Quer dizer, isso nos dias em que eu tinha disposição para fazer algo.

Abro os olhos, encarando o estrago dos estilhaços no chão. Meus pés sobre o salto preto estão a centímetros dos cacos.

— Nos deixe sozinhos — Caleb ordena e inevitavelmente reparo em como seu tom parece o de um trovão no meio de uma tempestade.

É como um prelúdio de que algo ruim está por vir.

Respiro fundo sem reagir, sei que ele está falando com Jackson e que o fodido pau-mandado sairá sem questionar. *Ele nunca questiona nada.* Esse foi um dos motivos pelo qual me afastei dele, na verdade, foi o fator decisivo que me fez parar de sair com ele. Porque Jackson sempre pertencerá a Caleb.

Observo-o sair de cabeça baixa e o sorriso que preenche meu rosto é claramente zombeteiro.

Uma vez covarde, sempre covarde.

— Você acha essa porra engraçada, Cindy? — Caleb ralha quando a porta é gentilmente fechada. O imbecil sequer tem coragem de batê-la com força.

Meu sorriso se expande.

— Sim. Eu não deveria? — Chuto de leve o vidro para afastá-lo de mim e continuo respirando profundamente enquanto monitoro os meus batimentos cardíacos no relógio. Eles começam a oscilar entre noventa e cem por minuto, então já fico alerta.

A última vez que eu desmaiei foi há seis dias e inevitavelmente fico esperando pelo próximo episódio.

— Estou falando sério — rosna, se aproximando de mim com o convite em mãos.

— Eu também — determino. — Não vou ser um peão seu nesse jogo infernal. Se quer tanto usar alguém de cobaia, coloque Stephanie. — Me refiro a outra única mulher pertencente à nossa sociedade.

Ele ri e o seu hálito com o cheiro forte de bebida alcança minhas narinas. Reviro os olhos.

— Você sabe por que não posso usá-la. Sabe que tem que ser você, porra.

— Sinto informar que dessa vez não serei útil.

Não vou aceitar essa merda. Não quando a mera ideia é repugnante. Não quando sinto medo da simples possibilidade. Não quando até hoje tenho um ou outro pesadelo envolvendo aquele fatídico dia.

E Caleb sabe, ele sabe de tudo isso e segue insistindo.

— Achei que você se importasse com a nossa família — sussurra, aproximando seu rosto do meu ouvido. — Isso vai ser importante não apenas para os Corvos, como para o papai também.

Travo o maxilar, me obrigando a não reagir.

— Não — repito.

— Você sabe que ela tem piorado, não sabe? Hoje eu sequer a vi sair do quarto. — Ele usa um tom baixo, tão baixo quanto as suas palavras.

“Hoje eu sequer a vi sair”.

É, eu também não vi. Nem hoje e nem ontem. Cristine Wright, ou melhor, nossa mãe, não tem saído do seu quarto. As desculpas para sua ausência na mesa do jantar sempre são as mesmas: “ela está sem fome”. É o que eles dizem, é o que nosso pai escolhe acreditar porque não se importa. É o que Caleb repete porque não dá a mínima.

Mas eu sei a verdade, assim como eles. Nós sabemos que ela não desce por escolha própria, que ela está definhando naquele maldito cômodo porque a crise da empresa afetou meu pai e ele descontou nela. Sabemos que ela está viciada naquelas merdas de remédios e que tem tomado-os diariamente, sem prescrição alguma. E ao citá-la, Caleb sabe que me afeta.

Droga.

Meu estômago embrulha e embora uma parte de mim ceda levemente, minha mente se recusa.

— Não sou um bote salva-vidas da família Wright.

— Mas nós precisamos de você. Eu preciso de você. — A urgência em seu tom me irrita ainda mais.

É claro que ele precisa. Sempre sou eu quem acabo limpando suas merdas no final do dia, como se eu fosse sua irmã mais velha e não o contrário.

— Eu…

— Não — ele me corta ao notar que estou decidida, seus olhos fulminantes encontram os meus. — Cansei de ouvir sua voz.

— Então me deixe ir para casa, garanto que não falarei perto de você — comento, já ameaçando me afastar.

Contudo, Caleb segura meu pulso e me mantém parada no lugar.

— Essa pose de garota mimada e arrogante está me tirando do sério. Aceite logo essa porra e pare de me fazer perder tempo.

— *Eu não vou aceitar jogar esse jogo outra vez* — repito lentamente, sem desviar o olhar para ver se ele finalmente entende.

Eu também não escolhi jogar na primeira vez, só não tive escolha. Mas agora, não irei cair nessa história de novo.

Seu aperto na minha pele aumenta a ponto de causar uma pontada de dor. Chio, mas ele não se importa. Caleb não costuma ser violento, exceto quando está bêbado ou desesperado. E nesse momento, ele está os dois.

— Os Anjos foderam com tudo naquele último jogo, eles me fizeram ser expulso do polo e ferraram com três colaboradores que eram importantes para a nossa sociedade. Os membros dos Dragões começaram a comentar sobre isso e é uma questão de tempo até essa merda chegar em Evergreen — ralha, seu rosto ficando vermelho à medida que fala. — A empresa da nossa família está por um fio e essa é a nossa primeira crise desde aquela queda na bolsa há mais de sessenta anos. Nossa mãe age como se estivesse morta e nosso pai está precisando desse investimento mais do que nunca.

— E daí? — desdenho.

— Você é a única esperança nesse momento e não vou permitir que sua birra estrague os nossos planos.

— Eu. Não. Serei. Usada — pontuo cada uma das minhas palavras e ele engole em seco.

Meu pulso dói com a força do seu aperto e seu rosto transborda tanto repúdio que me incomoda.

Respire, Cindy.

Não permita que ele a assuste.

Ele é seu irmão e embora seja um idiota, nunca faria nada.

Então respire.

— Por favor — pede e a mudança de abordagem me deixa desnorteada. — Pelo nosso bem, pelo nosso futuro, por nós. Por favor.

Umedeço meus lábios.

Como ele é capaz de pedir tão gentilmente quando quase acertou o copo em minha cabeça? Como consegue usar um tom tão carinhoso quando seu aperto é tão bruto? Como consegue olhar nos meus olhos e me pedir para ser usada dessa maneira quando sabe o que aconteceu da última vez?

Quase rio, porque isso parece algo doentio demais para mim.

Irmãos são mesmo algo estranho.

— Não posso e não consigo, nem se eu quisesse. — Dessa vez, minha voz sai mais baixa. Quase cansada por precisar repetir. — Não serei uma moeda de troca de novo.

Ele me solta, deixando uma terrível sensação de formigamento em meu pulso. Assisto quando ele dá um passo para trás, passando a mão nos fios castanhos. E é engraçado, porque quase consigo ouvir os seus pensamentos.

"O que devo fazer agora? Como posso convencê-la? E se eu a ameaçar?"

Certamente essas três perguntas rondam sua mente, a dúvida sobre o que fazer pairando sobre ele. Gritar não adianta, me forçar também não. Então, ele se pergunta como agir agora. Praticamente vejo as engrenagens rodando, se esforçando para funcionar.

E de modo inevitável, penso em como é bom saber que dessa vez ao menos Caleb não tentou esconder que eu seria apenas um fantoche. Ser usada tendo ciência disso é horrível. Mas ser enganada e ainda ser usada sem saber o que está acontecendo é imperdoável. É uma verdadeira forma de traição, e para mim não há nada nesse mundo mais repugnante do que isso.

— Cindy? — chama, me fitando com um sorriso suave.

— Sim, Caleb?

— Você acha que eu sou um monstro, não acha?

Dou de ombros.

— O que eu acho faz diferença?

— Não muita — confirma. — Mas de qualquer forma, vai ser bom ver você perceber que dentre todos os monstros, eu posso ser o menos assustador.

Pisco, confusa.

— Do que você está falando?

Caleb ri, deixando o convite sobre a mesa e voltando para sua poltrona acolchoada. Observo a maneira altiva com que ele se senta, cruzando as pernas, e um arrepio me atinge.

— Eu não queria fazer isso, essa era minha última cartada. Eu não pretendia usá-la, mas o nosso pai concordou que se você não aceitasse, só assim teríamos uma chance. Então por esse motivo…

O discreto sorriso que surge no canto dos seus lábios consegue ser mais assustador do que o vidro se quebrando instantes atrás.

O que você está fazendo, Caleb? O que caralhos você e Robert planejaram dessa vez?

Malditos sejam por sempre pensarem em dinheiro acima de tudo e todos.

— Se você não nos será útil, está oficialmente expulsa dos Corvos por deslealdade e desobediência — decreta. Levo alguns segundos para registrar suas palavras, segundos esses onde ele aproveita e continua a falar: — Você sabe que essas são as regras e não posso lhe dar um tratamento especial por ser minha irmã.

Fecho os punhos e aperto minhas unhas contra a palma da mão, sentindo a pele ficar machucada. Olho para os batimentos cardíacos e noto que estão bem mais acelerados do que deveriam.

Cento e vinte e sete.

Cento e vinte e oito.

Cento e trinta.

Respiro fundo para tentar ajudar, mas sei que não é assim que funciona. Nunca foi. O enjoo me faz piscar algumas vezes, o aperto em meu

peito aumenta e sinto minha vista escurecer de modo lento. Queria o meu sal nesse exato segundo, mas esqueci de descê-lo e o deixei no carro.

Droga, Cindy.

Por que justo agora, depois de seis dias? Por que não daqui alguns minutos ou quando estivesse sozinha?

Será que é porque estou há muito tempo em pé e parada na mesma posição? Ou será que é o estresse que as suas palavras causam que me levam ao limite?

Odeio não conseguir ir tão longe em nenhuma briga. Odeio que suas palavras me levem a níveis de raiva que eu não gostaria.

Eu poderia deitar para ajudar meu sangue a subir para minha cabeça, mas isso demonstraria fraqueza. E estou pouco me fodendo se ele é o meu irmão e sabe que tenho uma doença crônica, ainda assim eu prefiro desmaiar a pedir sua ajuda antes disso.

Eu nunca peço ajuda.

Não dele.

Minha mente começa a ficar embaralhada e meus pensamentos se tornam distantes.

— E não só isso. Já combinei com o nosso pai e até semana que vem você será transferida para a Evergreen. E então, quando você conhecer os verdadeiros monstros, irá implorar para voltar e aceitar esse convite. — Indica o papel na mesa. — Porque quando não tiver ninguém para protegê-la, desejará voltar a ser uma de nós e dará o devido valor às necessidades da nossa família.

Cento e quarenta.

Cento e quarenta e cinco.

Cento e cinquenta.

Não raciocino, o relógio registra o aumento absurdo nos meus batimentos cardíacos quando deixo de fazê-lo e não tenho tempo de falar nada, além de me sentar no chão, antes de desmaiar.

Como quase sempre acontece.



Insano, por dentro, o perigo me deixa louco
Não consigo evitar, tenho segredos que não posso dizer
Eu amo o cheiro da gasolina
Eu acendo o fósforo para saborear o calor
Eu sempre gostei de brincar com fogo
Play With Fire _ Sam Tinnesz

Dominic Edwards

Cindy Wright.

A princesinha dos Corvos. Uma das únicas mulheres da sociedade deles. A filha do renomado Robert Wright e herdeira de uma empresa grandiosa de Londres. A irmã do fodido Caleb Wright, um dos nossos piores rivais. E, atualmente, a mais nova transferida de Evergreen.

Cacete.

Essa merda parece um verdadeiro sonho.

Olho pela janela do chalé, encarando dois dos nossos seguranças armados. A ideia de estar preso aqui, enquanto ela provavelmente está em algum lugar da nossa faculdade, é entediante.

Droga, Archie. Por que você tinha que precisar de mim justo hoje? Logo no dia triunfante da chegada dela?

— O que você está fazendo? — A sua voz fria e contida soa atrás de mim, como se tivesse sido convocado pelo meu simples pensamento. Existe uma pontada de curiosidade no seu tom, mas claramente não é o bastante para que ele, de fato, se interesse.

Dou de ombros.

— O clima não parece agradável para você? — provoco, encarando-o.

Archie me analisa com sua expressão imperturbável e o leve franzir das sobrancelhas ruivas é tudo o que consigo arrancar dele.

Sorrio com o seu escrutínio.

— Você está bêbado? — ele questiona, olhando atentamente em minha direção, à procura do motivo pelo meu bom humor duvidoso.

Reviro os olhos, porque é óbvio que ele sabe a resposta para essa pergunta. Crescemos juntos, *literalmente.* Archie esteve comigo durante cada merda e dificuldade. Ele esteve ao meu lado em cada decisão, respeitando minhas atitudes – embora nem sempre concordasse com elas.

Ele me acompanhou nos meus piores castigos, me acobertou em todas as vezes que passei dos limites e me ajudou sempre que eu precisei. Fomos para acampamentos de verão juntos, viagens, colégios internos e praticamos até os mesmos malditos esportes, como o polo.

Então é claro que Archie sabe a resposta para essa sua pergunta, ele me conhece melhor do que ninguém.

— Se eu disser que estou bêbado ou de ressaca, você vai me deixar ir? — Soo arrogante, mas ainda deixo que uma leve dose de esperança surja em minha voz.

Você poderia ser bondoso dessa vez, Archie. Afinal, não lembro a última vez que estive tão ansioso para algo.

— Não — responde, lacônico, exatamente como eu já esperava que fizesse e praguejo, passando por ele para ir em direção à mesa.

Porra, ele tem mesmo um dom em estragar sonhos.

Ou nesse meu caso, adiá-lo.

Sinto sua presença silenciosa atrás de mim e embora quase todos temam a sua frieza e o seu poder, eu gosto. Ele foi a primeira pessoa com quem realmente criei um vínculo, o primeiro que criei laços. E não me refiro àquelas alianças gananciosas as quais famílias como as nossas criam, mas um laço real. Uma conexão.

Archie é como um irmão e não por ser herdeiro de uma das mais antigas empresas do país, não por todo o seu poder ou influência, não por ser meu líder na nossa sociedade secreta. Definitivamente não, Archie ainda seria como um irmão para mim mesmo se fôssemos dois sem-teto.

O que, para nossa sorte, não é o caso e está muito longe de ser.

Não sei dizer se nasci em berço de ouro, assim como ele, porque fui adotado quando tinha dois anos e não tenho nenhuma recordação do passado, mas não importa, porque cresci como um lorde.

Donatella e Peter Edwards, meus pais, carregam um sobrenome de peso. Um sobrenome coberto de corrupção, controle e contatos importantes em todos os lugares. Até mesmo no Palácio de Buckingham. Logo, fui criado no meio da elite de Londres, sempre tendo tudo o que queria, na hora que queria. Nunca nada me foi negado e talvez por isso, eu não saiba lidar muito bem se não consigo aquilo que desejo.

Alguns considerariam isso uma maldição, uma falha na minha personalidade, mas estou pouco me fodendo. Ser criado por políticos e estar por dentro de todo tipo de falcatrua talvez cause um leve desvio de caráter e me divirto com isso.

Até porque, pessoas perfeitas e certinhas demais me irritam. Nunca confio plenamente nelas.

— As cartas já foram todas enviadas. — Sua voz chama minha atenção e me traz de volta à realidade.

Pisco algumas vezes e ele me encara, os olhos azuis fixos em mim.

— Eu sei, Margaret me falou. — Meneio a cabeça em sua direção. — Temos algum problema em relação a isso?

— Não, só estou curioso para ver como os novos membros irão se adequar a nós.

Fico calado por alguns instantes, me perguntando a mesma coisa. Afinal, os Anjos funcionam bem da forma que estamos agora. Temos membros inteligentes e que tendem a ser a voz da razão como Archie, o líder, e Margaret, a única que consegue entender suas ordens. Temos os

mais problemáticos como eu, Relish e Lewis. Temos uma mimada, um que esbanja lealdade e até mesmo um idiota engraçadinho.

E embora sejamos completamente diferentes, ainda assim, atuamos bem em conjunto, sem brigas, sem traição e sem revelar nossa sociedade secreta. Só que ao todo somos apenas oito e esse número não é o bastante, então tivemos que recrutar novos membros.

Archie fez o anúncio na semana passada e quase nenhum deles parece satisfeito com essa decisão, mas todos acataram sem questionar. *Eles não ousariam fazer isso. Não quando uma das regras para fazer parte é a obediência ao líder e ao seu conselheiro, ou melhor, a mim.*

Cruzo os braços. O chalé está silencioso, apenas nós dois estamos aqui e ambos nos encaramos, como se pensássemos na mesma coisa.

"Tomamos a decisão certa ao recrutar novos membros?". A pergunta não feita paira no ar, afinal, estamos acostumados com essa dinâmica. Sabemos lidar com *essas* pessoas, mas as coisas precisam mudar.

E sempre gostamos do desafio.

— Você me chamou para isso? — Inclino a cabeça para o lado, observando seu uniforme perfeitamente alinhado.

Archie ergue o canto esquerdo do seu lábio.

— Você acha que eu sou o quê? Desocupado?

Quase respondo que sim somente para irritá-lo. Mas o meu humor já está bom o suficiente para que eu não queira melhorá-lo.

Não gosto da sensação de felicidade estonteante, acabo ficando ansioso e esperando pela merda que virá a seguir. Dizem que tudo na vida precisa ter moderação, que o excesso de qualquer coisa é perigoso. E em partes, discordo. Mas por alguma razão, quando se trata de sentimentos bons, como a felicidade, concordo plenamente.

— Então o que você quer? — respondo por fim, sem nenhum sarcasmo ou provocação. Apenas com o puro interesse em terminar logo essa reunião para ir atrás dela.

Archie me estende uns papéis e analiso as informações contidas ali. Franzo o cenho ao reparar que é uma espécie de ficha.

— Por que eu precisaria disso? — pergunto, encarando o nome de Caleb e a sua foto ao lado.

Alguns dados como idade, data de nascimento e papel na sua sociedade estão distribuídos pela folha. Mas nenhuma informação me parece nova, todas eu já tinha conhecimento.

Não que eu entenda muito sobre como funciona Northview, uma vez que toda faculdade possui suas próprias regras. Mas tenho o conhecimento básico e sei que ele é o líder dos Corvos, que são os maiores de lá.

Por enquanto.

— Olhe a página seguinte — Archie pede, sem explicar.

Não falo absolutamente nada enquanto faço o que foi solicitado e sinto o vinco entre minhas sobrancelhas se tornar ainda maior quando vejo uma foto de Cindy.

Pisco e inevitavelmente avalio sua aparência. Ela é bonita, e até hoje não teve uma única foto onde ela não tivesse essa aparência impecável, como uma garota perfeita.

Isso é o que mais me irrita nela.

Já devo tê-la visto umas duas ou três vezes pessoalmente, mas nunca falei com a filha exemplar dos Wright e confesso estar mais ansioso do que deveria para a ocasião.

— O que isso significa? — Soo confuso, sem conseguir tirar os olhos da foto, uma vez que algo me incomoda profundamente. Por isso, analiso com atenção, procurando descobrir o que é.

Ela está no meio do que parece ser um terraço e usa uma jaqueta preta, combinando com o restante da roupa. Seus cabelos estão soltos e seus olhos fitam fixamente a câmera. É uma foto comum, sem nenhuma pose específica, que certamente foi tirada do *Instagram*.

Então por que me incomoda?

— Caleb tem estado furioso desde que foi expulso do polo. A situação não deve estar das melhores e agora sua irmã simplesmente é transferida para a nossa universidade? — Archie analisa a situação friamente. — Não acho que algo bom possa resultar dessa sua vinda para Evergreen.

Não falo nada, eu não ousaria. Não quando minha resposta não seria imparcial.

— E?

— E que alguém precisa mantê-la sobre as rédeas.

— Assim como fazemos com os nossos cavalos? — zombo.

Ele ergue o canto da sua boca levemente.

— Se você quiser usar uma analogia, então sim. Exatamente como fazemos com os nossos cavalos.

— Mas achei que você tivesse dito que Caleb não era nossa prioridade agora, porque tínhamos outro problema para lidar — devolvo.

Archie carrega um olhar de indiferença.

— Eu cuidarei disso e você a manterá na linha.

Um sorriso lento e mordaz se expande em meus lábios de modo inevitável.

— Você percebe que está me dando total liberdade para isso, não é? — Meu tom é pura imprudência e malícia.

Por um segundo, as íris gélidas vacilam e ele se cala. E sei que é nesse segundo onde ele lembra o quão longe posso ir e já fui.

Me dê liberdade, Archie. Posso fazer merda, mas garanto que ela ficará na linha e não ousará nos sabotar.

Ele me fita e acena levemente.

— Faça o que tiver que ser feito, desde que evite mais problemas para nós. — As palavras mal saem de sua boca e já sinto meu sorriso ficar ainda maior.

Estou animado pra caralho.

— Que seja, darei o meu melhor.

Meneio a cabeça em sua direção e me viro, deixando-o para trás sem sequer perguntar se ele não quer vir junto.

Não quero sua presença, não agora que irei atrás dela.

Passo pela porta e troco um olhar rápido com os seguranças, apenas um indício de que estou indo sozinho. Um deles me fita e noto o modo que o mesmo desvia o olhar, sorrio como um lunático ao reparar nisso.

Sei que minhas íris sombriamente pretas brilham em animação e que isso, junto com os boatos sobre eu ser psicopata, são o suficiente para fazê-lo temer.

Bufo uma risada sozinho ao pensar em quão patética essa merda é e me afasto, entrando na floresta para voltar até Evergreen.

As palavras de Archie rondam minha mente e me sinto triunfante. Com o seu pedido, fazer isso, ir atrás dela, será muito mais fácil do que imaginei. E assim como ele deseja, não me importarei de domá-la como faço com os cavalos.

Finalmente tenho algo empolgante a ser feito.

Então, espere por mim, Cindy Wright.

Porque se você é a princesinha dos Corvos, terei um prazer imenso em ser o seu príncipe das trevas. Só é uma pena que eu nunca tenha gostado de finais felizes, torço para que não ache ruim quando eu bagunçar sua vida de contos de fadas.

02



Não seja cautelosa, não seja gentil
Você se comprometeu, eu sou seu crime
Me encha o saco quando quiser
Você está com o dedo no gatilho, mas o seu dedo no gatilho é meu
COPYCAT -_ Billie Eilish

Cindy Wright

"Informação é crucial. Nunca vá para a batalha sem saber o que pode estar contra você".

Lembro que eu tinha doze anos quando li *"A Arte da Guerra"* pela primeira vez. Eu não entendi muitas coisas e havia passagens que eram tão entediantes que me fizeram cochilar em incontáveis momentos.

Porém, essa frase em específico me marcou na época. E por isso, quando eu completei quinze anos, decidi reler o livro e o achei mais interessante. Aos dezessete, eu já era capaz de recitar algumas falas, aos dezoito se tornou meu livro favorito e aos vinte precisei comprar outro exemplar, porque o antigo já estava tão gasto e com tantas marcações que não era mais útil. Logo o guardei no fundo de uma prateleira e li o novo inúmeras vezes.

Mas até mesmo agora, que tenho vinte e três e conheço cada linha de trás para frente, essa frase segue sendo uma das minhas favoritas.

Informação é crucial. Por isso consegui as minhas antes de vir para cá. Eu não poderia chegar no maldito território deles, sabendo que serei um alvo, sem ter nada.

Por esse motivo, naquela mesma noite, depois de dois minutos desmaiada e de voltar para casa deitada no banco de trás do carro, naquele momento em que percebi que Caleb estava realmente falando sério, no

instante que me dei conta de que meu próprio irmão estava de fato me expulsando da sociedade, reuni tudo o que foi possível sobre eles.

Mas o tempo que tive foi curto, míseros três dias foi tudo o que ganhei antes da transferência ser concluída. Não que eu me surpreenda, achei que fosse ser ainda mais rápido. Pessoas ricas conseguem tudo o que querem com facilidade, basta colocar um pouco mais de dinheiro na situação para que ela seja facilmente resolvida.

Quase sorrio com o pensamento.

Que belo mundo capitalista.

Bato minhas unhas contra o caderno em meu colo. Estou sentada no gramado, observando os estudantes que entram e saem. O clima está agradável e gosto de aproveitá-lo quando está assim. Nem frio, nem calor. Apenas estáveis como os meus batimentos cardíacos nesse exato segundo.

Tecnicamente, agora eu deveria estar em aula, mas não me sinto com vontade o suficiente de sair daqui e não há ninguém louco o bastante para vir me incomodar – uma vez que meu semblante não é nada amigável.

Isso, Cindy, falte logo no primeiro dia.

A voz irritante que se autodenomina como minha consciência sussurra, mas a ignoro porque, sim, de certo modo estou estudando. A diferença é que ao invés de estar analisando algum dado econômico, faço isso com os meus adversários.

Os analiso.

Não conheço todos, mas os Anjos são poderosos o suficiente para que eu saiba uma ou outra coisa sobre seus membros. Ou melhor, sobre quase todos eles. Como, por exemplo, Amelia, a garota morena que está passando pelas portas para entrar na imensa universidade agora mesmo.

Já a vi comparecer em um ou outro jogo de polo, e Caleb já comentou sobre como a rainha das mídias é mimada. Sua família é uma das mais conceituadas da Inglaterra e se eu já não soubesse que ela faz parte deles, suspeitaria mesmo assim.

Afinal, os Anjos são conhecidos por serem a elite. Não apenas ricos, mas verdadeiramente influentes. Para entrar na sociedade deles, sequer

imagino qual habilidade ou contato é preciso ter.

Nos Corvos,Caleb também só aceitava os membros mais poderosos, aqueles que teriam real peso e utilidade para nós. Mas ainda assim, acho que a exigência do nosso lado é menor.

E isso significa que Archie é exigente demais ou Caleb de menos? Se eu tivesse que chutar, responderia a primeira.

Desvio meus olhos para o homem alto ao lado dela. Ele já está de costas e levando em conta o cabelo loiro, diria que é Villian. Outro membro que acredito fazer parte deles.

E o fato dele não ser um dos nomes que ouço ser citado com frequência por Jackson e o meu irmão me faz questionar se ele é muito recluso ou é apenas tranquilo demais para se envolver em problemas com outras sociedades.

Talvez ele seja exatamente como Harry, que raramente é associado a alguma briga e parece ter um senso de humor questionável. Ou como Margareth, que dizem ser a mais centrada, depois do líder deles, é claro.

O líder, ou Archie Wood. Já devo tê-lo visto umas cinco vezes, sua aparência sempre é assustadoramente fria e distante. Ele carrega um olhar de superioridade que é irritante e se Caleb estiver certo, Wood é incapaz de sentir ou demonstrar sentimentos.

Não que Caleb seja muito confiável.

Ele costuma dizer que Relish, outro integrante deles, é um sádico do caralho e por isso todos os temem. Assim como constantemente cita Lewis e a forma como ele sempre parece estar no meio de quase todas as brigas.

Mas, de todos esses membros que *eu* tenho conhecimento, nenhum é mais falado do que Dominic Edwards. Seu nome sempre está atrelado a praticamente tudo.

Se houve algum tipo de confronto de autoridade, Dominic está envolvido. Se alguma partida teve trapaça ou jogo sujo, Dominic é mencionado. E até mesmo a confusão que fez Caleb ser expulso do polo foi Dominic quem deu início.

O desgraçado começou a socar meu irmão sem motivo algum e perdemos um patrocínio por essa merda. E se for para analisar a situação por completo, de certo modo, é sua culpa que eu tenha sido descartada para esse inferno.

Se as coisas não tivessem acontecido dessa maneira, eu ainda estaria em Northview e não sendo obrigada a escolher entre uma faculdade maldita rodeada de inimigos ou a ceder aos desejos hediondos de Caleb.

Que saco.

Abro a garrafa de isotônico e tomo alguns goles da bebida gelada, aproveitando a brisa que atinge meu rosto.

O campus está quase vazio e me pergunto se todos estão em aula ou se são naturalmente poucos alunos. Não sei se acredito na segunda possibilidade.

Escoro minhas costas no tronco da árvore, sentindo a grama macia embaixo de mim. E de modo inevitável me pego pensando em como a vista é bonita. Aqui, tudo é verde, arejado e tranquilo.

Em Northview, as coisas parecem um pouco mais… Sem vida? Não sei explicar. Mas até mesmo o nome da nossa sociedade secreta, os Corvos, se deu devido ao cemitério perto de lá. Constantemente durante as aulas se podia ouvir o som do animal e para Caleb, isso era interessante.

Tão interessante que o primeiro líder que surgiu, anos atrás, nos tornou os Corvos, e sempre que ouvíamos aquele canto da ave, lembrávamos de quem éramos.

E maldito seja Caleb por me arrancar disso e me jogar aos lobos.

Inclusive, lobos seria um nome interessante para uma sociedade. Bem mais do que Dragões e Fadas. Não que eu esteja julgando as outras duas sociedades de Northview. Para ser sincera, admiro os Dragões porque os membros são formados apenas pelos melhores atletas, aqueles bons o bastante para serem recrutados pela NFL de primeira, ser nomeado o melhor jogador do *Super Bowl,* ganharem bola de ouro ou qualquer merda do tipo.

E sinto inveja das Fadas. Se eu tivesse tido escolha, teria ido para lá. Quer dizer, não teria nunca sido recrutada porque não tenho inteligência o suficiente, mas se tivesse, gostaria de estar lá. E eu não falo isso como se eu fosse burra, porque meu QI é muito acima da média, mas as Fadas são o que costumam carinhosamente chamar de gênios. Nível Einstein de capacidade e habilidade.

Eles são como os Pegasus de Evergreen e se for para ser sincera, seria interessante, e igualmente humilhante, assistir uma disputa entre as duas sociedades.

Eu torceria pelas Fadas.

Dou um meio sorriso ao pensar nisso e tomo mais um gole de isotônico, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

Estou para fechar a garrafa e abrir o caderno, na intenção de ao menos fingir que estou estudando, quando sinto alguém me observando.

Levanto o olhar lentamente, meu semblante continua fechado e fico curiosa para saber quem é. Até agora nenhum aluno tentou fazer contato visual comigo.

O motivo? Não faço ideia. Consigo pensar em vários. Primeiro: sou a garota transferida. Segundo: os boatos sobre eu ser de Northview e o motivo pelo qual vim para cá já devem estar rolando. Terceiro: algumas pessoas já devem ter me reconhecido, e se tiverem, se questionam se Caleb veio junto. E se não tiver vindo, mais teorias devem surgir em cima disso. Quarto: não sou a pessoa mais simpática do mundo. Quinto: normalmente ignoro a presença de qualquer um que se aproxime demais, então as pessoas já me evitam.

Inclusive, eu poderia facilmente ser conhecida por essa característica. “A Wright defeituosa”. Aquela que tem uma doença, que pode desmaiar a qualquer momento e que nunca faz amizades de propósito.

Nenhuma das afirmações estaria errada. Mas duas delas não tenho controle sobre, então nunca me importo. E a última é simples de entender: a maioria das pessoas me irrita e evito altos níveis de estresse pelo meu próprio bem.

Ou seja, nunca me abalo pelo que é dito. Só acho engraçado como todos já parecem me evitar no primeiro dia.

Isso é bom.

Pisco, afastando esse pensamento e procurando pela pessoa que segue me encarando. À primeira vista, não vejo ninguém, mas sinto o olhar queimar sobre a minha pele de forma inconveniente.

Bufo, procurando pela pessoa nas janelas. Talvez eu esteja sendo observada por alguém lá de dentro. Estou quase me segurando nessa probabilidade quando escuto os passos vindo atrás de mim.

Olho em direção ao som e pisco algumas vezes ao registrar sua presença.

Porra, quanta sorte, Cindy.

Sopro uma leve risada de deboche ao reconhecer a imagem de Dominic Edwards se aproximando.

Dentre todas as pessoas que meus pensamentos poderiam invocar, por que justo ele?

Droga.

Reviro os olhos quando ele para a alguns passos de mim. Seu olhar pousa em meu corpo de modo sombrio e as íris são tão escuras que tenho quase certeza de que são pretas. Mas ainda assim, ele tem um brilho no olhar e o canto dos seus lábios está levemente erguido, como se zombasse de algo que apenas ele entende.

— Finalmente encontrei você, Wright — fala, e seu timbre é estranhamente rouco. Ou talvez eu só não esteja acostumada a tê-lo dirigindo sua palavra a mim.

Como eu preferia que continuasse sendo.

— Para encontrar algo, você tem que primeiro estar procurando — aponto o óbvio, fitando-o com puro sarcasmo. — Então, você tem me procurado, Edwards?

Ele expande o sorriso e seus lábios ficam torcidos de modo quase cruel. *É entediante.*

— Mais do que você gostaria.

— Levando em conta que eu gostaria que você estivesse a pelo menos cem metros de distância, não sei se estamos falando a mesma língua.

Ele deixa um som rouco escapar da sua boca, algo parecido com uma risada. Mas curto e seco demais para ser considerado uma.

— Em dois minutos de conversa você já está interessada na minha língua? — desdenha. — Não achei que fosse ser tão fácil, isso acaba com a graça.

Pisco, me perguntando mentalmente se ele é louco ou apenas se faz.

— Não que eu possa julgá-la, todos comentam sobre minha aparência — ele continua a falar, quando não me dou ao trabalho de lhe dar uma resposta.

Seus olhos se estreitam em minha direção com minha falta de reação, algo parece irritá-lo.

Assim como sua presença me incomoda fortemente.

Ele cruza os braços e o movimento me faz prestar atenção em seu corpo. Mais especificamente no modo que o uniforme parece ser feito sob medida, realçando seu peitoral.

Porém, mesmo o tecido sendo visivelmente caro, mesmo estando perfeitamente alinhado e mesmo que o cheiro do perfume amadeirado, que certamente custa uns cinco salários mínimos, alcançando minhas narinas, ele não tem uma postura fria de aristocrata.

Dominic aparenta ser intenso e impulsivo demais para transmitir essa impressão. Ou talvez seja o cabelo desalinhado, como se tivesse acabado de transar, que o deixa assim. Ou quem sabe, até mesmo o *piercing* em seu nariz e as duas pequenas argolas em sua orelha. Sei que as tatuagens em seu corpo também contribuem para isso, embora agora elas estejam escondidas.

E eu não tenha nenhum interesse em vê-las.

Pigarreio, desconfortável ao me dar conta de que estava encarando-o e o avaliando, como se tivesse alguma mínima pontada de interesse.

Porém, não me sinto culpada por isso, uma vez que ele faz o mesmo comigo. Só que de uma forma ainda mais descarada.

Seus olhos passeiam pelas minhas pernas, cobertas apenas por uma meia de compressão preta. Vão subindo por minhas coxas, com a saia, e por meu peitoral, com o suéter nude.

Não ouso me mover, para não demonstrar o quanto seu olhar me deixa inquieta. Encaro seu rosto, na tentativa de que ele faça o mesmo, e funciona. Mas ao invés das íris absurdamente escuras se fixarem nas minhas, o filho da puta fita meus lábios.

Umedeço-os em puro reflexo e ele assiste ao movimento sem nem mesmo piscar.

— O que você quer? — Meu tom sai mais rude do que planejei, mas agradeço por isso.

— Você — responde, sem rodeios.

Seus olhos finalmente encontram os meus e as órbitas pretas me prendem de uma forma enervante.

Não consigo desviar.

Inclino a cabeça para o lado, em dúvida se escutei certo ou não.

— O quê?

— Quero você, princesinha dos Corvos — repete, ainda me encarando. — Saia comigo. — Soa quase como uma ordem.

A risada debochada que escapa dos meus lábios é totalmente involuntária e isso parece despertá-lo de algum tipo de transe, porque ele pisca várias vezes rapidamente.

Que tipo de sedução barata é essa?

O que você está planejando?

Dominic me olha como se estivesse incomodado por eu não ter me dado nem ao trabalho de levantar para falar com ele.

Se eu me importasse com o que Dominic pensa de mim, poderia explicar que levantar às vezes pode ser um desafio e exige mais esforço de

mim do que de outras pessoas. Que minha pressão cai e que meu coração acelera absurdamente com essa mínima alteração de movimento. Que às vezes demoro um pouco a levantar só para ficar mais alguns segundos com os batimentos estáveis, sem o enjoo me dominando, sem a vista escurecendo e minha cabeça pesada.

Mas, como não dou a mínima, deixo-o pensar o que quiser. Seja esnobismo, pretensão ou estupidez. Não ligo.

— Você é louco — falo ao notar sua expressão séria e perceber que ele não está brincando sobre sairmos.

Dominic dá de ombros.

— Talvez sim. Ou talvez eu só goste de me divertir com as minhas presas. — O sorriso ardiloso volta a enfeitar os seus lábios.

— Não sei o que você quer. Mas não sou um animal encurralado e nem estou em um espetáculo seu, pronta para entretê-lo.

Ouço seu estalar de língua.

— Você é mesmo um bichinho atrevido. — Ele me avalia e o brilho em seu olhar se intensifica, como se ele estivesse fascinado. — E isso vai ser mais interessante do que pensei.

Reviro os olhos.

— Você é entediante.

— E você é divertida, mais do que eu esperava.

Não lhe dou o prazer de rebater nada e apenas fico calada, na tentativa de fazê-lo sair o mais rápido possível. Sua presença me incomoda em níveis absurdos.

Pego meu isotônico, bebendo enquanto o ignoro completamente. Mas ainda sinto seu olhar sobre mim, como se ele não estivesse disposto a sair dali até conseguir aquilo que quer.

O grande problema? Eu não sei o que esse idiota quer.

— Wright — chama, e ouvir meu sobrenome sendo pronunciado com tanta ênfase acaba me fazendo olhar sem querer. — Sabe o que Anjos e

Corvos têm em comum?

— Ambos possuem asas? — zombo, sem vontade de adivinhar uma charada em plena manhã.

— Ambos são atrelados à morte. — O timbre baixo e sombrio retorna.

Dessa vez, o canto da minha boca que sobe em um leve sorriso.

— Isso é uma ameaça?

Dominic me analisa de novo, dos pés à cabeça.

— Você deveria ir para a aula. Aqui não pegamos leve como fazem em Northview — é tudo o que diz, seu tom parece provocativo.

E, sem nenhuma outra palavra, passa por mim e sai, me deixando sozinha. Alguns minutos depois, Archie surge vindo da mesma direção que Dominic utilizou, mas diferente do moreno convencido, o ruivo sequer me designa o olhar.

Não sei se isso me conforta ou me preocupa. Por que se o líder não está interessado na minha presença, o que diabos Dominic poderia querer comigo?

Encosto minhas costas na árvore outra vez, finalmente relaxando minha postura e solto um outro suspiro pesado.

Que grandíssimo primeiro dia, Cindy.



Oh, quem é ela?
Uma lembrança nebulosa
Um rosto assustador
Ela é um abraço perdido?
Who Is She? _ I Monster

Dominic Edwards

Ela é intrigante.

Desde que a vi sentada na grama, quando deveria estar em aula, esse pensamento me persegue. Por alguma razão, não consigo tirar da cabeça o seu olhar. Há algo nele que me incomoda e sequer sei definir o quê, mas é o bastante para me tirar do sério e me deixar inquieto.

Archie me perguntou o que achei da princesinha dos Corvos, questionou qual foi a minha primeira impressão, uma vez que costumo ser bom julgando o caráter das pessoas. Afinal, um filho da puta sempre consegue identificar outro com facilidade.

Mas a grande questão é que no momento que precisei responder a isso, nada me veio à mente. *Absolutamente nada*. Eu poderia tê-la chamado de esnobe, de sarcástica e debochada. Poderia tê-la considerado corajosa ou até apática, mas na hora, todas essas palavras sumiram e só consegui dar de ombros, dizendo que não havia perdido meu tempo tentando decifrá-la.

Mas era mentira, passei os últimos dois dias ruminando essa merda e até mesmo agora, enquanto saio do vestiário colocando as luvas em minhas mãos, volto para aquele momento.

Aquele maldito momento que não me deixa em paz.

Antes de eu me aproximar, ela parecia tranquila. Fiquei alguns segundos apenas fitando-a, seus movimentos eram suaves e ela não

aparentava se importar com nada. Porém, como rapidamente sentiu que estava sendo observada, precisei me aproximar.

Ela não pareceu afetada com a minha presença, não demonstrou medo com as ameaças veladas e não aparentou ficar minimamente abalada com o meu olhar, e isso é um grande feito levando em conta que aprendi a ser intimidante desde novo. Então essa sua falta de reação me pegou desprevenido.

A garota nem sequer se deu ao trabalho de se levantar com a minha chegada. Ela estava sentada e permaneceu assim, me obrigando a manter minha cabeça baixa para encará-la, como se eu fosse alguém inferior a ela.

E quando me dei conta de que mesmo sentada ela ainda esbanjava altivez, decidi deixá-la para trás.

Merda. Balanço a cabeça ao me dar conta de que já estou pensando nela outra vez.

O que você tem que está me deixando tão incomodado, Cindy Wright?

Por que você foi transferida para Evergreen? O que aconteceu? Quanto precisarei brincar com sua mente até ter essa resposta?

Quão longe eu posso ir com você para descobrir? Você cairá nos meus jogos? Archie se incomodará se eu for longe demais?

— Você é novo aqui, certo? — o homem usando um uniforme azul, que reconheço como um dos funcionários do clube, pergunta.

— Isso.

— Senhor Edwards? — confirma minha identidade ao me reconhecer e contenho a vontade de revirar os olhos para não ser mal-educado.

— Dominic — corrijo-o sutilmente.

Detesto ser chamado de senhor por dois motivos: primeiro que só tenho vinte e três *fucking* anos e segundo que “Senhor Edwards” já é algo tão atrelado ao meu pai, que não me sinto confortável quando é direcionado a mim.

Ele assente e aponta em direção ao corredor.

— O salão de esgrima fica para lá e as piscinas da natação na direção oposta. O tênis fica na quadra do lado de fora e a academia no segundo andar — esclarece, como se eu já não tivesse conhecimento disso, e apenas aceno. — Qualquer dúvida, pode falar na recepção.

Meneio a cabeça outra vez.

— Certo, se me der licença… — Deixo a frase no ar como uma indireta e o homem parece ficar desconfortável, liberando minha passagem.

Passo por ele, seguindo pelo caminho indicado até o salão. Eu normalmente só ia ao antigo clube quando estava entediado, visto que só pratico esgrima por *hobby* e o único esporte que levo minimamente a sério é o polo.

Eu gostava de lá, mas então substituíram o professor por um desgraçado do caralho que faz alguns acordos sujos com o meu tio, e decidi sair antes da vontade de trocar o sabre por uma espada, para enfiá-la em seu pescoço, me dominar. Por isso, agora estou no segundo clube mais conceituado de Londres.

Estalo o meu pescoço, movimentando-o de um lado para o outro antes de empurrar a porta. Sinto os olhares se desviarem para mim assim que entro e dou um meio sorriso.

O salão é grande, maior do que o do anterior. Mas está quase vazio, o que não me surpreende. Vim em um horário que normalmente poucas pessoas frequentam e levando em conta que é quarta-feira e que apenas a elite comparece a esses lugares, ter sete pessoas presentes – sem contar comigo e o professor – é bastante significativo.

O homem de cabelos escuros com as laterais grisalhas se aproxima. Ele deve ter uns quarenta e cinco anos e é alguns bons centímetros mais baixo que eu, e quando para na minha frente, encaro-o.

— Santiago Reis — ele se apresenta, estendendo sua mão em minha direção. Seu sotaque é nitidamente de outro país e o seu nome não é comum, ao menos não aqui.

— Dominic Edwards. — Retribuo o seu cumprimento, mas meus olhos são atraídos para o restante dos alunos.

Três duplas estão formadas e uma pessoa está somente equipada, esperando a troca de pares ou um perdedor para assumir o seu lugar. Dos sete aqui, seis me fitam com interesse, mas um dos que estava lutando – até eu entrar e tirar o foco – não olha em minha direção.

Seu corpo está meio inclinado para frente, suas mãos apoiadas no joelho e a guarda desfeita dá a impressão de cansaço.

Pelo modo que o *gilet* e a calça estão marcando seu corpo, e pelo cabelo castanho preso, eu diria que é uma mulher. Mas seu rosto está coberto pela máscara, que mais parece um capacete.

O homem manda todos refazerem a saudação e ficarem na guarda. Sorrio com deboche ao vê-la obedecer lentamente, seus movimentos parecem quase preguiçosos e isso chama a minha atenção, porque acho inevitavelmente curioso alguém agir assim. Todos os esgrimistas que já conheci nunca saem da guarda até ter um vencedor, mas a garota fez isso sem o menor pudor.

— Você pode iniciar com… — o homem começa, mas levanto minha mão em um gesto para que ele pare de falar.

— Vou assistir um pouco, gosto de estudar meus oponentes — comento e ele aceita sem questionar, gritando um “Hangar” para que o embate recomece.

As três duplas estão em extremos opostos, cada uma no seu espaço designado e o barulho dos sabres se chocando um contra o outro se inicia.

Observo a garota, ela tem uma boa postura e se desloca para frente com os movimentos básicos da esgrima de marchar e romper. Um dos seus braços fica para trás do seu corpo e o outro apontando o sabre em direção ao adversário, que tem quase o dobro da sua massa corporal.

O professor segue parado ao meu lado de braços cruzados enquanto também assiste a tudo. Inclino a cabeça quando ela se abaixa, desviando de uma balestra[1].

Ela é boa.

Visivelmente boa.

Seu reflexo é rápido e seus movimentos certeiros, embora sejam contidos demais. Ela não levanta muito o braço para quase nada e tenta evitar golpes que exijam muito, como o ataque por destaque[2] ou a flecha[3].

Estou verdadeiramente curioso sobre sua identidade e viro minha cabeça em direção do professor para perguntar quem ela é, mas no instante que faço isso, no nanossegundo que desvio, ela solta o sabre no chão e se apoia em seus joelhos outra vez.

Os esgrimistas voltam para a guarda e assisto o que está acontecendo com interesse. O professor se aproxima dela e pergunta alguma coisa, a garota acena rapidamente.

Ele vira a cabeça em minha direção.

— Assuma — pede, indicando o outro oponente que estava lutando com ela e quase entreabro meus lábios para questionar a decisão, mas prefiro não perder tempo e apenas coloco a minha máscara, pegando o sabre ao me aproximar.

Santiago segura o braço dela e a guia em direção ao fundo do salão, fazendo com que ela se sente no chão. Me pergunto o que diabos isso significa e se ela está passando mal ou não.

Mas não tenho tempo de teorizar sobre o motivo, porque assim que o professor me vê em guarda, grita “Hangar” novamente e nos faz voltar a lutar. Ou no meu caso, começar.

Me desloco em direção ao meu oponente primeiro, com meu estilo sendo muito mais atacante do que defensivo. Ele utiliza a parada[4] contra cada um dos meus golpes iniciais e fica vulnerável por alguns milésimos de segundos, mas que não é o bastante para que eu consiga marcar.

Minha atenção fica dividida entre ele e a garota, que agora está deitada no chão, e coincidentemente estou olhando em sua direção quando o homem lhe estende uma garrafa dourada de água.

Evito um golpe por pouco com um contra-ataque, mas assim que a vejo de esguelha retirar a máscara, desvio meu foco unicamente para ela,

sentindo meus olhos se arregalarem ao identificar a princesinha dos Corvos pálida para um cacete.

Ela dá um meio sorriso e aceita a garrafa, mas não se senta de imediato. Sinto quando sou golpeado, uma, duas, três vezes, contudo, sua imagem me desperta mais interesse do que a luta.

E bem mais curiosidade.

Paro de me movimentar por completo, apenas encarando-a. Mas então, o maldito Santiago se abaixa na sua frente e forma uma grande muralha que me impede de vê-la.

Merda.

O que há de errado com você, pequena Wright? A princesinha tem alguma fraqueza desconhecida?

Abro um discreto sorriso, mais do que contente em ter trocado de clube. *Ando tendo ótimos dias de sorte.*

Hoje mesmo sou o homem mais sortudo do mundo.

— Você não vai continuar? — A voz do meu adversário, abafada pela máscara, me traz de volta à realidade.

— Vá em frente. — Volto para a posição de guarda e ergo meu sabre de novo.

Entretanto, só consigo marchar, deslocando com a perna da arma, antes do homem gritar.

— Alto! — A ordem faz com que todos baixem suas armas. — Troca de parceiros.

O garoto que estava sentado não se manifesta e me pergunto se ele está sendo punido por descumprir alguma regra hoje ou se, de alguma forma, se machucou.

Me desloco para o adversário mais perto de onde eles estão e faço dupla. A esgrimista visivelmente é uma mulher e a saúdo, desviando meu olhar levemente.

Cindy está agora sentada, ela olha para o relógio em seu pulso e toma a água da garrafa. Seus movimentos são lentos, como se ela tivesse medo do que aconteceria se não fossem. Ou talvez, ela apenas não consiga fazer nada rápido nesse momento.

Seu rosto está pálido e o professor faz algumas perguntas que geram um balançar de cabeça em uma negativa e duas confirmações. Porém, para o meu azar, nenhuma é feita alto o bastante para que eu consiga escutar.

O homem vê que todos já estão com pares trocados e nos faz dar início. Minha adversária não perde tempo e me ataca com agilidade, mas consigo contê-la todas as vezes, me esquivando e bloqueando seu sabre de atingir meu torso.

Flexiono o joelho mais intensamente, lançando o meu braço armado para frente, enquanto o desarmado é jogado para trás em um afundo. A ponta do meu sabre atinge seu abdômen. E assim que a acerto, vejo Cindy e o professor passarem por mim de esguelha, deixando o salão.

Em momento algum ela demonstra reparar na minha presença e isso me instiga tanto quanto o fato de que agora estamos no mesmo clube.

Volto para a posição inicial e minha adversária faz o mesmo.

— O que aquilo significou? — pergunto de modo banal, como se não tivesse desesperado por uma resposta que me seja útil.

— Aquilo o quê? A garota passando mal? — Sua voz é estridente mesmo por detrás da máscara.

— Sim. — Ergo meu braço em sua direção, flexionando meus joelhos para a guarda.

— Não sei, ninguém sabe. Só é algo que acontece com frequência — Dá de ombros.

Aceno, me concentrando na luta para ocultar a frustração.

Mas enquanto foco em vencer a partida, não consigo evitar o pensamento de que o professor parecia ciente demais sobre o que fazer para não saber de nada.



Eu venci.

E assim que terminei a partida com a garota, abandonei o salão sem nenhuma justificativa. Eu queria saber se a princesinha ainda estava no clube e a ideia de que provavelmente sim, e que eu poderia esbarrar com ela, era intrigante o suficiente para me fazer sair.

Por isso estou nesse exato instante em frente ao maldito vestiário feminino. Ela precisava se trocar e certamente veio até aqui para isso. Então espero, enquanto me pergunto o que aconteceria se eu simplesmente entrasse.

Eu seria expulso do clube? Provavelmente não.

Olho para o relógio digital na parede do corredor e dou um meio sorriso.

Já esperei por dois minutos, Wright. Isso é como uma eternidade para mim.

E se você não sair logo, eu mesmo entro.

Passo a mão nos meus cabelos e dou um passo para frente, porém, antes que eu possa, de fato, invadir o vestiário, o corpo feminino abre a porta e esbarra contra o meu.

Por puro reflexo, seguro os braços da garota para impedi-la de cair e ouço um leve chiado vindo dela. Desvio meu olhar para baixo até alcançar seus olhos e assim que fito as íris castanhas, engulo em seco.

Cindy Wright me encara com confusão, como se não entendesse o que estou fazendo aqui. Seu rosto ainda parece pálido e ela segura uma garrafa de isotônico em suas mãos. Não me escapa o pensamento de que essa já é a segunda que vejo com ela desde que a conheci.

Seus olhos se prendem aos meus fixamente, me impedindo de desviar, e a confusão vai dando lugar para outros sentimentos. Não sei identificá-los, mas ela passa por pelo menos uns três em questão de segundos, antes de voltar para a apatia.

Apatia.

A palavra brilha em minha mente como se ela fosse significativa e eu devesse lembrar dela, só não entendo o motivo para isso.

Ela pisca e inevitavelmente deslizo meu olhar pelo restante do seu corpo, somente agora me dando conta de que ela não está mais usando a roupa da esgrima e que a mesma foi substituída por um biquíni preto.

Travo o maxilar.

Os seios cobertos apenas por um maldito pedaço de tecido atraem totalmente minha atenção. As fitas amarradas em sua costela como um complemento da parte de cima realçam a cintura fina e o relicário de coração em seu pescoço me faz admirar o local que normalmente me passaria despercebido.

Cindy é bonita.

Fodidamente bonita e gostosa.

Eu já sabia disso, essa é facilmente uma das primeiras impressões que qualquer um tem ao vê-la. Sua aparência é intrigante. Seus olhos são grandes e inexpressivos. Seu nariz é afilado, sua boca tem um formato perfeito e seus cabelos castanhos combinam perfeitamente com o rosto. Quase como se fosse esculpida.

Ela pigarreia.

— Você já pode me soltar. — Seus olhos desviam até o local onde minhas mãos ainda a tocam e lentamente solto meus dedos do seu braço.

— Você… — Entreabro meus lábios para perguntar se ela está bem, mas desisto da ideia.

Porque, sinceramente? Não me importo se ela está bem ou não.

Não dou a mínima.

Essa é Cindy Wright e a única coisa que farei com ela é brincar com sua mente até, de bônus, entender o que caralhos a levou até Evergreen.

Ela dá um passo para trás e inclina sua cabeça para o lado, avaliando meu uniforme.

— O que você está fazendo aqui? — Soa curiosa.

— Não é óbvio? — Indico a roupa de esgrima e seu olhar é de puro desdém.

— Por quê?

— Por quê o quê?

— Dentre tantos clubes, por que esse?

Sinto o canto dos meus lábios se erguerem em um meio sorriso.

— Não sei, aparentemente há algo nele que me fascina. — Dou de ombros e inclino meu corpo em direção ao seu, com minha boca pairando perto do seu ouvido. — O que você acha que pode ser tão fascinante?

— Não sei, o professor faz seu tipo? — debocha.

Bufo uma risada incrédula com a ousadia, voltando a encará-la.

— E se fizer? Você ficaria com ciúmes?

Ela revira os olhos.

— Você é irritante.

— Mas eu ainda nem fiz nada.

— “Ainda”. — Faz aspas no ar, o sarcasmo transborda no movimento. — Então pretende?

O som que escapa da minha garganta é como um grunhido e uma risada.

— Se você soubesse tudo que eu pretendo fazer, estaria correndo para longe de mim agora mesmo.

O canto da sua boca sobe em um ínfimo sorriso.

— Você parece aqueles cachorros que latem, mas não mordem.

— Eu posso morder, basta você pedir — sussurro e toco em sua bochecha, mas Cindy não se esquiva como esperei que fizesse.

Ela analisa meu corpo, seu olhar desviando para minha boca. Encaro-a fixamente.

— É isso o que você quer? — Sua pergunta me pega desprevenido.

— O quê?

— Você quer me foder? Se for, podemos resolver esse problema hoje mesmo. Você até que é aceitável.

— Você pode admitir que sou o homem mais bonito que você já viu e o mais gostoso, não precisa fingir — provoco, piscando de modo malicioso.

Algo brilha nas íris imparciais, isso me instiga.

— Certeza? Porque você me parece o tipo de homem que eu precisaria fingir sim.

Bufo uma risada.

— Se estiver mesmo curiosa, podemos descobrir agora.

— Certo, vamos lá — responde despretensiosamente. — Você me deixará em paz depois disso?

Olho para o teto como se pensasse e após alguns segundos, estalo minha língua com indiferença.

— Não.

— Então o que você quer?

— Eu já falei, a única coisa que quero é você.

Você na palma das minhas mãos.

Você fora da nossa faculdade.

Você me dando tudo o que quero.

Você chorando porque não pode lidar comigo.

Você indo embora e desistindo.

Dou um passo para mais perto dela e meus olhos devem brilhar daquele modo doentio, porque dessa vez ela se esquiva.

— Então faça como eu já falei, foda comigo e me deixe em paz.

— Não é o seu corpo que quero foder.

— E qual é o seu alvo? O meu coração? — ela zomba.

Toco em sua têmpora, dando duas batidinhas com meu indicador. Mas não falo nada, apenas sorrio.

Foque no que realmente importa, Dominic.

Foque no que precisa fazer.

Foque em quem ela é, não no que aparenta ser.

— Você parecia enjoada durante a esgrima. — Enrolo uma mecha do seu cabelo no meu dedo.

Ela trava seu maxilar, uma emoção desconhecida cruza o seu olhar.

— Fique fora disso, minha vida não é da sua conta.

— Droga. — Bufo. — Com você falando assim, ela só se torna mais atrativa para mim.

— Estou falando sério, Dominic Edwards. Não tem nada interessante para você encontrar.

— Eu quem deveria decidir isso, não?

— De fato, mas você só vai perder seu tempo. Eu não tenho nada a esconder. — Seu tom é determinado, seu queixo está erguido e sua postura se torna ainda mais fria e altiva.

Será mesmo, Cindy Wright?

Será que se eu cavar fundo o bastante, não encontro nenhuma merda que você esconde?

Será que toda essa atitude é uma máscara? Será que se puxar forte o bastante, você quebra? Será que você terá alguma utilidade para mim?

Fito-a da cabeça aos pés.

— Por que você veio para Evergreen? — pergunto aquilo que mais me incomoda.

— Porque eu quis.

— Certeza? Por que você sairia dos Corvos para virar refém dos Anjos, quando somos rivais?

— Fiquei entediada e gosto da sensação de adrenalina.

Mentirosa.

Seu rosto não expressa absolutamente nada e ela mente com uma facilidade tão grande que é impressionante.

Mentirosa do caralho.

— Por que você estava passando mal? Isso acontece com frequência?

— Não é da sua conta. — Ela aponta seu indicador em minha direção. — E se me der licença, já cansei de você.

Ela passa por mim, mas antes que se afaste, seguro seu pulso.

— Irei me divertir descobrindo que você não é a perfeição que todos pensam e depois irei me divertir ainda mais vendo-a se contorcer como uma marionete, sendo obrigada a me obedecer para não ter tudo sendo exposto, princesinha.

Cindy não vira seu rosto para me encarar, ela não reage.

— Faça como quiser, ou melhor, como lhe mandarem, cachorrinho do Wood. — Ouço um som seco que parece uma risada. — Será que se o Archie pedir, você também senta e abana o rabo? Seria interessante assistir — desdenha e puxa seu pulso com força, se soltando.

Entreabro os lábios, surpreso. Foi a primeira vez que me chamaram assim.

Cachorrinho do Wood.

Cacete.

Sorrio, ela é inegavelmente ácida e corajosa. Ninguém nunca ousou falar comigo dessa maneira e isso me deixa intrigado.

Coço a cabeça e a observo caminhar em direção às piscinas. Cada passo que a distancia de mim é como uma confirmação.

Uma confirmação de que ela me quer longe.

Uma confirmação de que ela esconde algo.

Uma confirmação de que foi sua culpa ter sido expulsa de Northview.

Uma confirmação de que desvendá-la será o meu novo passatempo favorito.

04



Você não sabe nada
Você não sabe como eu sou quando estou sozinha
Você nem sabe
O jeito que eu me importo do jeito que eu cresci
You Don't Even Know Me _ Faouzia

Cindy Wright

— Você tem certeza de que está bem? — Beatrice pergunta, me analisando.

Sorrio, acenando com tranquilidade.

— Você parece agitada — insiste.

Nego com a cabeça.

— Estou bem mesmo, eu juro — garanto.

— Então não aconteceu nada que possa ter lhe causado um nível extra de estresse?

— Não — repito, mas não sei quanto disso é verdade.

Caleb me causou um alto nível de estresse. Ir para Evergreen me causou um alto nível de estresse. Dominic me causou um alto nível de estresse.

Então por que não falo sobre isso? Não sei, talvez só esteja cansada.

Ontem o dia estava muito quente e eu não quis sair do quarto, então faltei a aula e a natação. E se eu não praticasse a esgrima só duas vezes por semana, também teria faltado.

A ideia de enfrentar as ondas de calor me pareceram cansativas demais e eu só quis ficar mais um pouco no ar-condicionado. Quando vi, o dia inteiro tinha se passado sem que eu tivesse saído do cômodo.

A cozinheira foi deixar minha vitamina na porta de manhã, meu almoço, meu lanche e até minha janta. Ela entende que existem aqueles dias em que não estou tão disposta quanto nos outros.

Ela cuida de mim, da mesma forma que secretamente desejei que um dia meus pais também fizessem.

Suspiro.

— Você sabe que pode me contar tudo, não sabe? — Beatrice fala, seu olhar é preocupado.

— Ontem foi um dia ruim, com um clima ruim. Só isso.

Ela anota algo em seu caderno e espero.

— Você saiu de casa?

— Não.

— Mas tomou os medicamentos? — pergunta, se referindo aos remédios que eu tomo, tanto para diminuir os batimentos cardíacos quanto para aumentar minha pressão.

— Claro que sim. — Tomo-os todos os dias, seria meio impossível esquecê-los.

— E fez algum exercício?

— Sim. — Sorrio quando ela cerra seus olhos em minha direção. — Palavra de escoteira. — Ergo minha mão para o alto.

— Você disse que largou a vida de escoteira depois de duas semanas.

— Eu sei, mas a palavra vale mesmo assim.

Ela sorri e o gesto é terno.

Gosto de Beatrice, ela é minha psiquiatra há doze anos, desde quando descobri sobre minha doença aos onze.

Ela, minha terapeuta e minha cardiologista estiveram comigo mais do que meus próprios pais, ao menos nesse quesito.

Lembro perfeitamente de quando eu tinha dez anos e tive meu primeiro desmaio. Estávamos em um verão infernal na Inglaterra e achei que eu fosse morrer. Minha mãe entrou em desespero quando informaram que desmaiei ao levantar e sair da sala de música.

Ela me levou para o hospital na mesma hora e de imediato ninguém soube precisar o motivo para a síncope. A doutora não considerou nada grave, mas fez alguns exames de rotina que não apontaram nada.

Voltei para casa e fiquei uma semana bem, até ter outro desmaio e a história se repetir. Foi necessário acontecer cinco vezes para a suspeita começar.

Fiz inúmeros exames até ser diagnosticada com POTS[5] e Vasovagal[6]. Eu ainda era uma criança, não fazia a menor ideia do que aquilo significava ou do motivo pelo qual eu era diferente das outras crianças.

Não entendia por que eu precisava beber tanta água ou comer comida mais salgada que os outros. Não sabia por que precisava ser monitorada o tempo todo ou ter sempre um segurança e uma enfermeira comigo.

Eu achava desconfortável.

Comecei a ter acompanhamento constante de psicóloga, passei a tomar remédio e frequentar uma psiquiatra. No começo, foi horrível.

Eu me sentia péssima e chorava porque não podia falar para ninguém. Estudei boa parte da minha vida em casa e só socializava quando ia para a natação.

Meu pai teve uma conversa comigo e me pediu para ser discreta, disse que minha doença podia atrapalhar os negócios. Que se soubessem que a filha do poderoso Robert Wright era “instável”, alguns investidores poderiam desfazer os contratos.

Na época fez sentido, eu era uma criança. Mas depois, entendi que não era esse o motivo, ele só tinha vergonha de ter uma filha com uma

doença crônica.

Não que eu me importe. Quando me dei conta do real motivo para o seu pedido, eu já tinha dezessete.

Eu já me tratava há seis anos.

Eu já estava acostumada com meu próprio corpo, já o conhecia melhor do que ninguém e sabia seus limites. Eu já tinha acompanhamento há tempo o suficiente para ter um bom psicológico, estava até mesmo treinando a conter algumas reações, porque assim evitava picos de estresse e irritabilidade. Inclusive, faço isso até hoje.

Funciona? Nem sempre.

Mas acho que não expressar tanto ajuda um pouco, principalmente por eu aparecer constantemente na mídia com a imagem da garota perfeita.

Batuco os dedos na minha perna e Beatrice acompanha o gesto.

— Você teve algum desmaio essa semana? — Ela não me olha ao perguntar, sua atenção vai para o seu caderno.

— Dois.

— Registrou os minutos?

Encaro meu pulso, mais especificamente o botão lateral que foi configurado como um cronômetro especialmente para mim.

Assim que começo a me sentir distante, assim que minha vista escurece e deixo de ouvir tudo à minha volta, entrando em um estado letárgico de pré-síncope, sempre o aperto para saber quanto tempo fiquei apagada.

Nem sempre desmaio quando isso acontece, mas a sensação é igualmente ruim.

— Todos variam entre um minuto e um minuto e meio, no máximo dois.

— Certo, isso é bom — afirma de maneira otimista.

E dessa vez concordo com ela, é realmente bom. Normalmente tenho períodos em que as crises aumentam, já cheguei a desmaiar quatro

vezes no mesmo dia. Mas há aqueles, onde o intervalo de tempo entre uma síncope e outra é maior.

Já fiquei vinte e três dias sem desmaiar uma única vez. Mas isso não significa que durante esse período eu não tenha passado mal, porque passei e muito.

Os enjoos não cessam nunca, a dor de cabeça sempre me persegue, meu coração dispara a cada vez que levanto e o ato de vomitar não me abandona.

Mas, ainda assim, prefiro esses sintomas aos desmaios. Na verdade, estou tão acostumada com alguns que quase já não me incomodam.

Não tanto.

Foi, inclusive, engraçado quando descobri que não eram todas as pessoas que se sentiam assim. Que não era comum para as outras crianças sentir seu coração quase pular para fora do seu peito de tão forte que batia e que o enjoo não era algo que todos tinham.

— E quantas vezes você passou mal?

— Não sei, umas cinco.

— E como você se sentiu? Quem a ajudou? — questiona.

— Do mesmo jeito de sempre. — Dou de ombros. — E sobre a ajuda, Caleb cuidou de mim na primeira, meu motorista na segunda, o professor de esgrima na terceira e Francesca nas duas últimas.

Ela acena.

Travo meu maxilar, sempre que preciso responder a isso e me dou conta de que não tenho amigos.

Não tenho ninguém que verdadeiramente estaria lá por mim.

Não que eu seja uma pobre coitada, a escolha é unicamente minha. Não permito que ninguém se aproxime o suficiente.

As pessoas que sabem sobre a minha doença sempre são as essenciais. As pessoas que sabem o que fazer e como me ajudar, são aquelas que inevitavelmente preciso. Como por exemplo: meu motorista, que me

leva para todos os lugares uma vez que não dirijo. Os seguranças que me acompanham para onde eu quiser e sempre que eu solicito suas presenças. Francesca, que foi contratada como minha enfermeira, e é só três anos mais velha do que eu – ela é o mais próximo que tenho de uma amiga de verdade.

Minha família, porque foi inevitável. Meus professores da faculdade, pois eles precisam estar cientes do motivo pelo qual posso abaixar minha cabeça do nada como se estivesse dormindo ou apenas sair. Alguns membros do clube, como Santiago – da esgrima – e Winifred – da natação. E quase todos os funcionários de casa, porque já aconteceu de eu desmaiar no meio da mesa do jantar ou até mesmo no chão da sala.

Mas de resto? Ninguém pode suspeitar.

Isso significa que não tenho vida social? Não necessariamente. No começo, eu evitava, claro, ficava apavorada com a ideia de desmaiar e estragar tudo. Eu me sentia um peso e só ficava em casa. Era deprimente. Mas cansei disso no último ano do colegial, decidi que se eu já desmaiava de qualquer jeito, eu ao menos poderia fazer isso me divertindo e vivendo.

Então, em Northview havia certas pessoas que eu considerava interessantes o suficiente para me permitir sair para festas e coisas do tipo. Eu me preparava antes, óbvio. Eu sempre tomava mais água do que já tomo, tentava beber ao menos uns três isotônicos durante o dia ou perto do horário, comia as comidas com ainda mais sal e consumia exatamente a quantidade de sódio que eu precisava, usava meia de compressão por debaixo da roupa e ia. Dessa forma, evitava os desmaios quase sempre.

Mas, havia vezes que era inevitável, por isso eu deixava alguém avisado desde o começo. Não sobre a doença, eu dizia que tinha pressão baixa, que não tinha comido o bastante ou inventava que não estava muito bem e caso desmaiasse, todas as vezes havia uma pessoa que já sabia o que fazer.

Até hoje eu faço isso. Uso as mesmas desculpas e os mesmos métodos de precaução antes de sair.

Não que agora eu tenha alguém para festejar comigo ou para onde ir.

Eu me tornei uma pária de Northview no instante que fui mandada para Evergreen e agora não sou nada e nem ninguém para eles. E qualquer amizade que um dia eu sonhasse em ter foi jogada para o ralo.

Mas ficar sozinha é melhor do que ser sozinha. E se eu aceitasse o que Caleb me pediu, eu seria só.

Eu me odiaria.

Eu questionaria quem eu sou e tudo o que faço. Eu iria passar por cima do que acredito e da minha moral. Eu me destruiria. E eu não permitiria, ou melhor, não permitirei que ninguém seja o responsável por me causar esse tipo de sentimento.

Nem meu pai. Nem meu irmão. E nem mesmo minha própria mãe.

Beatrice questiona se fui à natação durante a semana inteira e volto a prestar atenção nela.

— Fui — respondo, depois de levar alguns segundos para assimilar sua pergunta.

Ela suspira e coloca seu caderno sobre a mesa de vidro atrás dela, se levantando da cadeira. Observo a mulher alta, que deve ter uns quarenta anos. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto, os cachos das pontas são lindos e os fios pretos contrastam com o jaleco branco em seu corpo.

Beatrice caminha até onde estou e se abaixa na minha frente, segurando minha mão na sua.

— Achei que depois de mais de uma década já fôssemos próximas o bastante para você não me esconder nada.

Rio.

— E eu estou escondendo?

— Hoje você está agindo como uma paciente recém-chegada. — Seu sorriso é caloroso. — E eu verdadeiramente respeitarei sua decisão de não me contar o que está acontecendo, mas gostaria que você soubesse que…

— Eu mudei de faculdade — solto a informação, tendo ciência de que ela ficaria sabendo em algum momento.

Melhor agora do que ela suspeitar que tem algo, de fato, errado comigo. Antes ela achar que só decidi mudar de faculdade do que ficar sabendo do que Caleb quer e do que Dominic falou.

Afinal, tem coisas que são sujas demais na família Wright para serem expostas para qualquer um de fora. E Dominic também é sujo.

Sujo o bastante para Beatrice temer que ele me contamine.

— Mudou? — Ela pisca. — Por quê? Quando?

— Nesta segunda, e o motivo… — Faço um gesto de indiferença. — Bom, só acho que eu precisava de novos ares.

— Certeza que foi só por isso?

— Sim.

— E a adaptação? Os novos professores já sabem? Você lidou bem com a carga horária? Há algo em específico que preciso saber?

— Por enquanto está tudo sob controle. Quem necessita saber já está ciente e ainda estou me adaptando, mas é exatamente o que eu queria e precisava — minto. — Mudanças podem ser revitalizadoras.

— Claro. — Ela me observa por alguns instantes e sorri, se afastando.

Mas antes de se sentar, ela me encara com curiosidade.

— Por que você só contou isso agora?

Penso em uma resposta por quase um minuto inteiro.

— Não sei, acho que só me dei conta de que não tinha falado agora.

— Certo. — Sua voz não soa tão confiante, mas sua expressão demonstra tranquilidade. — Se algo acontecer, me avise.

— Claro.

Quase solto um suspiro aliviado quando ela volta para as perguntas de rotina e agora que já passei pela psiquiatra, a sessão com a terapeuta vai

ser mais tranquila.

E a única coisa que preciso fazer é seguir repetindo que vai ficar tudo bem. Se eu repetir vezes o suficiente, uma hora passo a acreditar.



É o chamado do selvagem, selvagem
Eu sou um animal que você não consegue segurar
As noites estão aqui
Estou morrendo de fome só para me inspirar
Hunger _ The Score

Dominic Edwards

— Você queria falar comigo? — Relish pergunta, se aproximando de mim.

Seus olhos, tão escuros quanto os meus, são vazios e isso me lembra inevitavelmente de Cindy.

Droga.

Balanço a cabeça para afastá-la da minha mente.

— Queria — confirmo e meneio a cabeça para que ele fique bem na minha frente.

Seus passos são lentos ao fazer como pedi, sua postura é ameaçadora. E com certeza não é à toa que todos o temem.

Ele é alto e corpulento, suas íris são sombrias, a obsessão que tem pela sua faca é quase doentia e nunca o vi demonstrar um único sentimento de empatia ou bondade. Uma vez, seu próprio pai revelou que tinha medo do que ele era capaz de fazer.

Ele já foi mandado duas vezes para uma clínica psiquiátrica e sua família já tentou interná-lo sem seu consentimento, mesmo isso podendo destruir toda a reputação e o sobrenome poderoso. Mas nunca conseguem mantê-lo em lugar nenhum, ele sempre é liberado como se não houvesse motivo para ser tratado.

Uma vez, quando ele chegou, perguntei se ele era um filho da puta doente que matava as pessoas que tentavam aprisioná-lo ou se ele só era um filho da puta que comprava a todos com seu dinheiro. Aquela foi a primeira vez que vi o ódio sucumbir em seu olhar.

Ele veio para cima de mim, acertou meu rosto duas vezes e pegou sua faca. Lembro de ter caído com o impacto do seu soco e dele ter ficado por cima de mim, com a lâmina contra minha pele. Lembro também de ter sorrido, cuspido sangue e ter dito: *"que droga, só porque achei que era a segunda opção."*

Ele piscou, desnorteado, e ri ainda mais, dizendo que meu senso não costumava falhar. Foi quando ele entendeu que eu não o considerava doente e nem um assassino como uma ou outra pessoa, como sua própria família.

Relish percebeu que eu não estava com medo e foi naquele dia que ganhei sua confiança. Foi ali que passei a ser o único capaz de "controlá-lo" e de ter uma comunicação decente.

E verdade seja dita, naquele dia eu, de fato, não estava nenhum pouco assustado, porque não tenho medo da morte. Mas também porque Relish pode até ser um sádico do caralho que é violento e ferra com tudo, contudo, eu sabia que ele não era um assassino.

Sou realmente bom quando o assunto é julgar caráter. E quando você vive em um mundo de políticos, aprende a identificar as coisas com ainda mais facilidade.

— E então? — ele questiona, cruzando os braços.

— A iniciação dos novos membros está chegando.

— E? Veio pedir para eu me controlar? — Arqueia a sobrancelha e, de relance, vejo o cabo da faca brilhar no seu bolso da frente.

Rio.

— Por que eu faria isso? Se os novos não aguentarem o peso do trote e da iniciação, não merecem ser um de nós.

Ele ergue o canto da sua boca em um sorriso vil.

— Então o que você quer?

— Archie fará uma reunião oficial e dará todas as informações sobre o que acontecerá e o papel de cada um, mas preciso de um favor particular para a noite da festa.

Ele me olha com curiosidade. Nunca, desde que nos conhecemos, pedi um único favor dele.

— E qual seria o favor?

Puxo a foto do bolso interno do meu paletó e a entrego. Relish encara minhas mãos por alguns instantes, antes de aceitar pegar o papel fotográfico.

Seus olhos escuros brilham com uma pontada de interesse que me incomoda.

— Quem é essa? — questiona, indicando a foto de Cindy. Seu polegar desliza por cima do rosto dela e o gesto, por algum motivo, embrulha meu estômago.

— Alguém que devemos manter longe dos nossos negócios.

— E isso significa…?

— Que ela é inimiga e que a quero a pelo menos cem metros de distância da festa de iniciação — peço, tendo ciência de que Relish é um gênio da tecnologia e que se quisesse, poderia facilmente ser da sociedade Pegasus. Porque, sim, ele é inteligente nesse nível.

O filho da puta é insano, mas recentemente inventou um sistema de detecção e sei que se o rosto dela estiver configurado, no instante que ela entrar, será identificado e ele me alertará.

— Mas e se ela for de máscara? Se entrar disfarçada? Não poderei fazer nada.

— Eu sei. Mas ela não irá fazer isso.

Não acho nem mesmo que ela tentará ir para a iniciação. Cindy não parece nem um pouco interessada em nós e isso poderia ser uma armadilha, um truque para nos fazer relaxar – o que não acontecerá –, mas por alguma razão, sinto que ela realmente não tem interesse algum.

Isso me tira do sério. Tudo nela tem essa capacidade.

— É só isso? Por que então não falou no meio da reunião? — Seu tom é desconfiado, mas ele segue olhando para a foto.

— Porque também quero que você consiga tudo o que puder sobre ela.

— Tudo?

— O máximo de informações possíveis. Desde o seu endereço até uma coisa simples, como se ela tem alguma alergia. — Encaro-o seriamente.

O que Archie tem é muito pouco.

O que Archie conseguiu não é o bastante.

Para saber como jogar com ela, preciso primeiro entendê-la.

— Em troca de quê? O que ganho com isso?

Passo a mão no meu maxilar.

— O que você quer? Dinheiro?

Ele me fita inexpressivamente, mas o leve erguer de lábios é quase zombeteiro.

Como se ele precisasse de dinheiro.

— Por enquanto, não quero nada, você fica me devendo.

Nego.

— Não faço acordos onde não sei o que a outra pessoa quer. — Ameaço tirar a foto da sua mão e ele a segura.

— Está bem. Quero aquela faca.

— Que faca?

— Que perdi na minha iniciação.

Pisco, lembrando do objeto que guardei na minha casa como conquista por ter feito um dos melhores trotes da vida.

Ele sabe que ficou comigo? Ou apenas espera que eu consiga com Archie?

— Fechado. Me traga os dados e se forem bons o bastante, a darei para você.

— Qual é o nome dela?

— Cindy. — Pigarreio, ciente de que ao fazer isso, coloco-a sobre a mira de Relish. — Cindy Wright.

Ele olha para a foto mais uma vez, como se estivesse fissurado.

— Relish… — chamo, atraindo sua atenção. — E tem mais uma coisa.

— O quê? — Ele une as sobrancelhas.

— Não ouse chegar perto dela.

— Por quê? — Seu tom contém uma pontada de curiosidade.

— Porque enquanto eu estiver brincando com seu psicológico, ela pertence unicamente a mim e você sabe que não gosto de dividir nada que é meu. — Sorrio como um maníaco. — Sabe como é, ser filho único me fez ser bem possessivo.

— Mas e se eu me aproximar? — Soa como uma pergunta genuína e não uma provocação.

Meu sorriso se expande ainda mais.

— Chegue perto dela e darei motivos para todos acharem que você é mesmo um doente filho da puta.

Ele dá de ombros.

— Sorte sua que ela não faz meu tipo.

— Sorte sua que você é inteligente o bastante para manter distância.

Relish meneia a cabeça em minha direção em um cumprimento e se vira para sair. Mas para no meio do caminho e me encara.

— Fiquei curioso sobre a garota que fez Dominic Edwards pedir um favor pelas costas de Archie. Ela deve ser interessante.

— Relish…

— Mas não faz meu tipo mesmo, ela tem uma aparência suave demais para que eu sinta vontade de destruí-la. — Sorri. — Só que isso sou eu, porém não posso dizer o mesmo pelos outros se descobrirem que você está interessado por alguém.

— Não estou interessado nela. Não dessa forma.

Ele dá de ombros.

— Tanto faz, consiga minha faca — murmura, amassando a foto ao enfiá-la no bolso.

A ideia de que ele não chegará perto dela é reconfortante, mas a possibilidade de que qualquer um tente foder com sua mente enquanto esse é o meu papel, me deixa irritado pra caralho.



O vento frio bate contra meu rosto e a sensação da brisa gélida é quase cortante. Mas não de uma maneira ruim. Na verdade, me sinto livre.

Neste exato instante, apertando minhas pernas contra a sela, enquanto manejo as rédeas do meu cavalo, me sinto fodidamente livre.

Nada e nem ninguém pode me parar.

Lembro da primeira vez que montei, da sensação de plenitude e de felicidade. Da sensação de liberdade, onde eu me senti assim como o animal: indomável. Lembro que tive esse mesmo pensamento de que nada e nem ninguém podia me parar.

Naquela época, Archie estava comigo, ele também pareceu gostar, só que de um jeito bem mais contido. O que não chega a ser nenhuma surpresa, Archie sempre foi mais retraído que eu em absolutamente tudo.

Se fôssemos da mesma família, ele se encaixaria bem com o papel de irmão mais velho. O herdeiro frio que consegue colocar tudo nos eixos e limpa a barra do irmão mais novo e imprudente.

Seria um cenário interessante tê-lo como irmão de sangue e não apenas de consideração. Às vezes me pego pensando nisso e me pergunto se a dinâmica entre nós ainda seria a mesma ou não.

E a verdade é que não faço ideia.

Pesadelo corre mais rápido pela floresta e fecho os olhos, aproveitando cada segundo, sem me preocupar com o caminho pelo qual ele me levará dessa vez.

Eu nunca me preocupo, de qualquer forma.

No polo, sou eu que o guio. Porém, quando o tiro dos estábulos e o trago para cavalgarmos, sempre é ele quem escolhe para onde iremos e já me acostumei com isso.

Puxo o ar algumas vezes, enchendo meu pulmão antes de abrir os olhos. Reconheço o caminho como um atalho que leva até Northview.

Droga, Pesadelo.

Você não conhecia um caminho melhor?

Puxo suas rédeas, fazendo-o parar. O animal relincha em reclamação e dou um meio sorriso, acariciando sua cabeça.

— Qual é? Hoje você escolheu um péssimo rumo — resmungo com um tom divertido, descendo da sela. — Estava quase me levando para o mau caminho.

Pesadelo relincha de novo, como se reclamasse, e seguro sua correia de couro.

— Vou deixar você explorar um pouco, só não vá muito longe — aviso, tendo ciência de que Pesadelo nunca foi do tipo desobediente.

O cavalo se afasta como um filho rebelde e bufo uma risada seca.

Dizem que os animais normalmente se espelham em seus donos. Se for verdade, isso significa que sou dramático para caralho e mimado como Pesadelo?

Não tenho tempo de pensar em uma resposta, porque a chamada incessante no meu celular me arranca dos meus pensamentos.

Vejo o nome do detetive Choi brilhar na tela e atendo.

— Pois não? Encontrou algo?

— Não. Aquela última pista levou para mais um beco sem saída. A família até teve um filho, mas ele foi registrado como morto aos nove. — Seu tom quase pesaroso me irrita.

Seguro o celular com força, tanta que sinto meus dedos tremerem.

Está tudo bem, Dominic.

Você sabia que a probabilidade era baixa.

Você tem recebido essa mesma ligação, provando que todos os caminhos que você segue estão errados, há mais de um ano. Como ainda não se acostumou?

Aperto a ponte do meu nariz, respirando profundamente.

— Certo. Mais alguma coisa?

— Descobri um novo lar de adoção. Na verdade, ele é bem antigo e já não existe mais, porém, na época que você foi adotado, ele existia. Estou investigando os registros, quando eu tiver algo, entrarei em contato.

— Ok — é tudo o que respondo, encerrando a ligação logo em seguida.

Mais um lar adotivo.

Quantos já foram desde que comecei a procurar? Vinte? Trinta?

Não sei.

Tudo seria mais fácil se meus pais apenas falassem, mas minha mãe se recusa a tocar no assunto e meu pai, bom, ele diz que eu deveria ser grato por ter de tudo ao invés de tentar mexer em um passado sem sentido.

E em partes, concordo. De fato, tenho tudo o que poderia querer e não tenho pretensão nenhuma de perder minha vida atual. Gosto da minha família, apesar de ter corrupção no meio dela. Gosto da faculdade, da nossa sociedade e do polo.

Eu não mudaria porra nenhuma se pudesse. Mas a maldita curiosidade sempre foi um dos meus piores defeitos. E quando ela se junta com minha impulsividade e determinação de ter o que quero, acaba

resultando em cenários como esse. Onde me recuso a cessar até conseguir aquilo que estou em busca.

E nesse caso, estou procurando os meus verdadeiros pais. O que farei depois de conseguir isso? Provavelmente nada. Mas quero descobrir quem eles são – ou eram –, de que tipo de família vim e que vida teria tido. E por isso me frusto a cada negativa do detetive Choi.

Toda essa demora me tira do sério.

Já tentei comprar alguns funcionários mais antigos, porém eles também não sabem. Dizem que minha mãe ficou mais de um ano fora do país e que quando voltou para casa, ficou uma semana trancada em seu quarto. E então quando finalmente saiu para a cidade, retornou com um bebê. Os funcionários fofocaram sobre isso, sobre meu pai não parecer satisfeito, mas aceitou porque o sonho dela era ser mãe e ele não podia conceder esse desejo de forma natural.

Então eles foram me registrar como seu filho, falaram que me encontraram em um lar adotivo e essa é toda a história que eu tenho.

Nada mais e nada menos.

Na verdade, uma vez Donatella ficou bêbada e acabou dizendo: *"Me apaixonei por você assim que o vi e precisei levá-lo para casa, sem me importar se seu pai me odiaria no final do dia."*

Lembro das palavras exatas e de ter tentado conseguir mais do que isso, porém, ela só sorriu.

Fiquei com aquilo na cabeça e fui tentando ignorar, mas houve um momento que minha curiosidade chegou no ápice e comecei a procurar escondido de todos. Ou de quase todos, porque ainda há uma ou outra pessoa que descobriu o que tenho feito, como Archie.

Suspiro, me obrigando a soltar o celular ao invés de arremessá-lo contra a árvore da forma que eu gostaria de fazer.

Enfio o aparelho no bolso da minha calça de montaria e abro e fecho meus punhos algumas vezes seguidas, apenas respirando e afastando a frustração. Devo fazer isso por uns dois minutos, mas paro quando sinto o celular vibrando com a notificação de mensagem.

Eu poderia ignorar, sinto vontade de fazer isso, porém, meu fodido senso de responsabilidade me impede e bufo.

Desbloqueio a tela esperando por uma mensagem de Archie falando algo para ser finalizado antes da iniciação, contudo, sou pego desprevenido ao ver a quem pertence a mensagem.

Pisco, unindo as sobrancelhas ao ver o conteúdo.

Eu: O que isso significa?

Relish: Achei que você também quisesse o número dela.

Solto uma risada, o desgraçado foi mesmo rápido.

Eu: Isso é tudo o que você tem para me oferecer?

Relish: Consiga minha faca, semana que vem lhe entrego o que tiver sobre ela.

Não respondo que já estou com sua faca, então apenas visualizo.

Encaro o número e salvo o contato como *"Princesinha dos Corvos"*. A foto de perfil é visível para todos e ela está dentro de um carro, sentada no banco do passageiro. Seus olhos encaram a câmera e a frieza nas íris me faz questionar quem tirou a foto. Ela não sorri, assim como não estava sorrindo na última vez que a vi.

Na verdade, acho que nunca a vi sorrir pessoalmente, só em matérias sensacionalistas onde ela aparece posando ao lado da sua família.

Batuco meus dedos contra o celular.

O que você esconde, princesinha? É mesmo tão fria quanto aparenta?

A frustração de segundos atrás é facilmente substituída pela minha nova obsessão em tê-la na palma das minhas mãos.

06



Foto, foto, sorria para a foto
Pose com o seu irmão, você não será uma boa irmã?
Todos acham que somos perfeitos
Por favor, não deixe eles olharem através das cortinas
Dollhouse _ Melanie Martinez

Cindy Wright

— Você tem certeza de que está bem o bastante para ir? — pergunto para Cristine.

Minha mãe me encara através do vidro do espelho, seus olhos estão opacos e as olheiras estão sendo cobertas por maquiagem.

Vê-la tão visivelmente destruída quebra algo dentro de mim, porque no fundo, não me importo se ela foi omissa a vida inteira, porque ela ainda é a minha mãe. Ainda é graças a ela que estou viva hoje.

— Estou — sussurra, como se não fosse capaz de falar alto o bastante.

A maquiadora a encara e o seu olhar de pena e desdém me faz travar o maxilar.

— Mãe, realmente acho que você deveria ficar dessa vez — tento de novo, quase sem reconhecer a mulher na minha frente.

Ela está uns cinco quilos mais magra e isso significa muito, levando em conta que ela já não tinha nenhum grama de gordura. Seu rosto está fino demais, suas bochechas fundas, seus lábios ressecados, as olheiras bem realçadas e os vestidos que antes lhe serviam perfeitamente, agora se tornaram roupas para doação.

Para o evento de caridade da noite, Robert precisou mandar comprar roupas novas e até a menor precisou ser apertada.

Ela está definhando.

Quando ela foi tão longe?

Minha mãe não costumava ser assim, ela era uma mulher elegante. Usava as roupas mais caras, sempre estava saindo e gastando dinheiro. Ela curtia sua vida da melhor forma possível, ela e Robert se entendiam bem, eles funcionavam como casal.

Várias vezes saíram nas mídias como casal modelo, sempre posando bem em fotos e parecendo apaixonados. E mesmo que a verdade fosse levemente diferente na vida real, mesmo que todos em casa soubessem das traições do meu pai, ele a tratava com carinho. Ele tentava esconder os seus casos e minha mãe vivia bem fingindo não saber de nada.

Mas agora? Desde que a empresa começou a entrar em crise… Balanço a cabeça.

Essa merda é doentia.

Tudo nessa casa é doentio.

— Está tudo bem, querida. — Ela se esforça para sorrir e o gesto me causa ânsia.

Droga.

Por que mesmo preciso assistir a isso? Por que decidi vir ao seu quarto? Por que não consigo ser como os outros e fingir que não vejo tudo ruir?

Eu poderia, e deveria, agora mesmo estar terminando de me arrumar – uma vez que todos fomos convocados para comparecer ao evento – mas não consegui ficar lá parada quando sabia que ela estava aqui com uma maquiadora, sendo forçada a esconder quão mal está com uma máscara.

Odeio também ter que usar essa máscara.

Assisto a mulher de cabelos pretos deslizando o batom vermelho na boca da minha mãe, os lábios tão pálidos que denunciam seu estado semimorto sendo cobertos por uma cor viva. No exato tom que a maquiadora também usa.

Isso me causa desconforto e como se sentisse, ela me encara e dá um meio sorriso.

— Você também deveria passar, sua maquiagem está básica demais para um evento desse porte. — Seu tom é gentil, mas sinto a falsidade oculta nele.

Reviro os olhos.

— Não, obrigada.

Paro de encará-la, porque não suporto sua face. Não suporto vê-la escondendo minha mãe por detrás de tanta maquiagem. Não suporto ver minha mãe com uma aparência levemente parecida com antes, sendo que é tudo mentira.

Meu celular vibra com mais uma mensagem e olho pela barra de notificação, identificando o mesmo número desconhecido de antes.

Essa já deve ser a vigésima mensagem nas últimas quarenta e oito horas. Eu poderia bloqueá-lo, mas se já tem meu número, de que adianta, se pode me chamar por um novo?

Eu também poderia trocar meu chip, mas se já conseguiu o meu contato uma vez, quem garante que não conseguiria de novo? Isso é perda de tempo e eu odeio perder meu tempo.

Desconhecido: Até quando você vai fugir de mim? Precisarei mesmo ir atrás de você pessoalmente?

Desconhecido: Sua família se importaria se eu invadisse?

Acho a última mensagem curiosa o bastante para responder:

Eu: Provavelmente se importariam, sim. Mas se conseguir invadir, me avisa. Meu quarto é o último do corredor.

Desligo a vibração, deixando o aparelho no silencioso. Todas as mensagens até agora não pareceram ameaças verdadeiras, apenas um jogo psicológico que a pessoa, seja quem for, quer que eu caia.

Se eu tivesse que chutar, diria que Caleb ou os Anjos estão por trás disso. Mas estou pouco me fodendo.

O máximo que podem fazer é me matar, mas todo mundo vai morrer um dia, certo? É o tipo de coisa que consequentemente irá acontecer. Então, por que viver uma vida apavorada se o destino de todos é o mesmo?

Acho que se eu fosse imortal, aí sim teria medo da morte. Quero dizer, na minha cabeça faz sentido. Matar um ser imortal é quase impossível e por isso eu temeria morrer, porque já estaria acostumada com a ideia da vida eterna e a possibilidade de que houvesse algo, uma regra ou uma arma poderosa o bastante para me destruir seria terrível. Mas sou só um ser humano cuja a morte já está pré-determinada, então por que temer algo que com certeza vai acontecer?

Não entendo.

Mas se bem que aposto que muitos também não entenderiam minha lógica.

— Terminei. — A entonação da mulher é satisfeita e levanto a cabeça para encontrar o olhar perdido da minha mãe, encarando seu próprio reflexo.

— E então? — pergunto em sua direção.

— E então o quê? — A maquiadora soa confusa.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Indico a porta. — Pode sair.

Vejo sua mandíbula travar, mas ela obedece prontamente, meneando a cabeça para mim.

Suspiro, caminhando até minha mãe sentada em frente à sua penteadeira luxuosa.

Ela encontra meus olhos através do espelho e coloco minha mão em seu ombro, dando um meio sorriso.

— Você está linda — afirmo carinhosamente, sem me ressentir de todas as vezes que ela mandou eu me esforçar mais para ficar “minimamente bonita”.

Cristine toca em seus cabelos pretos, que caem como cascatas perfeitas sobre seus ombros.

— *E-eu* não me reconheço — sussurra, admitindo com nítido pesar.

— Já falei que você deveria se tratar.

— *M-mas* Robert… — A frase morre no ar, suas mãos tremem.

Os sinais do abuso são nítidos. Mas não abusos físicos, não, meu pai jamais tocaria em uma única mulher para machucar, porém seu maior talento é ferir alguém psicologicamente, o que pode destruir da mesma forma, ou até pior.

Odeio pessoas assim como ele.

Abomino quem mente, faz de tudo para ter o que quer e que tem prazer em destruir o outro pelo sabor da diversão.

Detesto tudo o que vejo neles. Tudo o que eles se tornaram. Como eles estão cada dia mais ambiciosos e ela cada dia mais fraca.

E se for para ser sincera, acho que eu preferiria morrer antes de me permitir chegar nesse estado que ela está.

Aliso seus cabelos quando ela se cala.

— Eu preciso ficar aqui para apoiá-lo, eu estraguei as coisas na empresa e preciso resolver — ela fala com confiança e aperto meu punho, escondendo-o atrás das minhas costas para que ela não note.

— Falarei com ele. Podemos dizer que você foi viajar e espairecer enquanto se trata em uma clínica. — Soo esperançosa demais e me ajoelho ao seu lado, segurando suas mãos. — Por favor, mamãe. Você vai morrer se continuar assim. — Apelo para o lado emocional ao chamá-la dessa maneira e sinto meus olhos formigarem com vontade de chorar. Vontade essa que não tento controlar.

Se ela souber o quanto seu estado me quebra, talvez se sinta complacente.

— Por favor — choramingo, implorando.

Não quero vê-la morrer sem ter feito nada.

— Você ficará sozinha — ela rebate tristemente e, por puro reflexo, quase lhe respondo que sempre estive.

Que ela me deixava com os funcionários da mansão, que me mandou esconder quem eu era e a minha doença, que nunca esteve comigo em quase nenhum momento. Mas não compensa.

Claro que não compensa.

— Eu já sou adulta, posso me virar. — É tudo o que digo.

— *E-ele* não irá aceitar. — Uma lágrima escorre livremente em sua bochecha, mas a maquiagem à prova d'água segue intacta.

Deslizo meu polegar no dorso da sua mão.

— Ele vai. — Sorrio docemente. — Prometo que irá.

Minha mãe não parece confiante, mas assente e beijo o topo da sua cabeça, me afastando.

Saio do seu quarto, fechando a porta com cuidado enquanto a deixo sozinha para terminar de se arrumar, até o horário de sairmos. Meus passos em direção ao elevador são determinados e solto um suspiro assim que as portas se abrem.

Sei que alguns funcionários novos me chamam de preguiçosa por andar apenas de elevador para vir até o andar de cima, como se eu não quisesse subir uma mísera escada. Mas a verdade é que subir escadas faz meu coração acelerar ao extremo, o enjoo se torna insuportável e já desmaiei mais de uma vez depois do esforço de precisar subir apenas alguns degraus.

Não que as pessoas sejam capazes de entender isso sem me julgar. Contudo, não me importo. Apenas evito escadas a todo custo.

Quando desço no primeiro andar, termino de tomar meu isotônico no meu quarto e envio dois *e-mails* importantes, antes de marchar em direção ao escritório do meu pai. Checo as palpitações do meu coração no relógio.

Estáveis.

Agradeço mentalmente por hoje ser um bom dia e paro em frente ao seu escritório, ouvindo os gemidos que vêm de dentro. Engulo em seco e preparo minha expressão ao empurrar a porta.

A mulher sentada em cima dele se cala e meu pai me encara furioso.

— Que porra você pensa que está fazendo, Cindy? — ele rosna.

Dou um meio sorriso. Essa não é a primeira vez que entro no seu escritório e ele está transando com outra mulher na nossa própria casa. Ele faz de propósito, quer torturá-la. Quer que minha mãe se sinta culpada.

Seus atos são tão premeditados que ele deixa as portas sempre abertas, na esperança de que ela entre e o pegue no flagra. Ou talvez que ao menos escute. Ele não tira mais as marcas de batom, não esconde o cheiro de sexo ou de perfume barato como se dava ao trabalho de fazer antes.

Agora ele quer afetá-la.

A primeira vez que o peguei em flagrante foi há uns dois meses, bem quando as coisas começaram a desandar. Eu desmaiei assim que vi, meu coração disparou e senti minha vista escurecer tão rápido que só tive tempo de entender depois que acordei com Caleb me chamando.

Meu irmão é um filho da puta desgraçado e presenciou poucos dos meus desmaios, mas em todos eles, sua atitude é desesperada. Ele fica verdadeiramente preocupado ao me ver desmaiada.

Meu pai não se importou, um dos seguranças tinha me colocado no sofá da sala e Robert continuou no seu escritório com a mulher. Os gemidos voltaram logo em seguida e naquele dia, prometi a mim mesma que jamais o daria o prazer de me pegar desprevenida.

Então sempre que vou encontrá-lo, tento me preparar. Tomo isotônico, sal, água e espero o pior todas as vezes. Como hoje.

— Cristine vai ser internada em uma clínica psiquiatra — informo ao invés de pedir.

A mulher em seu colo retesa e me pergunto se ele a machucou ou se fica assim com as palavras que saem da minha boca. Os lábios manchados de Robert, com o mesmo vermelho que minha mãe está usando nesse instante, me causam ainda mais enjoo.

Eu percebi que meu pai tinha algo com a fodida maquiadora assim que ela entrou no quarto. Assim que vi o olhar de pena para minha mãe, como se conseguisse entender por que Robert não a quer.

Desgraçada.

Por isso não me surpreendo ao vê-la em cima dele. Na verdade, seu estado me parece bem mais deplorável que o da minha mãe. Porque aqui ela está nua enquanto ele não se dá nem ao trabalho de tirar o seu terno e tudo o que faz é colocar seu pau para fora e fodê-la, porque isso é tudo o que ela é.

Uma foda que talvez seja recompensada com alguns trocados, ou não.

A história sempre se repete e todos sabem perfeitamente que minha mãe está em algum lugar da casa, mas nenhuma tem o menor senso. Quase rio, porque não faço ideia de onde ele consegue encontrar pessoas tão baixas.

— De que porra você está falando? E quem você pensa que é para decidir algo? — Ele esmurra a mesa de madeira e a mulher sentada em seu colo se sobressai com o susto.

— Irei me comportar hoje. Falarei com quantos malditos políticos e investidores você quiser, sorrirei e agirei como a filha perfeita. Até aceito bancar a bajuladora deles essa noite. Mas em troca, Cristine vai ser internada o quanto antes — falo, confiante, praticamente me vendendo. Na mera tentativa de fazer um acordo com o diabo. — Diremos que ela foi viajar para espairecer. Você pode continuar fodendo quantas mulheres quiser no quarto de vocês, enquanto a deixa longe de toda essa merda e da crise.

Robert sabe o quanto precisamos disso. Sabe que farei toda a diferença bajulando-os, quando me recuso a agir assim. Sabe que a família inteira reunida em prol de algo pesa muito, principalmente na cabeça de homens mais convencionais que acreditam que a família é tudo. Sabe que tem algumas pessoas do gabinete que me enxergam como intocável e que uma única conversa às vezes é o bastante para mudar toda uma perspectiva.

Nesse exato momento, ele está em um mar de tubarões famintos, ansiosos para o engolirem, e ele procura qualquer mínima chance de se agarrar a um bote salva-vidas.

Por isso, minha proposta parece interessante.

— Ou o quê?

— Irei ao evento essa noite, mas garantirei que todo e qualquer negócio futuro seja arruinado.

— Eu posso prendê-la em casa.

Sorrio.

— Mandei dois *e-mails* para sua caixa de entrada. O primeiro é bem interessante, acho que as fotos são o bastante para todos os sites de fofoca fazerem a maior matéria sensacionalista do mundo, expondo todas as traições de Robert Wright, o marido infiel para a esposa perfeita.

Ele trava o maxilar. Meu pai não está acostumado a lidar com meu temperamento ou minhas atitudes.

Robert tem Caleb na palma das mãos, como se meu irmão fosse um cachorrinho que ele mantém preso na coleira. Mas nunca se deu ao trabalho de fazer isso comigo, nunca nem teve interesse em mim por dois motivos: sou uma mulher e sou doente. Logo, na sua cabeça, sou duas vezes inútil para os seus negócios.

Ele não conta comigo para nada e por isso, ao invés de vir conversar e me pedir para aceitar o convite como Caleb fez, ele já pensou em uma forma de me punir. Confiante de que depois de alguns dias em Evergreen voltarei pedindo desculpas.

Se ele me conhecesse…

Robert me encara e devolvo seu olhar com imparcialidade. Ele sorri.

— Espero que você seja a convidada mais perfeita e simpática da noite. — O tom é quase ameaçador. — E não me importo se você estiver passando mal, bajule até o último homem presente no evento e exclua as malditas fotos.

Como se eu fosse idiota.

— Claro — minto, me virando em direção à porta para sair sem dizer mais nada.

— Cindy? — A voz impiedosamente fria me obriga a parar. — Qual foi o segundo *e-mail*?

— Algumas opções com as melhores clínicas para ela ficar. — Dou um leve sorriso coberto de falsidade, encarando-o por cima do ombro. — Mas não precisa se preocupar, eu mesma cuidarei dessa parte, papai — debocho, já agindo como a garota perfeita ao sair e fechar a porta atrás de mim.

Suspiro, sentindo cansaço extremo com essa simples conversa.

Como aguentarei uma noite inteira usando essa maldita máscara?

Observo Caleb se aproximar do escritório e ele une as sobrancelhas ao notar minha presença.

— O que você está fazendo aqui? — Soa curioso, vestido com um terno de alfaiataria. Perfeitamente alinhado como o restante de nós.

— Ele está ocupado — é tudo o que digo, evitando lhe responder. Mas, pelos gemidos que ultrapassam a porta de madeira e alcançam nossos ouvidos, isso é bem nítido.

Caleb sorri largamente.

— É, eu sei — diz de modo malicioso e passa por mim, entrando no escritório do mesmo jeito.

Os gemidos não param e a falta de reação me faz questionar se isso já é algo normal de acontecer.

Doentio.

Que grande família doentia nós somos.

Me afasto o mais rápido que consigo e volto para a segurança do meu quarto, passando um pouco mais de *blush* no meu rosto para esconder a palidez. Encaro meu reflexo, forçando um sorriso falso. *Algo completamente ensaiado.*

Porque no final do dia, não importa o que acontece aqui dentro. Não interessa se tudo está desmoronando, não quando somos uma família de aparências.

Não quando, para todos de fora, moramos em uma casa feliz.



Você não vai jogar?
Você não é divertido
Bem, eu não me importo com o que eles pensam
Acelero o meu pequeno carro esportivo vermelho
Chemtrails Over The Country Club _ Lana Del Rey

Dominic Edwards

Tédio: sensação de enfado produzida por algo lento, prolixo ou temporalmente prolongado demais.

Neste exato momento, eu sou a verdadeira definição do tédio. Odeio eventos como esse, eles são irritantes e demorados. As pessoas são falsas e sorriem largamente ao falar com você, mas cochicham sobre sua aparência ou algum boato que foi inventado assim que você dá as costas.

E sempre que isso acontece, tenho vontade de falar abertamente todos os podres que eu mesmo sei. Porém, para minha tristeza, sou proibido de fazer isso. E como meus pais conhecem meu temperamento, quase sempre me deixam de fora dessa parte burocrática, permitindo que eu viva como uma sombra dos Edwards.

Apareço em manchetes atreladas ao polo e em fotos de família quando sou obrigado a comparecer – como hoje. Mas meu nome não costuma ser tão divulgado ou estar vinculado a tantas coisas. Apenas o suficiente para todos saberem quem sou.

E bom, como tenho uma aparência inesquecível, dificilmente alguém que me vê uma vez esquece disso depois. Mesmo que minha imagem não seja constantemente divulgada.

— Você está fazendo aquela cara de novo, Dom — minha mãe resmunga como uma gralha. O sorriso gigantesco em seu rosto é adorável, mas igualmente falso.

E, meu Deus, como esse tipo de falsidade me irrita.

— Que cara, meu amor? — Curvo meus lábios em um sorriso assustador, que deixa todos os meus dentes à mostra, enquanto pisco inocentemente em sua direção.

Ela me dá um tapa discreto no braço.

— Esquece, você parece uma criança encapetada. Sua outra expressão estava bem melhor do que isso. — Seu tom é suave, mesmo brigando comigo, e sopro uma risada verdadeira.

— Eu prometi que viria, não que faria a encenação perfeita.

Ela revira os olhos.

— Eu deveria ter falado para você fazer Artes Cênicas ao invés de Administração, seria mais útil em momentos como esse.

Bufo.

— Como se eu fosse aceitar.

Um garçom passa por nós, estendendo uma bandeja repleta de taças de champanhe em nossa direção. Ele parece distraído e se tivesse que chutar, diria que está tentando entender o que está sendo dito no *walkie-talkie* em seu ouvido.

Minha mãe pega uma taça para si e me inclino para frente, pegando duas para mim.

— Mas eu já peguei, querido — ela avisa, me mostrando sua bebida como se eu não tivesse visto.

Rio.

— Eu sei.

O garçom se afasta e me inclino, beijando a bochecha da minha mãe e piscando em sua direção antes de me afastar. Mal tenho tempo de dar dois passos antes dos abutres se aproximarem dela.

E, bom, por abutres não me refiro aos repórteres e fotógrafos que tiram fotos e registram o evento beneficente. Não, estou falando das suas amigas interessadas demais em tudo o que minha mãe pode oferecer.

Completamente fascinadas pela posição do meu pai e nos contatos que minha família possui.

Malditos sejam todas essas sanguessugas, desesperadas por mais e mais.

Vejo meu pai chegar perto dela e dou um meio sorriso, caminhando tranquilamente ao saber que ele também consegue identificar e afastar os filhos da puta que tentam se aproximar.

Meus passos pelo salão são lentos, sorrio e meneio a cabeça em direção a alguns membros mais importantes. A música que toca ao fundo é clássica e reconheço a sonata para piano n.º 8 enquanto caminho.

Sinto olhares desviarem em minha direção e mantenho minha postura ereta, sabendo que tudo em mim está sendo avaliado. *Absolutamente tudo.* Normalmente, as pessoas me observam procurando falhas. Na cabeça de algumas, tenho que ter algum defeito para assim provarem que não sou bom o bastante para ser o filho deles. Um motivo que me faça manter distância desse meio, quando no meu lugar noventa por cento adoraria se exibir em todos esses eventos.

E às vezes me pergunto: se soubessem que são atitudes como essa que mantém longe, será que ainda assim a fariam?

Viro a primeira taça de champanhe e o líquido borbulhante desce facilmente pela minha garganta.

Eu poderia beber vinte dessas, talvez assim eu ficasse minimamente bêbado para conseguir sorrir sem precisar forçar.

Uma garçonete passa por mim e deixo uma das minhas taças sobre a sua bandeja, agradecendo com sutileza. A mulher sorri e se afasta. Meus olhos passeiam pelas pessoas, procurando alguma interessante o suficiente.

Já aconteceu de, em uma dessas festas, eu acabar transando com uma viúva, ex-mulher de um dos deputados. Ela era uns vinte anos mais velha do que eu, mas foi uma ótima companhia para a noite. E definitivamente me tirou do tédio.

Ou seja, isso é tudo o que preciso agora.

Alinho a gravata-borboleta em meu pescoço e levo a outra taça em direção aos meus lábios, mas antes que eu possa dar um gole, meus olhos pousam no canto do salão. Mais especificamente *nela*.

Cindy Wright.

A princesinha dos Corvos.

Pisco, tendo certeza de que estou alucinando. Convicto de que essa merda é uma loucura da minha cabeça.

Ela não está aqui, certo? Nunca a vi em nenhum evento como esse antes.

Já vi Caleb uma ou outra vez, mas nunca ela.

Pisco outra vez.

O que ela está fazendo aqui?

Mesmo à distância, meus olhos se prendem aos seus. Quase como se estivessem hipnotizados. O vestido vermelho é colado ao seu corpo, mas não o bastante para ser considerado uma segunda pele, apenas o suficiente para marcar cada curva sua.

Ele é tomara-que-caia e tem uma espécie de cachecol no pescoço, ou sei lá que merda é essa, só sei que é fodidamente *sexy.* Ela segura uma bolsa preta de mão, usa um salto combinando e cobre suas pernas com uma meia-calça.

Mas não é isso que me chama atenção nela. Ao menos não é só isso. Porque aquilo que me deixa paralisado, em completo choque, aquilo que me faz duvidar se estou imaginando coisas ou não, é o largo sorriso em seu rosto.

Que porra é essa?

Ela está parada ao lado de Caleb, Donatella e Robert Wright, um fotógrafo tira uma foto deles e é bizarro como os quatro sorriem da mesma forma.

Todos igualmente forçados.

Quem vê de fora certamente pensa que eles são o retrato da família perfeita, e olhando rapidamente, eu também poderia acreditar nisso. Mas ela…

Aquela merda no seu rosto, que nem deveria ser considerada um sorriso, não se encaixa. *Não se encaixa nem um pouco.* E é engraçado notar que mesmo ela forçando um sorriso, seu semblante ainda carrega aquela mesma inexpressividade de quando está séria.

Fico parado, observando-os posar a cada *flash*. Já consigo até imaginar o título dessa manchete, os considerando incríveis e vários comentários falando que também queriam algo assim porque parece ser real.

Bufo uma risada seca de puro deboche.

Até onde é real?

Ela está sorrindo porque é tão falsa quanto todos os outros aqui ou porque está sendo obrigada?

Se bem que ela não parece o tipo de pessoa que seria obrigada a fazer algo.

Então por que Cindy sorri tão largamente?

Observo-a, sem conseguir fazer nada além disso. Não pisco, porque me recuso a perder seus sorrisos falsos.

Meu estômago embrulha quando o fotógrafo se afasta e a vejo se aproximar de um senador. Seus pais vão para o lado oposto e Caleb se distancia para pegar uma bebida, mas ela conversa abertamente com o homem com idade para ser seu avô.

Sua mão toca no ombro dele e ela até inclina a cabeça para trás ao soltar uma risada ruidosa.

Falso. Falso. Falso.

Tudo é falso para caralho e nojento.

Ela é como os outros abutres, igualmente desesperada por uma chance de crescer. Claramente ansiosa por um contato ou um cheque.

Foi por isso que você foi expulsa dos Corvos? Por tentar roubar o lugar de Caleb e não reconhecer o seu? É por isso que você sorri dessa maneira para qualquer um com dinheiro? Até onde você iria por um talão de cheque?

Levo a taça até minha boca e dessa vez, engolir o líquido é um trabalho difícil. Sinto meus punhos tremerem de raiva.

A falsidade me deixa enojado, mas ainda assim não consigo parar de olhar.

Outros dois homens do parlamento se aproximam dela e Cindy os cumprimenta com um beijo no rosto.

Travo o maxilar, com essa merda imunda indo longe demais para mim e estou para sair em busca de ar fresco, quando seu olhar encontra o meu. Meus pés se prendem ao chão.

Vejo o momento em que seus olhos se arregalam ao reconhecer minha presença e pode ser impressão minha, ou não, mas seu rosto parece empalidecer de imediato.

Ergo o canto dos meus lábios em um sorriso cruel e estendo a taça em sua direção, como se brindasse com ela.

Um brinde pela sua postura falsa. Um brinde pelas mentiras. Um brinde pelo dinheiro, que é tudo aquilo que move e motiva pessoas como você.

Cindy pisca rapidamente, o seu nervosismo é notório. Agora por quê? Ela espera que eu arruine suas tentativas? Que eu me aproxime do senador e fale sobre o quão interesseira e ardilosa ela é?

Os parlamentaristas falam algo e ela ri, mas já não tão abertamente quanto antes. Mordo o interior da minha boca, sabendo que até encará-la nesse momento é algo que a incomoda.

Seu olhar passeia pelo salão, como se procurasse alguém para socorrê-la. As íris castanhas já não me prendem onde estou, mas perdi totalmente a vontade de me afastar e agora eu não consigo desviar.

Ninguém irá ajudá-la, princesinha. Contudo, se você quer tanto ajuda, não me importarei de ser seu salvador.

Ou seria melhor destruidor?

Viro o restante da taça e ajeito minha gravata novamente, antes de tomar a decisão de me aproximar.

Vamos ver quão longe você pode ir com esse seu jogo.

Meus passos são decididos e marcho pelo salão como se meu único propósito na vida fosse chegar até ela.

Cindy percebe minha aproximação, sua postura se torna acuada, como se estivesse diante de uma ameaça. Seu semblante muda e ela está visivelmente com medo.

Medo.

É exatamente isso que eu preciso fazer, tenho que deixá-la apavorada.

O senador me encara, reconhecendo minha presença no exato segundo que me junto a eles.

— Edwards, que surpresa. — O homem com cabelos grisalhos e terno em alfaiataria me cumprimenta com um menear de cabeça.

— Hector. — Devolvo a saudação da mesma forma e viro para os dois parlamentaristas. — John, Donald. — Aceno de maneira cortês em direção a eles, antes de desviar meu olhar até ela. — Você eu não conheço — minto.

Ela pigarreia.

— Cindy Wright. — Me estende sua mão, me obrigando a cumprimentá-la com um beijo no dorso, para não sair como mal-educado.

Odeio certos costumes ingleses, ainda mais os da aristocracia.

Droga.

Inclino meu corpo em sua direção, segurando os dedos finos. A pele é macia e gelada, ela se recusa a desviar o olhar quando meus lábios a tocam e deslizo minha língua discretamente no dorso suave. Sua falta de reação com minha atitude me deixa estressado. Essa sua calma repentina não tem o menor sentido.

Tudo nela parece controverso.

Ela tem medo, mas ainda assim me provoca.

Ela é séria, mas ainda assim sorri abertamente para eles.

Ela tem postura altiva, mas ainda assim se acua.

Ela é inexpressiva, mas há algo que brilha agora mesmo em seu olhar.

Ela foi expulsa, mas age como se tivesse saído porque quis.

Ela é um Corvo, mas ainda assim desafia um Anjo.

— Cindy Wright — murmuro o nome, testando-o em minha voz. O som sai de forma melodiosa. — Não quer saber quem eu sou? — pergunto para provocá-la.

A maldita abre um largo sorriso, falsamente doce.

— Acho que todos nesse salão sabem exatamente quem você é, Dominic Edwards. — A maneira que ela parece uma pessoa diferente nesse momento, a sua complacência e serenidade me tiram do eixo.

Eu quem deveria assustá-la, mas sua capacidade de fingir ser outra pessoa que consegue fazer isso.

Me endireito, voltando a encarar o senador.

— E Marjorie? Sua esposa está bem? — ressalto o uso da palavra “esposa” para ver se consigo algo dela, mas a inexpressividade segue ali e ela sequer reage, sua atenção vai para os outros dois homens.

O senador começa a falar sobre sua mulher e a filha de dez anos e enquanto finjo me interessar pelo assunto dele, tentando não bocejar, escuto-a falar sobre estatísticas com facilidade com os outros.

Contenho o assobio impressionado, ela é notoriamente boa no que diz. Ou é o tipo de pessoa que finge saber sobre tudo. Mas pela sua desenvoltura e pelo fato de cursar Ciências Contábeis, eu diria que ela, de fato, é boa.

Porém, será que compensa gastar todo esse seu visível conhecimento com dois parlamentaristas que não ajudarão em nada? Será

que ela sabe que um perdeu seu cargo e o outro está atolado em merda até o pescoço? Será que tem ciência de que está desperdiçando saliva?

Hector fala com devoção sobre a esposa, mas desvia a atenção para cada mulher gostosa que passa por nós, inclusive, praticamente devora a garçonete com o olhar quando ela lhe oferece uma bebida. E não é que eu seja falso moralista, por mim ele poderia ter um harém que eu não daria a mínima, só não gosto dessa falsidade. Por que fingir ser um marido exemplar, quando trai a mulher com mais facilidade do que bebe água?

— No sábado completaremos doze… — ele fala, mas começo a tossir forçadamente, cortando-o. — Você está bem?

Estou entediado para um caralho, isso sim.

E ouvir Cindy falar sobre números só me deixa mais irritado a cada segundo.

— Estou, só preciso ir ao toalete. — Pigarreio, coçando minha garganta. — Se me derem licença. — Meneio a cabeça em direção a cada um, mas quando meus olhos pousam nela, travo o maxilar.

A garota deve ver algo em minha expressão, porque parece ficar nervosa. Dou um meio sorriso.

— Aliás, Cindy, acho que já a conhecia. — O modo que meus lábios se curvam é cruel. — Não é a empresa do seu pai que está procurando novos investidores? — Mordo o canto da boca como se estivesse pensando. — Tenho certeza de que ouvi alguém comentar algo do tipo, agora me pergunto o motivo para isso. E me questiono se a filha dele o está ajudando ou se apenas está em busca do dinheiro para si.

Só tenho tempo de ver seu semblante ficar absurdamente pálido, antes de dar de ombros, como se não me importasse. *Porque, de fato, não me importo.* E virar, deixando-os para trás.

Irritante.

Ela é fodidamente irritante.

Passo por entre as pessoas, realmente querendo ir ao banheiro para respirar um pouco de ar fresco, depois de toda essa poluição que me

envolve. Ouço meu nome ser chamado por alguém, mas ignoro completamente.

Entediante e estressante.

É assim que eu definiria esse evento.

Me obrigo a ficar alheio, para não ser obrigado a interagir. Só que ao sentir meu ombro esbarrar no de alguém, me forço a pedir desculpas.

— Eu sinto mui… — A frase morre em meus lábios ao encarar Caleb.

Seu olhar doentio encontra o meu e o filho da puta sorri para mim, piscando em minha direção com uma zombaria que somente eu posso entender.

Os de fora não sabem que aqui não somos apenas dois riquinhos da classe elitista. Somos duas sociedades, dois rivais. Ninguém desconfia que temos algo em comum, ninguém tem conhecimento do nosso segredo.

Aperto meus punhos com força, porém, inclino minha cabeça em sua direção, totalmente diligente.

— Caleb.

— Dominic. — Divertimento brilha em seus olhos, mas o ignoro e sigo em direção ao banheiro.

Não escuto seus passos virem atrás de mim e quando entro, fecho a porta pesada.

Suspiro, me aproximando da pia e apoio minhas mãos no mármore frio, encarando meu reflexo no espelho.

Ótimo controle, Dom.

Pelo menos você ainda não fez nenhuma merda.

Pensar nas íris opacas, no sorriso falso, no medo evidente ao ver que me aproximei, na provocação barata ao me estender sua mão e na palidez quando me afastei me deixa agitado.

Odeio quando as pessoas não são previsíveis. Me irrito quando não consigo entender algo. Detesto quando não é fácil ler alguém ou adivinhar o

caráter da pessoa.

Nunca tive dificuldades com isso, então por que a fodida princesinha está dificultando para mim?

Minha cabeça pende para frente enquanto eu penso. Ouço a porta ser aberta, mas não me dou ao trabalho de levantar a cabeça. Talvez assim eu não precise cumprimentar o recém-chegado.

Porém, no instante que ouço o barulho dos saltos batendo no chão e sinto o cheiro cítrico, levanto o olhar.

— Que porra você acha que está fazendo? — ela rosna, quase gritando em minha direção.

Pisco, assustado com o pico de irritabilidade com que ela se aproxima.

— Eu fiz algo? — Dou um meio sorriso, endireitando minha postura.

Cindy caminha até mim e para bem na minha frente, a altivez está ali e há também um brilho colérico nas íris flamejantes.

— O que você quer de mim, Dominic?

Dou um passo para mais perto, nossos corpos quase se colam. Levo meu dedo até o seu cabelo e enrolo meu indicador em uma mecha. Ela não se mexe.

— Não sei, ainda estou decidindo. — Soo sincero, mais do que deveria.

Ela bufa uma risada incrédula e o som seco faz com que eu me pergunte se ela sabe rir verdadeiramente. E se sim, o que a faz rir?

— Você quer foder comigo? Se for, podemos resolver. Você quer me punir por algo? Se sim, seja rápido e faça quando não estivermos em público. Você quer me machucar? Vá em frente, escolha sua lâmina e faça um corte ágil. Você quer me torturar? Decida o local e a hora. Você quer brincar com a minha cabeça? Parabéns, você já está conseguindo — fala, irritada, sem pausas. Algo em seu semblante me incomoda, mas fico inexpressivo.

Ela está disposta a tudo.

Ela não se importa em ser usada para sexo, punida, machucada ou torturada. Ela claramente não dá a mínima.

E por que isso me incomoda? Porque não faz sentido.

— O que isso quer dizer? — Meu tom é curioso.

— Que seja o que for, que independentemente do que essa sua brincadeira de garoto mimado signifique, eu não dou a mínima. Só acabe logo com isso, seja rápido. Odeio jogos sem regras e não entrarei nessa sua merda sem sentido.

Rio.

— Isso tudo porque falei em voz alta o que todos já sabem? Que vocês estão em busca de novos investidores? — debocho. — Isso não é nada demais, princesinha. Toda empresa precisa de investidor. A menos que…

Ela trava o maxilar, aproximo minha boca do seu ouvido.

— A menos que vocês estejam desesperados por isso. À beira da falência se não conseguirem um — zombo. — Aí sim o que eu disse teria peso.

Cindy suspende sua respiração, sinto seu corpo tensionar. Ela não reage.

— Criaremos regras, então — sopro perto da sua orelha, me distanciando para assistir sua reação.

Ela pisca inexpressiva.

— O quê?

— Você disse que não gosta de jogos sem regras, então criaremos algumas — repito de forma mais clara. — Não me envolverei nos seus assuntos familiares, não irei prejudicar sua busca por investidores e não atrapalharei seus estudos em Evergreen.

— Mas…? — instiga, sabendo que eu não seria benevolente sem algo em troca.

— Você não irá mais fugir de mim.

O uso de palavras parece atingi-la e ela dá um sorriso depreciativo.

— Claro que as mensagens do perseguidor desconhecido seriam suas.

— Você só notou agora? — debocho.

Ela dá de ombros com indiferença.

— Tanto faz. O que “você não irá fugir de mim” significa? — Faz aspas no ar.

— Que sempre que eu chamar, você irá. Sempre que eu estiver entediado e quiser jogar com você, a terei em poucos minutos sem reclamar. E que você não poderá sair até eu decidir que o jogo acabou.

Ela une as sobrancelhas.

— Isso soa como uma proposta de prostituição.

Sopro uma risada e sei que meu hálito bate contra seu rosto, estamos próximos o bastante para isso.

— Você acha que eu precisaria recorrer à prostituição para transar? — zombo. Se ela soubesse que já tive mais mulheres na minha cama do que o ano tem de dias, certamente não cogitaria essa possibilidade. — E de qualquer forma, você sequer faz meu tipo.

Deslizo meu olhar pelo seu corpo e meu pau ameaça ficar duro, como se quisesse me provar o quão mentiroso sou.

Me obrigo a desviar.

— Você será minha espécie de passatempo, até eu cansar e encontrar outro — determino.

Até eu conseguir o que quero, até eu entendê-la.

— Sua vida é tão entediante a ponto de precisar de um?

— Sim.

Ela revira os olhos.

— Não sou tão interessante quanto você pensa.

— Isso eu que irei decidir.

Cindy bufa, como se essa merda parecesse insana demais para ela.

— E mais uma coisa: você terá que ser verdadeira. Não poderá colocar aquele sorriso inútil na face, muito menos agir com falsas cortesias.

— Como se eu fosse me dar ao trabalho de me esforçar tanto por você.

— Então por que se esforçar pelos outros? — Toco na bochecha gelada, agora que a cor normalizou. — Por que forçar um sorriso a ponto de ser cansativo?

— Isso não é da sua conta. Não faz parte do jogo.

— Então você vai jogar? — pergunto, ainda tocando-a. Ela não se esquiva.

— Se eu não fizer, você continuará jogando, só que sem as regras e eu já começarei perdendo.

— *Touché*.

Ela suspira e escutamos a porta ser aberta. Dou um passo para trás, me afastando rapidamente.

O silêncio domina o ambiente, enquanto o homem registra o fato de ter uma mulher dentro do banheiro masculino. Quando nenhum de nós dois se pronuncia, ele pergunta:

— O que está acontecendo aqui?

— Fiquei um pouco tonta e errei o banheiro, espero que me perdoe. — Ela meneia a cabeça em direção ao homem como se fosse um ser indefeso e não tivesse acabado de gritar comigo. O deputado a encara suavemente e ela se vira para mim. — Desculpe o incômodo, senhor Wood.

— Edwards — ralho, sabendo que ela faz de propósito. — Dominic Edwards.

— Oh, perdão. Como você sempre está atrás dele, ainda é difícil para mim. — Pisca inocentemente e o homem nos encara, confuso.

Ela meneia a cabeça novamente, dessa vez para nós dois, e sai. Volto para perto da pia, soltando o ar, irritado, enquanto aperto o mármore com força.

— Ela me parece adorável. É a filha dos Wright?

— Sim — respondo, ríspido.

É a fodida filha dos Wright.

É a maldita princesinha dos Corvos.

E aparentemente é a única capaz de me deixar fora do eixo com sua dualidade do caralho.

Quem é você de verdade, Cindy Wright?

08



Eu sou um anjo?
Me diga o que você quer dizer com isso
Eu levo tudo
E eu nunca vou devolver
Born Without a Heart _ Faouzia

Cindy Wright

O celular vibra, mas me recuso a olhá-lo. Se eu não acabar não vendo a mensagem, tecnicamente não estarei o ignorando, certo?

Suspiro, jogando meu corpo para trás. O colchão me recebe de bom grado e é tão confortável que praticamente me convida a ficar aqui por tempo indeterminado.

Maldito, Dominic.

Maldito evento.

Maldita noite.

Resmungo palavras incompreensíveis, desejando esquecer o dia de ontem. Desejando apagar o momento que o vi e a nossa conversa no banheiro.

Por que aceitei jogar? Por que não virei de costas e o deixei? Por que permiti que ele tocasse em meu rosto e não acertei um tapa no seu?

Porque eu não podia. Porque ele quase fodeu com tudo na frente do senador. Porque prometi ser a filha exemplar e me esforcei, sorrindo tanto que minhas bochechas até agora doem. Porque não posso tê-lo fuçando as imundícies dos Wright quando luto tanto para esconder. Porque prefiro ser o brinquedo de Dominic do que aceitar o convite de Caleb.

Massageio minhas bochechas, pensando em seu olhar ao me encarar na noite passada. As íris mais pretas que já vi pareciam um abismo o qual tentava me sugar. Lembro do cenho franzido, da dúvida no semblante e sei que ele estava confuso por algum motivo.

O que o deixou assim? Eu não faço ideia, mas não me importo o suficiente para perder meu tempo pensando sobre. Não quando meu tempo é valioso.

Pego meu *laptop* na ponta da cama e o coloco em meu colo, voltando a ler os comentários sobre a clínica para qual minha mãe será transferida na segunda. Hoje, assim que acordei, a primeira coisa que fiz foi ir atrás de Robert.

Ontem ele pareceu satisfeito com a performance da nossa família, montamos o circo perfeito e mais uma vez esbanjamos felicidade com maestria. Então é claro que ele ficou contente. Principalmente porque um dos possíveis investidores que conversei, pareceu, de fato, interessado. Quase senti pena e o avisei que era cilada, mas não compensava, e nem me importava o suficiente, na realidade.

Eu tinha feito um acordo com Robert e iria até o fim para conseguir o que eu queria, mesmo que para isso eu enganasse um homem para investir em algo sem muita salvação.

E foi por isso, por ter um propósito tão definido, que me irritei com Dominic quando o vi se aproximar. Por saber que uma única palavra sua poderia colocar tudo a perder. Por ter ciência de que o sobrenome Edwards é bem mais poderoso do que o dos Wright, ainda mais agora.

Embora nós sigamos fingindo que está tudo bem.

De acordo com Robert, não é o fim até estar tudo destruído. E realmente ele está certo, porém, com uma palavra de Dominic, a destruição poderia ter chegado. Isso se eu não tivesse entrado no seu jogo, se eu não tivesse aceitado virar uma espécie de marionete que terá suas cordas puxadas por ele.

Saco.

Ele é irritante.

Mas pelo menos cumpriu sua parte do acordo. Ainda senti seus olhos me perseguirem e queimarem minha pele durante a noite inteira, contudo, ele não se aproximou em momento algum.

E foi graças a isso que consegui passar tanto tempo conversando com o investidor. Foi graças a isso que tive o prazer de deixar Robert e ele conversarem por horas depois que os aproximei. Foi graças a mim que agora há uma ponta ínfima de esperança na cabeça dele.

Então é claro que me aproveitei e fui até ele assim que os primeiros raios solares despontaram na janela do meu quarto. O homem estava no escritório e provavelmente esperava seu café ser servido, porque sequer reagiu quando entrei, mas ficou surpreso ao reconhecer minha presença.

Ele não sabia o que eu poderia querer tão cedo, mas não titubeou quando voltei a falar sobre a clínica, dizendo que a internação precisava ser imediata. Ele me devia aquilo, tinha noção de que eu poderia arruinar tudo se quisesse e que eu tendo a ser ardilosa se não consigo o que foi acordado.

Ele me conhece o bastante para saber que herdei seus piores defeitos. Tem conhecimento de que infelizmente somos iguais em alguns aspectos. Talvez por isso eu nunca tenha tido chance de ser sua favorita. No fundo, até ele deve se achar asqueroso.

E enquanto Caleb herdou seu lado mais imundo, todas as imoralidades e gostos que ele vê como interessante, fiquei com as partes que ele mais repudia. Aquelas que ele não pode usar ao seu favor, como minha inteligência, manipulação e determinação. *Todas as características que me fazem desafiá-lo.*

Eu poderia dizer que é só por isso que ele sempre me tratou de forma mais fria, porém, sei que eu ainda seria tratada assim se não fosse isso. Sei que haveria dois motivos para essa distinção.

O primeiro deles é a doença. Eu ainda teria uma doença crônica e ainda seria fraca aos seus olhos. E segundo o fato de eu ser mulher. Para pessoas como Robert, mulheres devem estar abaixo dos homens, então meu irmão sempre seria a prioridade.

Não que eu queira o amor de Robert, é algo tóxico e doentio.

Tão tóxico que embora tenha aprovado a internação amanhã, disse que não quer trabalho nenhum e que se eu estava tão determinada, eu quem deveria cuidar de tudo. Ele está com Cristine há mais de vinte anos e tudo o que fez foi liberar a renda da internação.

Nada mais. Nada menos. Ele não quis nem saber para onde eu a estava mandando.

Desgraçado.

Eu poderia pagar pelo valor da clínica, tenho uma conta separada e fui juntando dinheiro que recebia e transferindo valores exorbitantes para ela enquanto fingia que gastava como uma compulsiva durante a vida inteira. Então, se for para ser sincera, tenho uma quantia grande o bastante para nunca precisar trabalhar e ainda assim viver muito bem. Eu definitivamente poderia pagar, mas irei usar o seu dinheiro, porque essa merda é o mínimo que ele pode fazer depois de deixá-la assim.

Volto a ler os comentários sobre o atendimento, a alimentação e o tratamento com os pacientes. Porém, quando a terceira mensagem seguida chega, desisto de ignorar.

Não posso testá-lo logo no primeiro dia.

Desbloqueio a tela e uno as sobrancelhas, surpresa ao ver que a mensagem não é dele.

Jackson: Preciso falar com você.

Jackson: Podemos nos encontrar amanhã?

Jackson: Cindy, é urgente.

Jackson: É sobre o Caleb.

Jackson: Sei que você está com raiva, mas me responda.

Jackson: Cindy?

Demoro alguns segundos até decidir o que responder.

Eu: O que aconteceu? O que você quer?

Jackson: Precisamos nos encontrar.

Eu: Amanhã não posso.

Estarei ocupada internando minha mãe, sequer irei para a faculdade. Mas ele não precisa saber disso.

Jackson: Estou falando sério, é urgente.

Eu: E daí? Não é a sua urgência que vai definir o meu tempo livre.

O “digitando” demora a aparecer, como se ele não esperasse essa resposta. Assisto a palavra sumir várias vezes e me irrito com a demora, antes de finalmente o celular vibrar.

Jackson: Você está bem?

Reviro os olhos.

Eu: Se você quisesse mesmo saber, essa teria sido sua primeira pergunta.

Eu: Você não pode falar pelo celular?

Jackson: Não.

Eu: Ok.

Eu: Me encontre depois de amanhã no *The Red Table.*

Eu: Estarei no lado de fora, perto da saída de emergência, às sete da noite. Não se atrase.

Sua resposta é imediata.

Jackson: Estarei lá.

É óbvio que estará, não teria me enchido de mensagens caso contrário.

O que Caleb fez dessa vez? Que tipo de merda foi grande o bastante para Jackson ter vindo até mim?

A curiosidade ameaça se instalar em minha mente, mas me obrigo a deixar de pensar nisso, porque poderia me deixar facilmente ansiosa e isso não é nada bom para mim.

Depois de amanhã você descobre, Cindy. Não é como se o mundo estivesse acabando.

Bufo e checo se tem alguma mensagem de Dominic, mas quando não vejo nada, arremesso meu celular do outro lado da cama.

Desde ontem, nenhuma mensagem foi enviada. Absolutamente nada.

Isso vindo dele, eu devo ficar preocupada ou aliviada?



Por que você é tão linda? (Pow, pow)
Preciso fazer você ser minha (pow, pow)
É tão difícil de encontrar (pow, pow)
Querida, tipo, oh, como você faz isso?
O jeito que você faz e ela nem sequer demonstra nada
Tadow (feat. FKJ) _ Masego

Dominic Edwards

Não costumo ser exigente, quero dizer, ao menos não sobre os lugares que frequento. Quando o assunto é esse, eu normalmente não dou a mínima.

Isso não significa que vou entrar em qualquer muquifo, só que não me importo tanto de ficar em ambientes inferiores como esse – o que é considerado quase um crime por alguns membros da elite.

— Mais um? — o *barman* pergunta, vendo que terminei minha bebida.

Encaro meu copo vazio e batuco meus dedos no balcão de vidro, pensando se quero ou não. Estou entediado, esse é o motivo pelo qual vim parar aqui depois de uma partida de polo. Eu queria beber, mas não queria fazer isso em casa.

Archie estava ocupado e eu não conseguia pensar em nenhuma garota boa o bastante para foder. Então estava dirigindo pelas ruas até encontrar algo que me chamasse a atenção, quando vi a placa com o nome "*The Red Table*" brilhando.

Tenho certeza de que já estive aqui antes, as mesas pretas, a iluminação vermelha, os sofás de canto com casais que esbanjam luxúria e até mesmo o bar me parecem familiar. Embora eu deva ter bebido demais no dia para me lembrar com clareza dele.

Contudo, hoje, já não pareço tão inclinado a fazer o mesmo. A vontade de beber diminui a cada segundo que se passa. Olho para o celular sobre o vidro, as mensagens sequer foram recebidas.

Ela me bloqueou? Desligou o celular? Está sem bateria? Sem internet? Não me importo.

Esse não é o acordo, ela tem que vir sempre que eu a chamar. Sempre que eu quiser me divertir ou estiver entediado, a tirarei de sua casa sem me importar com o horário ou quão ocupada está e ela terá que vir até mim, porque as consequências de uma promessa quebrada são perigosas. E

até mesmo anjos bondosos podem se tornar vingativos em questão de segundos.

— E então? Mais uma? — o homem insiste e assinto. — Do mesmo?

— Não, pode trocar o rum pelo whisky mais forte que tiverem.

— Você levou um fora, não foi? — pergunta como se fôssemos amigos. — O modo que está bebendo e olhando para o celular está o denunciando muito.

Encaro-o com desdém.

Um fora? Eu?

A ideia é tão absurda que quase me faz rir. O homem meneia a cabeça como se me entendesse e se solidarizasse pela minha dor. Por um segundo, tenho certeza de que ele está fazendo de propósito para me irritar.

Vai se foder. Como se eu precisasse dessa merda.

Me recuso a responder, sabendo que seria estúpido ao extremo se o fizesse.

— Pode deixar por conta da casa. — Ele pisca e cerro os punhos.

Ele só pode estar de brincadeira com a minha cara.

Caralho.

Eu posso comprar o bar inteiro se eu quiser e ele está com pena de mim?

Seguro o copo de bebida, mas o solto de imediato assim que ouço o celular vibrando.

— Ela respondeu? — O *barman* intrometido pra caralho soa mais animado do que eu.

Ignoro-o, me irritando ao ver que é só uma mensagem de Archie.

Droga, por que ela não me responde? Esse não é o maldito acordo.

Esse não é o plano, ela precisa me obedecer.

Por que ela faltou ontem e por que caralhos só vim saber disso hoje de tarde?

Eu poderia ir até a casa dela, certamente entrar na mansão dos Wright não seria um papel tão difícil se eu me identificasse na entrada. Duvido que Robert me impediria de entrar sabendo quem sou.

A ideia me parece atrativa e eu também sairia como um fodido psicopata, o que não me incomodaria nem um pouco. Ela já me considera um perseguidor pelas mensagens.

Mensagens essas que ela deveria responder.

Porra, por que ela não responde?

Você não faz as regras desse jogo, princesinha.

Desde o evento não tive tempo de mandar nada com a iniciação, os novos membros, a faculdade e toda essa merda. Só que agora quando tenho, sou ignorado.

Viro a bebida em um único gole e seguro o celular com força, antes de digitar algo:

Eu: Irei atrás de você, não importa onde se esconda ou o quanto fuja. Eu nunca desisto.

Eu: E lembre-se que contratos quebrados sempre acabam em punição, não queira descobrir qual poderia ser a sua.

Levanto do banco e quando não vejo o bartender por perto, deixo cem libras debaixo do copo, saindo para fumar.

Normalmente não fumo com frequência, mas gosto da ideia de andar com o cigarro e o isqueiro. E gosto mais ainda da sensação da nicotina quando estou irritado demais.

Passo pelos fundos, mais especificamente pela saída de emergência, e já estou segurando o cigarro entre os lábios para acendê-lo, quando escuto vozes.

O beco aqui é escuro e a luz do poste está queimada. A iluminação vem das placas vermelhas e azuis que iluminam o bar, mas ainda assim é pouca aqui fora. Dois carros estão estrategicamente estacionados,

escondendo as pessoas que falam, e eu normalmente só fumaria sem me importar com o que está sendo feito ali.

Afinal, tenho minha cota de transas públicas. Quem seria eu para julgar se fosse esse o caso?

Porém, a voz me parece um tanto quanto familiar, por isso solto o isqueiro rapidamente, na tentativa de identificar quem é.

— Sinto sua falta, você deveria voltar para mim. — O tom masculino me faz franzir o cenho, definitivamente conheço essa voz.

Mas que frustrante, esperei sexo e recebi declaração de amor.

Patético.

Estico meu corpo sem querer perder meu tempo com essa ladainha e consigo ver o homem alto, com cabelo castanho claro, esticando o braço em direção a alguém.

Devido a escuridão, demoro alguns instantes para reconhecer Jackson, o braço direito de Caleb. *Um maldito Corvo.*

Faz sentido que ele esteja aqui porque esse bar fica bem entre as duas universidades, mas por que se declarar para alguém em um beco como esse?

Não consigo ouvir a resposta, é baixa demais para que eu identifique. Porém, pelo seu semblante, a resposta não foi nada positiva.

— Então você deveria ao menos se resolver com Caleb e voltar logo, Cindy — rosna, e no exato instante que identifico o nome, paraliso.

Cindy?

Minha Cindy?

A fodida Wright está me ignorando para vir ouvir declaração de um merda como o Jackson? Ela é burra o bastante para já ter se envolvido com alguém como ele?

Cacete, o que esse idiota pensa que está fazendo?

Largo o cigarro no chão ao entreabrir os lábios e ir até eles, sem me importar com o que isso significa.

Jackson é o primeiro a reconhecer minha presença, seus olhos se arregalam e sua reação faz Cindy olhar para trás. Porém, sua expressão continua exatamente a mesma ao me ver, como se não se importasse ou estivesse surpresa. Sua postura parece tensa.

Paro ao seu lado, passando meu braço por cima dos seus ombros. Jackson assiste ao gesto com uma mistura de curiosidade e receio. Cindy não se move.

— Smith. — Meneio a cabeça em sua direção, como um cumprimento forçado. — O que você quer?

— Meu assunto não é com você.

Rio.

— Se estou aqui, agora pode ser comigo.

— Não fode, Edwards. Isso aqui é entre eu e ela.

Reviro os olhos.

— Você ainda não sabe? Se você tem um problema com Cindy, tem um problema comigo.

Ele olha entre nós dois com confusão, suas íris pedem por uma explicação e ela estranhamente não oferece uma.

— O que você se tornou? Um guarda-costas?

Dou de ombros.

— Nós temos um lance.

Ou melhor, um acordo. Mas tanto faz.

— Você só pode estar louca para aceitar se envolver com alguém como ele.

— E você certamente está louco para procurar briga comigo — rosno, indicando o carro que acredito ser o dele. — Suma daqui, porra. Antes que eu o lembre como sou tão melhor do que você *em tudo*.

O idiota olha para ela como se precisasse de alguma confirmação, como se procurasse qualquer coisa, mas Cindy parece estática demais.

Jackson ralha uma palavra e se afasta, entrando exatamente no veículo que achei ser o seu. O carro sai cantando pneus e a encaro, permitindo primeiro que meus olhos registrem a saia marrom e o *cropped* branco de mangas longas, antes de fitar o seu rosto.

Rosto esse que está surpreendentemente pálido.

— Que merda é essa? Você está bem? — Dou um passo para trás na tentativa de analisá-la melhor.

Cindy inclina seu corpo para frente, apoiando suas mãos nos joelhos da mesma forma que fez no dia da esgrima. Seu olhar vai até o relógio em seu pulso.

— Meu motorista — sussurra, ofegante. — Preciso do meu motorista.

Olho para o carro que achei que era seu, mas ela nega com a cabeça como se entendesse minha suposição. Ela se apoia na parede pichada do beco e seu olhar vai para o relógio outra vez.

— Wright — chamo, com uma estranha sensação de nervosismo se apossando de mim. Ela não parece me ouvir, seu olhar fica hiperfocado, como se não fosse capaz de enxergar nada na sua frente. — *Cindy.*

Paro bem ao seu lado e só tenho tempo de olhar para o relógio, como ela fez, e arregalar meus olhos ao ver o seu batimento cardíaco em cento e cinquenta e nove, antes dela desmaiar.

Cacete.

Meu reflexo é rápido o bastante para conseguir ampará-la, mas meu cérebro demora alguns instantes para entender o que acabou de acontecer.

Pisco.

Ela desmaiou. Realmente desmaiou.

Porra, que merda é essa?

Endireito seu corpo, segurando as pernas com uma mão enquanto apoio a outra em suas costas. Me inclino um pouco de forma que sua cabeça penda para o lado e se apoie em meu peitoral.

Encaro o rosto pálido sem saber o que fazer ou o que dizer. As pálpebras fechadas sequer tremulam e os lábios estão claros, mesmo com o batom. Sua testa parece suada e mesmo sem conseguir ouvir, sei que seu coração martela em sua caixa torácica.

Cento e cinquenta e nove.

Isso não é normal.

Ela teve uma parada cardíaca? Por que desmaiou? Que porra está acontecendo? Eu fiz alguma coisa?

Não consigo desviar o olhar dela e também não consigo me mover, embora minha mente grite que eu deva fazer algo.

Eu deveria procurar seu motorista. Deveria ligar para a ambulância ou até arrombar a porra desse carro e levá-la para um hospital, mas minhas pernas se recusam a se mover. Ter ciência de quão vulnerável ela está neste momento me deixa com uma sensação ruim.

E se não fosse eu aqui? E se ela fosse sequestrada? Atropelada? Estuprada?

Cacete, por que me importo?

Não sei.

Desde quando me importo?

Não me importo.

Porém, brincar com alguém indefeso não é divertido. Vê-la dessa forma é irritante para caralho e me incomoda de uma maneira que nada jamais foi capaz antes.

— Cindy — chamo, balançando seu corpo de leve. Há uma pontada de nervosismo, que poderia ser confundida com desespero, em meu tom.

Por que ajo dessa forma? Não sei.

Meu próprio coração parece bater um pouco mais rápido, como se estivesse com inveja do seu e quisesse copiá-lo. A pele suave e o semblante tão sereno a deixam parecida com uma outra pessoa.

E como se Deus gostasse de brincar, nesse instante ela fica ironicamente parecida com um anjo. A sua beleza se tornando tão serena e pura quanto a de um.

Não é a primeira vez que vejo alguém desmaiado, então por que é a primeira que não reajo? Desde quando a princesinha dos Corvos é um problema meu? Por que não a deixei cair no chão e saí, uma vez que cuidar dela não é minha obrigação?

Eu deveria assustá-la, usá-la para descobrir o que ela quer em Evergreen, brincar com sua mente por diversão até fazê-la ir embora para bem longe de nós outra vez. Então por que fico parado com ela em meus braços? Por que minha mente se recusa a ficar calada e por que caralhos os pensamentos intrusivos continuam me invadindo?

Porra, e se ela estivesse sozinha, o que teria acontecido? E se fosse Jackson ao seu lado, como ele teria reagido? Isso já aconteceu antes?

Droga, Cindy.

Vamos lá, porra.

Minhas pernas se movem como se finalmente decidissem obedecer aos comandos do meu cérebro. Dou a volta no bar, caminhando rapidamente até o meu carro na intenção de levá-la ao hospital. Contudo, antes que eu consiga atravessar a rua para alcançar meu *Range Rover*, um homem alto e corpulento, usando terno e um *walkie-talkie* no ouvido, se aproxima de mim com passos rápidos.

— Senhorita Wright. — Ele soa preocupado ao parar do meu lado, tentando tirá-la dos meus braços.

Dou um passo para trás.

— Que porra você pensa que está fazendo? — ladro para o homem desconhecido, sem sequer cogitar a possibilidade de passá-la para os braços dele sem ter certeza da sua identidade.

E estou pouco me fodendo se ele é seu segurança ou não.

— Quem é você? — o homem rosna com desdém, desviando o olhar suave para ela. — Senhorita — sussurra, e quando a fito novamente, seus olhos estão entreabertos.

— *Princesinha* — murmuro e por puro instinto, ou melhor, por educação, acabo soprando seu rosto visivelmente suado.

Talvez abaná-la seja uma boa.

Como se lesse minha mente, o homem maldito tira um leque, literalmente um leque, da casa do caralho, e começa a abaná-lo em seu rosto.

Quem diabos anda com um leque hoje em dia? Ainda mais no uniforme?

Porra.

Decido ignorá-lo e foco em Cindy, seu olhar parece distante e ela desnorteada.

— Merda, dessa vez ela não acordou bem — o homem murmura para si e só agora me dou conta de que ele não parece surpreso por ela ter desmaiado e sequer faz perguntas sobre o que aconteceu.

Isso é algo recorrente, Wright?

Que porra há de errado com você? Você tem pressão baixa? Por que seu coração batia tão rápido? Ele ainda está assim?

Minha mente fervilha com perguntas não respondidas.

— Boris. — Ela pigarreia com sua voz fraca.

O homem perto de mim se empertiga e reviro os olhos quando ameaça chamar a polícia caso eu não a deixe ir.

Encaro seu rosto mais uma vez, porém, ela evita meu olhar e só parece desesperada por algo que não faço ideia do que seja. O homem balança a cabeça como se entendesse e a tira do meu colo com facilidade, carregando-a no seu.

E eu sei que deveria agradecer, uma vez que só estava sendo minimamente cavalheiro como fui ensinado durante a vida inteira. *Contudo, por que me incomoda ver outro homem carregando-a até um carro que não é o meu?*

Coço meu pescoço, irritado.

Talvez meu senso de possessividade seja mesmo deturpado como dizem, talvez eu só esteja curioso para entender o que a fez desmaiar ou quem sabe eu só quisesse descobrir o que ela falaria ao acordar.

Não importa, o motivo não faz diferença quando o resultado é o mesmo.

Hoje, durante essa fodida noite, algo aconteceu com a princesinha.

Hoje, durante essa fodida noite, Cindy Wright não pôde ser minha.

E hoje, durante essa fodida noite, não conseguirei dormir pensando nessa merda que acabou de acontecer.

Mesmo que não signifique nada.

10



Os olhos não mentem
Não posso mentir para você, querido
Quero sentir seu corpo perto
Você diz que me odeia, mas me conta coisas que ninguém sabe
Eyes Don't Lie _ Isabel LaRosa

Cindy Wright

Não sei o que estou fazendo aqui. *Eu não queria estar aqui.*

Sendo bem sincera, se dependesse de mim, eu certamente não sairia de casa para assistir a um fodido jogo de polo.

Faça-me o favor, sempre achei o esporte entediante.

Quando era mais nova, houve uma época em que me peguei apaixonada por cavalos. Eu tinha acabado de ganhar a Tempestade e lembro que Caleb ainda estava em dúvida sobre como chamar o seu alazão. Todas as tardes eu saía para cavalgar e a ideia de me esforçar para entrar em algum time até me pareceu interessante.

Porém, havia duas grandes razões que me fizeram desistir da ideia de imediato. Primeiro: eu não entendia as regras direito, me parecia confuso e tedioso precisar montar com um taco na mão e ter o único propósito de acertar a bola dentro dos balaios. O polo era um *hobby* chato. Segundo: o simples ato de montar era perigoso.

Não para os outros, mas para mim.

Eu corria o risco de estar sobre o cavalo, desmaiar e quebrar uma perna ao cair ou ser pisoteada. Não sei, inúmeros cenários como esses eram possíveis, então simplesmente não pude me apegar à possibilidade.

Ainda fiquei com a Tempestade por algum tempo, porém, não achava justo mantê-la comigo, quando só saía com ela uma vez ou outra e

ainda corria o risco de machucá-la de alguma forma ao cair por cima dela, ou pior, guiá-la para um penhasco perigoso porque meus sentidos ficaram borrados.

Então encontrei uma boa dona e a deixei ir. *Era o melhor para ela*. E depois disso, cavalgar se tornou um *hobby* que até hoje amo e temo na mesma proporção. Francesca diz que é bobagem, que eu deveria ir a mais galopadas, só que acompanhada, para caso começasse a me sentir mal. E às vezes até insiste que eu deveria aprender a dirigir.

Só que cavalgar, para mim, sempre foi sobre liberdade, sobre ficar sozinha, e eu não gostaria de ser escoltada. Jamais permitiria que alguém me acompanhasse ao montar porque é algo pessoal meu. Então, só saio para galopar se estiver cem por cento bem, com o clima estável e se for perto o bastante para eu conseguir voltar caso algo aconteça.

E dirigir, bom, sempre esteve fora de cogitação. Nunca quis nem mesmo aprender, uma vez que a possibilidade de desmaiar no volante e sofrer um acidente, onde poderia machucar outras pessoas, me parecia pavorosa demais. Por isso sempre ando com motorista.

Cruzo os meus braços, revirando os olhos quando Archie marca um gol. *Que merda estou fazendo aqui? Por que diabos Dominic me chamou?*

Esse ainda é o primeiro *chukker*[7], e se cada um tem sete minutos e cada jogo possui uns seis desse – fora os intervalos –, significa que ainda ficarei mais de trinta minutos assistindo essa droga.

Não reprimo o bocejo quando ele vem.

Será que Dominic queria me fazer perder tempo ou isso é só pelo prazer de mostrar que sou sua marionete? Por quanto tempo aceitarei essa merda?

Agora que minha mãe já foi internada, eu poderia ignorá-lo. Mas quem garante que ele não foderia as coisas para mim em Evergreen? Ou pior, aumentaria ainda mais a crise da nossa empresa a ponto da primeira rachadura ser exposta?

Se alguma dessas coisas acontecer, o cenário seguinte é óbvio: eu serei obrigada a aceitar o convite, eles me forçarão a isso e eu sei que

concordarei se usarem minha mãe. Cristine é como um calcanhar de Aquiles e eles têm ciência disso.

Então só preciso ganhar tempo. Ganhar tempo para ela voltar a ser um ser humano outra vez, até ela ter saúde o bastante para escolher entre sair dali fugindo comigo ou ficar e se destruir com eles. Só preciso ganhar tempo para Dominic não enxergar além do que pode.

Ontem mesmo ele já fez isso. Na noite passada, Dominic estava no lugar errado e na hora errada. *O que ele pensou? Em qual conclusão chegou ao me ver desmaiar?*

Algumas pessoas quando veem acontecer pela primeira vez, suspeitam de pressão baixa ou fome. POTS e Vasovagal nunca são possibilidades que passam na mente de ninguém e agradeço por isso. Agradeço por, no máximo, pensarem que tenho algum transtorno alimentar e que desmaiei por esse motivo. Agradeço por ninguém nunca se interessar o suficiente para tentar descobrir e agradeço por Dominic aparentemente ser como todos os outros, uma vez que até agora não tocou no assunto.

Porém, mesmo visivelmente tendo deixado de lado e considerado o desmaio sem importância, ele não deveria estar lá. Não deveria ter visto através da minha máscara tão perfeita e calculada para pessoas como ele. Não deveria ter me carregado, como Boris disse que ele fez.

Droga, eu mesma não deveria ter ido até Jackson.

Ele não tinha nada útil. Sua ladainha sobre Caleb estar tramando algo na intenção de me machucar, o papo sobre os Corvos já estarem procurando um membro para me substituir e o mimimi irritante sobre sentir minha falta não levaram a nada. Não me trouxeram nenhuma informação útil e o máximo que aconteceu foi minha demonstração de fraqueza na frente do inimigo.

Então por isso eu não disse nada quando Dominic se aproximou. Por esse motivo e porque eu estava passando mal, é claro. Por esse motivo e porque eu prefiro ser feita de marionete por um mimado entediado, porque prefiro qualquer tipo de jogo, do que consentir com aquele fodido convite.

Tudo é melhor do que me sujeitar àquela situação.

Algumas pessoas gritam quando dois dos cavalos quase colidem e permito que meu olhar o procure em meio aos outros, somente pela curiosidade de descobrir se ele é bom ou não.

Encontrá-lo quando todos usam capacetes e cavalgam de um lado para o outro se torna uma tarefa difícil. Porém, quando realmente foco, meus olhos desviam em sua direção com facilidade, como se não tivessem que fazer esforço algum para encontrá-lo.

Dominic também me encara por um instante, quase como se fosse capaz de sentir minha atenção, mesmo estando a metros de distância. Inevitavelmente reparo no seu traje e sei que eu não deveria me impressionar com ele. Estou acostumada com a calça branca justa, que sempre marca as pernas e é enfiada dentro das botas altas de couro. Estou adaptada com o uniforme azul que aperta os bíceps e até com o capacete, as joelheiras e as luvas.

Nada disso é impressionante, tudo é exatamente igual a Caleb quando ainda não havia sido expulso do clube. Então por que *nele* parece diferente? Por que em Dominic é… Atraente?

Pisco, balançando a cabeça quando ele impulsiona o cavalo preto pelo campo com a força das suas coxas. Observo o modo que ele segura as rédeas e até a forma que seus músculos se flexionam quando acerta a bola.

Entediante.

Ele e o esporte são entediantes.

Me obrigo a focar nisso e reviro os olhos outra vez assistindo-o vejo montar mais rápido, como se quisesse exibir toda sua glória, quando quem está fazendo o trabalho duro é o cavalo.

Que certamente é um dos mais bonitos que já vi.

Meu celular vibrando na minha mão me faz parar de encarar o campo para focar na tela. E um alarme me lembrando de tomar outra garrafa de isotônico me leva a abandonar meu posto de torcedora nada empolgada para realizar isso.

Abro minha bolsa de mão, pegando o *Gatorade* e me afasto um pouco para tomá-lo, usando isso de desculpa para o tempo passar mais

rápido. Meus passos são lentos ao caminhar por aí, tão lentos quanto os meus goles.

Tento tomar sempre duas garrafas por dia, então tenho dois alarmes para nunca esquecer. Mesmo que às vezes eu fique enjoada dos sabores ou só não esteja com vontade e acabe ignorando o quanto isso me ajuda.

Fico andando por incontáveis minutos, sempre é melhor andar do que ficar um longo período parada, e enrolo o máximo que consigo – o que para minha surpresa é mesmo um tempo considerável, porque quando volto, já está no último *chukker*.

Cruzo os braços, assistindo a partida final. A equipe de Dominic está na frente e é óbvio que vão ganhar, então por que o juiz ainda não apitou e finalizou com eles sendo os vencedores?

Seria ótimo para poupar tempo.

Encaro minhas unhas, admirando a esmaltação preta que fiz ontem. Estou focada nisso quando sinto alguém parar ao meu lado.

Levanto o olhar, sem conseguir evitar o desdém pela ousadia de virem encher meu saco. E um sorriso galanteador é a primeira coisa que encontro ao fitar o homem *perto demais* de mim.

— Pois não? — pergunto, reconhecendo o moreno como um dos membros dos Anjos.

Mais especificamente como Lewis.

— Não sabia que você frequentava esse tipo de jogo.

Uno as sobrancelhas, fitando a camisa polo e a calça preta.

Ao menos estilo ele tem.

— Não vejo como isso pode ser da sua conta.

Ele ri, ameaçando se aproximar.

— Então a gatinha tem garras — provoca e não consigo esconder o desprezo em minha expressão.

Porém, mesmo assim, estou tão acostumada a manter as aparências em lugares públicos que me inclino para perto do seu ouvido.

— E elas são afiadas o suficiente para rasgarem seu rosto ridículo — sussurro.

— Por você eu aceitaria ser rasgado e humilhado — rebate na mesma hora, tocando em meu braço.

Me esquivo, desconfortável com o toque indesejado.

— Que fofo, você já está se humilhando e eu nem precisei fazer nada. — O deboche transborda em meu tom e por um segundo, acho que é isso que faz os seus olhos brilharem em emoção.

Talvez ele seja um masoquista.

Estou certa disso, mas basta ver o corpo de Dominic se colocar na frente do meu, me fazendo dar um passo para trás com o contato inesperado, para que eu mude de ideia.

— Que porra você pensa que está fazendo dessa vez? — ladra e seu tom é surpreendentemente irado.

Reparo nas suas costas tensas e no modo que seus punhos cerram ao lado do seu corpo. Olho ao redor, tendo certeza de que isso chama atenção e em questão de segundos, meu pensamento se prova correto.

O juiz só apita agora e pisco, vendo o cavalo de Dominic perfeitamente parado no canto do campo, como se tivesse sido ordenado a ficar daquele modo enquanto ele largava o jogo.

— O que você tem a ver com as garotas que escolho comer? — Lewis responde, seu tom é ácido.

Ouço uma risada seca vir de Dominic e vejo quando ele ameaça acertar o imbecil, da mesma forma que acertou Caleb e o fez ser expulso.

É simples assim para você espancar alguém? Uma provocação barata é o bastante?

— Você está chamando atenção — ralho, segurando seu outro braço.

Porém, ele não parece me ouvir e literalmente ergue seu punho no ar. Viro o rosto sem querer ver essa idiotice que mais parece uma disputa de dois cachorros por território e estou para me afastar, quando a voz de Archie retumba como um trovão em uma noite serena.

— *Dominic* — fala, e o tom usado não é alto, mas é imponente o suficiente para me fazer encará-lo. Imponente o bastante para fazer Dominic congelar seu punho no ar.

— Archie — Dominic rosna entredentes.

O homem ruivo com uma postura invejável e uma calma totalmente oposta à explosão sem sentido de Dominic passa por mim, sem sequer me encarar. Seus olhos estão focados unicamente no seu conselheiro como se ele fosse seu único propósito.

E, bom, levando em conta que ambos são Anjos e que ele é o líder, tecnicamente resolver discussões internas tem que ser seu propósito.

Dou mais um passo para trás, permitindo que os dois fiquem lado a lado.

Assisto o sorriso debochado de Lewis surgir no canto da boca ao ver Archie parar em sua frente, como se fizesse de propósito para desafiá-lo. Dominic desvia seu olhar para o ruivo e eles se encaram em silêncio, parecendo capazes de conversar sem usar palavras. Quase como se conseguissem se entender só com o olhar.

Dominic abaixa seu punho, mas eles continuam cerrados e sua postura perturbada. É nítido o quanto ele não está satisfeito com a situação.

— Darei um jeito — Archie afirma.

— Certeza? — o moreno pergunta, com uma sobrancelha erguida.

— Você está duvidando de mim? — As palavras frias contêm uma genuína curiosidade e surpresa.

— Não — Dominic responde de imediato, como se não precisasse pensar na resposta e confiasse cegamente no homem à sua frente.

Me pergunto se isso é apenas lealdade de líder e conselheiro ou se eles são, de fato, amigos a ponto de confiarem tão plenamente um no outro.

Se for julgar pela forma que se olham, como se um estivesse disposto a entrar no caos e o outro aceitasse se submeter à tranquilidade só para que as coisas fiquem bem no final de tudo, eu diria que é a segunda opção.

E faria sentido, uma vez que existem fotos dos dois nas manchetes desde quando eram pequenos.

Dominic abre e fecha sua mão algumas vezes. Seu olhar não vai até Lewis, embora o desgraçado pareça contente por ter conseguido seus dois minutos de fama, onde teve a atenção de Archie e Dominic ao desafiá-los.

— Da próxima vez, nada do que você disser me fará parar — Dominic ralha, coçando seu pescoço.

Archie meneia a cabeça, dando um ínfimo sorriso cruel.

— Se houver uma próxima vez, você tem o meu aval.

Dominic assente, se virando para mim sem dizer mais nada. Seus olhos passeiam pelo meu corpo como se procurassem por algo.

— O quê? — Pisco.

Ele me analisa, seu maxilar travado.

— Venha comigo — ordena e sai na minha frente, esperando que eu o acompanhe. Reviro os olhos com a pose de macho alfa e como sua marionete, apenas esperando pelo momento de ser controlada, faço exatamente isso.

Só até Cristine ficar bem, Cindy.

A presença dele nem é tão ruim no final das contas.

Antes de me afastar, sinto um olhar queimar em minhas costas e viro para trás, encontrando as íris de Archie me avaliando.

Seu semblante é inexpressivo, mas ele parece interessado. Não em mim, apenas em minha relação com Dominic.

E se eu me importasse o suficiente, poderia dizer que considero Edwards um filho da puta e que só o acompanho agora mesmo porque temos uma espécie de acordo sem sentido. Mas como não ligo para a opinião do líder dos Anjos, o ignoro.

Dominic se vira, indo para um caminho por trás dos estábulos que acabei não vendo enquanto enrolava minutos atrás. Ele entra em uma

pequena sala que parece sombria demais para o meu gosto e vou atrás dele, mesmo sendo visível a ausência das janelas.

— Isso parece um calabouço — comento, sentindo o cheiro de couro polido e madeira invadir minhas narinas de forma incômoda.

Dominic me ignora e observo as paredes, encarando as selas, freios e rédeas dispostas por elas.

— E então…? — instigo. — Tem algum motivo plausível para você ter me trazido até aqui?

Ele se vira para me encarar e a porta parece debochar da minha cara ao fechar sozinha com um barulho estrondoso.

— Por que você não o afastou? — questiona.

Rio em desdém.

— Por que eu deveria? Ele ainda não tinha me incomodado o suficiente.

— E onde você estava durante o jogo? — Seu maxilar está travado e ele dá um passo para frente.

— Por aí. — Dou de ombros. — Não sabia que precisaria lhe dar um relatório a respeito de cada passo meu.

Ele coça o pescoço.

— Você é irritante pra cacete.

Forço um semblante surpreso.

— Finalmente temos algo em comum.

— Não entendo você — assume, como se isso o incomodasse. — Por que aceitou vir? Por que aceitou o acordo? Por que não o afastou? Por que Lewis foi até você? Por que ele quer um brinquedo que me pertence?

Ele dá um passo para frente a cada pergunta feita e eu dou um passo para trás em resposta.

— Por que você desmaiou naquela noite? Por que é tão falsa com todos os outros e não mostra sua real personalidade de megera? Por que

foge e ao mesmo tempo me afronta?

Seu olhar sombrio parece verdadeiramente confuso, como se a ausência de respostas o irritasse.

Minhas costas batem contra as rédeas presas na parede. Não tenho para onde escapar, ou melhor, eu poderia simplesmente sair e o deixar, porém, não faço nenhum esforço para isso.

E Dominic não para, seu corpo só fica satisfeito quando praticamente está colado no meu e encaro-o.

— Por que tem olhos tão vazios? Por que foi expulsa dos Corvos? Você quer algo específico em Evergreen? O que você esconde? Por que nenhuma pergunta parece ter resposta? Isso está me deixando louco.

As íris pretas encontram as minhas, me sinto momentaneamente perdida e a sala parece se tornar menor do que é.

— Minha vida não é algo que você deva tentar desvendar. Não sou um quebra-cabeça que você encaixa as peças — sussurro. — Já falei para você ficar fora disso.

— Não tenho certeza se quero, você parece interessante demais para ser deixada de lado. — Ele apoia seu braço atrás de mim, me prendendo entre ele e a parede.

— Dominic — murmuro, seu rosto está perto demais do meu para que eu consiga pensar em algo.

— Por que você é tão bonita? Por que continua voltando para minha mente? Por que não para de me provocar? — rosna, seu olhar tão sombrio alternando entre meus olhos e minha boca.

O hálito quente bate contra meu rosto, o cheiro do seu perfume caro invade minhas narinas e meu corpo parece anestesiado. Meus sentidos ficam nublados e por um segundo é como se nada no mundo importasse ou existisse.

Não gosto da sensação de estar enfeitiçada por ele, não gosto da dormência e do formigamento. Não gosto de esquecer quem eu sou por essa fração de segundos, de esquecer quem ele é.

Contudo, não consigo me afastar. Então, torço para que ele faça isso.

Umedeço meus lábios.

— Se eu continuar o provocando, também serei espancada? Uma provocação é o bastante para você machucar alguém, certo? — Minhas palavras são cruéis, como se o desafiassem. Porém, são igualmente baixas. — Foi para isso que me trouxe aqui?

Uma faísca de raiva brilha nas íris, mas ele engole em seco.

— Lábios bonitos e ardilosos. — Seu tom rouco me arrepia, mas é o toque da luva de couro em meu pescoço que me faz arfar.

É frio, mas de uma maneira inexplicavelmente quente.

Tão quente que me queima.

Meu coração acelera de tal forma que temo que rasgue minha caixa torácica e salte para fora. Bate tão rápido que é quase incômodo. *Ou talvez seja sua presença tão perto que me deixe assim.*

Dominic aproxima sua boca da minha a ponto de quase se tocarem e me recuso a fechar meus olhos e ceder, porém, minhas pálpebras entram em conflito comigo mesma.

— Você vai me beijar — sussurro, afirmando ao invés de perguntando.

Seus lábios resvalam nos meus.

— Eu sei.

— Eu deveria impedir. — Prendo a respiração, seu corpo irradia calor.

— Eu sei.

— Nós não somos nada, eu desprezo você e sua existência — murmuro, tendo ciência de que ele sempre será apenas um Anjo patético que me trata como um brinquedo.

— Eu sei. — Sua língua desliza pelo meu lábio inferior. — Sei de tudo, só que nesse momento, quero você mesmo assim.

E ele me beija.

Na verdade, há inúmeras outras formas de definir o que acontece depois que seus lábios tocam os meus. Eu poderia dizer que ele me ataca, porque Dominic parece um predador desesperado para engolir sua presa. Eu poderia dizer que ele me pune, porque a forma que seus lábios espremem os meus poderia ser considerada uma deliciosa forma de punição. E poderia até mesmo dizer que ele discute comigo, porque a maneira que sua língua batalha contra a minha poderia ser confundida com uma verdadeira briga.

Mas opto por dizer que ele apenas me beija, porque assim não dou nenhum significado extra ao que acontece.

Seu corpo empurra o meu contra algumas rédeas de metal a ponto de minhas costas doerem. Uma de suas mãos segura meu pescoço, enquanto a outra aperta minha cintura como se me reinvindicasse.

Como se naquele momento eu fosse sua.

Como se Dominic fosse o dono do meu corpo.

Sua língua tem gosto de destilado e eu poderia facilmente ficar bêbada só com isso. Ele é inebriante o bastante para ter esse poder.

Mas que merda, Cindy.

O que você está fazendo?

Levo minha mão até o seu peitoral na intenção de empurrá-lo, porém, ao fazer isso, sinto os músculos rígidos e o praguejo mentalmente.

Ele podia ao menos ser feio e um pouco menos gostoso, assim seria mais justo.

Dominic puxa meu lábio inferior com o seu dente, sinto uma pontada de dor e o odeio por conseguir me causar prazer mesmo com a dor. Gemo e o sorriso que se forma contra os meus lábios é irritante.

Maldito irritante.

Aperto a blusa do seu uniforme, segurando um punhado do tecido sem saber se quero puxá-lo para mais perto até nossos corpos se fundirem, ou empurrá-lo para longe e sair daqui o mais rápido que posso.

Talvez assim meu coração desacelere, talvez assim a adrenalina não corra tão rápido dentro de mim.

Minha mente também está conflituosa, uma vez que a impossibilito de pensar com meus sentidos nublados.

Se afaste.

Não saia nunca.

Levo minha mão até sua nuca, rasgando seu pescoço com minhas unhas. Dominic grunhe um palavrão e me prensa com mais força, tanta que sinto seu pau duro mesmo sobre a sua calça e minha saia.

Meus dedos se entranham nos fios macios do seu cabelo e sua língua desliza contra a minha de forma lenta e prazerosa.

É bom.

Melhor do que deveria.

Seu beijo me deixa tonta e preciso me afastar para conseguir respirar. Meu peito sobe rapidamente e Dominic se afasta, me encarando igualmente sem fôlego.

As íris estão mais escuras do que nunca, suas pupilas ficam dilatadas a ponto de quase ocuparem todo seu globo ocular. Ele encara meus lábios e meus olhos, a confusão inunda seu semblante e vários pensamentos parecem atingi-lo.

— Porra — ele rosna, passando a mão em seu pescoço. — Essa merda não significou nada — fala de modo rude, sua respiração ainda descompassada.

O sorriso que surge em meus lábios é cheio de zombaria.

— Algo aconteceu? — Uno as sobrancelhas, forçando uma expressão confusa. — Acho que foi insignificante demais para que eu consiga lembrar, perdão. — Pisco de modo inocente, só que o estado do meu corpo desmente minha fala.

A respiração acelerada, o rosto quente e a boca vermelha entregam exatamente o que acabou de acontecer.

Mas para minha sorte, ele escolhe focar em minhas palavras. Seu olhar percorre meu corpo por alguns segundos e ele rosna algo incompreensível, saindo como se não suportasse ficar no mesmo ambiente que eu.

A porta é batida quando ele me deixa sozinha e deslizo pela parede, me sentando no chão. Tudo ao meu redor gira e espero que a sensação de tontura diminua para quando eu sair, poder agir como se nada tivesse acontecido.

Porque nada aconteceu. Beijar Dominic teve a mesma importância que encontrar Jackson naquela noite, ou seja, nenhuma.

Beijá-lo foi apenas uma tentativa para ver se, agora, ele finalmente me deixará em paz.

Beijá-lo foi irrelevante e vai ser algo facilmente esquecido.

Beijá-lo foi comum, assim como todos os outros incontáveis beijos que já tive.

Repito isso algumas vezes enquanto ainda estou sozinha na maldita sala escura. Porém, quando a noite chega e estou deitada na minha cama, seu beijo volta para minha mente.

E se ele não significou nada, por que então volta para me assombrar?



Sou seu maior fã, vou te seguir até você me amar
Papa-paparazzi, Papa-paparazzi
Querida, não há outra superestrela, você sabe que eu vou ser
Seu papa-paparazzi
Paparazzi _ Lady Gaga

Dominic Edwards

Relish estende sua mão, esperando que eu o entregue a faca com o cabo gasto e antigo, antes de me dar o *pen drive* com as informações que pedi sobre Cindy.

— Quem me garante que aqui tem tudo o que preciso? — pergunto na parte de trás do chalé.

Ainda não entrei, porque sei que Archie espera por mim lá dentro.

— Eu disse que conseguiria o máximo de informações possíveis, não que mastigaria a vida da garota para você. Se não tiver tudo o que você quer, terá que descobrir por conta própria. Esse é o máximo que consigo.

Estalo a língua, encarando a lâmina com prazer.

— Me pergunto se essa é uma troca justa.

— Não foda com as coisas, Dominic. Acordo é acordo. — Seu tom é sombrio.

Rio, estendendo-lhe a faca com indiferença.

Realmente, acordo é acordo e eu sempre cumpri todos aqueles que fechei até hoje.

Meu pai me ensinou que eu não poderia ser considerado um homem se não fosse capaz de cumprir nem mesmo com aquilo que prometo.

Que tipo de honra eu teria?

Relish aceita a faca e o brilho em seu olhar ao ter o objeto de volta é quase doentio. Observo-o alisando a lâmina e me pergunto que tipo de valor ela deve ter para ele.

O que você fez com essa faca que a tornou tão importante? Ou isso é apenas um vício em ter a coleção completa?

Ele leva alguns segundos apreciando tudo, até mesmo o cabo gasto, antes de me entregar o *pen drive*.

Aceito o objeto pequeno e o coloco no meu bolso, sem perder o mesmo tempo avaliando-o.

— Espero que tenha algo útil — comento.

— Acho que isso vai depender do que você considera útil. — Relish ergue o canto da sua boca. — Talvez você saia ainda mais intrigado por ela.

— O que isso significa?

— Que ela é mais do que um rostinho bonito, filha de uma família perfeita. Ela tem camadas e isso me deixou curioso para ver além delas. — O interesse é nítido em seu tom.

Dou um sorriso forçado.

— Achei que já tivéssemos combinado que você manteria distância.

Relish revira os olhos.

— E eu vou. Você que provavelmente não conseguirá o mesmo feito — diz, se afastando, e sua fala me deixa instigado para saber o que ele descobriu.

O que pode existir sobre Cindy que me deixaria ainda mais fascinado do que já estou?

A maldita não sai da minha cabeça por nem mesmo um segundo.

Beijá-la foi o pior erro que eu poderia ter cometido, deveria ser considerado quase um pecado.

Assisto Relish ficar cada vez mais distante, indo por um caminho que normalmente não usamos, e dou a volta no chalé, passando pelos seguranças ao entrar.

Archie está em pé, encarando a janela com suas mãos no bolso. Ele não se vira para me encarar quando entro, embora sinta minha presença e ouça meus passos nada silenciosos.

— O que você queria com Relish? — indaga, curioso.

Dou de ombros, mesmo que ele não esteja vendo. Eu poderia mentir, dizer que não era nada ou até inventar uma desculpa qualquer. Ele é meu líder, mas não sou obrigado a lhe contar tudo que eu faço.

Porém, não respondo para Archie, o líder. Não, definitivamente a minha resposta sempre sincera é para Archie, meu melhor amigo.

— Ele conseguiu algumas informações sobre a princesinha dos Corvos para mim.

— As que você já tinha não eram o bastante? — Ele se vira, me encarando. Sua cabeça se inclina levemente para o lado enquanto espera uma resposta.

— Não. Ao menos não para o que eu quero.

— E o que você quer exatamente? Quão longe você pretende ir com a garota? — Seu tom é sério.

— Achei que você tivesse dito que eu podia segurar as rédeas, só estou me divertindo enquanto faço isso. — Dou de ombros.

— Você parece estar se esforçando demais para alguém que está apenas segurando as rédeas.

Rio.

— Ela é interessante o bastante para valer a pena o esforço. Mas, no final, ela segue sendo apenas uma diversão.

— Suas brincadeiras sempre foram mais… Intensas. Você costumava ser mais criativo ao se divertir e gostava da parte da adrenalina, do medo. Mas no jogo pareceu mais como um lorde em defesa da donzela — expõe, sem se preocupar em explicar o que isso significa.

Archie tem razão.

Eu não deveria pegar leve com Cindy.

Ela não significa nada e toda brincadeira que é segura demais se torna entediante.

Toda brincadeira sem emoção, sem medo e terror é sem graça.

Então por que estou tornando-a um brinquedo tão enfadonho?

— Aquilo não teve nada a ver com Cindy, eu apenas não suporto o quão longe Lewis tem ido para nos testar — ladro, e em partes, não minto.

Sei que o filho da puta deve ter reparado no meu interesse, tenho ciência de que desviei meu olhar até ela vezes o suficiente para que ele notasse. E como o desgraçado do caralho é amigo de um dos sócios do clube, conhece os membros frequentes e notou que ela não era uma. Então óbvio que se aproximou com a intenção de me provocar.

E caralho, a sua ousadia me tira do sério. Se eu estivesse no lugar de Archie, certamente não teria metade da sua paciência. Lewis já teria levado uma surra, estaria expulso e nos meus melhores sonhos, morto.

Porém, essa é a razão pela qual eu nunca seria capaz de ser líder. Esse é exatamente o motivo pelo qual Archie comanda os Anjos tão bem, o motivo pelo qual mantém tudo na linha com maestria, porque para estar no seu lugar, é preciso ter sangue frio e o meu queima dentro de mim como brasa ardente.

Mas além da ousadia de Lewis, vê-lo perto de Cindy me incomodou. Me incomodou para um caralho, porque a princesinha só pode pertencer a um Anjo por vez.

E enquanto eu não cansar dela, enquanto não terminar tudo o que pretendo fazer, ela não pertencerá a nenhum deles.

— Estou resolvendo as coisas com Lewis — avisa.

— Posso ajudar. — Meu tom é fodidamente malicioso, cheio de segundas intenções envolvendo violência física.

Archie revira os olhos.

— Dou conta sozinho. Mas falarei caso precise. Agora, foque apenas em tomar cuidado com a Wright. Não a deixe foder sua cabeça, não a deixe chegar perto o suficiente.

Rio.

— A única cabeça que eu a deixaria foder, ela infelizmente não parece interessada — resmungo para provocá-lo.

Archie sorri, revirando os olhos.

— Aliás, você também deveria tomar cuidado — acrescento.

— Com o quê? — pergunta, sem fazer a mínima ideia. Como se nada fosse capaz de abalá-lo.

— Com toda a história envolvendo Jacob — comento, me referindo a um fodido traidor que fazia parte da nossa sociedade e que agora está de volta.

Archie tem lidado com ele, mas ainda assim, acho que o filho da puta estaria melhor a sete palmos do chão.

— Tenho tudo sob controle — fala com indiferença.

Meus lábios se erguem levemente.

Claro que ele tem tudo sob controle. É de Archie que estou falando. Porém, se algo balançar essa sua calmaria, se algo for capaz de desestabilizá-lo, aí sim devo me preocupar.

— Você e o seu controle são irritantes — resmungo e meneio a cabeça para ele. — Vamos?

Archie fica alguns segundos calado antes de assentir e me acompanhar. Vamos em carros separados, mas o destino é o mesmo: nosso prédio.

Moramos no mesmo lugar há alguns anos, ele tem um andar próprio, onde fica a sua cobertura, e eu tenho o meu. Dificilmente incomodamos um ao outro, porém, é bem mais prático dessa forma. Sempre que um precisa, o outro está, literalmente, a um andar de distância.

Entro no *Range Rover*, saindo com os pneus cantando, e quando a garota volta à minha mente pela milésima vez, decido que a merda do nosso jogo precisa mudar.

Que talvez Archie esteja certo e seja mesmo a hora dela conhecer o lado mais interessante da minha personalidade.

12



Querida, serei seu predador esta noite
Irei te caçar, te comer viva como animais, animais
Talvez você pense que pode se esconder
Consigo sentir seu cheiro de longe como animais, animais
Animals _ Maroon 5

Cindy Wright

Alguns certamente me considerariam louca. Eu mesma, nesse exato instante, questiono minha sanidade. Porque, sim, acredito fielmente na história de que tudo na vida tem um limite e acho que acabei de ultrapassá-lo.

Isso explicaria o motivo pelo qual estou na maldita floresta em frente a Evergreen. A floresta que vi Dominic saindo no primeiro dia e Archie vindo minutos depois.

Se eu tivesse que explicar o que vim fazer aqui e para onde vou, eu não saberia o que dizer. E se eu precisasse justificar a razão que me trouxe para uma floresta às onze e cinquenta da noite, minha resposta certamente seria invalidada e eu seria taxada como louca.

Porque ninguém, absolutamente ninguém, acreditaria que vim até aqui por causa de uma única mensagem.

Merda.

Até eu me recuso a acreditar nisso.

O clima está frio e minha escolha de roupa certamente não foi apropriada. O vestido nude de mangas longas protege meus braços, mas deixa minhas pernas expostas e a minha clavícula também, uma vez que seu modelo é de ombro a ombro.

Uma brisa gelada bate contra mim e meu corpo inteiro se arrepia.

Porra, Dominic.

Onde você está?

Abro minha bolsa, tirando o celular de dentro para reler a mensagem, apenas na intenção de confirmar se não errei nada.

Stalker mimado: Estou entediado, quero testar um jogo novo.

Stalker mimado: Me encontre na floresta de Evergreen.

Stalker mimado: Vá sozinha, às 11:45 PM.

Stalker mimado: Se você não cumprir com o acordo, irei retaliar. E talvez afete até sua mãe, mesmo ela estando internada em uma clínica.

Engulo em seco ao ler a última mensagem. Não sei como ele descobriu essa merda, tudo foi feito no sigilo. Tentamos nos manter fora da mídia e dissemos que ela está em uma viagem de férias. Sua identidade só precisou ser revelada na própria clínica, então como caralhos ele descobriu?

Eles assinaram um termo de confidencialidade, porra.

Dominic só teria como saber se tivesse *hackeado* meu *e-mail*, uma vez que todo o contato que tenho com a clínica é por lá ou por ligação. E se ele tiver mesmo *hackeado*, isso significa que ele é ainda mais doente do que parece.

E que eu não poderia arriscar fazer tudo ruir, ainda não.

Por isso estou aqui, mais uma vez obediente, apenas aceitando uma nova partida.

Eu não vim exatamente sozinha como Dominic pediu, dois seguranças vieram comigo e meu motorista também. Mas pedi para eles ficarem em uma distância segura e falei que se eu precisasse de ajuda, apertaria o botão de emergência do telefone.

Então, assim eles seriam acionados e poderiam me localizar. Não que eu esteja com medo, eu diria que é apenas precaução.

Encaro a tela do celular, fitando as horas. Já se passaram oito minutos desde o horário marcado. Esperarei por apenas dez e irei embora.

Não ficarei aqui como uma idiota.

Caminho de um lado para o outro, sem conseguir ficar parada. Andar me esquenta e ainda facilita a circulação do meu sangue, então sempre opto por me mover. Encaro meu relógio a todo momento, meus batimentos estão estáveis, mas o que realmente observo são as horas.

Um minuto.

Dominic tem um minuto para aparecer.

Espero ansiosa os segundos acabarem e estou para me afastar, porém, como se o maldito tivesse uma conexão com meu cérebro, sinto sua presença se aproximar.

Ou melhor, ao menos acho que é ele.

Uno minhas sobrancelhas ao ver a silhueta masculina surgir por entre as árvores. A estrutura corporal é a mesma de Dominic, a altura também e até o modo de andar. Mas então, por que diabos ele está com o capuz do moletom preto levantado e usa uma máscara bizarra pra caralho?

Pisco, observando os “X” no lugar dos seus olhos e o sorriso maníaco estampado na máscara, brilhando com uma *led* azul. Isso é tudo o que se destaca no breu da floresta.

— Não sabia que o *halloween* já tinha chegado — ladro, irritada, porém, quando ele não responde nada e apenas vem para frente, ficando cada vez mais perto de mim, começo a ficar assustada.

O fato de não ver seu rosto me faz arfar e a nítida postura de predador me causa um medo genuíno.

— Você é um idiota — rosno, minha voz saindo estranha aos meus próprios ouvidos. — Que tipo de brincadeira é essa, porra?

Ele não deixa escapar nenhum som, seu corpo fica a centímetros de distância do meu e tudo que ouço é minha respiração cada vez mais acelerada.

— Dominic, isso não tem graça — arfo e pisco algumas vezes. Minha mente trava e não consigo pensar em absolutamente nada nesse momento.

Por um instante, ele para e me observa, como se algo em meu tom o incomodasse o bastante para fazê-lo hesitar. Mas então balança a cabeça, na intenção de afastar o pensamento.

— Você nem sabe as regras, como já está dizendo que não tem graça? — A voz rouca sai abafada pela máscara cobrindo seu rosto, meu corpo se arrepia e o medo se mistura com uma onda de adrenalina.

Merda.

Meus lábios se entreabrem e a respiração que escapa por eles é descompassada. Meu coração bate forte contra meu peito e não sei definir em que momento começaram a acelerar.

— Não quero brincar dessa merda, escolha outra coisa. — Ouço o tremor em meu próprio tom e não gosto de como isso soa.

Ele ri, e o som rouco, que em outros dias seria normal, neste cenário se torna macabro.

É só o Dominic.

Está tudo bem.

Ele não faria nada, só quer assustá-la.

Uma parte minha, mais especificamente minha mente, fica tranquila ao saber que realmente é ele. Porém, meu corpo não assimila bem a ideia. Tudo o que ele entende é que a situação parece perigosa, então quer a todo custo se proteger.

— Não sabia que a princesinha dos Corvos era uma covarde.

— Não sou — ralho, mas minha mente implora para que eu me cale e saia daqui o mais rápido possível.

Ele inclina sua cabeça lentamente, igual os assassinos fazem nos filmes de terror.

O gesto me apavora e, nesse instante, ele parece um fodido maníaco muito pior do que os dos filmes.

— Ótimo — murmura, dando um longo passo que o deixa bem em minha frente. Não me movo. — Então corra — ordena.

Pisco, meu peito sobe e desce rapidamente. Tenho certeza de que ouvi errado.

— O quê?

— Corra, princesinha. — Inclina o rosto mascarado para perto do meu ouvido e não consigo me mexer. — Nessa noite, sou seu predador, então corra.

Minha mente demora um nanossegundo para entender o que está sendo dito.

— Dez — fala e quando sua voz retumba pela floresta, finalmente minhas pernas entendem o que precisam fazer. — Nove.

A contagem regressiva começa e saio correndo, deixando minha bolsa para trás no desespero de me afastar dele o mais rápido possível.

Quando seu tom ecoa com o número oito, já estou em disparada por entre as árvores e finalmente entendo o que essa merda significa.

Ele está nos copiando.

Já passei por isso uma vez.

Nos Corvos, existe uma tradição, é um dos trotes de iniciação na verdade. Cada Corvo veterano fica responsável por um novo possível membro e eles dão dez segundos de vantagem para corrermos na floresta e nos escondermos. Aqueles que passarem uma hora fugindo, aqueles que conseguirem ficar escondidos sem serem encontrados até o apito do líder soar, irão para a próxima fase.

Porém, quem irá soprar o apito? Archie sabe dessa merda? Por quanto tempo terei de me esconder?

Minha mente conta os segundos na intenção de saber em qual ele está, minhas pernas correm como se minha vida dependesse disso e agradeço mentalmente por estar usando um tênis confortável ao invés de um maldito salto.

Sei que não aguentarei muito. Na minha iniciação aos Corvos, eu desmaiei em cima de uma pilha de folhas acumuladas e por sorte não fui encontrada.

Um minuto de corrida já é o bastante para me deixar tonta, mas ainda assim sigo em frente.

Corro. Corro. Corro.

Estou correndo, tão preocupada e desesperada para fugir dele, com medo de qual seria a consequência caso ele me encontrasse agora mesmo, que não presto atenção nos galhos e apenas sinto um deles rasgando minha pele.

Porra.

A sensação é de queimação e chio com a ardência, mas me recuso a parar para ver se sangra. Se eu parar, provavelmente desmaiarei. Às vezes até um estímulo de dor é capaz de me fazer desmaiar, então me aproveito da adrenalina.

Aproveito enquanto sinto que estou quase anestesiada.

Meu coração martela contra meu peito de forma desesperada, minha cabeça começa a ficar pesada e não faço ideia de onde me esconder, porque nunca explorei a porra dessa floresta.

— Você pode até se esconder, mas por quanto tempo? — Ouço sua voz gritando, ela parece distante e zombeteira.

Ele está atrás de mim.

Ele quer me capturar como se realmente fosse um predador e eu, a sua presa.

Porra.

Dominic está mesmo atrás de mim.

Não paro, mas meu corpo me implora para que eu faça isso.

Droga, Cindy.

Você não está correndo nem há dois minutos, então por que já está passando mal?

Droga. Droga.

Às vezes, em momentos como esse, odeio meu corpo por não ser como todos os outros.

Me odeio por não ter a mesma capacidade que eles.

Odeio meu coração e até mesmo meu fluxo sanguíneo.

Suor pinga em minha testa, minhas mãos e meus pés estão encharcados. Sinto como se meu coração fosse literalmente me rasgar. Ele martela com tanta força dentro de mim que dói. A adrenalina corre pelas minhas artérias e sei que meu corpo está dando tudo de si para se manter de pé.

Porém, não é o bastante.

— Onde você está, princesinha?

Tento continuar correndo, só que minha vista escurece e minha audição se torna falha. *Não ouço o som nem mesmo da minha respiração.*

Respire, Cindy.

Respire.

Me escondo atrás da árvore mais próxima e encosto meu corpo no tronco. A vontade de vomitar me atinge com tanta força que me inclino para frente e apoio minhas mãos em minhas pernas.

Tudo gira quando finalmente paro e deslizo até o chão, sem me importar com o local onde estou sentando ou se sujarei o vestido.

Minha cabeça está pesada e a pré-síncope me deixa desnorteada. Não sinto nada, não vejo nada, não ouço nada. A única coisa da qual tenho certeza é do esforço que meu coração faz nesse exato momento. Meu peito dói de forma absurda, minhas mãos tremem e o suor escorre por meus dedos.

Meus braços pendem para o lado e sinto uma pontada de dor com o galho caído que acerto. Encosto minha cabeça no tronco da árvore, tendo a certeza de que desmaiarei.

Fecho os olhos e fico assim por alguns instantes.

Por quanto tempo? Não tenho certeza. Perco a noção da realidade, esqueço até mesmo onde estou e o que estou fazendo.

Meus sentidos ficam tão nublados que durante o tempo que meus olhos estão fechados, não sei dizer se perco a consciência ou se apenas idealizo a perda dela. Apenas sinto tudo apagar.

Eu desmaiei? Não tenho certeza.

Provavelmente sim.

Pisco meus olhos algumas vezes, minhas pálpebras parecem pesar uma tonelada. Tudo ainda gira quando olho ao redor, minha audição aos poucos vai voltando, mas minha mente permanece desnorteada.

O que estou fazendo aqui? Por que algumas partes do meu corpo ardem e qual o motivo para eu sentir suor escorrer em minha testa mesmo com o clima frio?

Por um nanossegundo, não sei de nada. Porém, todas as respostas me atingem de uma única vez.

Dominic. Trote. Floresta. Esconderijo.

Olho para as árvores em volta, sei que eu não fui muito longe. Então como ele ainda não me encontrou?

Talvez o fato de eu ser silenciosa tenha me ajudado. Ou talvez ele tenha acreditado demais no meu potencial e tenha corrido para mais longe do que eu jamais poderia. O lado que escolheu também pode ter sido oposto ao meu.

Não sei.

Estou tão desnorteada que por um momento esqueço que deixei minha bolsa para trás e procuro por ela. Me estico, tateando a grama, ainda tonta. Entretanto, tudo o que consigo é prender a ponta do meu vestido em um ramo caído e rasgá-lo ao tentar puxar. Arranho minha coxa, trazendo outra ardência para mais uma parte do meu corpo e mentalmente amaldiçoo o breu, iluminado apenas pela pouca luz da lua.

Fico sentada com os olhos fechados, apenas respirando fundo por algum tempo, garantindo que estou bem o bastante para levantar. E quando

sinto que a situação está minimamente segura, me ergo, fazendo a árvore de apoio.

Minha cabeça pesa, minha vista fica cheia de pontinhos de luz, meu coração dispara de novo pelo simples ato de levantar e puxo o ar para os meus pulmões, determinada a refazer o caminho para voltar aos meus seguranças.

Estou pouco me fodendo para Dominic.

Consigo dar no máximo umas três passadas antes de ouvir o barulho de folhas secas sendo quebradas ao ter passos pesados passando sobre elas. A respiração ofegante também atinge meus ouvidos.

A corrente de medo me faz parar e cogito a possibilidade de me esconder, mas já é tarde demais, ouço sua risada.

— Você não foi muito longe, cordeirinho. Esperava que você encontrasse nosso chalé, teria sido mais divertido se tivesse ido até lá — sussurra, sua voz vindo de trás de mim.

Não lhe dou o prazer de me virar para vê-lo, muito menos abaixar minha cabeça.

— São só cinco minutos até lá, mas você sequer se esforçou para jogar comigo. — Seu tom parece quase decepcionado e ele fica mais perto a cada segundo.

Não falo nada.

Dominic estala a língua e dá a volta, parando na minha frente com passos lentos.

— Você perdeu a… — Ele para sua frase no meio ao me encarar. — Cacete.

Pisco e meu cenho se franze, sem entender sua reação. Ele já não está mais mascarado, não vejo nem sinal daquela merda ridícula. O capuz, que antes cobria os fios pretos do seu cabelo, agora está para trás e seu rosto inteiro está em evidência.

Suor escorre por sua face e desce até seu pescoço, suas íris me encaram com diversos sentimentos evidentes nelas.

Raiva.

Confusão.

Preocupação…?

— Você está pálida pra caralho, Cindy. — A forma como meu nome escapa dos seus lábios é quase suave. — Porra — ele rosna, coçando seu pescoço.

O gesto não me passa despercebido porque não é a primeira vez que reparo nele. Parece ser uma espécie de tique que ele sempre faz em momentos específicos.

Agora que momentos são esses? Não faço a menor ideia.

Seus olhos descem pelo meu corpo como se procurassem a causa da minha palidez e suas íris se arregalam ao fazê-lo.

— Você… — Ele abre e fecha os lábios. — Está sangrando. Porra, você está mesmo sangrando — ralha, seu tom parece irritado. Porém, a raiva não é destinada a mim.

Olho para baixo em busca do sangramento e só então reparo nos arranhões que, de fato, sangram. Não é nada absurdo, nada grave, contudo, chamam atenção e ressaltam contra minha pele clara.

Três rasgos se destacam no meu vestido: um na minha barriga, um no meu braço e um na minha coxa. O primeiro não faço ideia em que momento aconteceu, mas todos parecem igualmente superficiais.

Dou um sorriso irônico, avaliando seu corpo, que possui arranhões parecidos com os meus. Inclusive, seu moletom também está rasgado.

— Você também está sangrando — aponto, mas ele não parece me escutar.

— Como isso aconteceu? Está doendo? — pergunta, nitidamente mais interessado em mim do que em si mesmo.

Rio forçadamente.

— Como se você se importasse. — Reviro os olhos e tento passar por ele, mas Dominic dá um passo para frente, me obrigando a dar um para

trás.

Minhas costas batem contra o tronco de uma árvore e ele segura meu rosto entre suas mãos, me obrigando a fitá-lo.

— Eu me importo.

Mentiroso.

Não sei por que se dar ao trabalho de tanta atuação.

— Que engraçado dizer isso, uma vez que você é o motivo pelo qual estou sangrando.

Ele pisca, como se tivesse levado um tapa.

— Não peguei uma faca e raspei contra sua pele.

— Mas me obrigou a correr de você enquanto agia igual um psicopata.

— Era um jogo.

— Só pode ser considerado um jogo quando duas pessoas se divertem, você não sabia disso, Dom? — Estalo a língua, usando o apelido como um deboche.

— Você aceitou as regras. — Seu maxilar está travado e seus olhos desviam inquietantemente para os meus machucados.

Suas mãos continuam em meu rosto e eu devo ser tão doente quanto ele, porque o toque não é incômodo. Parece cuidadoso e por essa razão, não o afasto.

— Antes de descobrir que meu psicológico seria seu alvo.

— E qual você esperava que fosse o meu alvo? O seu corpo?

— Sim.

— Você acha que eu a machucaria?

— Sim — respondo sem hesitar, embora uma parte de mim tenha plena certeza de que não.

Mas como posso ter certeza disso se sequer o conheço? Se, até onde eu sei, Dominic é um desgraçado do caralho que é violento, impulsivo e insano?

Como eu posso ter certeza se ele faz parte dos Anjos, aqueles que foram responsáveis por toda a desgraça que aconteceu com Caleb naquele dia? Como posso ter certeza se desde o nosso primeiro contato, ele parece determinado a foder comigo?

— Você realmente acha que eu a machucaria, princesinha? — repete a pergunta e há algo em seu tom que não identifico e nem tento.

Porém, dessa vez não consigo responder que sim.

Por que não consigo?

Fico calada.

— Eu poderia fazer do seu corpo o alvo, mas eu não o machucaria. — As íris pretas brilham com intensidade e um sorriso surge no canto dos seus lábios. — Não, eu o tocaria e o faria entender que o prazer pode ser mais destrutivo e inesquecível do que a dor.

Meu coração volta a acelerar, mas dessa vez não por medo.

Pare de me olhar dessa maneira, Dominic.

Pare de brincar com a minha cabeça.

— Não gosto dos seus jogos — ladro, mas não me afasto dele.

Eu poderia empurrá-lo para longe, poderia gritar por socorro e poderia até mesmo acertar um tapa na sua cara. Porém, não faço nada disso, e embora eu tente me convencer de que nenhuma dessas atitudes o afastaria, minha mente traiçoeira diz o contrário. Ela insiste que ele não viria atrás de mim e que me deixaria ir.

E por ela ser contrária àquilo que quero, opto por ignorá-la.

— Então escolha novas regras — ele sopra contra meu rosto, seu olhar passeia pelas minhas íris e pela minha boca.

A tensão permeia o ar e mesmo a brisa cortante batendo contra nós, sinto o calor dentro de mim.

— *O-o* quê?

— Mude nosso jogo. Assuma o controle, pegue as rédeas para você.

Meu coração bate forte ao ouvir o tom suave.

— Por quê?

— Porque, por você, aceito ser um peão no meu próprio tabuleiro.

Pisco algumas vezes, assimilando suas palavras.

— Você é louco.

— E você desperta meu interesse. — Ele ri, como se realmente fosse insano. — Então por hoje, por essa noite, a deixo fazer o que quiser. Me puna por tê-la feito sangrar ou me peça para ficar no frio da floresta a noite inteira que eu a obedecerei. Grite comigo, me machuque e faça tudo o que tiver vontade. Por hoje, não revidarei nada. Por hora, você é a rainha que movimenta as peças.

Suas palavras são perigosas, elas causam algo estranho dentro de mim.

Por que você está fazendo isso, Dominic?

Pena? Insanidade? Provocação?

Qual é o intuito da vez?

— E então, princesinha? O que você irá fazer? — Seu polegar quente desliza em minha bochecha. — Qual será a minha punição? — Sua voz rouca me causa arrepios.

Dou um meio sorriso e não sei dizer quanto dele é verdadeiro.

Seu cheiro amadeirado misturado com o suor e o aroma da floresta me deixa inebriada. Minha respiração fica levemente descompassada, meus olhos desviam até sua boca e tomo minha decisão, um segundo antes de executá-la.

Dominic une as sobrancelhas grossas e suas íris se arregalam quando fico na ponta dos pés e colo sua boca na minha. Por um segundo, ele não reage. Como se esperasse absolutamente tudo, menos isso.

Sua falta de reação dura uma fração de segundo e aproveito esse momento para aprofundar o beijo. Ele rosna, finalmente entendendo o que decidi fazer.

Sua língua invade minha boca e desliza pela minha na mesma mistura de brutalidade e sensualidade da última vez. O gosto de destilado ainda está ali e me pergunto o que ele faz para que o sabor da bebida fique em seus lábios, mesmo quando não bebeu nada.

Na verdade, eu suponho que não tenha bebido. Assim como suponho que esse seja o gosto de destilado, uma vez que nunca tomei e não bebo nenhum tipo de bebida alcoólica.

Porém, ainda assim, sinto que o seu gosto poderia me deixar bêbada.

Sua mão vai até minha cintura e o toque não é tão brusco quanto antes, como se ele tomasse cuidado com o arranhão em minha barriga.

Minha mão vai até seu pescoço e meus dedos se entranham nos fios úmidos do seu cabelo, puxando-os levemente. Meu coração salta dentro do meu peito, exigindo atenção.

— Que punição mais doce, princesinha — sussurra e me prensa contra a árvore.

Sinto o sorriso em seu tom e seus lábios exploram os meus sem o menor pudor. Ninguém poderia nos separar agora, ninguém é testemunha desse erro idiota que cometemos.

Ninguém pode me julgar por aceitar os beijos viciantes de um fodido rival, ninguém pode saber que seu gosto é como uma droga que me deixa desesperada por mais e que suas palavras são perigosas.

Tudo em Dominic é assim.

Sujo, perigoso, calculado.

Seu modo de jogar é perverso, seus toques me fazem implorar por mais. Mais força, mais contato, mais rápido. Seu jeito de me olhar é cheio de luxúria e suas íris me fazem promessas assustadoras que desejo que se tornem reais.

Eu deveria me afastar, mas não consigo.

Não irei.

Sua língua brinca com a minha de uma forma deliciosa e meu coração pede para que eu o deixe desacelerar, mas me irrito com seus comandos exigentes.

Dominic nos separa levemente, arfando contra minha boca enquanto sua língua desliza pelo meu lábio inferior. Sua mão imensa aperta minha cintura, ao passo que a outra segura meu pescoço.

Não me segure assim.

Não permita que eu me afaste.

— Não entendo você. — Seu hálito quente bate contra mim e seus olhos procuram os meus em busca de uma explicação.

Nesse momento, nem eu tenho certeza se me entendo.

— Você não precisa me entender para me foder. — Meu tom é direto e ele pisca, surpreso com minha resposta.

Quase sorrio.

Você não é o único que pode jogar, eu também posso tirá-lo do eixo por não permitir que você se aproxime o bastante para me desvendar.

Posso fazer um jogo diferente do seu, mas ainda assim, ser uma excelente jogadora.

— Não sabia que você era do tipo exibicionista.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim. — Minha respiração já está entrecortada.

Dominic trava o maxilar com minha fala, mas sorri.

— Então você quer ser fodida contra uma árvore?

Nego lentamente. Sei que eu poderia desmaiar por foder em pé, então prefiro não testar a experiência com alguém como Dominic. Prefiro não arriscar ao inovar.

— Contra a grama é mais interessante. — Sei que meus olhos brilham de desejo, porque, de fato, o sentimento é inegável.

Dominic é desejável.

Há algo nele que não sou capaz de explicar, uma espécie de magnetismo que me atrai. Seus olhos tão sombrios parecem um abismo infinito que me deixam com vontade de pular, não me interessando em saber quão grave pode ser minha queda. A postura misteriosa me instiga por mais. A aparência tão destrutiva quanto a de um anjo caído, que foi expulso do céu por se rebelar contra Deus, é perfeita de uma forma irritante.

É ridículo, e injusto, que alguém tão filho da puta tenha uma aparência como a sua.

As íris de Dominic me escrutinam na intenção de saber quão sério estou falando e algo em minha expressão, talvez até mesmo o meu desejo, é a resposta que ele precisa.

— Seu pedido é uma ordem, princesinha — sussurra, voltando a atacar minha boca.

Suas mãos ágeis vão até minha cintura e ele me ergue com facilidade, fazendo com que eu enrosque minhas pernas em seu quadril. Minhas costas, ainda apoiadas contra o tronco, servem de apoio e sinto seus dedos segurando minha bunda, enquanto meus braços se agarram em seu pescoço.

Nesse exato segundo, confio em Dominic – mesmo que seja uma atitude idiota.

Neste exato instante, a lua é nossa única testemunha.

Nesse exato momento, enquanto ele se abaixa comigo em seu colo como se eu não pesasse nada, me permito desfazer minha guarda.

Minhas costas tocam na frieza das folhas caídas e ele me coloca delicadamente deitada, com real cuidado para que eu não me machuque.

Como se realmente se importasse.

Meu coração agradece por eu estar deitada e meus braços soltam seu pescoço, assim como minhas pernas deixam seu quadril. Dominic me

encara, seu corpo por cima do meu.

Sua mão ao lado da minha cabeça apoia o seu peso e ele me fita sem desviar.

— Você já mudou de ideia? — questiona, nossos lábios resvalam de leve.

— Não, mas sua lentidão talvez me faça desistir — provoco e ele ri, pressionando sua boca contra a minha novamente

Dessa vez, o toque é mais brusco, mais urgente, como se minha resposta definitiva fosse tudo o que ele precisava para finalmente agir.

Algo em mim grita que estou indo longe demais, que no momento que eu cruzar essa linha, me livrar dele será mais complicado. Contudo, a excitação em minha boceta, que sinto melar entre minhas coxas, parece me dominar.

Não me importo de ir longe demais.

Não agora.

Dominic prensa seu corpo contra o meu e consigo sentir seu pau em minha barriga mesmo com todo o tecido entre nós. E a sensação de adrenalina se espalha por mim de forma desesperadora.

Desesperada por mais.

Suas mãos curiosas exploram cada centímetro meu, marcando e reivindicando tudo para si como um fodido ganancioso. A cada lugar que toca, sinto como se queimasse. *O toque de Dominic me incendeia.*

Sua língua batalha contra a minha e seu beijo é tão intenso que me deixa tonta. Ele ergue meus braços para cima da minha cabeça e a força que usa para segurar meus pulsos deixa uma sensação de formigamento na pele.

— Me diga como você gosta — sussurra em um pedido brusco. — Me diga como fazer você gritar o meu nome, alto o bastante para que seus seguranças estúpidos saibam que você está sendo fodida.

Tensiono meu corpo com a menção aos meus seguranças.

Ele sabe.

Desgraçado.

Dominic sorri, suas íris cintilam com um brilho indecifrável.

Ele está com raiva? Irá me foder por isso? Por que não disse nada antes?

— Não sabia que precisaria lhe dar um manual de instrução, devo ensinar como chupar uma boceta também? — debocho para tirar o foco.

Ele aproxima sua boca do meu ouvido, nunca se abalando pelas minhas provocações que normalmente afetariam o ego de noventa por cento dos homens que conheço.

— Estava sendo benevolente, porém, agora não me importo mais. Não preciso ser cuidadoso com você. — O tom rouco me causa um frio irritante no meu estômago. — Depois só não venha reclamar se tiver com dificuldade de andar amanhã.

Rio, sem lhe levar a sério. Mas engasgo e perco a fala quando seus dentes raspam no lóbulo da minha orelha.

Porra.

Dominic mordisca a área sensível e desliza sua boca até meu pescoço, mordendo a pele antes de chupar. A pontada aguda de dor ao sentir seus dentes é ínfima se comparada ao prazer que me atinge quando sinto sua língua deslizar por cima, em uma espécie de carícia.

Inclino meu pescoço para o lado, lhe dando total abertura. Dominic parece satisfeito com isso e seu peso por cima do meu é, de alguma forma, reconfortante. Sentir seu pau tão fodidamente duro literalmente contra mim me causa ondas de prazer e sua boca marcando minha pele como se eu fosse sua faz com que eu me contorça.

Maldito seja ele.

Seus olhos encontram os meus e ele segura meu olhar enquanto desce sua boca até minha clavícula. Não pisco e não desvio, vê-lo descer meu vestido e expor meu busto no meio da floresta é prazeroso de uma maneira esquisita.

Desde quando transo em lugares abertos? Que merda estou fazendo?

Não sei. Não me importo.

Dizem que há certos sentimentos, como o desejo, que fazem o ser humano agir de forma impensada. E talvez todos que dizem isso estejam certos.

Os dedos inimigos deixam uma corrente elétrica por onde passam e ele parece fazer tudo de forma deliberadamente lenta, somente para me provocar mais e mais. Me remexo embaixo dele e o desgraçado dá um sorriso, beijando o lugar onde machuquei, no meu ombro.

Dominic não se importa com o sangue seco presente ali.

Ele beija como se zombasse e me lembrasse que foi o causador daquilo? Ou beija como se quisesse que o corte sumisse?

Não sei.

Não sei de nada, porra.

O olhar nublado foca em meus seios, ou melhor, no sutiã tomara-que-caia que estou usando e ele brinca com o seu fodido dedo por cima do tecido, antes de baixá-lo.

Cacete.

A brisa fria faz meus bicos ficarem ainda mais duros, porém, sei que o frio não é o único motivo pelo qual eles estão intumescidos. Dominic não pede nenhuma permissão ao puxar as mangas para baixo e libertar meus braços por completo, acumulando o tecido do vestido em minha cintura.

Mas ele sabe que não precisa de consentimento, quando eu praticamente imploro por isso.

Eu imploro que sua boca abocanhe meus malditos mamilos e faça com que eu me contorça de prazer.

E mais uma vez, como se tivesse uma conexão com minha mente, ele faz exatamente o que preciso. Dominic me encara, me obrigando a observá-lo enquanto cospe em cima do meu peito de uma forma que é *sexy*, embora em outra ocasião eu normalmente acharia esse ato repugnante.

Assisto sua saliva cair em cima do bico duro e aperto minhas pernas ao seu redor, desesperada por seu toque ali também.

Eu não me importaria se Dominic focasse suas mãos em meus peitos enquanto trabalha sua língua em minha boceta.

Arfo quando ele espalha o cuspe por toda minha aréola. Seus dedos são bruscos ao apertar meu bico com seu polegar e indicador. O beliscão faz com que eu arquei minhas costas e Dominic aproveita o movimento para abocanhar meu mamilo, raspando seus dentes contra ele.

Porra. Porra. Porra.

Levo minha mão até seus cabelos, puxando os fios com força. Ele ri contra meu peito, circundando sua língua lentamente ao redor do seio. O som reverbera contra minha pele e meu corpo inteiro treme.

Sua mão parece amaldiçoada e ele aparenta estar determinado a me destruir, uma vez que não me dá descanso, e enquanto Dominic chupa um mamilo, brincando com ele em sua língua, belisca o outro com força.

As sensações que se espalham por mim são demais para eu assimilar.

— *Droga* — ofego e o grunhido que ele solta quando finco minhas unhas em seu pescoço é facilmente um dos sons mais eróticos que já escutei.

— Seus peitos são doces, princesinha. Queria que você tivesse o prazer de experimentá-los.

Engulo em seco, com a súbita vontade de provar se espalhando dentro de mim.

Dominic percebe que suas palavras surtem algum efeito e sorri quando seguro um punhado do seu moletom, puxando-o para perto. Ele rapidamente entende minha intenção e ataca meus lábios, me permitindo sentir o gosto na sua boca.

Porra.

O sabor parece o mesmo de minutos atrás, mas é tão delicioso que me recuso a deixá-lo ir.

Dominic não deveria ter um gosto tão bom.

Gemo quando ele enrosca sua língua na minha com fome, praticamente sugando-a. E não consigo evitar o pensamento de que ele parece mesmo um predador faminto nesse exato segundo.

Sua mão fica sobre meu seio e ela é grande o bastante para segurá-lo inteiro. Me remexo, sei que o clima está frio, mas então por que caralhos tudo parece tão quente?

Meu coração martela contra minha caixa torácica e me pergunto se Dominic é capaz de ouvi-lo. Tento recuperar um pouco de ar, mas ele me mantém sobre seu aperto, brincando com meus lábios como quer.

Me dominando por completo sem sequer ter ciência disso.

Sua língua contra a minha não define um ritmo fixo, ora é rápido e desesperado, ora é lento e tortuoso. Sinto sua mão abandonar meu seio e enquanto uma me segura pelo pescoço, me impedindo de me mover, a outra alisa minha coxa.

Minhas mãos curiosas invadem seu moletom e a pele quente por debaixo do tecido retesa sobre o meu toque. Mas arranho levemente os gominhos do seu abdômen e ele rosna, com seus dedos pretensiosos explorando meu corpo.

Não sei em que momento respirar se tornou tão difícil, mas definitivamente tenho dificuldades de puxar o ar enquanto sua mão sobe cada vez mais para dentro do vestido.

Minha boceta lateja, desesperada por atenção, e me pergunto se houve algum dia que eu estive tão malditamente excitada como agora.

Não que eu ache que isso seja possível.

Consigo sentir minha lubrificação melar o meio das minhas coxas e tenho certeza de que ele consegue sentir o cheiro do puro desejo que me deixa fora do controle. Tudo em mim formiga, querendo que ele toque cada fodido centímetro.

Me toque, Dominic.

Me faça explodir.

— *E-eu*… — gaguejo, engasgando quando sinto seu dedo brincar com o elástico da calcinha.

Me foda, Dominic.

Me mostre do que é capaz.

Meu corpo clama por seus toques, mas minha mente se recusa a implorar por qualquer coisa que seja para ele.

Dominic se afasta com seu peito subindo e descendo rapidamente. Ele fica ajoelhado na grama e me apoio sobre meus cotovelos para encará-lo. Seu olhar encontra o meu e tudo em seu semblante parece diferente nesse exato instante.

É como se ele literalmente fosse possuído e acho que nunca vi tanta luxúria exposta assim na expressão de alguém.

Inferno.

Não fique ainda mais atraente.

— Caralho, Cindy — ele rosna, com sua respiração ficando mais pesada.

Seu dedo fica paralisado no elástico da calcinha e tenho certeza de que ele sentiu quão molhada estou, isso explica o motivo pelo qual suas pupilas duplicam de tamanho em questão de segundos.

— Você não dá conta? — zombo, deslizando eu mesma a mão pelo meu abdômen na intenção de alcançar minha boceta, porém Dominic segura meu pulso, me impedindo.

— Não foda com as coisas e não toque no que me pertence — ladra.

Rio.

— Minha boceta não pertence a você.

— Mas sua excitação, sim. — Seus olhos inflam e ele aperta minha coxa com tanta força que já consigo sentir seus dedos marcados na pele. — Você só está pingando agora, princesinha, porque quer o meu pau.

Ele se posiciona entre minhas pernas, subindo o tecido do vestido para minha barriga. Seu olhar não desgruda do meu nem mesmo por um

segundo.

— Então enquanto sua boceta estiver encharcada *por mim*, ela *me* pertence.

Não tenho tempo de registrar suas palavras, porque Dominic ergue minhas pernas até os seus ombros, deixando minha boceta literalmente na sua cara.

Apoio meus braços no chão, ainda deitada, porém, com meus quadris erguidos na posição que ele quer. Dominic inspira, como se precisasse sentir meu cheiro e engole em seco com tanta força que consigo ouvir.

Encaro-o, não conseguindo desviar nem se quisesse. Tudo em mim treme e fico tonta quando ele empurra minha calcinha para o lado e esfrega seu nariz contra meu clitóris.

Caralho. Caralho. Caralho.

Não consigo conter o revirar de olhos diante da onda absurda de prazer e Dominic também não demonstra ter o menor autocontrole nesse momento.

Ele segura os lábios da minha boceta, separando-os com seu dedo médio e indicador e dá um beijo estalado bem no meu clitóris, sugando-o para dentro da sua boca com fome.

Minhas pernas fraquejam e juro que seu chupão é potente o bastante para levar todas as minhas forças.

Porra, Dom.

Seus olhos estão fechados, como se ele estivesse degustando a coisa mais deliciosa do mundo. O desgraçado sequer me encara para ver o estrago que esse pequeno ato faz em mim.

Ele não precisa me encarar, provavelmente já sabe o poder que tem.

Me contorço inteira, sentindo minha boceta latejar e ficar ainda mais molhada a cada segundo.

Merda.

As íris sombrias me encaram e o seu desejo é tão grande que me consome. Pisco, minha respiração totalmente descompassada.

— Suas pernas já estão tremendo, princesinha? — murmura, lambendo seus lábios completamente melados com a minha excitação.

A brisa cortante bate contra nós e isso faz meus bicos ficarem ainda mais duros, então os aperto, causando mais uma onda de prazer. A imagem parece erótica o suficiente para Dominic, que rosna vários palavrões seguidos.

Ele volta a trabalhar sua língua em meu clitóris, sabendo exatamente como estimulá-lo e sem que eu espere, desliza dois dedos para dentro de mim, me fazendo soltar um gemido alto.

— Ainda não foi alto o bastante — ele provoca, rindo contra minha boceta.

Seu hálito quente me causa arrepios e a chupada em minha boceta me deixa cada vez mais inquieta. Aperto meus peitos, desesperada por algo.

Algo mais.

O ápice.

Minhas pernas apoiadas em seus ombros tremem e enquanto ele mordisca meu clitóris, dando sucções que quase me partem ao meio de prazer, seus dedos estocam em minha boceta.

A sensação é torturante, contudo, é o tipo de tortura pela qual eu escolheria passar todos os dias.

As investidas dentro de mim entram em sincronia reversa com sua língua. E quando seus dedos aceleram, sua boca trabalha lentamente.

É rápido e forte.

É lento e delicioso.

Tudo à minha volta começa a girar e sua mão livre segura meu quadril, impedindo de me afastar. Não que eu queira.

Ou talvez esteja desesperada para isso.

Meus gemidos ficam mais altos e se tornam constantes, o suor escorre em minha testa e minhas pernas tremem ainda mais do que antes. Sinto minha boceta começar a contrair, mastigando seus dedos ferozmente com o orgasmo que se aproxima.

Dominic também identifica o que está por vir, porque sinto seu sorriso se formar contra minha pele ultrassensível, sem nunca parar o que está fazendo. Sinto minha vista escurecer e grito seu nome quando a onda de prazer me atinge.

A sensação é forte e, sinceramente, não sei como não apago.

Porra. Porra. Porra.

Todo meu corpo parece ser tomado por uma descarga elétrica, tudo em mim treme e ele me ampara, assistindo enquanto me desfaço contra sua língua.

Fico de olhos fechados, com minhas pálpebras pesadas me impedindo de abri-los. Porém, quando sinto seu dedo deslizar em minha coxa como se escrevesse algo, me obrigo a fitá-lo.

Entreabro meus lábios algumas vezes, porém, minha respiração não me permite falar de imediato.

— Que merda você está fazendo? — ladro, só agora me dando conta de quão longe fui.

Nesse momento, estou exposta e vulnerável na sua frente, enquanto Dominic está completamente vestido.

Ele não me responde, seus olhos me encaram, mas tudo o que acontece é um leve erguer no canto dos seus lábios.

Assisto quando ele mela seus dedos em minha boceta como se os enfiasse em um pote de tinta e os leva até minha pele outra vez, deslizando-os por mim.

O toque dos seus dedos é suave e desliza com facilidade pela minha pele, como se fosse um pincel. Tento identificar o que ele escreve e sinto perfeitamente quando ele delineia o “D” e o “E”.

D.E.

Dominic Edwards.

— Que porra é essa? — rosno, me remexendo para que ele me solte.

— Só estou marcando para que você não esqueça — diz em um tom baixo, sua expressão já parece diferente de minutos atrás e ele aparenta estar quase com raiva.

Seus braços me apoiam ao ajeitar meu quadril no chão e ele ainda se dá ao trabalho de ajeitar minha calcinha e de puxar meu vestido para baixo, impedindo que minha bunda toque a grama.

— O que isso significa?

Ele trava seu maxilar, levantando do chão como se sequer reconhecesse minha presença. Subo a parte de cima do meu vestido, cobrindo meus seios.

— Que minhas iniciais estão marcadas em sua pele para que você não esqueça de quando ofereceu sua boceta de bom grado ao seu inimigo.

O ato dele marcar suas iniciais em minha coxa, usando minha própria excitação, se torna sujo.

Mais sujo do que antes.

— Que engraçado você falar isso quando foi você quem ajoelhou perante a mim para me chupar. — Sorrio com desdém. A acidez em meu tom é ainda maior do que o normal e sequer sei como consigo pensar depois de tudo isso. — Assim que eu tomar um banho, suas iniciais serão apagadas da minha pele e isso não terá significado nada, mas você conseguirá esquecer o meu gosto com a mesma facilidade?

Sorrio, provocativa.

Ele trava seu maxilar, coçando o pescoço no maldito tique. Seu olhar desafia o meu e não ouso desviar, mesmo que nesse momento eu ainda esteja fraca.

Fraca.

Odeio toda essa merda.

Odeio que ele brinque com minha cabeça.

A onda de irritabilidade me atinge sem que eu consiga evitar. Sempre é assim, enquanto para todos é algo pequeno, para mim é como uma bola de neve que me acerta com força. Nunca consigo controlar ou desviar, a adrenalina me alcança de uma única vez e me faz agir em um impulso.

— Tão patético — rosno, sem sequer me dar conta do que estou fazendo.

Você acha que pode me intimidar, Dominic?

Deixo você tentar.

Ele se vira, como se estivesse cansado da minha presença e sai sem dizer nenhuma palavra.

Rio.

— Achei que anjos fossem seres divinos que não se subjugassem a ninguém, mas acredito que essa noite só serviu para mostrar o quão inferior você é, uma vez que até se ajoelhou para sua inimiga — desprezo em um tom alto o bastante para que ele escute.

Dominic para, seus pés ficam grudados ao chão e espero que ele se vire, mas ele segue em frente sem nem mesmo me olhar.

Que se foda.

Filho da puta do caralho.

Levo minhas mãos até minhas têmporas, com a dor de cabeça me atingindo e fico alguns minutos deitada na grama até me sentir bem o bastante para ir.

Está tudo bem, Cindy.

Você que saiu ganhando.

Isso não significou nada além de mais uma birra de garoto mimado.

Respiro fundo algumas vezes e quando sinto meu coração mais tranquilo, ajeito meu vestido e me levanto.

Não me importo em arrumar meus cabelos.

Não me importo em tirar as folhas presas em minha roupa.

Só quero ir para casa e deitar na minha cama.

Meu corpo parece exausto.

Quando fico de pé, encaro todas as direções pelas quais posso seguir e fico momentaneamente confusa sobre qual escolher.

Porém, o som distante que reconheço como o toque do meu celular serve como uma bússola.

Apenas siga a música.

Dominic tinha razão quando disse que não fui longe, ando apenas alguns metros até avistar minha bolsa largada no chão.

Por um momento, tenho a sensação de que estou sendo observada. Contudo, logo essa impressão passa e deduzo que devo estar imaginando coisas.

Pego o aparelho para ver quem estava ligando e pisco ao ver as chamadas perdidas de Dominic.

Ele me ligou.

Dominic me ligou.

Não uma ou duas vezes. Não, ele me ligou cinco fucking vezes.

Ele sabia que eu não conhecia o caminho e me ligou para que eu seguisse o som. Ele me deixou sozinha, mas ainda assim se certificou de que eu encontraria a saída sem problemas.

Que merda isso significa?

Pisco, olhando em volta, esperando encontrá-lo. Porém, estou sozinha.

O que isso significa, Dominic? Qual é a porra do seu problema? Por que você puxa a corda, mas nunca o bastante para arrebentá-la?

Droga.

O que você está fazendo comigo?

Odeio a confusão que minha mente fica, detesto a dor de cabeça incômoda e o frio cortante. Então, apenas opto por deixá-lo de lado e ligo para o meu motorista vir até aqui, para finalmente me levar ao lugar do qual eu nunca deveria ter saído.



Eu vejo seu rosto sempre que eu estou com alguém
Você não consegue ver que eu te quero? (Deixe seus sentimentos pra trás)
Eu não tenho que lembrá-la (não tenho que lembrá-la)
O seu lugar
Where You Belong _ The Weeknd

Dominic Edwards

Encaro o fodido moletom largado no chão do quarto. Ele está sujo de grama, suor e sangue. Dois ou três cortes estão feitos no tecido, de quando corri atrás dela para aterrorizá-la e meus dedos coçam de vontade de largá-lo na fodida lareira para assistir enquanto ele queima.

Porém, não consigo.

Não consigo fazer nada porque estou irritado pra caralho.

Com ela? Comigo? Com a noite em si? Não sei.

Não sei porra nenhuma.

Não sei por que minha mente insiste em agir como uma traiçoeira. Não sei por que vê-la tão vulnerável perto de mim, confiando na minha presença a ponto de entregar seu corpo a um orgasmo depois de eu correr atrás dela e assustá-la, me incomoda tanto. Não sei por que me importo em saber se ela está bem. Não sei por que me pergunto se os fodidos arranhões estão doendo. Não sei por que fui idiota o bastante para lhe dar o poder, mesmo que por uma única noite.

Merda. Merda. Merda.

Isso era uma maldita brincadeira. Esse é um trote da própria sociedade dela, então por que caralhos eu parei? Por que larguei a máscara quando não a encontrei logo? Por que fiquei com medo dela ter se perdido?

Por que quase hesitei em começar o jogo ao notar o medo no olhar sempre tão vazio? Por que não consigo focar no meu objetivo?

Caralho, eu sei exatamente o que devo fazer. Sei como devo tratá-la. Sei que ela é minha fodida inimiga e que ela não passa de mais um Corvo imundo e interesseiro. Mas por que não consigo tirar seu olhar da minha cabeça?

Inferno, por que ela é tão intrigante?

Essa porra vai me enlouquecer.

Chuto o moletom para longe e coço meu pescoço da mesma forma que sempre faço quando estou nervoso ou ansioso.

Saia da minha cabeça, Cindy Wright.

Saia dos meus malditos pensamentos.

Ando de um lado para o outro, pegando o copo de whisky na mesa da cabeceira e virando em um único gole. A sensação de queimação é bem-vinda e passa quase despercebida.

Uma vez que esse já é o quinto.

Achei que beber resolveria e quando isso não aconteceu, decidi tomar um banho quente para relaxar. Contudo, também não foi de muita utilidade. Então só fiquei debaixo do chuveiro, permitindo que a água caísse sobre mim enquanto continuava tentando me distrair.

Suas íris brilhando, a confiança depositada e a expressão de desejo me perseguiram a cada vez que eu fechei os olhos dentro daquele maldito box. Logo cheguei à conclusão de que era apenas desejo reprimido e toquei uma fodida punheta igual a um adolescente, pensando na única mulher no mundo proibida para mim.

Meu pau estava duro como pedra e só aceitou ficar meia-bomba depois que gozei duas vezes. *Obviamente pensando nela.*

Porém, nem mesmo depois de gozar, a inquietação passou. Por isso, agora estou andando de um lado para o outro com nada além de um roupão, bebendo whisky como se fosse água.

Saia da porra da minha cabeça.

Pego meu celular, enchendo mais um copo da bebida quente enquanto passeio pelos contatos, procurando algum interessante o bastante para me distrair.

Quando chego na letra “p”, passo rapidamente pelo número da princesinha dos Corvos, ignorando por completo sua existência.

Eu não me importo com ela.

Eu estou pouco me fodendo.

Sorrio de um jeito malicioso ao encontrar o contato de Paige, sabendo que ela e sua irmã gêmea, Mia, sempre estão a disposição para um serviço no meu apartamento.

Seguro o copo perto da minha boca enquanto aperto em iniciar a chamada. O celular só toca duas vezes antes da voz feminina atender.

— *Dom.* — O tom sensual ao me cumprimentar é mil vezes superior ao ácido que Cindy usa em cada frase sua. *Então por que não me deixa empolgado? Por que prefiro sua acidez?*

— Paige — devolvo, usando a mesma sensualidade. Ela já sabe o que quero, não costumo ligar se o motivo não for esse. E por isso ela não se surpreende com minha próxima fala: — Quero você gemendo no meu sofá nos próximos vinte minutos.

Ouço sua risada suave.

Porque, sim, ela ri. Ela é um ser humano normal, que age como um ser humano normal. Ela sorri sem ser forçadamente, dá risadas sinceras, possui brilho no olhar e age de forma previsível.

E por isso gosto dela. Por isso, a entendo.

— *Devo levar Mia?* — questiona.

— Sim. Mas agora você tem dezenove minutos.

— *Estaremos aí em quinze.*

Desligo a ligação sem perder meu tempo falando mais alguma coisa. Eu posso foder com elas, ambas irão me distrair o bastante para tirar Cindy da minha cabeça. O gosto das suas bocetas será o suficiente para apagar o

dela da minha boca. Os toques e arranhões das duas irão substituir todos aqueles deixados em mim pela maldita Wright.

Eu sequer lembrarei do seu cheiro – que nesse momento está impregnado por todo meu corpo mesmo depois do banho.

Maldita. Maldita. Maldita.

Como deixei que ela mexesse tanto com minha cabeça em uma única noite?

Viro outro copo de whisky, já enchendo mais um logo em seguida.

Foque nos seus objetivos, Dominic.

Foque em Archie e nos Anjos.

Foque no que você precisa fazer e no fato de que ela não passa de um Corvo.

Encaro a garrafa de bebida na mesa de cabeceira, mas ao fazer isso, acabo fitando o fodido *tablet* largado ali. O *pen drive* ainda está conectado e sei que se eu o ligasse, encontraria as informações sobre Cindy que Relish conseguiu.

Informações essas que estão me tirando do sério.

Todos sempre me disseram para procurar saber mais sobre meus inimigos. Afinal, o ditado pede para manter seus amigos perto e os inimigos mais ainda.

Então, por que saber coisas como algumas entradas no hospital e o fato da sua mãe estar internada em uma clínica psiquiatra me incomodam tanto?

Eu não me importo.

Tento me convencer de que se for preciso, usarei sua mãe para afetá-la sem me importar com o seu estado. Repito para mim mesmo que não dou a mínima para sua cor favorita, não ligo se ela tem algum problema e por isso tem uma psiquiatra, não me importo se ela tentou dar entrada em um pedido de medida protetiva e desistiu.

Eu não me importo com nada disso.

Mas por que as informações, ao invés de me ajudarem a entendê-la, só me deixaram mais intrigado? Por que caralhos Relish não podia fazer a porra do seu trabalho direito e me entregar algo mais completo?

Tudo que ele me deu é raso.

Lembro do seu olhar interessado dizendo que a garota tem camadas, mas a porra do seu relatório só me diz que o que ela realmente tem são problemas e que eu deveria manter distância de alguém com tanto poder de foder minha cabeça.

Entretanto, não consigo.

Caralho.

Eu quero saber mais. Eu preciso saber mais.

Por que ela tem tantas idas ao hospital? Ela está doente e por isso desmaiou naquele dia? Como ela poderia ter uma doença e ninguém saber sobre? Contra quem era a medida protetiva que ela pensou em fazer? Qual é a porra do problema mental de Cristine Wright que a levou a ser internada e fez com que todos dissessem que ela saiu de férias? Onde Caleb se encaixa nisso tudo? Como é a relação dele com ela? Por que ela foi expulsa?

Porra, minha mente lateja com todas as dúvidas e informações.

Seguro a garrafa de vidro, virando o gargalo direto na minha boca. A bebida escorre pelo meu rosto e mela meu pescoço. Inevitavelmente, lembro de como sua excitação encharcou minha cara e de como o gosto dela permanece em minha língua, mesmo com todo o álcool.

Cacete.

Ela realmente acabou comigo essa noite.

Eu posso ter fodido sua boceta, mas ela fodeu com minha cabeça e isso é mil vezes pior.

Largo o *whisky* de qualquer jeito, sem me importar se ele cairá da mesa e irá se espatifar no chão. Me sinto entorpecido e rio ao me jogar sobre meu colchão.

O que estou fazendo?

Não sei. Mas continuarei agindo exatamente assim.

Eu jogarei sempre que for necessário e descobrirei o que eu quero. Eu farei tudo o que tiver vontade, sem me importar se isso a machucará. Eu usarei as informações que descobri ao meu favor. Eu não permitirei que ela se aproxime e cumprirei com todos os meus objetivos.

Isso, Dominic.

Muito bem.

Me parabenizo mentalmente e depois de decidir o que farei no dia seguinte, encaro o teto, apenas aceitando que ela não sairá da minha cabeça só porque espero que aconteça. Tendo ciência de que não há nada a ser feito por hora.

Minhas pálpebras pesam e o álcool começa a me deixar anestesiado. E quando o interfone toca esperando a autorização para as gêmeas subirem, peço desculpas e digo que isso será impossível.

Meu telefone começa a tocar e ignoro as chamadas de Paige como um filho da puta, apenas fingindo que não é comigo.

Cansei de ter contato por uma noite.

Por mim todos podem se foder.

Neste momento, não me importo com nada e nem com ninguém.

Porém, por que, depois de míseros dez minutos, ligo para ela e vou contra tudo o que determinei instantes atrás.

14



Eu tenho caído rápido e você parece não fazer nada
Mas é pior para mim se eu contar a verdade?
E você é apenas um veneno que eu não deveria usar?
Gostaria de poder dizer a você o que não posso dizer a você
slower _ Tate McRae

Cindy Wright

Passei pelo menos dez minutos sentada debaixo da água gelada. Meu corpo deitado na banheira tremia de frio, mas não gosto e evito banhos quentes.

Tudo o que envolve fontes de calor, como secar meu cabelo com secador e frequentar saunas, estão fora de cogitação para mim. Isso sempre piora minhas crises, então acabei me acostumando com a água congelante.

Comecei a gostar dela.

E mesmo nos dias em que o frio me consome, não a troco por nada. É relaxante, consigo realmente desopilar quando estou dentro da água.

Por isso faço natação. E também porque nadar em água fria ajuda a contrair os vasos sanguíneos e bombear meu sangue com mais força, facilitando a circulação. Além de que estar na posição praticamente deitada dentro da piscina é bom, me sinto mais disposta quando é assim.

Ao menos é dessa maneira que eu vejo as coisas.

Encaro a televisão, assistindo *Shark Tank*. Já decorei essa temporada de tantas vezes que a vi, mas estou cansada demais para levantar e ir buscar o controle. Então, apenas me distraio rolando o *feed* do *Instagram* enquanto ouço as vozes dos participantes ao fundo. Qualquer coisa é melhor do que deixar minha mente voltar para Dominic e aquela maldita floresta.

Qualquer coisa mesmo.

Inclusive, nesse exato instante, eu queria estar deitada. Eu daria de tudo para estar dormindo.

Já são quase quatro da manhã, porém, meu cabelo ainda não está seco o suficiente e não gosto de dormir com ele tão molhado, por isso permaneço sentada na cadeira perto da minha mesa de estudo.

Não é confortável como o meu colchão, mas dá para o gasto. Encosto minhas costas no acolchoado da cadeira empresarial e decido fechar meus olhos só por alguns instantes.

Somente por alguns segundos.

Acho que o cansaço e o peso de tudo o que aconteceu essa noite me atingem, porque acabo cochilando sentada e só acordo quarenta minutos depois, com o som da chamada. Por instinto, e pelo estado de sonolência, atendo sem olhar quem é.

— *Você está bem?* — A voz facilmente reconhecível de Dominic parece estranha e seu tom sai embolado.

Não respondo.

Ele não precisa de uma resposta.

— *Eu bebi* — confessa do outro lado da linha e ri.

Como se ele precisasse dizer.

— *Agora estou seminu na minha cama e, porra, minha mente está uma bagunça.* — O tom parece depreciativo.

Ele espera uma resposta, porém, continuo calada.

— *Cindy?*

Nada. Evito até mesmo respirar para que ele não escute e tampo a saída de som com minha mão.

— *Por favor, apenas diga se está bem. Amanhã voltarei a agir como um filho da puta e não me importarei com os seus sentimentos, mas hoje preciso saber.* — A entonação é quase desesperada.

Por que você está fazendo isso, Dominic?

Qual é o seu plano? Por que me perseguir dessa maneira? Tudo por que eu era dos Corvos? Tudo por que fui para Evergreen?

Se ele soubesse que não me importo com nada dessas merdas, mudaria algo? Se eu dissesse tudo o que aconteceu e o motivo pelo qual estou lá, ele acreditaria em mim?

— *Por favor, Cindy* — pede e há uma urgência na sua voz que me incomoda. — *Se for necessário, invadirei a porra da mansão dos Wright para ter essa resposta.* — Ele parece falar sério, o tom é determinado.

E estou quase desligando na sua cara, porém, escuto o barulho de algo se estilhaçar quando ele se levanta e ouço quando ele pragueja.

— *Pedirei para Archie me levar, é bom avisar que você terá convidados* — decreta e suspiro, alisando minhas têmporas.

— Estou bem — falo e escuto sua respiração pesada.

— *Certo, claro que está* — debocha. — *Boa noite, princesinha dos Corvos.*

Mordo minha bochecha e desligo sua chamada, sem acrescentar nada. Contudo, quando já estou deitada, minha mente sussurra:

Boa noite, conselheiro dos Anjos.



Três dias se passaram desde aquela noite na floresta e, até agora, meu motorista parece receoso em me deixar sozinha. É quase irritante, porém, igualmente fofo.

Quando eles me viram naquele estado, com o corpo arranhado e o vestido rasgado, além de todo o resto, a primeira pergunta foi se eu queria ir para a delegacia. Eu neguei e não disse uma única palavra sobre o que havia acontecido, não era problema de ninguém.

Foi um evento tão insignificante que sequer chega a ser um problema.

Não foi nada que me afetasse.

Os seguranças aceitaram meu silêncio sem questionar, mas Boris ainda está inquieto. Talvez por já ter presenciado crises o bastante, por ter pena de mim ou por passar mais tempo comigo do que os outros. Não sei, mas ele demonstra verdadeira preocupação quando o dispenso depois de chegar na faculdade – como faço nesse exato momento.

— Quando a aula estiver perto de acabar, entrarei em contato. — Meneio a cabeça em sua direção, erguendo meus lábios levemente em uma tentativa de sorriso.

O homem corpulento acena.

— Tenha uma boa aula, senhorita. Se precisar de algo, me ligue.

Saio sem acrescentar mais nada e passo pelo campus, impedindo meu olhar de desviar até a floresta ridícula.

Meus passos são lentos e despreocupados, minha cabeça está erguida e minha postura irredutível.

Algumas pessoas me encaram e sinto o olhar passear por todo meu corpo, e se for para ser sincera, estou acostumada com isso. *Com o julgamento.*

Aqui, me criticam pela minha atitude “esnobe” e por nunca abaixar a guarda o bastante para que outros se aproximem. Nos restaurantes, me criticam pela quantidade de sal que coloco nas comidas, sem nunca saberem o quanto aquilo me ajuda. Na esgrima, me criticam por não conseguir acompanhar o ritmo e por atrapalhar sempre que passo mal. Nas aulas, me criticam por me achar superior e ter passe livre para sair e “dormir” sem ser notificada, porque todos os professores possuem conhecimento da minha doença e sabem que quando isso acontece, eu abaixei minha cabeça, ciente de que desmaiaria. Em casa, me criticam por ser preguiçosa demais, dormir demais e até beber isotônico demais.

Em todos os lugares aonde vou, sou criticada por algum motivo, e se já recebo toda essa atenção e julgamento sem nunca falar sobre a minha doença, então o que aconteceria se todos soubessem?

Talvez fosse insuportável.

Às vezes é desanimador pensar que haverá um dia seguinte e que precisarei seguir toda a rotina outra vez. É irritante pensar que terei que tomar remédios, consumir mais sal e me exercitar. É cansativo lembrar que minha vida será assim eternamente, por quanto tempo eu viver. É desgastante me esforçar tanto todas as vezes e ter ciência de que não há cura para minha doença, que serei sempre assim. *É esgotante ao extremo.*

Então, em dias como esse, eu costumo chorar.

Eu deito na cama e choro escondida por não ser como os outros. Eu deito na cama e choro escondida por estar sempre exausta. Eu deito na cama e choro escondida porque meu corpo só funciona perfeitamente quando estou deitada.

E quando a frustração me deixa e um novo dia surge, eu tento me lembrar de que sou mais forte do que isso. Lembro que sou mais do que a minha doença. Lembro que só vivi por vinte e dois anos e que ainda tenho muita coisa para conhecer e experimentar. Lembro que não há nada capaz de me limitar, que só preciso aguentar os dias difíceis, tendo ciência de que os melhores virão. Que eles em algum momento chegarão.

Porque se eu não me agarrar desesperadamente a isso, a algo, viver não tem sentido.

Afinal, ninguém vive sem esperança. Seja a esperança de que haja um milagre, de que se torne rico, de que encontre o amor ou até mesmo de que dias melhores virão, como eu.

Esperança é tudo o que mantém algumas pessoas vivas.

Uma garota fitando seu caderno esbarra em meu ombro e a encaro. Ela tem cabelos ondulados e olhos escuros. Sua pele negra contrasta com o uniforme de Evergreen e sua aparência é bonita o bastante para me fazer fitá-la por alguns segundos.

— Me desculpa, eu estava distraída — a garota fala e seu olhar parece distante, como se ela estivesse focada em alguma outra coisa.

Meneio a cabeça em um aceno e dou um passo para o lado, permitindo sua passagem sem fazer a menor ideia de quem ela é. E tendo plena certeza de que nunca a vi antes.

Continuo andando até chegar em frente à sala onde terei a primeira aula e encaro as escadas perto dela, dando graças a Deus por não precisar subi-las em momento algum. Quero dizer, todas as vezes que minhas aulas acabaram sendo em andares superiores, troquei as matérias ou a turma com facilidade.

Dinheiro é mesmo capaz de fazer tudo.

E, bom, quando o dinheiro vem atrelado a um diagnóstico que prova minha doença e explica por que subir escadas é como uma espécie de terror psicológico para mim, as coisas se tornam ainda mais fáceis.

Pego meu celular para me distrair um pouco, porém não fico nem dois minutos focada na tela, antes dele se aproximar.

Levanto o olhar assim que ele para em minha frente, exigindo atenção.

— O quê? — Ergo minhas sobrancelhas, sem ter a menor ideia do que Dominic quer agora.

Não o vejo desde aquela noite. Ele não se aproximou ou mandou mensagem, não fez nada além de me ligar naquela maldita madrugada.

— Sempre tão ácida… — ladra com um sorriso de canto e seus lábios se aproximam da minha orelha. — Sequer parece que tem um gosto tão doce.

Levo minha mão ao seu peitoral para empurrá-lo, mas sinto alguns olhares sobre nós e me obrigo a deixar minha mão parada ali. Sinto seu batimento cardíaco tranquilo sobre meus dedos.

— Você está descumprindo as regras — aviso com uma expressão inalterável.

— Regras? — Ele une as sobrancelhas. — Eu sou a regra.

Rio secamente.

Ele me encara, mas não parece irritado, apenas curioso. Suas íris pretas brilham em minha direção.

— Você deveria me deixar em paz, ao menos em Evergreen — determino. — Esse foi o combinado.

Dominic estala sua língua e por um momento parece perdido, como se tivesse esquecido desse detalhe.

Ou sequer soubesse por que se aproximou.

— Senti sua falta — murmura com um dar de ombros e seu semblante tão sério me faz encará-lo com pura incredulidade.

O quê? Ele é louco?

— Qual é a porra do seu problema? Você é bipolar ou o quê? Primeiro a ligação e agora isso.

— Ligação? — repete com um vinco formado entre suas sobrancelhas. — Eu te liguei?

Claro que ele estava bêbado o suficiente para sequer lembrar.

— Sim, e foi patético ouvir você dizendo o quanto me deseja e o quanto pensa em mim — debocho com uma mentira.

Ele trava o maxilar.

— Vai se foder — rosna, passando a mão em sua nuca. — Só senti falta de brincar com você, não se ache tão especial.

O sorriso que se abre em meu rosto é puramente ácido.

— Mas eu sou especial, não sou? Porque, dentre todos, fui a escolhida para você atormentar. *Quanta punição* — desdenho, suspirando pesadamente. — Não encha a porra do meu saco na faculdade, quase não suporto sua presença fora dela.

Ele dá um passo para trás como se tivesse sido atingido.

— *Wright* — ladra em um tom baixo.

— Sim? — Pisco inocentemente.

Dominic puxa o ar para os seus pulmões, a veia em seu pescoço salta e seus olhos brilham, só que não é irritação o que está presente nas íris escuras.

Parece outra coisa.

— Você vai sair comigo essa noite para…

— Não posso, essa noite já tenho um compromisso — corto sua fala.

— Não é assim que a porra do acordo funciona.

— Você também não deveria se aproximar de mim em Evergreen, mas olha só onde estamos.

— Não me provoque.

Encaro-o com indiferença.

— Precise de mim outro dia — aviso e passo por ele, esbarrando meu ombro no seu de propósito.

Ele não tenta me impedir, contudo, antes de me afastar por completo, eu paro.

— E se você se aproximar mais uma vez quando estivermos em Evergreen, nosso acordo está desfeito — decreto, sem olhar para trás.

Ouço sua risada incrédula, mas não lhe dou atenção. Entro na sala e me sento na cadeira, com minha cabeça latejando e meu coração acelerado.

Encaro o relógio em meu pulso, vendo os batimentos cardíacos e ao notar que não estão em nenhum número que me deixe em alerta, abaixo minha cabeça e espero a aula começar.



Como uma mariposa em direção à chama
Eu te atraio, eu te afasto
Do que você precisa inicialmente
Está apenas a uma chamada de distância
Moth To a Flame _ The Weeknd (feat. Swedish House Mafia)

Dominic Edwards

Não sei o que estou fazendo, acho que estou doente.

Ou louco, certamente louco seria uma ótima definição. Isso explicaria o motivo pelo qual estou aqui.

Passo pela entrada sem chamar atenção, os dois seguranças apenas meneiam a cabeça quando entro mascarado. Eles não se importam de checar quem sou e nem mesmo se faço parte de Northview.

Preguiçosos do caralho.

Não que eu esteja achando ruim o fato da segurança deles ser uma merda, apenas me irrita que eles deem tanta bandeira em uma noite de iniciação.

Porque com certeza esse é o motivo para essa festa de máscaras. Ao menos é o único que faz sentido na minha cabeça, uma vez que Cindy não está mais na sociedade e Caleb deve precisar de novos membros para substituí-la.

E, bom, se essa for uma iniciação, faria sentido o fato dela estar aqui. Talvez queira assistir ao trote da noite ou qualquer outra merda do tipo. Afinal, ela era um deles.

Mas eu não. Eu não faço parte de nada disso. Então, o que estou fazendo? Por que caralhos a segui até o território inimigo?

Eu poderia estar fazendo qualquer maldita coisa nesse exato momento, mas fui até sua mansão, interessado demais em saber qual era o seu compromisso, e quando a vi chamar um carro por aplicativo, vim atrás dela como um fodido psicopata.

Qual é a porra do seu problema, Dominic?

Por que está agindo dessa maneira? Por que ela tem tanto poder sobre você a ponto de transformá-lo em um idiota que faz merdas, como ligar embriagado e invadir uma festa dos Corvos quando sabe quão doentis eles são?

Cacete, Cindy.

O que você está fazendo comigo?

Eu poderia dar meia-volta agora mesmo, porém, passo por entre as pessoas, decidido a ver o que ela fará. Acompanho suas costas, seguindo o vestido preto de gola alta e mangas longas.

Ela está absurdamente bonita, mesmo com uma roupa comum, e isso me irrita.

Me irrita que ela tenha uma aparência sempre tão impecável. Me irrita que eu tenha me aproximado dela na faculdade, porque não consegui controlar meus fodidos pés e, por um instante, esqueci sobre nosso acordo. *Esqueci de tudo.*

Me irrita que ela tenha uma língua tão afiada e que suas respostas sempre me deixem ansioso para ver mais dela e descobrir tudo a seu respeito. Me irrita que eu não consiga entendê-la, como faço com todos os outros. Me irrita que eu tenha ligado para ela e sequer lembre o que foi dito. Me irrita que seus olhos sejam tão vazios e que minha boca solte palavras impensadas somente para testar sua reação, na tentativa de arrancar algo dela.

Tudo em Cindy me irrita, desde o seu cheiro até os mistérios que a rondam. Porém, esse não é o problema.

O grande e verdadeiro problema é que o meu fascínio e interesse por ela são maiores do que qualquer tipo de irritação.

Desgraçada.

Você está ferrando comigo.

Assisto quando ela se esgueira discretamente por entre as pessoas e inclino a cabeça ao reparar que ela também tenta passar despercebida.

Por quê?

Seus passos são determinados e ela caminha como se tivesse um propósito pré-definido. A festa está bem cheia, nem todos usam máscaras, e por um momento a perco de vista.

Malditos Corvos por chamarem tantas pessoas.

Mas sei por que eles fazem isso, sei que seus trotes costumam ser mais pesados do que deveriam e que caso algo aconteça, há vários álibis que os viram para atestar a inocência dos membros mais antigos.

E embora esteja bem cheio, sei que apenas dez, no máximo, devem ser selecionados para passarem pela fase um. Os rumores dizem que essa é uma das primeiras e que quase todos já desistem nela.

Não sei o que caralhos eles fazem, mas sei que não é o *modus operandi* do restante das sociedades de Northview, ou melhor, de sociedade nenhuma. Os Corvos agem sob sua própria lei. Eles não ligam para a ordem e por isso estão propensos a caírem.

Vejo Caleb com um sorriso doentio no rosto e seus olhos passeiam pelas pessoas na festa, como se estivesse ansioso. Abaixo minha cabeça, mesmo estando de máscara, porque não tenho a menor intenção de ser reconhecido.

Sei que eu não deveria estar aqui.

Quando ele passa, volto a procurar por Cindy e a encontro entrando em uma porta no final do corredor. Por um instante, fico em dúvida entre ir atrás dela ou não. Ela pode ter marcado de se encontrar com alguém e, porra, tudo o que eu não quero nesse momento é vê-la com outra pessoa.

Meus instintos em relação a ela andam estranhos e verdadeiramente temo o que eu poderia fazer.

Mas basta pensar por um segundo para perceber que na verdade estou pouco me fodendo. Eu poderia espancar a outra pessoa e não daria a

mínima, uma vez que ele tocou em algo que me pertence.

Porque, sim, enquanto nosso acordo existir, Cindy me pertence.

Empurro a porta entreaberta sem dificuldade alguma e não deixo de reparar na fechadura eletrônica ao lado dela. E se Cindy entrou, isso significa que ela não apenas sabia a senha, como deixou a porta entreaberta de propósito.

Ela está mesmo esperando por alguém?

Por não saber o que esperar, me surpreendo ao ver um quarto sem decorações. E embora ele seja luxuoso, não há nada que indique o seu dono. Não acredito sequer que haja um, visto que parece um quarto de hóspedes. *Mas por que um quarto como esse teria uma fechadura eletrônica?*

Cindy está encarando a janela e vira seu rosto em minha direção no exato instante que fecho a porta atrás de mim e tiro a máscara para fitá-la. Ela não parece surpresa com a minha presença.

— Claro que seria você. — Seu tom é cheio de sarcasmo.

Sorrio em sua direção.

— Acho que temos uma conexão — provoco e ela revira os olhos.

— Você parece uma maldita assombração, onde quer que eu olhe você está lá.

— Vou levar isso como um elogio.

— Não leve. Sinto que o verei até mesmo durante a noite quando abrir os meus olhos, é quase assustador.

— Você pode me ver com os olhos fechados também, não tenho problema se quiser sonhar comigo.

— Deus me defenda de tal pesadelo — murmura e eu acabo sorrindo de modo inevitável.

Porra.

Não sorria para ela. Não sorria por causa dela, ao menos não verdadeiramente.

— Esse era o seu compromisso? — questiono com desdém.

— Como isso pode ser da sua conta?

— Achei que você não quisesse ter mais nenhum contato com os Corvos depois do último encontro com Jackson.

Ela dá de ombros.

— Você não deveria estar em outro lugar? Por que me seguiu até aqui?

— Então você notou.

— Você sequer tentou ser discreto — debocha. — E onde diabos conseguiu essa máscara tão rápido?

Encaro o objeto em minhas mãos, é a mesma que usei na noite da nossa iniciação e que ficou esquecida no banco de trás.

— Ela estava no meu carro.

— Já é a segunda vez que o vejo com uma, você tem alguma tara por máscaras?

Bufo, porém, antes que eu tenha chance de responder, escutamos o barulho das risadas se aproximando. Cindy me encara, assustada, e corre até mim, me puxando para dentro do banheiro e girando a maçaneta com cuidado.

Olho para ela, confuso, assistindo quando ela escora suas costas na porta e fecha os olhos.

— O que isso significa? — sussurro.

Ela balança a cabeça em uma negativa, me pedindo para ficar calado. Fico perto dela, notando que seu semblante parece verdadeiramente assustado.

Meu olhar desvia pelo seu corpo, procurando um motivo para isso e uno as sobrancelhas ao fitar seu relógio. Ela sempre está com ele, mas esse não é o único fator que chama minha atenção, e nem a forma que ele aparenta estar mais frouxo do que deveria, e sim o modo que seus batimentos parecem acelerados.

Cento e treze brilha no visor, contudo, ela esbanja tranquilidade no semblante.

Por que seu coração bate tão fortemente? Por que ela o monitora?

Tenho pesquisado algumas opções, só que ainda não cheguei em nenhuma conclusão. Encaro seu rosto em busca de uma resposta, mas ela não me oferece nada. Seu semblante é inexpressivo e o seu foco está voltado para a conversa que acontece no quarto, me obrigo a fazer o mesmo.

— Quantos você acha que vão passar dessa vez? — Reconheço a voz de Jackson com facilidade por tê-la escutado recentemente.

— Uns cinco? A metade é uma boa estimativa, embora talvez nem todos consigam — Caleb responde e parece se divertir com isso. — Será que algum vai mijar de medo, vomitar ou chorar como da última vez?

— Não sei, porra.

— Não terá tanta graça se não for assim.

Uno as sobrancelhas.

Que merda é essa?

Cindy fecha os olhos e tudo nela, desde os lábios retesados até o seu corpo tensionado, deixa claro o quanto despreza a conversa dos dois.

— Você escondeu no mesmo lugar de sempre?

— Claro, basta pegar a bolsa preta no armário.

Escuto o barulho de uma porta sendo aberta e não desvio o olhar de Cindy. Ela leva a mão até sua testa e massageia as têmporas como se a região estivesse doendo.

— Você está bem? — sibilo com os lábios, sem fazer nenhum som.

Ela acena e continua esfregando a área, porém Deus tem um senso de humor estranho e decide brincar conosco no pior momento possível. Essa é a única explicação plausível para que o relógio mal-colocado acabe caindo somente com o movimento brusco e repetitivo do seu braço contra suas têmporas.

Cindy arregala os olhos quando o objeto bate contra o chão e minha mão vai até sua boca por puro reflexo, impedindo que ela deixe algum som escapar.

— Você ouviu isso? — Jackson pergunta e as íris de Cindy seguram as minhas de modo apavorado.

Seus lábios estão tapados por minha mão e aproximo nossos rostos como se garantisse que tudo ficará bem, ela assente em puro silêncio.

Não sei por que ela demonstra tanto medo.

O que eles poderiam fazer?

A ansiedade em saber se ele está se aproximando ou não faz com que uma onda de adrenalina se espalhe pelo meu corpo.

Eu quebrarei a cara desse filho da puta por deixá-la assustada.

Juro que o deixarei irreconhecível se ele falar alguma merda.

Controlo a raiva para que minha mão contra sua boca não trema e ela engole em seco, me encarando.

— Acho que você está ouvindo coisa, ninguém além de nós tem a senha do quarto. Então vamos logo, caralho — Caleb rosna. — Só estamos perdendo tempo.

— É, só nós dois sabemos — fala e seu tom parece esquisito até mesmo para mim.

Escuto os passos se afastarem e as vozes ficarem distantes. E somente quando ouço a porta ser fechada, afasto meus dedos dos seus lábios.

Cindy suspira, puxando o ar rapidamente. Suas mãos vão até os joelhos e ela se apoia, como se tivesse corrido uma maratona.

— Ele sabe — diz.

— O quê?

— Jackson sabe que eu sei a senha, ele me contou uma vez quando viemos ficar na sua casa. Ele está suspeitando que eu esteja aqui, precisamos ir antes que ele me veja.

— Por que ele não poderia ver? — questiono, verdadeiramente curioso.

— Porque ele saberia o que vim fazer aqui, contaria para Caleb e meu irmão me puniria. — Seus lábios se repuxam de forma depreciativa.

— Que merda isso significa?

— Não tenho tempo para isso, fique se quiser. — Ela se vira, abrindo a porta lentamente.

Olho para o relógio esquecido no chão e me abaixo, pegando-o com velocidade e o colocando no bolso de forma discreta.

Cindy sai na frente, como se guiasse o caminho e acompanho seus passos rápidos, sorrindo quando a vejo de cabeça baixa para esconder seu rosto.

Chego perto dela e coloco a máscara em minha mão sobre sua cabeça, ajudando-a com seu disfarce. Cindy se vira e vejo um resquício de surpresa em seu olhar. Espero que ela negue o objeto, mas ela o aceita de bom grado.

Esse é o território dela.

Claro que ela precisa de disfarce mais do que eu, visto que é mais fácil a reconhecerem. Sequer sei por que ela não está usando uma.

E é claro que só fiz isso pensando nos meus próprios interesses, afinal, talvez eu consiga alguma informação ajudando-a.

Quando chegamos perto da saída, seu corpo retesa e entendo o motivo quando vejo Jackson de costas para nós, encarando o jardim à frente. Os seguranças me encaram com estranheza, como se reconhecessem meu rosto e meneio a cabeça.

Minha mão procura pela sua e entrelaço nossos dedos como se estivéssemos juntos para levantar menos suspeita. Cindy me encara e sorrio, andando com ela de mãos dadas naturalmente.

As coisas ficariam feias se eles me vissem agora.

Assim que ganhamos uma distância considerável para não levantar tantas suspeitas, puxo sua mão, nos fazendo dar uma volta na casa em uma

pequena corrida até alcançar o meu carro.

Ela não questiona. Na verdade, ela não fala e não faz nada ao ser puxada por mim.

Quando paro em frente ao *Range Rover*, ela se escora contra o veículo.

— Está tudo bem? — questiono, preocupado, sua atitude parece estranha e diferente de como ela normalmente age.

Quando ela não responde nada, tiro a máscara do seu rosto para fitá-la claramente e pisco ao ver sua palidez.

Cindy está pálida para um caralho.

E suada.

— Que merda é essa? — ralho, mas ela não esboça nada.

Seu olhar está vidrado e ela não parece me ouvir, como se seus sentidos não estivessem funcionando. Suas mãos tremem.

— *Cindy* — chamo com urgência, segurando seus ombros. E, de modo automático, meus olhos desviam até seu pulso em busca do relógio, só agora lembrando que ele está em meu bolso.

Penso em tirá-lo e colocá-lo nela, porém, não tenho tempo para isso. Não tenho tempo nem mesmo de raciocinar, porque ela apenas escora sua cabeça em meu ombro e apaga.

Desmaiando em meus braços outra vez.

16



Me ajude a me apegar a você
Eu fui a arqueira, eu fui a presa
Gritando: Quem poderia me deixar, querido?
Mas quem poderia ficar?
The Archer _ Taylor Swift

Cindy Wright

Entreabro meus olhos lentamente, incomodada com o peso das minhas pálpebras. Sinto meu coração desacelerando e olho para o meu pulso para conferir os batimentos, mas o encontro vazio, sem nenhum resquício do meu relógio.

Droga.

Pisco, levando minha mão até minha cabeça. Meus movimentos parecem letárgicos e odeio quando desmaio e acordo meio perdida, como agora.

Olho para o lado, vendo que Dominic dá partida no carro e uno as sobrancelhas.

— Você está me sequestrando? — pergunto com minha voz soando estranha.

Ela sempre parece esquisita pós-síncope.

Ele vira sua cabeça rapidamente, olhando para o meu corpo deitado no banco de trás.

— Você acordou. — Seu tom parece aliviado. — Porra, você está bem? O que aconteceu?

Não o respondo, não é da sua conta.

— Pode me deixar aqui mesmo, chamarei meu motorista — decreto, mesmo sendo mentira. Dei a noite de folga para Boris, então eu provavelmente esperaria um carro de aplicativo.

Dominic deixa escapar uma risada seca.

— Essa é a segunda vez que você desmaia em meus braços.

— E daí?

— Você acha mesmo que a deixarei ir sem uma explicação?

Bufo.

Não me importo dele ser meu motorista da vez.

— Apenas me leve para casa — determino, sem a menor vontade de discutir.

Estou cansada.

Comecei a me sentir tonta quando ainda estávamos no banheiro. A festa era abafada, eu não tinha tomado água o bastante e o pico de adrenalina com o barulho do relógio caindo foi o bastante para a crise começar. Fora todo o tempo que fiquei de pé no banheiro, sem nem mesmo respirar, e a mini corrida até o seu carro.

Quando ele me puxou, eu já tinha entendido todos os sinais do meu corpo. A ausência da minha audição e minha vista escurecendo eram um grande indício. E no instante em que meu corpo parou e a adrenalina diminuiu, eu desmaiei.

E mais uma vez aconteceu na frente de Dominic.

Merda.

Ele não fala nada, o silêncio no carro é incômodo e o batuque dos seus dedos inquietos no volante é irritante. Continuo deitada, aproveitando os momentos onde meu corpo funciona com excelência, e decido fingir dormir.

São só uns vinte e cinco minutos de carro até minha casa, porém, se eu estiver fingindo, ele me acordará quando chegarmos na mansão e não terá tempo de fazer nenhuma pergunta.

Basta mentir um pouco.

Fecho meus olhos e encosto minha cabeça de lado, na posição perfeita do fingimento.

E o único problema é que finjo tão bem que se torna real.



O som de uma porta sendo aberta e o barulho das vozes masculinas ao fundo é o que me faz acordar. Meus olhos se entreabrem lentamente e não reconheço o ambiente onde estou.

Ao menos não de imediato.

Olho para baixo, encarando os lençóis pretos em que estou enrolada e pisco algumas vezes, me obrigando a não entrar em pânico. *Definitivamente nunca estive nessa cama antes e nunca encarei esse lustre brilhoso no teto.*

Respiro fundo, fitando as paredes pretas e a televisão imensa que atraem o meu olhar.

Está tudo bem, Cindy.

Não reaja.

Se você levantar rápido demais, sabe que desmaiará novamente.

Me posiciono melhor na cama, ficando meio sentada. Minhas costas escoram no acolchoado da cabeceira e o conforto do cômodo é bem-vindo. E sei que parece loucura me sentir tranquila em um ambiente desconhecido, mas de qualquer forma, não é como se eu me importasse muito com o que pode acontecer.

Encaro a mesa de cabeceira e um porta-retrato com uma foto de um garotinho pequeno ao lado de um casal me chama a atenção. A mulher e o homem não mudaram muito e os reconheço como Peter e Donatella Edwards. Porém, a criança parece completamente diferente. A única coisa que permanece a mesma é o olhar.

Porque, sim, até mesmo quando criança, Dominic possuía as íris mais escuras e intensas que já vi.

Suspiro, lembrando só agora de tudo o que aconteceu essa noite e de como provavelmente vim parar no seu apartamento, mansão, calabouço ou seja lá que porra é essa. Só sei que pertence a Dominic e que o maldito não me levou para casa como pedi.

Sinto o celular ainda preso na parte interna do meu vestido, levo minha mão até minhas têmporas e fecho os olhos, mas os arregalo assustada com o barulho da porta sendo aberta de modo abrupto.

Um homem desconhecido com um jaleco branco, um estetoscópio no pescoço e uma maleta em mãos paralisa, me encarando com estranheza.

— Achei que você tivesse dito que ela estava apagada, quase morta.

Uno as sobrancelhas e Dominic aparece ao lado do homem rapidamente. Seu olhar percorre o meu corpo e ele parece me estudar.

— Então você está bem — relata, surpreso, as íris me encaram sem nem mesmo piscar.

Bufo.

— O que diabos estou fazendo aqui? Falei para você me levar direto para casa.

— Você desmaiou, porra — ladra, coçando sua nuca.

— Por no máximo dois minutos, depois só acabei cochilando no seu carro — rebato.

— Cochilando? — ele debocha ao se aproximar. — Você sequer se mexeu enquanto eu a carreguei até o elevador e a coloquei na cama.

— Bom, meu sono é pesado.

— Você parecia um cadáver — acusa.

— E por que diabos você colocaria um cadáver na sua cama? — Meu tom é verdadeiramente confuso e a risada vinda do homem, que deduzo ser o médico da família, me faz encará-lo.

Seu olhar alterna entre mim e Dominic, há um brilho que reside nele.

— Você me fez mesmo abandonar o plantão, alegando uma urgência, enquanto ela só estava dormindo? — Ele não parece irritado, seu tom até que é bem-humorado.

Dominic, parado perto da cama, me fita. Sua mão vai até minha testa, como se conferisse minha temperatura, e o observo com estranheza.

— O que você está fazendo?

— Checando se você está com febre.

— Você não deveria ter feito isso enquanto me considerava um cadáver? E antes de chamar um médico?

— Vai se foder — rosna e seu olhar vai até o homem com pouco mais de trinta anos. — Ela já desmaiou duas vezes nos meus braços, sem nenhum aviso prévio. Ela fica pálida, seu olhar fica distante e parece não me ouvir. Seus batimentos são rápidos para um caralho e sei que essa porra não é normal. Ninguém apaga por nada, então com certeza tem algo de errado. — Sua voz parece genuinamente preocupada.

Reviro os olhos e o médico me encara, caminhando para perto de nós.

— Você está se sentindo bem? Os tais desmaios são recorrentes? — Sua postura muda e ele se aproxima como se fosse me examinar.

Suspiro.

Merda, isso tudo poderia ter sido evitado se eu tivesse ficado em casa. Ou se eu não tivesse decidido fingir dormir.

Droga.

— Estou bem — garanto, na falha tentativa de ser deixada em paz.

— Você pode estar se sentindo bem agora, mas os…

— Eu tenho POTS e Vasovagal, sou diagnosticada desde os dez anos e já faço todo tipo de tratamento, tanto psicológico quanto com medicamento — falo, sem querer perder meu tempo com essa ladainha. — Então, sinto muito, mas não vejo como você pode ser útil nesse momento, uma vez que estou realmente bem.

O médico pisca, registrando a informação e olho para Dominic, curiosa. Por um instante, seu semblante fica paralisado. Ele não esboça uma única reação.

Me pergunto o que se passa em sua mente. *Me tornei menos atraente porque sou doente? Ele agora sente pena de mim e me tratará de uma forma diferente?*

Seus olhos sombrios desviam até os meus e o seu maxilar está travado.

— Acho que me enganei, David — fala com a voz baixa, seu olhar escrutina o meu, que nesse momento é inexpressivo. — Não tem nada que você possa fazer, obrigado por ter vindo. — A dispensa não é nada sutil e ele sequer encara o homem ao dirigir sua palavra a ele.

Também não ouso desviar.

— Garoto irritante — o médico ralha, fazendo barulho ao sair. Me pergunto se ele ou Dom sabem o que minha doença significa. Afinal, poucos são aqueles que possuem esse conhecimento.

Mas nenhum dos dois esboça nada, o homem aceita a dispensa e Dominic segue me observando atentamente, procurando por algo que sequer sei identificar.

Por algum motivo, isso incomoda.

Seu silêncio também.

— Quero ir para casa — anuncio, já me levantando da cama.

Dominic me impede de ficar de pé, sua mão vai até meu pulso, me mantendo no lugar.

— Por quê?

— Porque eu sequer queria ter vindo.

— Não isso. — Ele nega com a cabeça. — Por que ninguém sabe que você tem uma doença? Por que isso não aparece nas mídias? Por que é um segredo?

— Por que deveria ser algo público? — rebato. — É a minha vida.

Ele pisca, engolindo em seco. Seus olhos não saem de cima de mim nem mesmo por um segundo e sinto meu coração bater um pouco mais forte.

A ideia de que ele seja o causador disso não é bem-vinda.

— Pare de me olhar assim — peço, verdadeiramente incomodada com o modo que suas íris brilham em minha direção.

— Assim como?

— Como se quisesse me desvendar.

Dominic ri.

— Eu já queria entender você desde que a conheci, princesinha, diria que descobrir isso hoje foi só mais uma peça do quebra-cabeça. — Seu tom é tranquilo, ainda sarcástico, e essa sua reação me deixa inquieta.

Por que ele não faz diversas perguntas sobre a doença? Por que não me olha diferente? Por que não me trata como uma boneca de porcelana prestes a quebrar? Por que não me fita como se tivesse pena por eu ser doente sendo tão nova?

Que inferno.

Eu odiaria cada uma dessas possíveis reações, mas ao menos saberia lidar com elas. Porém, não sei o que fazer com a sua indiferença. Não sei por que o fato de ele continuar me olhando com a mesma intensidade e fascínio de horas atrás é tão assustador.

Fale alguma coisa.

Seja um estúpido mais uma vez.

— Você desmaiou, não foi? — Sua pergunta aleatória me faz franzir o cenho.

— Claro que desmaiei, você quem me segurou — aponto o óbvio, questionando sua sanidade.

— Não hoje, na noite da floresta. Você estava igualmente pálida.

— Eu… — Dou de ombros.

— Você não pode correr e ainda assim eu a persegui. — Ele ri e o som não possui humor algum. — Que grande filho da puta — desdenha de si mesmo.

— Eu concordo. — Aceno, sem nem mesmo precisar pensar. — Você é um desgraçado, imbecil pra caralho.

Ele sorri de modo depreciativo e suspira, se sentando na ponta da cama. Dominic abaixa sua cabeça, como se pensasse em algo. Sua postura é defensiva e meus olhos desviam até a pele vermelha em seu pescoço.

Não chega a sangrar, mas sua nuca parece irritada.

— Não sei por que ainda estou aqui — confesso, após alguns segundos em silêncio.

Seus olhos encontram os meus.

— Não sei por que eu a trouxe — admite. — Nunca nenhuma mulher deitou na minha cama, mas você está deixando todo o seu fodido cheiro por ela. Nunca chamei o médico da família, nem mesmo quando adoeço, mas entrei em desespero quando a vi apagada e praticamente o implorei para vir. Nunca me arrependi de nada que fiz, mas o gosto na minha boca nesse momento é malditamente amargo. Nunca tive problemas em entender alguém, mas não faço ideia de quem você é ou de quais são suas intenções. Nunca duvidei das minhas atitudes, mas ainda assim me questiono sobre o que tenho feito. Nunca tive pensamentos tão conflituosos, mas você está me enlouquecendo.

Mordo o interior da minha boca, sentindo as palmas das minhas mãos suadas. Dominic me encara e acho que, pela primeira vez, ele parece cem por cento sincero.

Não posso demonstrar vulnerabilidade. Isso me transformaria em uma oponente fraca, e quando se é fraco, as pessoas usam você.

Caleb tenta me usar por isso, Robert também.

— Você parece digno de pena nesse momento. Mas para sentir pena de alguém, primeiro é preciso se importar com aquela pessoa, certo? — murmuro, como se pensasse em voz alta. — Então deve ser por isso que não consigo sentir nem mesmo pena de você.

Ele ri.

— Você sempre está pronta para se defender com sua língua afiada, mas por quê? Ser ácida sempre foi um traço seu ou você precisou aprender a ser assim para não ser engolida pelo mundo?

— Pare de me fazer perguntas, pare de tentar descobrir mais sobre mim.

— Não consigo, você é instigante demais.

— Já falei que você está perdendo tempo.

— Não acho que passar meus dias ao seu lado tentando entendê-la possa ser considerado perda de tempo.

Aperto a ponte do meu nariz, respirando fundo.

O problema é que quanto mais você se aproxima, Dominic, mais gosto da ideia de não estar tão sozinha, mesmo que sua presença me tire do sério.

Mesmo que suas palavras às vezes me incomodem ou façam algo bem mais perigoso, como disparar meu coração.

— Posso perguntar uma coisa? — questiona, me obrigando a encará-lo, e quase sorrio, porque até que demorou.

Todos sempre acabam tendo alguma pergunta.

— Se eu disser que não, você provavelmente perguntará de qualquer forma. Então vá em frente.

— Por que você foi expulsa dos Corvos?

Pisco. Eu não esperava por essa.

— Não fui expulsa, só escolhi sair — minto.

— *Claro* — debocha e parece ter certeza de que não falo a verdade. — Se não será sincera nessa, então responda ao menos por que Jackson não podia ver você lá?

Ouvir o nome do conselheiro dos Corvos me faz lembrar do meu relógio e encaro meu pulso vazio que parece zombar de mim.

Porra, o deixei no banheiro.

Ele saberá que estive lá.

Merda.

— O relógio está comigo, o peguei antes de sairmos. Mas ele quebrou, então depois o devolvo — Dominic esclarece, entendendo o que se passa em minha mente antes mesmo de eu expressar. Atento a cada movimento meu como se os estudasse.

— Você não precisa consertar, posso comprar outro — falo, embora eu gostasse mesmo daquele e ele já estivesse completamente configurado.

— Considere como uma troca. Você me fala por que estava de penetra, mesmo sendo a irmã do líder dos Corvos, e eu a pago com o relógio.

Analiso a proposta. Não devo nenhuma lealdade aos Corvos e sei que Dominic não me deixará em paz até descobrir isso, seu olhar parece insistente demais, então tecnicamente só estou poupando tempo.

Certo?

— Se ele me visse, saberia que eu não fui para a festa e sim para o trote.

— E qual é o problema disso? Você mesma fazia parte dessa merda.

— Não, eu não fazia — nego, irritada ao ser associada àquela droga ridícula. — Quando fiz minha iniciação, o único trote mais pesado era a caçada. Mas depois que Caleb assumiu, os quatro trotes para entrar se tornaram insanos e todas as vezes que precisaram recrutar algum novo membro, me recusei a fazer parte.

Ele pisca, como se não esperasse por isso.

— Por quê?

— Porque é cruel. Os trotes são cruéis.

— Então por que você foi assistir?

Franzo o cenho.

— Eu fui ajudar. Da última vez, uma garota quase morreu no trote final de Caleb, ela já estava praticamente dentro da sociedade, mas caiu e por pouco não morreu.

— Caiu?

— Sim, o último trote é sempre o da ponte. Ele dá um remédio que deixa os possíveis membros sonolentos e os faz pular da ponte *Tower*. Não é tão perigoso, algumas pessoas idiotas fazem desafios envolvendo isso no dia a dia, porém, o fato de estarem meio dopadas dificulta as coisas. A garota não tinha resistência ao medicamento e quase morreu afogada, mas Jackson a ajudou. Ela ficou dois dias no hospital e obviamente não entrou na sociedade. — Mordo minha boca para evitar me irritar. — Ela permaneceu calada a respeito do que aconteceu, claro que ficaria. Ninguém ousaria expor as sociedades, então outras pessoas nunca ficaram sabendo daquela noite. Ocorreu uma reunião no dia seguinte e isso foi algo contado e abafado pelos próprios membros. Como ela estava bem, não havia muito a ser feito. E mesmo se tivesse morrido, tudo seria ocultado.

Ele assente, como se não se surpreendesse com nenhuma palavra. Quase já esperando o pior de Caleb.

— Então, hoje, o que você pretendia fazer?

— Não sei, eu queria ver quão longe seria o trote da vez. Ele constantemente os modifica. — Dou de ombros. — Se fosse algo absurdo demais, eu chamaria a polícia e faria uma denúncia anônima. Poderia não dar em nada, mas eles ao menos parariam naquele momento.

Dominic trava seu maxilar.

— E se Caleb descobrisse que você que sabotou tudo?

— Então eu lidaria com as consequências.

— Que tipo de consequências? E se algum idiota lhe machucasse? Você não se importa com porra nenhuma?

— Não. — Meu semblante é inexpressivo e sinceramente não entendo o rompante de raiva que o acomete.

As íris brilham de raiva e ele leva a mão até o pescoço, coçando-o em seu maldito tique.

Por algum motivo, talvez por a pele já estar tão irritada, me incomoda e acabo me inclinando em sua direção, segurando seu pulso.

— Não faça isso — peço gentilmente e essa deve ser a primeira vez que utilizo esse tom com ele.

Dominic fita meus dedos em seu braço e pisca, confuso.

— Por quê?

— Vai acabar se ferindo.

— E? Não é como se fizesse diferença na sua vida.

— De fato, mas me incomoda. Então pare.

Os olhos escuros se prendem nos meus, fazendo com que desviar se torne impossível. E, por incrível que pareça, ele realmente tira sua mão da nuca lentamente, como se obedecesse a uma ordem sem questionar.

Não solto seu pulso e nós dois encaramos o ponto onde nossas peles se tocam. Ele é quente, seu corpo é quente, enquanto minhas mãos estão absurdamente frias.

— Me incomoda que você cometa esse tipo de idiotice. Então não vá mais sozinha — pede em um tom baixo, quase não o entendo.

— O quê?

— Você está proibida de ir sozinha para alguma outra merda dessas. Se quer brincar de garota boazinha e salvadora da pátria, me leve junto.

— E por qual motivo eu deveria fazer isso?

— Porque se eu te ver machucada por algum deles, farei os Corvos entenderem o porquê do lugar deles ser o cemitério. De preferência, dentro de uma cova — rosna, sua mão vai até minha bochecha e o toque é surpreendentemente suave. — Não me importo de perder meu réu primário por isso.

Ergo levemente o canto da minha boca.

— Me machucar se tornou um privilégio exclusivamente seu?

— Eu nunca machuquei você, princesinha. E enquanto você for minha, ninguém além de mim a tocará. Seja para o bem ou para o mal. — A posse em seu tom é quase doentia e sua fala soa como uma promessa.

E por mais que eu odeie admitir, eu gostaria que fosse verdade. *Impeça que qualquer um se aproxime e me defenda, porque há dias em que é cansativo demais precisar fazer isso sozinha, sem nunca descansar.*

Balanço a cabeça para afastar o pensamento intruso e sinto vontade de perguntar por quanto tempo essa merda irá durar, mas não me importo. Só preciso aguentar até minha mãe ter alta.

Depois disso não preciso suportar seus jogos, não preciso suportar Caleb ou Robert. Nada mais importará.

— Se eu fizer uma pergunta, você responderá? — indago e ele meneia a cabeça em um aceno. — Hoje você está minimamente suportável, foi porque descobriu que sou doente?

Ele sorri.

— Não tenha tanta fé em mim, Wright. Eu não seria bondoso nem mesmo se você estivesse morrendo, meus objetivos sempre serão minha prioridade e eu sempre me colocarei acima de qualquer pessoa, especialmente se a pessoa for você.

— Quais são seus objetivos?

Dominic se inclina para perto de mim e não ouso me esquivar. Seus lábios ficam a centímetros dos meus e sinto seu hálito bater contra o meu rosto.

— Pergunta errada, princesinha. — Ele dá uma piscadela, se levantando. — Esse não é um jogo de mão dupla, não queira saber sobre mim.

— E se eu decidir que quero?

— Então provavelmente você sairá apaixonada e isso será um grande incômodo, porque eu quebrarei seu coração — avisa.

Encaro-o incrédula e sua expressão parece tão séria que acabo sorrindo pela sua pretensão. Mas não é um sorriso forçado como todas as

outras vezes, esse é real, porque Dominic, de fato, aparenta estar convicto de que eu seria capaz de amar alguém tão insano quanto ele.

Seu olhar queima sobre mim e ele está completamente paralisado no meio do quarto. Não entendo o motivo para isso.

— O quê?

Ele vira seu rosto para o lado, evitando me fitar, como se não suportasse olhar para minha cara.

— Acho que você deveria ir, já me fez perder tempo o suficiente para uma noite. — O tom rude me pega desprevenida. E é assim que percebo que ele definitivamente não me tratará diferente por ter descoberto sobre o POTS. De alguma forma doentia, isso é reconfortante.

Pisco algumas vezes, me levantando da sua cama com cuidado para o movimento não ser rápido demais.

— Sinto muito por fazê-lo perder tempo, é nítido que você tem milhares de outros compromissos, visto que passou a noite inteira me perseguindo — debocho, passando por ele com um esbarrar de ombros.

Dessa vez, ele me impede.

— Não seja tão debochada.

— Por quê? Isso irrita você?

— Não, só me faz querer beijá-la todas as vezes.

Engulo em seco, puxando meu braço para me afastar. E, pela primeira vez na vida, não consigo pensar em nenhuma réplica boa o bastante.

Que merda isso significa?

Passo pela porta do seu quarto, andando com uma falsa tranquilidade enquanto nem mesmo consigo prestar atenção aos detalhes do apartamento.

Porra, sequer sei onde estou. Mas não me importo, só quero me afastar porque o ar aqui se tornou sufocante.

Saio do apartamento batendo a porta com cuidado e pego o elevador com a postura altiva.

Dominic não me afeta.

Nem suas palavras, nem seu cheiro ou seu olhar intenso.

Nada nele é capaz de me causar algum efeito. Seria doentio se causasse e ele sequer faz meu tipo.

É insano demais para mim.

Quando desço para o saguão, descubro o endereço em que estou e peço um carro de aplicativo. E posso estar sendo louca ou não, mas tenho quase certeza de que uma *Range Rover* me acompanha até a mansão.

17



Você acabou de cometer o pior erro
E você vai se arrepender, querido
Porque uma vez que você dá e então você tira
Você só vai acabar querendo
Again _ Noah Cyrus (feat. XXXTENTACION)

Cindy Wright

As batidas na porta são fortes e incessantes. A pessoa do outro lado parece determinada a falar comigo e, embora tudo no meu corpo seja contra, me esforço a levantar.

Meus passos são lentos e tudo à minha volta gira. Hoje meu enjoo está insuportável, tanto que já vomitei duas vezes.

Eu não queria falar com ninguém, eu não fui para a aula justamente por isso, porque não estava bem. Porque hoje certamente não é um bom dia.

O *“toc-toc”* continua incansavelmente e ouço a voz de Robert ladrar meu nome em um tom furioso. Ele parece disposto a derrubar a porta.

O que aconteceu agora?

Minha cabeça dói de forma insuportável e o barulho que ele faz nesse exato momento só agrava isso. Penso em pedir para que ele tenha calma, que espere só mais um pouco porque já estou indo, mas nunca adianta e sequer sei se estou forte o bastante para falar algo agora.

Minha mão toca na maçaneta e giro-a, dando de cara com seu rosto furioso.

Quanta novidade.

— Por que caralhos você ainda está assim? — rosna, encarando meu corpo enrolado no roupão de seda.

Pisco de forma inexpressiva e levo minha mão até a cabeça, esfregando minhas têmporas na tentativa de diminuir a dor presente ali.

Ele não se importa, nunca dá a mínima para o que estou sentindo. Então sua falta de reação ao meu gesto não me surpreende.

Apoio meu corpo na porta, com meu braço segurando firmemente a maçaneta.

— Do que você está falando? — Meu tom é baixo, mas neste momento é o mais alto que consigo.

Robert me fita com nojo. Seu olhar percorre meu rosto pálido, meu corpo magro e minhas mãos, que de vez em quando tremem.

Ele nitidamente me odeia por ser tão fraca.

Detesta que eu não seja como Caleb.

O ato de me encolher diante à sua presença é inevitável, ainda mais quando estou fraca e cansada, mas mesmo que minhas pernas peçam para que eu me deite, abaixe minha cabeça e evite o confronto, me obrigo a encará-lo sem esboçar nada.

— Como assim “do quê?” — ele grita, apontando o dedo em riste no meu rosto. A veia em seu pescoço salta e a raiva que ele sente por eu ter esquecido, seja lá qual for o evento da vez, é notável.

Me obrigo a respirar fundo e aperto meus dedos contra a maçaneta com mais força.

Não respondo nada.

— Você não pode ter se esquecido da maldita conferência com os acionistas. Não quando sabe o quanto é importante e o quanto a imagem da família significa agora, principalmente com a ausência de Cristine, que *você* fez questão de internar — ele continua gritando, como se isso fosse mudar o meu estado atual.

Desgraçado.

Ele não consegue se importar nem mesmo um pouco? Ele não percebe o quanto tudo já me afeta e o quanto me esforço diariamente?

A raiva que me atinge me deixa tonta e, nesse momento, odeio o meu corpo por nunca conseguir controlar seu temperamento. Me odeio porque consigo pensar em inúmeras coisas para dizer, mas sei que não sou capaz de durar muito em uma briga. Sei que se eu tentar, é questão de tempo até que eu desmaie.

Droga.

— Eu não conseguirei ir. — É tudo o que digo, com uma minúscula parte minha torcendo para ser o bastante.

— Não estou lhe dando essa opção. — Seu tom é sério e irritadiço. Ele leva sua mão até o meu pulso e o aperta de uma forma dolorosa.

Já aconteceu de eu desmaiar só por uma pontada muito forte de dor, mas felizmente não é o caso de agora.

Meus batimentos aceleram e mesmo eu estando sem o meu relógio, sei que eles fazem isso de uma forma preocupante. Me pergunto se hoje ele cruzará o limite, se fará algo além de apertar o meu pulso. Contudo, para a minha sorte, não preciso descobrir.

— Você não pode bagunçar as coisas dessa forma. Esse é o mundo dos adultos, e não é porque você brinca com sua vida como se fosse um conto de fadas que pode fazer o mesmo com a de pessoas importantes como eu. Sua presença nunca foi tão essencial por conta de Cristine, mas sem ela aqui, você precisa ir. — Seu tom é rude, porém, agradeço mentalmente por ser um pouco mais baixo e por seus dedos abandonarem minha pele.

Não que eu seja a causa disso, tenho certeza de que ele só age dessa maneira porque vê Francesca se aproximar com uma bandeja em mãos. E, bom, ele evita mostrar sua verdadeira face até mesmo para os funcionários que trabalham comigo. Assim, eles também acreditam na ideia da família perfeita e do pai bondoso com a filha doente. Assim, há menos chances de boatos se espalharem. Poucos são aqueles que sabem tudo o que acontece dentro da mansão dos Wright e tenho ciência de que eles são muito bem pagos para que nada escape por além desses muros.

Dou um meio sorriso em sua direção e ela pede licença, tanto a Robert quanto a mim, parando ao meu lado. Sei que ela veio tentar me fazer comer e checar como estou, assim como sei que ela odeia o homem à minha frente.

Seu olhar determinado deixa claro que ela sabe que interrompeu algo importante e que não se afastará. Agradeço mentalmente por isso, uma vez que meu peito dói e me sinto mais sufocada a cada instante.

Tudo nele é sufocante.

— Peço desculpas pela intromissão, porém, a senhorita Cindy precisa fazer alguns exames ainda hoje, logo é inviável que ela saia para algum evento. Sinto muito — ela mente com facilidade, e juro que se minha cabeça não estivesse pesando uma tonelada e tudo à minha volta não girasse tanto, eu poderia sorrir.

Robert trava seu maxilar, sabendo que acabará com toda a imagem que trabalhosamente construiu se me negar exames que são importantes. Se ele se importasse, mesmo que minimamente, saberia que fiz meus exames na semana passada.

— Você não deveria ter marcado exames em um dia como esse. — Ele olha para Francesca, que não vacila nem mesmo sob o escrutínio das íris cruéis. — Então garanta de deixar a agenda dela livre em todos os dias que eu lhe passar de agora em diante — ordena.

Fran aquiesce e passa por mim, entrando no quarto com a bandeja em mãos, quase suspiro de alívio em ter sua presença. Robert me encara.

— Da próxima vez, não me importarei se você tem um exame, se só terá mais um dia de vida ou se estiver semimorta, você colocará um sorriso forçado e cobrirá esse seu rosto pálido pelo bem da nossa empresa — avisa, apertando meu maxilar. — Todos fazem sacrifícios, você não pode continuar sendo apenas um peso inútil, então também faça algo — rosna e se vira, me deixando para trás.

Um peso.

Durante a vida inteira, dei o meu máximo. Durante a vida inteira, chorei em silêncio e me obriguei a esconder a verdade sobre minha doença. Durante a vida inteira, me esforcei e temi ser um peso para alguém.

Então, ter a palavra sendo usada contra mim, me faz verdadeiramente mal.

— *Cindy* — Francesca me chama, correndo em minha direção quando minhas pernas ameaçam falhar. — Vem, vamos sentar. — Ela segura minha mão trêmula de raiva cuidadosamente e por mais que tudo pareça girar, ela consegue me fazer chegar até o colchão.

Deito e fecho os olhos, torcendo para desmaiar logo e para que meus batimentos voltem a desacelerar. Mas fico alguns minutos assim e nada acontece. A sensação de enjoo continua e sinto meu peito doer um pouco menos.

Abro os olhos, bufando.

— Você precisa comer — Fran, sentada na ponta da cama, avisa.

— Eu sei.

Ela me entrega um potinho com sal e o coloco na minha boca, acostumada com o sódio constante.

Sempre ando com um pote, e quando ninguém vê, coloco-o sobre minha língua. Às vezes, saio com um relicário e até mesmo dentro do objeto coloco sal. E se você tirar a capa do meu celular nesse exato instante, também encontrará sachês de sal nela.

Francesca estende minha garrafa de água e tomo alguns goles enquanto ela traz a bandeja para perto de mim. Já são quase quatro da tarde e tudo o que comi até agora foi o café da manhã.

E eu sei que estou errada, sei que nunca posso comer pouco porque me deixa fraca, mas que também não posso comer muito. Toda minha alimentação é regrada e há alimentos que são cortados dela, como café, porque a cafeína acelera muito meu coração. Por isso, tenho refeições controladas e todas feitas com o apoio médico e nutricional.

Mas existem dias como hoje, que não me sinto bem nem mesmo para comer. Só estou cansada de tudo. Das restrições, das regras, do julgamento, do meu corpo, do tratamento, do POTS e da Vasovagal.

Tudo me cansa e só tenho vontade de ficar deitada, sempre lembrando que essa posição é a melhor para o meu corpo.

— Se eu fosse você, já teria saído dessa casa — ela admite, me entregando o prato com a comida.

Dou um meio sorriso, me ajeitando para comer.

— Está nos meus planos, só preciso que Cristine volte.

— Como ela está? A clínica tem dado notícias?

Aceno, colocando um pouco mais de sal sobre meu almoço. Francesca não se surpreende, mesmo a minha comida já sendo preparada com sal a mais, eu sempre ponho um pouco extra antes de comer.

Seguro o garfo, espetando um pedaço de batata.

— Ela foi diagnosticada com depressão severa e está na ala branca da psiquiatria. Não sei quando terá alta e ela não quer receber ninguém — comento com indiferença.

Francesca apenas assente.

Uma vez perguntei para Beatrice se eu era uma pessoa ruim por ter pensamentos egoístas e ela disse que o ser humano tendia a ser assim. Na última sessão, perguntei novamente se eu era ruim por não estar sofrendo em saber que minha mãe tinha depressão e ela garantiu que era normal, que eu me ressentia por todas as vezes que sofri em silêncio ou que ela me negligenciou, mesmo sabendo o quanto eu precisava de uma rede de apoio.

Ela falou que a prova de que sou um ser humano bom é que eu lutei para interná-la. A prova de que ainda a considero minha mãe, apesar de tudo, é o fato de eu estar esperando por ela. Esperando que ela fique bem para tomar uma decisão. Embora, na minha cabeça, sua escolha já seja óbvia.

Ela sempre escolheu Robert. A riqueza, a empresa, o seu casamento e o dinheiro. Não sei por que agora seria diferente, mas ainda assim esperarei para que ela fique bem e eu possa ir sem peso na consciência.

Sem ser omissa, como ela foi a vida inteira.

Francesca começa a conversar sobre outros assuntos para me distrair enquanto eu como e apenas escuto enquanto ela conta tudo da sua vida.

Ela faz isso desde que foi contratada. Sabe que não gosto de falar da minha, mas que sempre me divirto quando ela conta sobre a sua. E talvez seja por ela ser apenas três anos mais velha, porém, muitas vezes a vejo mais como uma amiga do que como uma enfermeira.

E o fato de ela respeitar tanto o meu espaço, sempre me deixando sozinha e só vindo quando quero ou precisa vir, como foi o caso de hoje, provavelmente é o que me faz enxergá-la dessa maneira.

De qualquer forma, apesar do motivo, gosto da nossa relação.

Ela está contando sobre uma festa que foi, mas se detém ao fitar meu pulso vazio.

— Onde está seu relógio? — questiona, intrigada.

Termino de mastigar o pedaço de carne em minha boca, antes de responder:

— Eu o deixei cair na aula de esgrima e o visor quebrou. Então mandei consertar e em breve o terei de volta — invento a mentira com facilidade e ela sequer desconfia.

Porque quando se passa a vida inteira mentindo, fazer isso se torna fácil.

— Por que não compra logo outro? Seria mais rápido.

Dou de ombros, enfiando outra garfada de comida em minha boca e ela aceita meu silêncio, voltando a falar sobre a festa. E sua presença torna o dia terrível em algo mais suportável.



Baby, eu quero te tocar
Eu quero respirar bem você
Veja, eu vou caçar você
Tenho que te trazer para o meu inferno
Desire _ Meg Myers (Hucci Remix)

Dominic Edwards

O clube hoje tecnicamente deveria estar fechado, mas eu estava entediado e já havia cavalgado com o Pesadelo no dia anterior. Nada do que eu poderia fazer me parecia interessante e eu não queria ficar no apartamento, porque desde que ela esteve lá, tudo parece sufocante.

Então foi fácil ligar para o dono, mais fácil ainda conseguir o acesso ao clube para aproveitá-lo sozinho. Sempre é assim, uma ligação e uma oferta alta demais para ser negada abre todas as portas. Essa é uma das melhores partes de se ter influência.

Encaro meu reflexo no espelho, os cabelos suados estão colados em minha testa e meu torso está exposto, uma vez que tirei a camisa enquanto usava a academia do segundo andar.

Tudo em mim parece normal, exatamente como sempre. Porém, eu me sinto diferente. Minha mente faz perguntas que sequer deveriam ser cogitadas e meu cérebro insiste em reviver falas e expressões que deveriam ser insignificantes.

Eu não deveria estar tão em dúvida em relação a ela. Eu não deveria ter visto seu lado mais humano, sem o sarcasmo. Eu não deveria hesitar sobre o que estou fazendo. Eu não deveria ter perdido meu tempo e ter pagado uma nota só para ter uma aula com um médico sobre POTS e Vasovagal. Eu não deveria vacilar, porque isso não faz parte de quem sou. Eu não deveria pensar no sorriso dela, mas não consigo evitar.

Ela sorriu.

Naquela noite, Cindy verdadeiramente sorriu e nada me preparou para ver seus lábios se curvarem daquela forma. De um modo tão sincero.

Droga, por que eu continuo pensando nisso? Por que ela não sai da minha cabeça? Por que ela tinha que ter a porra do sorriso mais bonito do mundo e por que meu estômago se revirou ao vê-la fazer isso? Por que diabos meu coração acelerou e desejei vê-la sorrir mais vezes?

As coisas não deveriam ser assim, Dom. Você está indo longe demais, está ficando perto demais dela, está deixando que ela se aproxime demais. Porém, não consigo evitar.

E embora eu esteja fazendo coisas que não deveria, embora isso seja idiotice e não vá dar em nada, embora ela me odeie – seja agora ou no final de tudo –, não consigo evitar querer saber mais e mais sobre ela.

O que eu tenho de informação ainda é muito vago. Eu deveria ter sido avisado sobre a sua doença, deveria ter sido comunicado que Cindy era do tipo perigosa.

Archie deveria ter me proibido de chegar perto dela, mesmo que não fosse adiantar nada. Porque assim, ao menos alguém teria me dado um alerta sobre como eu poderia acabar enlouquecendo com ela e tudo que a envolve.

Coço minha nuca. Antes eu não fazia isso com tanta frequência, raramente eu ficava nervoso ou ansioso, então a mania não era tão perceptível. Mas Cindy tem esse poder sobre mim, ela me deixa nervoso e é por isso que sinto a pele em meu pescoço arder vez ou outra.

“*Não faça isso.*”

A gentileza e suavidade em seu tom ao me pedir para não coçar minha nuca retorna e a odeio por invadir minha mente até mesmo em um momento banal como esse.

Maldita seja ela.

Resmungo um palavrão, deixando o banheiro para trás. Meu corpo suado pede por um pouco de refresco e me molho no chuveiro somente de calça, indo em direção à área onde ocorre a natação logo em seguida.

Meus passos e minha respiração são os únicos barulhos que podem ser ouvidos no clube e quando avisto a piscina com a água límpida, não perco meu tempo ao tirar a calça e pular dentro dela.

Meu corpo sofre um baque com o choque de temperatura, mas não acho ruim que a água esteja absurdamente fria. É como uma espécie de tortura, mas de alguma forma, uma das boas.

Mergulho, ficando completamente submerso até que meus pulmões implorem por ar e eu erga minha cabeça, puxando-o para dentro. Repito esse movimento algumas vezes e meus músculos relaxam cada vez mais.

Estou nadando debaixo da água e quando emerjo, me surpreendo ao ouvir passos se aproximarem.

Eu não deveria estar sozinho? Será que mandaram algum funcionário?

Viro minha cabeça à procura da pessoa e meu olhar rapidamente se fixa nela.

Porque é claro que seria ela.

Cindy caminha em direção à piscina com tranquilidade, ela não carrega nada e parece alheia a tudo, inclusive à minha presença.

Inclino a cabeça para o lado, meu olhar passeando por suas pernas expostas e pelo vestido branco, com uma espécie de corpete na parte de cima que parece quase transparente.

Como se sentisse que está sendo observada, Cindy finalmente foca na piscina e paralisa, piscando algumas vezes como se estivesse vendo coisa.

— Quanta coincidência, princesinha. — Ergo o canto da minha boca. — Ou será que agora é você quem está me perseguindo?

— Eu… — Ela balança a cabeça. — O que você está fazendo aqui?

Ignoro sua pergunta e alcanço a borda da piscina, ficando mais perto dela.

— Sentiu minha falta? — indago ao invés de respondê-la.

— Não.

— A cada encontro nosso, meu ego diminui um pouco.

— E ele ainda é grande desse jeito?

Rio.

— É que eu tento não me afetar muito.

— Ótimo trabalho. — Ela revira os olhos e se vira, ameaçando se afastar.

Impulsiono meu corpo para fora d'água e vou atrás dela, segurando seu braço com cuidado. Ela se vira para me encarar, mas seus olhos não se prendem aos meus.

Não, pelo contrário, Cindy escrutina meu corpo e não consigo me mover enquanto ela passeia o olhar por ele. Assisto o movimento que sua garganta faz ao engolir em seco e jamais pensei que eu poderia ficar excitado com um gesto inútil como esse.

Porra.

Nem mesmo com o frio você pode se conter?

— Você não precisa só olhar, pode tocar se quiser — debocho, na intenção de que ela não note meu pau inchado na cueca.

Wright pigarreia e as íris castanhas finalmente encontram as minhas, mas o que deveria ser bom, só faz com que o meu coração acelere.

Ótimo.

Se ela olha para o meu corpo, me deixa com tesão. Se olha para o meu rosto, me causa uma parada cardíaca.

Que merda você está fazendo comigo, princesinha?

Eu deveria deixá-la se afastar, visto que sua mera aproximação possui efeito sobre mim, mas não consigo.

— Como você entrou? — Soo curioso.

Ela dá de ombros.

— Tenho acesso liberado. Pago extra para dias como esse.

E eu achando que era único.

Filho da puta ganancioso.

— Então você vem com frequência?

— Às vezes. — Dá de ombros.

— Por quê? Pela piscina? Achei que uma mansão como aquela deveria ter uma.

— E tem, mas prefiro sair de casa.

— Então você não gosta de ficar lá? — Tento ler por entrelinhas, entender se ela diz algo por trás das suas palavras.

Mais uma vez, recebo um dar de ombros. Ela não tenta se soltar de mim e quando olho para o lugar onde nossos corpos se tocam, percebo que deslizo meu polegar em sua pele de modo inconsciente.

Cindy também repara no gesto e não faz nada. Ambos temos consciência do toque e nenhum de nós reage.

Ela não se afasta. Eu não paro.

A atmosfera muda, o ar se torna mais quente e até o ato de respirar parece mais fácil.

Ela é o quê? Um fodido purificador de ar?

Meu cérebro zomba, mas o órgão idiota também parece confuso em relação a inúmeras coisas.

Tomo alguns segundos encarando-a. Ela é mais bonita do que deveria. O rosto não possui nenhuma maquiagem, mas ainda assim parece a maldita mulher mais bonita que já vi.

— Você não precisa ir para lugar nenhum, aqui tem espaço o suficiente para nós dois — garanto e Cindy assente lentamente.

— Certeza que seu humor não mudará daqui dois segundos e você me mandará embora?

Pigarreio.

— Você iria embora só porque eu mandei? Desde quando você é tão obediente? — provoco. — É mais fácil você conseguir me expulsar.

Ela curva seus lábios levemente e torço para que ela não sorria.

Não sorria, Cindy.

Não foda ainda mais com minha mente.

— Não vou nadar, só queria aliviar a cabeça — admite.

— Ótimo, eu também só queria desopilar — falo, me obrigando a manter distância.

Água se acumula nos meus pés e meu corpo está pingando. Me viro sem perguntar o que ela fará agora e entro na piscina outra vez, mergulhando desesperado.

Não é possível que a água congelante não faça meu pau murchar.

Demoro alguns segundos submerso, para que ela decida o que fará. E quando subo para puxar o ar, encontro-a sentada na beira da piscina, com seus pés dentro da água.

— Então você ficou mesmo — assobio, mais contente do que deveria.

— Não faz sentido ir só por sua causa, sua presença não é tão significante assim.

Sorrio sem me afetar.

— Suas respostas ácidas são excitantes, sabia?

— E você é louco. — Ela revira os olhos e o silêncio recai sobre o ambiente, só que não é um silêncio desconfortável. E perceber isso me deixa incomodado.

Cindy balança as pernas na água e encara o nada, seu olhar é distante. Nado até ela e paro em sua frente.

— No que você está pensando? — Soo curioso.

— Você já percebeu que faz perguntas demais?

— E você já notou que dá respostas de menos? Talvez eu a deixasse em paz se você fosse mais comunicativa.

Ela estala a língua.

— Comunicação não é o meu forte.

— Nem o meu. Mas ainda assim, sempre que estou com você, falo demais.

Ela une as sobrancelhas.

— Não sei o que isso significa.

— Nem eu. — Dou de ombros, ela me observa e aproveito o fato de ter capturado sua atenção. — Por que você não foi para a faculdade na terça?

Ela inclina sua cabeça para o lado, me analisando.

— Como você sabe? Achei que não pudesse procurar por mim em Evergreen. — Seu tom parece me lembrar do nosso acordo. Como se eu fosse capaz de esquecer.

— Não preciso procurá-la para saber da sua ausência.

— Você soa como um perseguidor.

Rio.

— Nada acontece em Evergreen sem termos conhecimento.

— Então você sabe exatamente todos os alunos que faltam por dia? — Arqueia a sobrancelha em zombaria.

— Não, só aqueles que me interessam.

— E você tem interesse em muitos alunos?

— Não, você é a única.

Ela bufa.

— Como eu disse: perseguidor.

— Acho que nossa relação está evoluindo, você já me chamou de assombração e perseguidor. O que totaliza dois apelidos — comento e apoio

minhas mãos na borda, deixando suas pernas entre meus braços.

Ela dá um meio sorriso e seu olhar desvia até as tatuagens em minha pele.

— Alguma tem significado?

— Nenhum específico. E você? Tem alguma?

— Não.

— Por quê?

Ela franze seu nariz.

— Acho que seria dor demais e uma dor desnecessária. Não tenho nada que eu goste o bastante para marcar na pele. — Seu tom é indiferente, vazio, e não gosto do sabor amargo que preenche minha boca.

— Nada mesmo? Nenhum animal de estimação? Pessoa amada? Objeto especial? Música favorita?

— Não, nada.

Entreabro meus lábios algumas vezes, sem saber o que dizer.

— O cordão é por causa dos Anjos? — questiona, esticando sua mão para tocar na corrente prateada que sempre uso em meu pescoço.

— Sim.

— Ele é bonito.

— Você é mais — respondo de modo automático, e talvez a água esteja me fazendo mal, por que desde quando elogio alguém?

Ela pisca, registrando minha fala.

Merda.

Que boca fodida, Dominic.

— Quero dizer, comparado a um objeto, é fácil ser mais bonito. — Coço minha nuca e não sei dizer se há algo em meu tom, no meu semblante desesperado ou se é apenas minha fala, mas independentemente do motivo, ela ri.

O som é verdadeiro ao invés de ácido. Parece uma fodida melodia preciosa, uma do tipo que eu daria tudo e pagaria milhões para ouvir em *looping*.

Alguma merda acontece em meu estômago e pareço ser atingido quando seu sorriso brilhante enfeita o rosto perfeito.

Ela não deveria ser tão bonita.

Sua aparência era para ser considerada crime e ela merecia ser presa por isso. Deus deveria castigá-la ou se redimir com todos os outros seres humanos por ter feito dela sua mais perfeita obra.

Não é justo.

É fodidamente errado o poder que ela tem sobre mim nesse momento, enquanto exibe o sorriso mais belo do mundo inteiro.

Homens sábios matariam para vê-la sorrindo mais vezes e eu seria o primeiro deles. Neste exato segundo eu faria absolutamente tudo o que ela quisesse e Cindy sequer tem conhecimento disso.

De quão perigosa ela é para mim.

— Pare de sorrir — ralho, irritado.

— Por quê? Você odeia até o meu sorriso?

Rio forçadamente.

Se ela soubesse…

— Você não faz ideia do quanto.

— Pois bem, então sorrirei mais vezes de agora em diante.

— Faça isso, assim terei um motivo para beijá-la. Acho que será uma forma eficaz de arrancar esse sorriso ridículo do seu rosto.

Cindy não deixa de sorrir como pensei que faria, na verdade, ela continua com o sorriso enfeitando seus lábios. Quase como se me desafiasse.

— Estou falando sério, Wright.

Ela segura meu colar, me puxando por ele.

— Eu também.

Pisco, surpreso.

— Você quer que eu a beije, princesinha?

— Acho que você é um ótimo passatempo — sussurra como se fosse uma confissão e aproximo minha boca da sua.

— Então você está querendo me usar? — Meu olhar desvia até seus lábios e ela engole em seco, desviando para os meus.

— Sim.

— Tudo bem, aceito ser usado se for por você — admito.

E saber que nesse instante falo sério faz com que eu questione minha sanidade.

Que porra estou fazendo?

Seu olhar brilhando com algo não identificável me excita. *Tudo nela tem esse poder.* O poder de me fazer esquecer o quão errado isso é, o quão filho da puta já fui e estou sendo. O poder de me fazer esquecer os Anjos, Archie, os Corvos e até mesmo o fato de que ela é irmã do maldito Caleb.

Aqui e agora, nada além dela importa.

Meus lábios agarram os seus, famintos. Desejosos por mais do que ela pode me oferecer. Meu toque é ávido e desesperado. Sua língua tem um gosto salgado e grunho quando ela a desliza pela minha de modo provocativo.

É sedutor.

Parece um desafio, um perigoso desafio que nos leva ao limite e arrisca sua própria vida. Que fode minha mente de forma irreversível.

Caralho.

Minha mão aperta o tecido do seu vestido, desejando que ele esteja fora do seu corpo. Meus dedos em sua nuca pressionam o local como se tentassem fazer com que ela se funda a mim.

Tudo meu desejaria se fundir a ela.

Por hoje, eu gostaria que fôssemos um só.

Mordo o canto da sua boca e ela geme, o som é certamente o segundo melhor do mundo, perdendo apenas para sua risada.

Porra, eu aceitaria ir para o inferno apenas para ter mais disso.

Qual é a merda do meu problema?

Seus dedos puxam meus cabelos molhados com força e mesmo tocando nela, ainda não me sinto próximo o bastante. Isso me dá desespero. Eu queria mais.

O contato está longe de ser o suficiente.

Meus dedos sobem pela sua coxa, por baixo do tecido do vestido. Ela não se opõe, na verdade, separa um pouco mais as coxas. Seus lábios não abandonam os meus em momento algum. A pele macia se arrepia com meu toque e deixo um caminho de água por onde passo. Meus dedos são brutos enquanto tudo nela esbanja suavidade.

Eu poderia machucá-la se quisesse. Ela está vulnerável da mesma forma que ficou na floresta, estamos completamente sozinhos e feri-la a ponto de ela sair correndo assustada de volta para Northview não seria difícil.

Eu tenho a oportunidade perfeita para tirá-la de Evergreen e fazer com que ela nunca mais pise no nosso território, mas a mera ideia de machucá-la, mesmo que sem querer, é repugnante. E ao menos por hoje, eu posso jurar que eu mataria qualquer um que fizesse isso com ela.

Cindy é intocável para o mundo. Não permitirei que ninguém além de mim se aproxime dela. Ninguém ousará tocar em um único fio de cabelo seu para fazer o mal.

E enquanto minha mente estiver essa fodida bagunça, eu deixarei de ser um anjo da morte e me tornarei seu anjo protetor.

Ela geme quando chego perto da sua calcinha e inclina sua pélvis, em um pedido desesperado para que eu a toque. O calor que sinto irradiar da sua boceta quase queima minha mão e me pergunto se ela já está molhada como da última vez, me questiono se seu clitóris está inchado e se ela está pingando.

A ideia de melar suas coxas macias com a sua própria excitação e de espalhar meu esperma em seus peitos faz o meu pau ficar duro para caralho. Nem mesmo o frio consegue amenizar a situação e sinto o tecido da cueca me aprisionar.

Porra.

Minha mão aperta o interior da sua coxa com força e finco meus dedos contra a pele, antes de esfregar meu indicador em sua boceta, por cima da calcinha.

O tecido fino gruda nos lábios encharcados e ela tenta se afastar, gemendo contra minha boca. Engulo o som suave e alcanço seu clitóris, fazendo movimentos circulares com meu polegar em uma masturbação lenta.

— *D-Dominic* — sussurra, separando nossos lábios.

Quando faz isso, reparo em três coisas imediatas. Primeiro: o suor que já escorre em seu pescoço. Segundo: os lábios vermelhos e inchados. Terceiro: a palidez em seu rosto.

Me dar conta do quão pálida ela está me faz lembrar de como ela pode desmaiar e como seu corpo funciona melhor quando está deitado e por ela, apenas por ela, eu aceitaria transar na mesma posição e nunca mais inovar.

Mesmo que meu passatempo favorito seja testar todos os ensinamentos do *Kama Sutra*.

Desde quando faço exceções?

Algo dentro de mim sussurra que é desde que a conheci. Mas meu lado racional se recusa a isso e insiste que é o desejo falando.

Mas no final das contas, não importa se esse é um pensamento guiado pelo meu pau ou se é algo mais preocupante como meu fodido emocional, a minha atitude de impulsionar meu corpo para fora da água é a mesma.

Cindy me observa com estranheza enquanto me vê sair da água para ficar por trás dela. Sua respiração está acelerada e seu peito sobe e desce rapidamente.

Sequer imagino como estejam seus batimentos cardíacos nesse exato momento.

— Você precisa respirar, *princesinha* — sussurro contra seu ouvido, mordiscando o lóbulo da sua orelha.

A água do meu corpo pinga no seu e cada centímetro da sua pele se arrepia. Minhas mãos vão até seus ombros e massageio a região, puxando-a com cuidado para apoiá-la no chão.

Cindy não se opõe, seus lábios entreabertos me excitam por saber que fui a causa daquilo. E como se ela tivesse consciência do quão duro me encontro nesse momento, seu olhar recai sobre meu membro.

As pupilas já dilatadas se incendeiam e ela engole em seco. E embora eu saiba que tenho mesmo um pau impressionante e um corpo gostoso para caralho, ninguém jamais teve essa reação em apenas ver meu tamanho marcado contra a cueca.

Cindy parece a personificação do desejo. Nesse momento, ela é como Afrodite e eu aceitaria ser um mero servo, desde que significasse algo para ela.

Toda minha extensão dói e sobre seu olhar repleto de luxúria, a sensação se torna ainda maior.

Caralho.

Por um segundo fecho os olhos, porque encará-la me faz pensar em como ela ficaria linda engasgada no meu pau, com seus lábios inchados envolvendo todo o comprimento, com a glande batendo em sua garganta e seus olhos lacrimejando cheios de desejo.

É uma puta visão do paraíso.

Aperto meu pau por cima da cueca para que ele se controle.

— Não faça isso. — A voz, normalmente suave, parece rouca e saber que o desejo é a causa disso me deixa entorpecido.

— O quê? — Abro os olhos e quase não consigo falar com as pupilas dilatadas me devorando.

Como alguém tão suave pode ter uma expressão tão voraz?

— Não se contenha. Não quando a única coisa que quero de você nesse momento é o seu pau.

Engulo em seco, com sua fala me pegando desprevenido.

— Você pode fazer isso, não pode? Já fodeu minha boceta com sua língua, consegue fazer o mesmo com seu pau, certo? — Um sorriso provocativo surge no canto da sua boca e, porra, não sei qual das suas versões é mais perigosa.

Todas me parecem destrutivas.

Desde a postura ácida e distante, até a provocativa e sexy.

Ela desliza a mão pelo seu pescoço e o seu peito, como se estivesse acostumada com os movimentos.

— Posso — concordo, embora não me mova e apenas passe meu tempo apreciando-a.

— E então? Por que ainda está parado?

Sorrio maliciosamente.

— Porque só foderei você se me mostrar como faz isso consigo mesma. — Meu tom é malditamente baixo. — Me mostre como seus dedos fodem sua boceta, princesinha.

Seus lábios se erguem lentamente em um sorriso malicioso e me arrependo na mesma hora do meu pedido. *Porra.* Ela umedece sua boca e travo o maxilar quando a vejo deslizar sua mão por cima do corpete do vestido.

Cindy ergue as costas como se o seu próprio toque fosse extremamente satisfatório e vê–la fazendo isso, sabendo que sou o único com acesso a esse seu show particular, me faz apertar os punhos.

Eu deveria ser o único a vê-la daqui para frente.

Ela segue deslizando suas mãos lentamente, com pura sensualidade, e quando chega em suas coxas, Cindy faz questão de abrir bem as pernas e erguer o tecido do vestido, deixando-o na cintura.

A visão da boceta coberta pela calcinha preta já é enlouquecedora, mas quando Cindy a desliza por suas pernas e retira o tecido, tenho certeza de que estou condenado.

Sua excitação brilha nos lábios latejantes da sua boceta e minha boca saliva com vontade de saboreá-la.

Caralho.

Cindy sorri e o brilho em seu olhar é absurdo. *Ela sabe o poder que tem sobre mim nesse momento.*

Perco o fodido ar quando a vejo chupar o indicador e seu dedo médio e aperto meu pau com força quando ela desliza os dois dedos dentro da sua abertura quente e apertada.

Minha cabeça pesa com o tesão e tenho certeza de que eu poderia gozar nesse momento, mas obrigo meu corpo a se controlar.

Ela ofega, apertando o seio por cima do vestido enquanto sua outra mão estoca dentro de sua boceta. Seu olhar encontra o meu e sei que meu corpo está molhado, sei que está frio, mas o calor que sinto com suas íris em mim é absurdo.

Tão absurdo que chega a queimar.

Me obrigo a assistir Cindy se dando prazer, sem nunca tocá-la e quando a dor se torna insuportável, liberto meu pau da cueca. O membro duro e pesado bate em minha barriga quando finalmente é solto.

A princesinha parece ter seu olhar atraído, como se sentisse o que acabei de fazer, e ela arregala levemente os olhos ao me fitar. Seus lábios se entreabrem e ela encara meu pau sem o menor pudor.

— Você parece obcecada, princesinha — provoco, apertando o membro para ver se consigo me controlar melhor.

Ela ri, revirando os olhos. Mas dessa vez não sei dizer se é de prazer ou deboche.

— Ao menos alguma parte sua é capaz de causar obsessão, parabéns — desdenha entredentes, espalhando mais da sua umidade.

Como se ela já não estivesse pingando e sua mão encharcada.

Rio com as palavras e para provocá-la, começo a movimentar minha mão contra meu pau. Meus dedos o comprimem como se fosse a boceta dela que estou fodendo e não o meu punho.

Cindy está gemendo, perdida em seu próprio prazer, mas ofega ao ver que faço o mesmo. O seu olhar em chamas foca nos meus movimentos e ela aumenta a velocidade dos seus.

Vê-la se masturbar já parecia uma tortura, mas o prazer que sinto enquanto bato uma por ela, com seus olhos sobre mim, é indescritível.

Foda-se o maldito Kama Sutra, essa é a experiência mais erótica que já tive.

Ela retira seus dois dedos de dentro da boceta melada e os leva até sua boca, sugando-os com um gemido. As íris castanhas não desgrudam das minhas.

— Você tem razão, é doce. — Ela sorri, estalando a língua e guia sua mão até o meio das pernas novamente. — Quer um pouco? — oferece e aquiesço de imediato, quase hipnotizado.

Ela ri e acumula sua excitação nos dedos, esticando-os em minha direção. Como um animal obediente, desesperado por água, vou até ela. Contudo, antes que eu alcance sua mão, Cindy a afasta e deixa perto dos seus lábios.

Abaixo minha cabeça, sendo guiado por ela e por seus movimentos. E quando nossos rostos estão próximos e meu corpo praticamente cobre o seu, ela leva os dedos aos meus lábios.

Abro a boca para chupá-los, mas ela nega.

— Mantenha-os fechados — pede suavemente e o faço, curioso para descobrir qual é a sua intenção.

Sinto quando ela leva seu indicador como se fosse um pincel e o delineia em minha boca com um perfeito “C”. Assim como sinto quando ela guia o dedo médio e escreve um “W”.

Cindy Wright.

Não evito o sorriso ao me dar conta de que ela faz exatamente o que eu fiz, como uma espécie de vingança. Seu olhar encontra o meu e embora ele seja inteiramente dominado por desejo, há um resquício de divertimento.

Umedeço minha boca.

— Você poderia fazer um *gloss* usando sua excitação, garanto que eu manteria minha boca sempre hidratada — sussurro, com meu polegar tocando em seu queixo antes de atacar sua boca.

O gosto salgado em sua língua se mistura com o doce da sua boceta e o simples sabor é fodidamente bom, o bastante para me fazer grunhir.

— Já mostrei como uso meus dedos, mostre como seu pau consegue ser melhor do que eles — pede, rasgando minha nuca com suas unhas afiadas.

Quanta hipocrisia, princesinha.

Você pode me rasgar como uma gata enlouquecida e não posso nem mesmo coçar meu pescoço?

Quase rio, mas não quero perder tempo fazendo isso.

A única coisa que desejo nesse momento é cravar meu pau dentro de Cindy com tanta força que ela jamais esquecerá esse dia e a quem pertence.

Me afasto rapidamente, só para alcançar a calça que deixei largada e pegar a camisinha de dentro do bolso traseiro.

Ela me assiste tirar a cueca por completo e rasgar a embalagem. Seus olhos parecem fissurados em cada movimento meu. Seu olhar me causa ansiedade e não sei quando caralhos fiquei tão ansioso ao transar.

Porra, nem mesmo quando perdi minha virgindade fiquei assim.

Me posiciono entre suas pernas e ela ergue o canto da sua boca em um meio sorriso.

— Quer ajuda? — debocha.

Rio, esfregando minha glande em sua extensão. Cindy se apoia sobre seus cotovelos como se não quisesse perder o momento em que

finalmente estarei dentro dela.

Sob o seu olhar, cuspo em meu pau e espalho a saliva por ele, apenas para não correr o risco de machucá-la, mas Cindy está tão fodidamente molhada que deslizo para dentro dela com facilidade.

Meu pau crava em sua boceta e nós dois gememos ao mesmo tempo. Ela por ser invadida e eu por ser comprimido.

Caralho.

Cindy é absurdamente apertada, mas tão apertada que chega a ser doloroso. Sua boceta parece mastigar meu membro e isso porque apenas metade dele está enfiado dentro dela.

Porra. Porra. Porra.

Não me movo, eu não ousaria.

Sua cabeça está no chão e ela já não está mais apoiada sobre seus ombros, como se não tivesse mais força para fazer isso. Seus dedos apertam o vestido com força e ela parece ter necessidade de se agarrar em algo. Seus olhos fechados se entreabrem e encontram os meus.

— Você está bem? — questiono entredentes, minha mão aperta suas coxas e isso é tudo o que impede de me mover nesse momento.

Ficar parado é angustiante.

Ela assente.

— Preciso de palavras, princesinha — ralho. — Posso foder você? Posso enfiar meu pau até o talo e encher sua boceta até você clamar pelo meu nome?

— Você está perdendo tempo — sussurra. Sua respiração entrecortada e olhar malicioso, junto com sua fala, são tudo o que preciso para estocar dentro dela.

Meus movimentos iniciais são lentos, apenas para que ela se acostume. A cada vez que puxo meu pau e volto a empurrá-lo dentro dela, enfio um centímetro a mais. E fazemos isso até que eu sinta minhas bolas batendo contra sua bunda deliciosa.

Quando estou totalmente dentro dela, começo a estocar um pouco mais forte. Minhas mãos apertam suas coxas e obrigam que ela fique parada. Meu dedo ora ou outra vai até seu clitóris estimulá-lo e ela começa a gemer cada vez mais alto.

Caralho.

Cindy está mesmo me estragando para qualquer outro tipo de envolvimento. Porque, não, nunca encontrarei um gemido tão delicioso. Jamais entrarei em uma outra boceta tão quente e apertada. Nunca transarei com uma mulher tão *sexy* e hipnotizante outra vez.

Ela aperta os dedos contra o tecido com tanta força, que me pergunto como ela não os quebra. O barulho dos nossos corpos se chocando preenche o ambiente. Ela está tão excitada que a cada vez que tiro meu pau e o enfio novamente, ele volta mais molhado.

Até a porra dos meus ovos estão encharcados.

O olhar dela fica preso no meu e é essa parte que fode minha cabeça. Ela tem literalmente meu pau dentro de si, por que caralhos não poderia deixar minha mente de fora? Por que me olhar dessa forma?

Porra, Cindy.

Não foda comigo quando eu estou fodendo com você.

Meus movimentos alternam entre lentos e rápidos. As estocadas ora são fortes e ora são mais suaves. Ela geme rápido e grita várias vezes, pedindo por misericórdia, como se alguém estivesse interessado nos desejos carnais dela.

Suor escorre em seu rosto. E eu mesmo não sei mais se estou molhado com a água da piscina e ou com o suor das minhas glândulas. Seus lábios estão entreabertos e ela aperta seus seios por cima do tecido.

Amaldiçoo a peça por ainda estar em seu corpo, mas não paro o que estou fazendo para tirá-la. Posso chupá-los em uma próxima vez, porque definitivamente não há nenhuma chance de que essa tenha sido a última. A princesinha não se livrará de mim tão fácil.

Não depois de hoje.

Cravo meu pau dentro dela até o talo, inúmeras vezes. Ela se contorce inteira e assisto o caminho que uma gota de suor faz ao se perder entre o vão dos seios e sumir dentro do corpete.

Sinto a mudança no seu corpo e até em seu tom, que se torna mais estridente no meio de um gemido. Suas pernas tremem. A respiração fica mais acelerada, seu peito sobe e desce rapidamente. Sua boceta me comprime com tanta força que ela parece querer me aprisionar dentro dela para sempre.

E se for para ser sincero, eu aceitaria tal castigo de bom grado.

Me inclino sobre ela, apoiando meu peso no braço esquerdo. Não deixo de estocar e Cindy não para de gemer.

Seguro sua mão, entrelaçando nossos dedos com força contra o chão e aproximo minha boca do seu ouvido:

— Peça por mais, princesinha — sussurro e ela se engasga, parecendo chegar no ápice no exato instante que me escuta falar. Sua boceta mastiga meu pau.

Ela fecha os olhos como se não fosse possível mantê-los abertos e a observo.

Fodidamente sexy.

Caralho.

Sinto o abdômen retesar e meus músculos tensionarem. Estoco com mais força e Cindy leva sua mão livre até minhas costas, rasgando-a com as unhas afiadas.

A pontada de ardência que o ato causa me faz explodir.

Meu corpo treme e todos os fodidos palavrões existentes preenchem minha cabeça, ao mesmo tempo que ela parece nublada e não consigo pensar em nada.

O prazer me atinge com tanta força que não consigo fazer nada além de grunhir, sendo dominado por ele.

Porra. Porra. Porra.

Minha respiração está completamente fora de ritmo e me obrigo a sair de cima dela com o último resquício de força que tenho. Fico sentado na sua frente, me obrigando a respirar.

Não sei quanto tempo ficamos assim, controlando nossas respirações enquanto registramos o que realmente fizemos. Seu olhar não desvia do meu em momento algum.

Me recupero primeiro que ela.

— Você está bem? — indago, puxando o ar lentamente.

Ela aquiesce e leva sua mão até as têmporas. Me pergunto se ela já está arrependida.

Pego minha cueca e me afasto até o banheiro, para que ela tenha tempo de decidir qual será sua reação. Quando volto, alguns minutos depois, Cindy ainda está deitada – só que ajeitou o vestido de volta para o lugar – e seu olhar encontra o meu.

— Você sabe que aqui tem câmeras, não sabe? — questiona, sua respiração já parece um pouco melhor.

Franzo o cenho.

— Por que uma fodida piscina teria câmeras? — Meu olhar desvia ao redor, procurando por elas. E, de fato, Cindy tem razão.

— Ainda é um clube. — Ela dá de ombros.

— Você sabia disso e ainda assim transou comigo aqui. Por quê?

— Na hora eu não lembrei, eu disse que você é uma boa distração. — Ela estala a língua, se apoiando nos cotovelos. — Mas agora quero saber o que você fará.

— Como assim?

— Você deixará um vídeo de sexo gravado, sabendo que qualquer um pode assistir?

Ela está me testando?

Não sei o que você está fazendo, Wright. Mas não funcionará, eu não sou um dos mocinhos.

Meus pensamentos se embaralham em minha mente de maneira desconfortável.

— Por que eu me importaria com isso? Eu deveria proteger sua integridade? — Travo o maxilar.

Ela dá um meio sorriso, se levantando do chão. Me aproximo rapidamente para ajudá-la porque agora sei o quão difícil pode ser o ato de levantar. Ela olha com estranheza para minha atitude automática.

Cindy não aceita e se esquiva de mim.

— Obrigada por se permitir ser usado. Caso eu precise, já sei onde procurar. — Ela meneia a cabeça em minha direção e se vira, sem dizer nenhuma outra palavra.

Porra. Porra. Porra.

O que estou fazendo?

Qual é a merda do meu problema? Por que não consigo ser coerente quando o assunto é ela?

Caralho.

Visto minha calça largada no chão e estou para sair daqui porque o ar é sufocante demais sem ela, porém, quando olho para sua calcinha largada, pego o tecido e o guardo no bolso.

Ela saiu sem calcinha.

Maldita.

Cindy Wright será minha destruição.

Coço minha nuca e sinto dor ao fazer isso, porque o local está arranhado por ela. Claro, porque tudo a envolve. Absolutamente tudo.

Desgraçada.

Quando deixo o clube e entro no carro, faço uma ligação antes de me permitir dar a partida e sair.



Essa luxúria é um fardo que nós dois carregamos
Dois pecadores não podem se redimir com uma única oração
Almas unidas, entrelaçadas pelo orgulho e pela culpa
(Uh) tem escuridão no horizonte
Daylight _ David Kushner

Dominic Edwards

Archie me encara com um semblante sério. E embora eu esteja acostumado com sua forma fria de agir, sei que tem algo de errado. Algo que está o incomodando a ponto dele evitar falar até mesmo para mim.

Se eu tivesse que chutar, diria que a garota bolsista tem algo a ver com isso. Ela parece ser capaz de tirá-lo do seu controle perfeito. E se Matilda Green, ou seja lá qual for seu nome, for mesmo capaz de bagunçar a vida metódica de Archie, faz sentido que ele esteja agindo dessa maneira.

Faz sentido que esteja distante e distraído.

— Está bem, verei o que posso fazer — falo por fim, ficando de averiguar sobre o último problema que Relish teve com Lewis.

Não que eu, de fato, me importe com o que aconteceu. Mas há momentos em que a responsabilidade precisa vir a calhar. Por mais entediante que seja.

Meneio minha cabeça em sua direção e me afasto. Ele não pergunta sobre Cindy dessa vez, mas sei que seus olhos estão atentos. Sei que minha ausência não passa despercebida, muito menos o fato de que tenho acompanhado cada um dos passos dela em Evergreen.

Há alguns dias, quando me aproximei dela no meio de todos, comentaram sobre isso. Os boatos de que eu estava interessado na garota

transferida de Northview surgiu. Mas com a ausência de interações, eles cessaram rapidamente.

Saio do chalé passando pelos seguranças sem lhes dar atenção. Meus passos caminham de modo determinado até o campus e já estou tão acostumado com a floresta que vou o trajeto inteiro olhando para o celular. Mais especificamente, encarando a tela, irritado.

Detetive Choi: Era outro beco sem saída, não havia nenhum registro que pudesse ser associado a você.

Detetive Choi: Sinto muito, Dominic.

Detetive Choi: Seguirei procurando e caso surja alguma nova possibilidade, entrarei em contato. Se tiver conseguido mais alguma informação útil, me avise.

Batuco meus dedos no aparelho ao ler a mensagem e penso em inúmeras possíveis respostas.

"Pago uma fortuna para você e tudo o que você tem é isso?"

"Será que você sabe mesmo o que significa ser um detetive?"

"Que porra, por que você é incapaz de me entregar alguma coisa sólida?"

"Foda-se, cansei dessa merda."

"Já descobrirei de outra forma. Você não é mais útil."

Porém, embora todas sejam reais, embora eu tenha uma carta na manga e possa descobrir de outra forma, não tenho mais tanta certeza se vale a pena.

Até onde eu iria para descobrir a verdade sobre meus verdadeiros pais? Quão sujo posso ser? Que porra estou fazendo?

Coço minha nuca, avistando o campus e ao invés de digitar qualquer uma dessas mensagens que rodeiam minha mente, escrevo a única que parece sensata:

Eu: Ok. Tente enfim descobrir algo.

Por favor, antes que minha curiosidade me faça ir longe demais. Por favor, antes que eu enlouqueça com toda essa merda.

Até o mês passado, eu diria que a única coisa que eu queria no mundo era descobrir isso. Afinal, eu sempre tive tudo o que eu desejasse. *Status*, mansões, cargo, amigos, sexo, carros, dinheiro e absolutamente tudo o que eu pudesse cobiçar era meu em questão de segundos.

Exceto a identidade dos meus pais. Por isso fiquei tão fissurado.

Mas agora, me pergunto a que custo? Até onde vale a pena ir por isso?

O nome de Cindy rodeia meu cérebro como se até mesmo longe ela me desafiasse a dizer que não a quero. Quase como se zombasse de mim ao me questionar se a identidade dos meus pais é mesmo a única coisa que anseio.

Minha mente tem sido traiçoeira. Os pensamentos conflituosos nunca seguem um rumo só.

Eu devo continuar jogando com Cindy? Archie precisa que eu faça isso? Os Anjos correm perigo com sua presença em Evergreen? Se eu cancelar nosso acordo, como Wright reagirá? A princesinha ficará satisfeita se eu a deixar em paz? Quanto ainda posso usá-la? Quão longe irei? Cindy me odeia tanto quanto parece?

Relish andando em direção à floresta cruza seu caminho com o meu. Seu olhar me escrutina e um ínfimo sorriso surge em seus lábios.

— Estava te procurando. Finalmente terminei aquilo que você me pediu para fazer.

Guardo o celular no bolso e aquiesço.

— Está funcionando?

— Sim. Já chequei duas vezes, mas você pode testar uma terceira, se quiser.

Faço um gesto de indiferença.

Não é como se Relish fosse ser burro o suficiente para tentar me enganar.

Estendo minha mão em sua direção e ele tira a caixa preta de dentro da sua jaqueta.

— Os dois estão aí — avisa e abro para conferir.

Assobio, admirado ao ver os objetos perfeitos.

— Você pode ser um filho da puta, mas é um fodido gênio. — Rio, fechando a caixa sem precisar conferir a funcionalidade.

Ao menos uma boa notícia hoje.

— Não fale como se eu tivesse lhe feito um favor.

Reviro os olhos.

— Você é rico pra porra, então por que caralhos me cobrou um valor tão exorbitante? — resmungo.

— Não seja mão de vaca, Dom — ele debocha.

— Você me cobrou cinquenta mil por isso, Relish — zombo, indicando a caixa. — Eu diria que está superfaturando.

Ele ri e o som é baixo. Sei que poucas pessoas já viram Relish fazer isso. Quero dizer, rir sem envolver nenhum tipo de jogo psicológico. Afinal, ele gosta de usar a todos como se os seres humanos fossem brinquedos feitos para sua própria diversão.

— Não deveria ter pedido para mim se não estava disposto a pagar.

— Vai se foder — ladro. — Ainda hoje transfiro para sua conta.

— É sempre bom negociar com você, Edwards — murmura, passando por mim para seguir em direção ao chalé.

— Relish — chamo e o meu tom é o bastante para fazê-lo parar no lugar.

— Sim?

— Sobre a última briga, o que aconteceu?

— Não acho que Lewis seja bom o bastante para fazer parte dos Anjos.

— Isso não está sob seu controle, da próxima vez, se contenha.

Ele ri.

— Dúvido que Lewis seja idiota a ponto de me provocar uma próxima vez — despreza e sai.

Eu poderia ir atrás dele, poderia começar uma discussão e falar sobre como funcionamos, mas a ideia me soa tão fodidamente entediante que desisto.

Não daria em nada mesmo.

E de qualquer modo, tenho algo muito mais interessante para fazer. Ou melhor, alguém muito mais interessante para encontrar.

20



Eu sei que você me disse que eu deveria ficar longe
Eu sei que você me falou que ele é um cão de rua
Ele é um cara mau com um coração podre
E até eu sei que isso não é sensato
Criminal _ Britney Spears

Cindy Wright

Mais um jogo. Mais uma convocação.

Neste momento, eu deveria estar na aula de esgrima, mas ao invés disso, Dominic solicitou minha presença como se eu fosse seu bichinho de estimação e tivesse que comparecer em todos os seus jogos para demonstrar o quanto torço por ele e o quanto ele tem poder sobre mim.

É patético.

É irritante.

Quando cheguei, todos os jogadores já estavam no campo com seus respectivos cavalos e tacos em mãos. A primeira partida já estava para começar e Dominic pareceu satisfeito ao ver que eu havia chegado.

Idiota. Não é como se eu pudesse ignorá-lo de novo, não quando da última vez que fiz isso, ele foi atrás de mim na festa de iniciação dos Corvos.

Não quando temos um acordo.

Encaro o relógio em meu pulso, meus batimentos estão estáveis e me sinto aliviada em finalmente voltar a monitorá-los. Me sinto inquieta e vazia sem ele, como se eu fosse ter uma síncope a qualquer instante e não fosse conseguir sentir.

O que seria impossível, porque eu sempre sinto quando estou prestes a desmaiar. Meu corpo dá todos os sinais que preciso para reconhecer o que acontecerá em seguida. Minha cabeça pesa, meus membros suam, minha vista escurece e minha audição se torna quase nula.

Então, mesmo sem o relógio, eu consigo sentir. Mas ter o objeto em meu braço traz uma estranha sensação de controle. Talvez por eu usá-lo há anos. Ou não sei, talvez eu me segure ao relógio como uma pessoa se afogando se agarra em um bote salva-vidas. Como se o objeto fosse uma esperança.

Como se magicamente meu coração não fosse chegar em cento e cinquenta batimentos por minuto pelo simples fato de eu ter ficado de pé.

E é por isso que quando ele me devolveu, há dois dias, coloquei em meu pulso e não o tirei por nada. Eu poderia ter ignorado, poderia ter comprado um novo e ter deixado esse para trás. Porém, escolhi esperar e diria que valeu a pena.

Ao menos não tive que configurá-lo por completo, isso seria perda de tempo. E, bom, já estou acostumada com o peso e as funções desse. *Somente por esse motivo que esperei.*

Um barulho feito no campo me faz levantar a cabeça para fitá-lo e meus olhos inevitavelmente procuram por ele.

Dominic Edwards.

O camisa número vinte e cinco.

O dono do cavalo preto mais bonito que já vi.

Meu olhar o encontra com uma facilidade que deveria ser preocupante. Suas coxas firmes pressionam a sela de equitação e enquanto uma mão aperta o taco com força, a outra guia o animal, segurando vigorosamente as rédeas.

Sua concentração está totalmente na bola e ele impulsiona mais rápido, fazendo o cavalo ultrapassar os outros. O movimento ao atingir a pequena esfera de madeira é tão veloz que se eu não estivesse tão focada nele, provavelmente teria perdido.

Archie cavalga assumindo o controle da vez e como se sentisse que está sendo observado, Dominic levanta seu olhar e encontra o meu.

Ele está longe o bastante para que eu não consiga ver seu rosto com clareza, mas sinto as íris escuras queimarem minha pele. E por mais que eu odeie admitir, sentir sua presença tem se tornado cada vez mais inevitável.

Dominic tem presença, sempre teve. Só que desde aquele maldito dia no clube, não consigo tirá-lo da minha cabeça. E ao invés dele perturbar meus pensamentos unicamente como um inimigo que abomino, Dom tem perseguido minha mente de outras formas.

Que irritante.

Certamente foi porque cometi a idiotice de transar com ele. Isso explicaria o motivo pelo qual desejo ter seus dedos marcando minha pele outra vez e anseio por sentir o prazer se espalhando por cada célula minha até me deixar sem forças de novo.

Mas se é só isso, só pelo desejo, por que diabos o sorriso debochado dele não sai da minha cabeça? Por que a forma que seu olhar queima em minha pele faz meu estômago se revirar de uma forma que não deveria ser boa? Por que ao ser convocada por ele hoje não fiquei tão irritada como normalmente ficaria? Por que quando ele perguntou se eu estava bem, depois de me entregar o meu relógio, quase me arrancou um sorriso?

Droga.

Me obrigo a desviar o olhar do campo. Não estou aqui porque quero, só vim porque Dominic me obrigou. Isso é só mais uma fase do seu jogo e ele deve estar satisfeito por conseguir mexer com a minha cabeça.

Muito bem, Dominic. Você é um jogador melhor do que eu gostaria de admitir.

Abro minha bolsa, pegando a garrafa de água e o meu celular. E enquanto me hidrato, desbloqueio a tela, me surpreendendo ao encontrar três chamadas perdidas de Caleb.

O que diabos ele quer agora?

Como se sentisse que peguei o aparelho, ele liga outra vez. Seu nome brilha na tela e encaro minhas opções.

Ignorá-lo agora por completo e precisar encará-lo presencialmente quando chegar em casa ou atendê-lo e ignorar enquanto ele fala?

Opto pela segunda e deslizo meu polegar pela tela, aceitando a chamada.

— *Por que você demorou tanto, porra?* — Seu tom soa irritado, e posso ouvir ao fundo duas pessoas conversando.

As vozes se parecem com a de Jackson e Stephanie.

— O que você quer? — pergunto, me afastando do barulho e guardando a garrafa na bolsa em meu ombro.

— *Fui visitar Cristine hoje. Queria saber se ela já vai ter tido alta quando for ter congresso no mês que vem, mas ela disse que não sabia porque você quem a estava mantendo lá.*

Pisco algumas vezes, absorvendo suas palavras.

— *V-você…* — gaguejo e pigarreio, sem querer demonstrar fraqueza ou o quanto suas palavras me atingem. — Você foi visitá-la?

— *Sim* — repete o óbvio, me provando que independentemente de quantas vezes eu pergunte, a resposta não irá mudar porque ouvi certo de primeira.

— Ok.

— *Mas e…* — continua e desligo.

Ele foi visitá-la.

Eu tentei fazer isso, mas ela recusou minha presença. A psiquiatra disse que era normal, que quando alguém está depressivo é comum que queira ficar sozinho.

Mas então, por que ela o aceitou? Por que justo Caleb?

Porra, estou fazendo de tudo por ela!

Aceitei o jogo de Dominic, desafiei Robert, me obriguei a ficar naquela mansão amaldiçoada esperando que ela se recupere.

Tudo porque não quero virar as costas para ela, mesmo quando ela já fez isso para mim. Tudo porque não acho justo deixar alguém tão fraco para trás. Porque uma parte minha, a mais sonhadora, se apega à ideia falsa de que se fosse o contrário, ela também agiria assim.

Sinto meus olhos pinicarem e pisco algumas vezes para afastar a vontade de chorar.

Não irei chorar.

O pico de raiva me atinge e meu coração dispara com a adrenalina liberada.

De que adianta fazer tudo por alguém que sequer reconhece seus feitos? Serei egoísta demais se a deixar agora e apenas largar toda essa merda?

Eu não tenho nada. Não tenho ninguém. Não tenho nem mesmo uma única coisa que me faça ficar.

Então por que simplesmente não vou embora?

Minha cabeça ferve e sigo em frente, sem saber o que estou fazendo. Saio andando rapidamente, perdida dentro de mim.

Dezenas de pensamentos por segundo, cento e vinte batimentos por minuto.

Olho ao redor, registrando onde estou, e me surpreendo ao notar que cheguei perto da saída do clube. Apoio minhas mãos em meus joelhos, me obrigando a respirar e fecho os olhos por alguns instantes. O barulho de algo se aproximando é o que me faz tornar a abri-los.

Pisco. Pisco. Pisco.

Meu coração bate ainda mais forte ao vê-lo.

Pisco. Pisco. Pisco.

Com certeza é uma miragem, essa é a única explicação plausível para Dominic estar parado na minha frente sobre seu cavalo.

Ao menos a única que faz sentido.

— Você não deveria estar jogando? — questiono com o cenho franzido e me surpreendo quando ele responde:

— O jogo estava entediante. — Dá de ombros.

Então não é uma miragem?

— E o que você está fazendo aqui?

— Não sei, achei que seria divertido testar o papel do herói para variar. — Ele estende sua mão em minha direção. — Vamos lá.

Pisco. Pisco. Pisco.

Dominic não se parece em nada com um herói. Sua postura é ameaçadora, seu olhar sombrio demais, os fios pretos do seu cabelo estão desalinhados como se ele tivesse jogado o capacete longe, suas tatuagens passam a vibe de *bad boy* e até mesmo seu sorriso de lado soa como uma proposta de perigo.

Então por que, mesmo tendo ciência disso, meu corpo pede para segurar a mão dele? Por que ele me parece tão confiável?



Nosso fogo quando estamos juntos
Misturado com maneiras paranoicas
Criou uma tempestade perfeita e estamos destinados a cair
Mas ainda queremos mais
Who do you want? _ Ex Habit

Dominic Edwards

Cindy encara minha mão e seu olhar parece confuso. Ela provavelmente se pergunta se deve ou não vir comigo. Afinal, por que seguir seu inimigo? Por que confiar em alguém como eu?

Ela está certa em pensar nessas coisas. *Eu não sou confiável.*

Mas neste momento, apenas agora, eu desejo ser. Desejo que ela confie em mim. Desejo que seus dedos toquem nos meus e que ela aceite subir no cavalo, para que saiamos daqui o mais rápido possível.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Seu tom é desconfiado.

Rio, dando de ombros.

— Eu não sabia, só saí galopando com o Pesadelo e encontrei você.

— Por que estava me procurando?

— Porque você saiu de perto do campo e esse não é o acordo. Você deveria ficar lá até eu permitir que se afastasse. — Soo indiferente, mentindo.

Na verdade, foi porque seu coração acelerou e eu sabia que tinha acontecido algo de errado. Foi porque fiquei com medo de você passar mal e desmaiar sozinha. Foi porque não consegui focar na bola, quando meus pensamentos estavam fodidamente preocupados com você.

Cindy encara meu rosto atentamente, procurando por algo. Seu olhar parece tão perdido que me deixa inquieto.

Pare de me encarar dessa maneira, faz com que eu deseje me tornar sua bússola.

Pare de me fazer ansiar por coisas sem sentido, como protegê-la de algo que sequer sei o que é.

Eu deveria fazer você querer se proteger de mim, mas o que estou fazendo?

— Não tenho o dia inteiro, princesinha — debocho, e meu coração acelera quando ela estica seu braço em minha direção.

Sua mão pálida contrasta com a minha coberta pela luva de couro e engulo em seco quando seus dedos se seguram aos meus.

Ela aceita minha ajuda, sem sequer saber por que faço isso. Ela sobe no meu cavalo, sem fazer a menor ideia para onde estou levando-a. Ela segura em minha cintura, sem sequer imaginar tudo o que posso fazer.

E não sou idiota a ponto de pensar que ela faz tudo isso porque confia em mim. Cindy não tem esse tipo de personalidade. Mas ainda assim, ela não faz perguntas quando faço o Pesadelo dar a volta, retornando para o lugar de onde viemos. Ela não questiona nada quando passo pelo campo, onde o jogo está no intervalo, e sigo em direção à floresta atrás dele. Ela não indaga nada em momento algum.

E o pensamento de que ela age assim porque não se importa com o que pode acontecer me atinge com força, me deixando com um gosto amargo na boca e o corpo tenso.

Por que ela não se importa? E se nem ela se importa, por que eu deveria?

Cindy agarra suas mãos em mim, como se nesse momento estivesse desesperada para se segurar em algo. Em qualquer coisa. Ela parece quase me usar de apoio, porque neste momento não tem força. Ou talvez só esteja perdida como o seu olhar e esteja se agarrando em mim, procurando por uma direção.

Aperto as rédeas do Pesadelo e o faço ir mais rápido. Porém, meu corpo deve ficar tenso à medida que meus pensamentos se misturam, porque quando chegamos na metade da floresta, Pesadelo para e se recusa a continuar.

Ele sempre faz isso quando sente que não estou cem por cento focado. Uma vez perguntei ao adestrador se era normal e ele disse que Pesadelo sente minha tensão, então para por isso. Como se quisesse me proteger ou impedir de acabar nos machucando.

Droga.

— Você gosta mesmo de florestas, *huh*? — ela debocha, suspirando ao descer.

Coço minha nuca, indo atrás dela.

— Pesadelo gosta de explorar, ele precisa de pausas — minto, porque é melhor do que assumir que estou tenso a ponto de até mesmo um cavalo perceber. E que o motivo para isso é ela.

Cindy bufa e se aproxima do animal, que parece zombar de mim ao ficar perfeitamente parado e não sair para explorar – como normalmente faz.

Ela estica sua mão para tocá-lo e quando me dou conta, ergo meu braço para impedir que ela consiga fazer isso. Pesadelo não costuma gostar de ninguém, ele já deu coices e mordidas o suficiente para criar uma fama. E mesmo com o adestramento, ele não gosta de estranhos.

Então por medo do que ele fará, tento impedir que ela encoste nele. Porém, não sou rápido o bastante e Pesadelo cheira sua mão, permitindo o toque. Pisco, surpreso, assistindo o cavalo traíra balançar sua cabeça, como se brincasse, enquanto ela acaricia sua crina.

Cruzo os braços, dando um passo para trás, e o meu olhar encontra o dele. Cerro os olhos, indignado com sua atuação.

Por que você não está sendo um grosso com ela também, Pesadelo?

— Você é tão lindo que chega a ser injusto ser chamado de algo tão ruim quanto pesadelo — sussurra, fazendo carinho no animal.

Sua mão é cuidadosa e ela sabe exatamente onde e como tocá-lo.

— Isso é surpreendente.

— O quê?

— O Pesadelo gostar de alguém.

— Ele deve sentir que minha energia é bem diferente da sua — fala, e mesmo sem usar nenhum deboche, soa como uma ofensa.

Bufo uma risada e ela me encara, mas o cavalo relincha, como se não quisesse perder sua atenção.

Encaro-o, perplexo.

— Desde quando você virou um mimadinho traíra, seu mal-agradecido? — reclamo, olhando para Pesadelo.

— Você não é mal-agradecido. Não o escute — ela conversa com ele carinhosamente. Seu tom é suave. — Na verdade, vou até chamá-lo de Sonho de agora em diante.

— Você não pode mudar o nome do meu cavalo.

— Mas já fiz isso.

— Só na sua cabeça.

Ela estala a língua, me ignorando, e continua dando atenção unicamente para Pesadelo. E se for para ser sincero, sinto inveja dele por conseguir tal feito. Observo os dois, o animal se torna dócil na sua presença e a postura dela relaxa.

Cindy sorri, acariciando o cavalo com tanto afeto que parece que o conhece há anos. E a calmaria que emana dos dois, a beleza pura contrastando com a frieza da floresta realmente parece um sonho.

Eles parecem um sonho do qual, se eu pudesse, não acordaria.

Fico paralisado, admirando-os até que o cavalo decide se afastar e abaixa a cabeça em sua direção antes de fazer isso.

Não banque o lorde inglês.

Ela sussurra algo para ele e caminha até uma árvore, se abaixando para sentar no chão.

— Você nunca tem medo dos animais peçonhentos que podem se esconder entre as matas? — pergunto, me sentando ao seu lado.

— Não. — Seu tom parece cansado.

Sorrio, encostando minha cabeça no tronco ao olhar para cima.

— O céu está bonito.

— Não sabia que você era o tipo de pessoa que admirava o céu.

— E não sou, mas sou um apreciador de belezas únicas. Coisas como o céu, florestas e até mesmo o mar me chamam a atenção vez ou outra.

— Faz sentido. Mas também há coisas não tão únicas que são belas o bastante para se destacarem.

Nego, sentindo seu olhar queimar sob minha pele.

— Não para mim. Tudo que já achei verdadeiramente bonito até hoje eram coisas únicas e especiais. — Encaro suas íris castanhas. — Como você.

Por um segundo, ela para de respirar. Na verdade, tudo à nossa volta fica estático e até mesmo o vento que sopra as árvores se cala, como se tentasse entender a atmosfera que existe entre nós.

— Você não deveria falar esse tipo de coisa. — Ela pigarreia.

— Por que não?

— É errado.

— Não sabia que ser sincero era um crime.

— E não é, mas me fazer desejar acreditar nas suas palavras deveria ser.

Dou um meio sorriso.

— Não pedirei desculpas.

— Eu não espero que você peça. — Dá de ombros e posso jurar que a ouço murmurar um “ninguém nunca pede”.

Levo minha mão até a nuca e seu olhar desvia até meu pulso, agora vazio. O clima entre nós é estranho.

Cindy me deixa inquieto e o seu olhar em cima de mim aumenta isso em cinquenta vezes. Eu poderia fazer e falar inúmeras coisas nesse momento.

Poderia sair e deixá-la sozinha, mesmo tendo ciência de que ela não conhece a floresta e não tem como ir para casa. Eu poderia ser um idiota e dizer que enjoei dela por hoje. Poderia dizer que ela me deixa entediado. Poderia fazê-la sair correndo com alguma ameaça e persegui-la outra vez até que ela esteja machucada e desmaiada.

Nada disso me soa atrativo. Na verdade, todas essas possibilidades me enojam, embora eu normalmente não me importe de ir tão longe para conseguir o que quero.

Só que ela…

Porra, com ela é tudo diferente.

Ao invés de assustá-la, eu gostaria de beijá-la. Ao invés de levá-la ao limite, eu me questiono como poderia evitar que ela chegue até lá. E ao invés de empurrá-la, eu desejo impedir sua queda.

Mas por que diabos ajo assim se sou eu quem deveria puxá-la até que ela arrebente? Até que ela saia correndo e esqueça Evergreen e os Anjos? Até que ela volte para o maldito buraco de onde saiu e volte aos Corvos como um bichinho assustado?

Por que diabos desejo mantê-la quando eu deveria afastá-la? Por que eu quero me agarrar a ela quando isso jamais daria certo e já está fadado ao fracasso?

Por quê? Por quê? Por quê?

Que inferno, desde que a conheci, minha mente virou uma confusão. Desde o nosso primeiro contato, inúmeras perguntas surgiram. Desde que meus olhos pousaram nela sentada naquela maldita grama, nunca mais tive paz.

Só que ainda assim, mesmo com minha cabeça uma bagunça, suspiro e dou um meio sorriso em sua direção.

— Você leva jeito com cavalos, sabia exatamente como tratar e como se aproximar do Pesadelo.

— Gosto de cavalgar — assume.

— Mas?

— Não posso fazer com tanta frequência. — Seu tom é pesaroso. — Antigamente, eu tinha a Tempestade, mas sempre que saía com ela, temia machucá-la ao desmaiar sobre seu corpo. Temia forçá-la a ir rápido demais no meio de uma pré-síncope para chegar logo em casa e acabar ferindo-a. Então diminuí a frequência e comecei a achar injusto mantê-la junto comigo sempre presa no celeiro.

— E o que você fez?

— Eu encontrei uma nova dona e a deixei ir.

— E depois disso parou de cavalgar? — indago, curioso.

Cindy fica pensativa e abraça suas pernas, encostando a cabeça em seus joelhos ao me encarar.

— Basicamente, mas ainda monto vez ou outra. — Seu olhar encontra o meu. — E você? Sempre gostou de cavalos?

Aceno.

— Desde quando eu era pequeno, tive aulas de equitação. Acho que esse é quase um ritual dos membros da elite. Ao menos todos que conheci também foram impostos a isso. Alguns desgostam e param, mas eu gosto da liberdade que sinto quando cavalgo.

— Liberdade — ela repete a palavra e a forma que ela faz isso, o tom e o seu semblante, fazem algo se revirar dentro de mim.

É quase como se fosse algo desconhecido que ela almeja.

Por que você é tão difícil de entender, princesinha? As coisas não deveriam ser assim.

— Posso perguntar uma coisa? — questiono e espero por alguma resposta afiada.

— Depende. Poderei perguntar outra em troca? — Soa curiosa.

— Sim — falo prontamente, sem ter a menor ideia do que ela poderia querer saber. — Por que você se afastou do campo e parecia tão confusa quando me aproximei?

— Eu estava passando mal — responde, e a informação é dita rápido demais para que seja verdade. Inclino minha cabeça para o lado, acenando enquanto finjo acreditar nas suas palavras.

Mas então, algo inesperado acontece. Ela suspira pesadamente.

— Na verdade, não foi isso. Recebi uma ligação indesejada e fiquei me sentindo mal.

— Indesejada?

— É, do tipo que faz você se questionar se o que tem feito é certo ou não. Afinal, até onde é válido ser egoísta? — A pergunta é visivelmente retórica e ela, de fato, parece pensar sobre isso.

Eu poderia instigar, poderia tentar saber mais. Porém, não me sinto confortável em fazer isso, não com ela parecendo tão tranquila agora.

— Vá em frente, sua vez de perguntar. — É tudo o que digo e seu olhar segura o meu, como se quisesse encontrar a verdade antes mesmo de falar algo.

— Liguei para o dono do clube pedindo a fita de gravação daquele dia, ofereci um valor exorbitante por isso. Mas não consegui, afinal, ela já havia sido apagada do sistema. Por que você fez isso?

Mil mentiras alcançam meus lábios e eu poderia usar qualquer uma delas. Contudo, Cindy foi sincera.

— Eu não gosto da ideia de outra pessoa tendo acesso a algo que a envolva.

— Você teria feito por qualquer um?

— Não, eu não teria feito por mais ninguém. Mas era você e eu queria proteger sua integridade.

— Obrigada por ser sincero.

— Obrigado por ter falado a verdade.

O silêncio que paira entre nós é confortável e Pesadelo se aproxima como se sentisse que a tensão diminuiu.

Ele para bem em nossa frente e a fito.

— Você já quer ir?

— Vamos.

Levanto da grama e estendo minha mão em sua direção. Cindy aceita o toque com muita mais facilidade do que antes.

— Você quer guiá-lo? — questiono.

Ela une as sobrancelhas.

— Eu posso?

— Claro.

— Mas e se eu passar mal?

Dou de ombros.

— Então nós paramos até você ficar melhor e depois eu controlo as rédeas.

Ela inclina sua cabeça para o lado, me avaliando, desconfiada.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque esse bicho mal-agradecido gostou de você — zombo. — O que faz todo o sentido, ambos possuem personalidade ácida e intragável.

Cindy sorri para mim e juro que não estou acostumado com a merda que acontece em meu coração quando ela faz isso.

— Bom, se você cair, não voltarei para buscá-lo — debocha, subindo sobre o animal com facilidade. Me aproximo e faço o mesmo, sentando atrás dela. — Então é melhor se segurar.

Pesadelo, que nunca foi montado por outra pessoa além de mim e dos adestradores, permite que ela suba e que o guie. E enquanto me seguro em sua cintura e aviso por onde devemos ir, não evito o pensamento de que nunca me senti tão livre quanto agora.



Você me deixa nervoso para falar
Então eu simplesmente não direi nada
Tenho vontade de me libertar
E você continua me dizendo para segurar
Você me deixa nervoso para mover
Nervous _ The Neighbourhood

Dominic Edwards

Archie está irritado, embora não demonstre. Sua postura está mais fria e distante do que nunca. Sei que boa parte do motivo para isso não sou eu. Sei que toda a merda envolvendo um antigo membro traidor e a garota bolsista estão mexendo com sua cabeça. Mas também tenho ciência de que uma ínfima parte da sua raiva é destinada a mim.

Não como amigo, definitivamente não temos problema nesse quesito. Ele age assim como líder, se comporta dessa maneira porque estou sendo um péssimo conselheiro. Ele está estressado porque já abandonei dois jogos por ela, porque prefiro as aulas de esgrima do que as reuniões dos Anjos, porque ando distraído e cometendo erros banais.

Porque ando ausente para o mundo.

E por esse motivo, estou aqui hoje tentando compensar isso. O líder solicitou minha presença e ignorei tudo o que tinha que fazer para vir. Já estou aqui há uma hora e tento não esboçar meu tédio enquanto a reunião com todos os Anjos acontece.

Minha atenção fica alternando entre cada um e registro toda palavra sendo dita, observando-os minuciosamente. Se eu quiser, posso lê-los somente pela sua postura nesse momento. Sei, por exemplo, dizer que Amelia está com sono, Harry com ressaca e Relish exasperado por ficar tanto tempo preso no chalé sem fazer nada que considera interessante.

É fácil entendê-los quando se observa. E é fácil separar o que é verdadeiramente importante quando se tem uma memória seletiva.

Amelia boceja enquanto Margareth fala alguma coisa e abaixo minha cabeça quando sinto vontade de fazer o mesmo. O ato de olhar para os meus braços cruzados, mais especificamente para o meu pulso, é automático.

Franzo o cenho, encarando o visor do relógio com o aumento absurdo dos batimentos. *Cento e vinte e oito.*

Eu olhei há poucos segundos e estava normal.

Porra. Porra.

Levanto o olhar para Archie rapidamente e ele me encara como se percebesse que tem algo de errado.

Se eu sair agora, ele ficará ainda mais irritado. Talvez até queira me tirar do cargo de conselheiro.

Mas se eu ficar, ela desmaiará sozinha.

Eu tenho duas opções nesse momento: minha sociedade ou a princesinha da sociedade rival.

Eu sei de todas as possíveis consequências e tenho ciência de que toda ação gera uma reação. Mas quando fito o relógio em meu pulso, que é uma fodida réplica perfeita do seu, não consigo ficar parado.

Não consigo sequer cogitar que há uma outra possibilidade, além de ir atrás dela.

Cento e trinta e cinco brilha no visor.

Quanto tempo demorará até ela desmaiar? Ela já desmaiou? Isso sequer vai acontecer ou estou saindo como um idiota por nada?

Não sei, não me importo. Minha mente se obriga a ficar calada quando meus instintos assumem a liderança.

Meneio a cabeça em direção a Archie e abandono a reunião correndo, sem dizer absolutamente nada.

Nunca precisei correr na vida para chegar em algum lugar, nunca tive pressa para conseguir algo e definitivamente nunca pensei que largaria tudo e correria em direção a alguém por um fodido batimento cardíaco.

Mas ainda assim, é isso que faço.

Eu corro o mais rápido que consigo e o caminho que normalmente faço em cinco minutos tranquilamente, devo levar uns dois. Minha respiração está ofegante e meu coração dispara.

Não tanto quanto o dela.

Invado a sala onde sei que está sendo sua primeira aula e todos os olhares se voltam para mim de imediato. Não me importo, porque o meu vagueia ao redor, à sua procura.

— O que isso significa, Edwards? — o homem de barba grisalha ralha em minha direção.

Já o vi algumas vezes, afinal, conhecemos todos que trabalham nesse lugar.

— Cindy — murmuro. — Onde está Cindy Wright? — Meu olhar é sério e meu semblante sombrio.

— Ela foi ao banheiro há alguns minutos — fala, confuso, e antes que tenha tempo de perguntar alguma outra coisa, deixo-o para trás, ouvindo os burburinhos.

E se ela tiver caído ao desmaiar? E se tiver se machucado?

Saio correndo pelo corredor vazio, disposto a invadir o banheiro feminino, porém, a porta do laboratório entreaberta – quando sempre fica fechada –, chama minha atenção.

Empurro a madeira e por um segundo meu corpo trava quando a vejo desmaiada no chão, perto da mesa.

Por que você veio até aqui, princesinha?

Corro até ela e me ajoelho ao seu lado, checando se não está com nada machucado. Mas não, Cindy parece ter apenas se deitado no chão e esperado acontecer.

Ajeito suas pernas e seguro-as para cima, da mesma forma que David me aconselhou a fazer. Ele disse que assim melhora o fluxo sanguíneo no cérebro e que, de alguma forma, ajuda.

Encaro-a, esperando pelo momento em que ela abrirá os olhos. Sua cabeça pende para o lado e ela aparenta estar apenas dormindo tranquilamente, mas eu sei que não é isso.

Fito o relógio em meu pulso e vejo os batimentos em oitenta e dois. *Eles já diminuíram* e a velocidade com que isso acontece é assustadora.

Assisto seu peito subir e descer tranquilamente e minha própria respiração se normaliza. Não sei por quanto tempo fico assim, segurando suas pernas e imitando sua forma de puxar o ar para os pulmões.

Talvez um ou dois minutos.

Cindy entreabre os olhos e os fecha, como se as pálpebras pesassem. Ela parece desnorteada e repete o movimento algumas vezes, encarando o teto enquanto tenta se localizar.

— Você está bem? — pergunto cuidadosamente, e seu olhar encontra o meu de imediato. — Quer que eu solte?

As íris estão confusas enquanto acena e não sei dizer se ela faz isso respondendo à primeira ou à segunda pergunta. Então, da forma mais lenta que posso, abaixo suas pernas – deixando que ela tenha tempo de me impedir. *O que ela não faz.*

— Eu vou pegar água para você — aviso e já me afasto correndo.

Não preciso ir muito longe e logo retorno com uma garrafa, lhe entregando. Cindy ainda está deitada e não moveu nem mesmo um centímetro do seu corpo.

Me ajoelho perto dela e apoio sua cabeça para que ela consiga tomar alguns goles. Seus cabelos suados grudam em seu rosto e sopro, lhe abanando com minha própria mão.

Ela dá um meio sorriso e indica o celular largado no chão, que eu não havia reparado até agora. Me estico para alcançá-lo e quando tento entregá-lo, ela nega, pedindo silenciosamente para que eu tire a capinha.

Faço como foi dito e me surpreendo quando alguns sachês caem sobre meu colo.

Sal.

Claro.

Abro um e pego um pouco com as pontas dos dedos, Cindy não hesita em entreabrir seus lábios.

— Quer mais? — questiono e ela acena.

Coloco mais um pouco de sal em meus dedos e dessa vez, ela se senta para levá-lo até sua boca.

— Obrigada — sussurra, com um sorriso discreto. E então, apoia sua cabeça em meu ombro, suspirando.

Meu corpo inteiro relaxa enquanto observo-a, porém, meus pensamentos não fazem o mesmo. Eu não entendo o porquê de ter vindo. Minha mente não entende como o fato dela desmaiar sozinha poderia ser um problema meu. Ela fez isso a vida inteira, certo? Ela é doente e já está acostumada.

Porém, lembro quando ela desmaiou pela primeira vez perto de mim, estava vulnerável e não tinha ninguém. Qualquer coisa poderia acontecer com ela naquele dia porque Cindy não tem ninguém.

Ela é sozinha, total e completamente sozinha.

Ninguém sabe sobre sua doença e quando ela desmaia na faculdade, ninguém sequer repara, como se ela fosse um nada. Ela sente os enjoos, as tonturas e até mesmo vomita, sem falar nada ou pedir ajuda. Ela não tem ninguém para apoiá-la e eu sequer imagino como ela consegue suportar toda essa merda calada.

E embora eu jamais tenha sido do tipo benevolente, nunca havia pensado em outra pessoa além de mim mesmo, pela primeira vez na vida desejo significar algo para alguém.

Nem que seja uma fodida muleta de apoio.

Se apoie em mim o quanto precisar, Cindy.

Sigo soprando contra ela e ouço o som da sua respiração tranquila.

— Como você sabia que eu estava passando mal?

— Coincidência — minto, mas me assusto quando sinto o toque frio dos seus dedos em meu pulso.

— É mesmo? Então por que você tem um relógio exatamente igual ao meu?

Olho para baixo, encarando nossos pulsos, e embora existam diversos relógios parecidos no mundo, o visor é exatamente o mesmo. Ambos apontam sua frequência cardíaca, os dois marcam o ritmo perfeito do seu coração.

— Dom? — chama quando não respondo nada, e ouvi-la usar o apelido em um tom tão suave faz algo se contorcer dentro de mim.

— Sim?

— Por que você duplicou o meu relógio e tem monitorado os meus batimentos cardíacos?

Travo o maxilar.

— Fiquei preocupado, queria saber sempre que algo acontecesse — assumo.

— Desde quando você se importa com a minha doença? Por que está agindo assim?

— Porque não consigo suportar a ideia de que algo aconteça com você. Não consigo controlar o maldito instinto protetor que me corrói sempre que você está envolvida. E não consigo sequer parar de encará-la, nem mesmo quando você está longe.

E foi por isso que abandonei o jogo de polo da última vez. Vi o seu coração acelerar e não consegui focar. Tirei o relógio para que ela não visse, mas dessa vez não fui rápido o bastante. Na verdade, fiquei tão desesperado que acabei esquecendo.

E embora eu saiba que seu coração faz isso até mesmo quando ela fica de pé, acaba sendo um fodido instinto que me manda agir. Minha mente não raciocina direito e quando vejo, já estou ao lado dela.

Cindy não fala nada, seu olhar prende o meu, impossibilitando que eu desvie.

É ridículo.

— Eu deveria chamar você de psicopata e perseguidor, deveria falar que é doentio você ter pagado para duplicar algo meu e deveria me sentir incomodada — sussurra, como se fizesse uma confissão. — Mas então por que estou contente? Por que quero agradecer por ter me ajudado, quando ninguém nunca fez o mesmo?

— Não sei.

— Nem eu. Mas obrigada por isso.

Ela volta a se aconchegar contra mim e suspira de novo. Apoio meu queixo contra sua cabeça pela posição que estamos.

— Você está melhor? — Meu tom é ameno.

— Sim. Só um pouco tonta.

— Como você se sente quando desmaia? — Soo curioso e ela fica pensativa.

— Meu peito dói como se alguém estivesse o apertando. Minha vista escurece e sinto como se eu estivesse perdendo minha audição. Minha cabeça pesa e meus membros suam. O estágio da pré-síncope é pior do que o desmaio em si, então, às vezes, prefiro quando acontece logo de uma vez.

— E quando você acorda?

— Noventa e nove por cento das vezes estou sozinha. Então, fico confusa e permaneço deitada até me sentir melhor. O sal sempre está comigo e o como, bebendo água logo em seguida.

— Mas e se você estiver em aula? Como ninguém nunca reparou?

— Eu sinto os desmaios antes deles, de fato, acontecerem. Então já abaixo minha cabeça e finjo dormir. Quando me veem de olhos fechados, pensam que é isso. Os professores sabem, então nunca interferem.

Que merda, Cindy.

Você deveria ter uma fodida rede de apoio e não ter que aguentar tudo sozinha.

Travo meu maxilar, evitando que a tensão se concentre em meus músculos e ela ache que tem algo de errado com o fato dela desmaiar.

— Então por que hoje foi diferente? Como você veio parar no laboratório?

Ela dá de ombros.

— Quando levantei para ir ao banheiro estava bem, mas ao voltar comecei a sentir os meus batimentos acelerarem. Sabia que não chegaria a tempo e não queria desmaiar no meio do corredor, então entrei na primeira sala que vi e me escondi aqui.

Engulo em seco, minha vista fica embaçada.

Porra, por que ela deveria se esconder? O que há de errado em desmaiar?

Eu mataria qualquer um que a encarasse feio por vê-la desacordada.

— Você não deveria fazer isso, não fez nada de errado para estar escondida.

Ela estala a língua.

— Manter a verdade oculta é a melhor opção.

— Para quem?

Cindy se retesa em meus braços e sei que estou indo longe demais.

— Quando acontecer de novo, me chame. Não importa onde eu esteja, irei até você para saber se está tudo bem.

Ouço sua risada.

— Você faz muitas promessas, Edwards.

— Somente porque sou capaz de cumprir todas elas.

— Certeza? Me parece que você está querendo roubar o emprego dos meus seguranças — zomba. — Quero dizer, devo chamá-lo se for atrás

dos Corvos, procurá-lo em meus sonhos e agora até mesmo em meus desmaios. Me diga o preço, gosto de pagar bem os meus funcionários. — A acidez transborda em seu tom e sorrio.

— Sou capaz de protegê-la melhor do que eles.

— Você não é um dos mocinhos, Dom. Você não é o herói da minha história — fala, como se quisesse me lembrar. Seguro seu pulso e aproximo meus lábios dos seus.

— Você tem razão, princesinha. Eu prefiro ser o anti-herói que foderia o mundo para salvar você.

Ela engole em seco por um momento, mas pigarreia e se obriga a revirar os olhos.

— Não estamos vivendo em um conto de fadas e, bom, já me sinto melhor. — Ela se levanta com cuidado, pegando seu celular. — Preciso voltar, mas obrigada por ter vindo — murmura e se afasta. Seus passos são determinados e não faço nada para impedi-la.

Coço minha nuca quando ela sai e observo os sachês que ficaram, guardando-os em meu bolso.

O pensamento de que ela pode me chamar sempre que quiser minha presença me persegue. E saber que eu iria sempre que ela chamasse me incomoda pra caralho.

23



Você não é bom para mim
Amor, você não é bom para mim
Você não é bom para mim
Mas, amor, eu quero você, eu quero
Diet Mountain Dew _ Lana Del Rey

Cindy Wright

— Você tem certeza de que não precisa de mim essa noite? — Boris pergunta, ficando parado ao meu lado enquanto espero.

Nego com a cabeça, batucando meus dedos contra minha perna. Estou sentada há cinco minutos, só esperarei por dez antes de pedir um carro de aplicativo.

Apenas dez minutos.

Essa noite os Corvos farão o segundo trote, ouvi Caleb comentando mais cedo sobre a cabana. E sei que não sou mais da sociedade, que nada que eles fizerem me interessa, mas ficarei inquieta caso não vá. Não consigo ficar parada.

Talvez por isso Beatrice tenha me repreendido da última vez. Talvez eu tenha mesmo a mania de me preocupar mais com os outros do que comigo. Talvez eu seja uma idiota por ir até lá somente para checar se Caleb não irá absurdamente longe. Talvez eu seja uma burra por ter ligado para Dominic e por ter dito que ele tinha apenas dez minutos, enquanto silenciosamente espero que ele chegue a tempo. Talvez eu seja uma imbecil por querer sua presença.

Começo a balançar minha perna e Boris encara o gesto.

— Você está bem?

— Sim. — Ergo levemente o canto da minha boca.

Por que estou ansiosa para saber se ele virá ou não? Sequer faz diferença.

Fico calada, pensando no dia anterior e em como ele estava lá. Dominic estava ao meu lado quando acordei e jamais pensei que a sensação de ter alguém *por mim*, que estava lá porque quer e não porque precisa, fosse ser tão boa.

Não deveria ser bom.

Eu não deveria pensar nele, é perigoso.

Durante a vida inteira, sempre que ansiei por algo, fui frustrada. Eu colocava expectativas demais na vida, nas pessoas, na minha família e em todos. Então aprendi a não desejar nada, não me importar com nada. Só que a cada dia que passa, eu quero me importar com ele. Eu quero abaixar a guarda e sorrir quando ele fala alguma idiotice. Eu quero que ele esteja ao meu lado.

Só que fazer isso é arriscado, não é? Confiar em alguém como Dominic não parece o certo.

Seria de extrema burrice.

Encaro a tela do celular, nove minutos já se passaram.

Não seja tão exagerada, Cindy. Você não é um cachorro para abanar o rabo em direção ao dono por qualquer mínima pontada de gentileza.

Desde quando você é tão burra? Dominic não fez nada para merecer sua confiança.

Dez minutos.

Seiscentos segundos.

Seu tempo acabou.

Me levanto da cadeira e Boris se dispõe a me ajudar, caso eu fique mal. Nego suavemente e o celular vibrando me faz fitar o aparelho:

Stalker mimado: Dez minutos se passaram, princesinha.

Stalker mimado: Você não vai sair?

Stalker mimado: Precisarei entrar e carregá-la até aqui?

Meus lábios se curvam largamente, de modo involuntário.

— Você… — Boris soa surpreso e o encaro.

— O quê?

— Você está sorrindo — comenta, piscando algumas vezes. — Não tenho certeza se a vi sorrir antes. Ao menos não dessa forma.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Isso é ruim?

— Não, senhorita Wright. É reconfortante. Havia dias em que você mais parecia uma sombra, totalmente sem vida, do que um ser humano. E agora você está sorrindo e até possui um brilho no olhar.

Engulo em seco e aceno, sem saber o que dizer. Devo levar como elogio, certo? Ao menos parece que devo.

— Obrigada, Boris.

— Caso precise, basta ligar.

Aceno e me afasto. Os seguranças também foram igualmente dispensados e agradeço mentalmente por eu ter uma relação com eles estável o bastante para conseguir deixá-los longe sempre que quero.

Quando passo pelos portões de ferro e avisto a *Range Rover* parada na frente, acelero meus passos. Dominic está escorado na porta do passageiro, olhando para o celular, e me encara quando me aproximo.

— Você demorou, Wright. — Parece uma repreensão, mas ele tem um discreto sorriso nos lábios. Seu olhar passeia pelo meu corpo e ele meneia a cabeça.

— Já estava pronta para chamar um carro — assumo.

— Eu disse que viria.

Dou de ombros.

— Não sei se confio em você — murmuro, com minhas íris escrutinando-o da mesma forma que ele faz comigo.

Se nos vissem de fora, provavelmente pensariam que escolhemos nossas roupas combinando. Isso explicaria o motivo pelo qual estamos com calça, blusa e até mesmo jaqueta preta.

Parece até uma roupa de casal e me passa a sensação de que acabamos de sair de um filme do James Bond.

— Não deveria confiar mesmo — ele fala, e algo brilha em seu olhar.

As íris são sombrias e ele parece falar sério, mas também há algo mais, algo que me lembra um animal machucado.

— Para onde vamos? — pergunta por fim, abrindo a porta para mim.

— Uma cabana de caça dos Wright, que já foi abandonada há algum tempo. Eles irão para lá mais tarde e temos que chegar antes se quisermos nos esconder.

Ele assente e entro no carro. Estou para prender o cinto quando Dominic assume o controle e faz isso no meu lugar. O cheiro amadeirado do seu perfume invade minhas narinas e engulo em seco, sem ousar me mover.

— Você tem um motorista particular, por que não foi com ele? — pergunta, e mesmo já tendo prendido o cinto, ele não se afasta.

Nossos olhos se encontram e sua boca fica perto da minha.

— Seria mais fácil de Caleb reconhecer o carro — falo rapidamente para que ele se afaste. Mas isso não acontece.

— Só por isso? — O hálito quente sopra contra o meu rosto e as malditas íris me obrigam a ser completamente sincera.

— Eu queria sua presença, queria que você fosse comigo — confesso.

— Boa resposta. — Ele sorri, lambendo meu lábio inferior. — Na verdade, ótima resposta, princesinha.

Dominic pisca para mim e se afasta, permitindo que o ar volte para os meus pulmões.

Suspiro aliviada e quando ele entra no carro, saímos em um silêncio estranhamente confortável.



Quando eu era mais nova e vínhamos para a cabana, não lembro do caminho ser tão longo. Talvez minhas memórias fossem assim pela idade, talvez eu cansasse menos naquela época ou, não sei, talvez minhas crises fossem mais leves. Independentemente do motivo, depois que deixamos o carro escondido em uma área mais afastada e pegamos o caminho para chegar aqui, achei que fosse ser rápido.

Essa ao menos era minha expectativa, mas a realidade foi diferente. *Completamente diferente.* Nunca pensei que levaria quase vinte minutos, muito menos que eu cansaria nos dez primeiros e que Dominic me carregaria o restante dele em suas costas.

— Certeza que quer ficar aqui? — ele pergunta, me ajudando a descer e aceno.

Encaro o pequeno complexo que começou a ser arquitetado e quando digo pequeno, quero dizer exatamente isso. O lugar é minúsculo se comparado à cabana.

Ele começou a ser construído como um quarto de ferramentas para o jardineiro, mas a obra nunca foi concluída porque paramos de vir. Então não tem prateleiras, não tem o painel que iria ser colocado e nenhum item de jardinagem. É literalmente apenas um cômodo quadrado com paredes de madeira e uma única pintada de preto.

Deveria estar sujo, mas talvez Caleb tenha mandado algum funcionário limpar tudo para o trote de hoje, porque o lugar definitivamente não contém um único grama de poeira. Dom também observa isso.

— Quem garante que Caleb não irá querer prender alguém aqui ou qualquer outra merda?

Dou de ombros.

— Ninguém garante. — Observo por entre as brechas da porta fechada. O gramado em frente à mansão possui um grande tablado com um

papel de plástico e sei que ali será o centro de tudo.

E que depois, os que aguentarem o trote da vez, terão o direito de entrar na cabana e se divertir em uma festa particular.

— E você quer ficar aqui e arriscar ser pega mesmo assim? — Ergue a sobrancelha em minha direção, curioso.

— Isso, confio nos meus instintos. — Meneio a cabeça firmemente. — Mas você pode ir se estiver com medo.

Ele bufa uma risada.

— Medo do Caleb? — zomba. — Você não tem fé em mim, princesinha?

— Deveria?

— Sim. Eu deveria ser a única coisa na qual você acredita.

— Não seja tão pretensioso, não combina com você.

— Será mesmo? — Ele ergue o canto dos seus lábios e se aproxima de mim, o pouco espaço no cômodo faz com que eu bata minhas costas contra a parede. — Você não gosta da minha pretensão?

— Não, é irritante — minto, cruzando meus braços enquanto minha cabeça fica erguida, encarando seus olhos.

— Achei que você fosse dizer que achava *sexy.* — Seu tom é sarcástico. Não me movo.

Dom tira algo de dentro da sua jaqueta e assisto seus movimentos quando ele aproxima uma máscara do meu rosto.

— O que você está fazendo? — pergunto, curiosa, seus dedos são cuidadosos ao colocar o elástico contra minhas orelhas e prendê-la em meu rosto, cobrindo minha boca. Não me oponho.

— Acho que se formos descobertos, as máscaras irão trazer um charme extra.

Rio e o som sai abafado pelo tecido.

— Você tem mesmo fetiche por máscaras — comento, assistindo quando ele coloca uma idêntica à minha em seu rosto.

A boca coberta, substituída por uma de caveira, o deixa estranhamente atraente e faz com que seus olhos se tornem ainda mais intensos.

— Se sou eu que tenho tara por máscaras, por que suas pupilas que dilataram? — Ele apoia seu braço na parede atrás de mim e sua mão livre toca em meu braço.

— A iluminação aqui é ruim, as pupilas tendem a dilatar quando está escuro — minto.

— Sério? Não sabia. — Sorri, zombeteiro. — E as pessoas também ficam com a respiração acelerada pelo escuro?

Prendo o ar, seus olhos não saem de cima de mim.

— Minha respiração não está acelerada.

— Mas eu nunca citei seu nome, princesinha. Só fiz uma pergunta de modo geral. Não precisa ficar na defensiva. — Dom aproxima sua boca do meu ouvido. — A menos que você tenha um motivo para ficar assim. Eu a deixo nervosa?

— Você me deixa enjoada. — Empurro seu ombro, revirando os olhos.

Sua risada rouca ecoa no ambiente, mas nós dois ouvimos as vozes ao mesmo tempo e nos encaramos, ficando em silêncio.

Dominic dá um passo para trás e caminho até a porta, olhando pela fresta. Jackson está sobre o tablado com três baldes em sua mão. Caleb vem logo atrás, também com três baldes.

Ambos estão de preto, assim como eu e Dominic nesse momento. Mas diferente de nós, eles não usam nada em seus rostos. Só os dois estão aqui por enquanto e me pergunto que merda isso significa.

Eles colocam um balde em cada ponta do tablado e se encaram.

— Que horas eles irão chegar? — Jackson pergunta.

— Stephanie já está trazendo-os. — Seu tom é absurdamente animado.

— Todos estão com as roupas que enviamos? Sabe que precisa ser aquela para conseguirmos descartar com facilidade.

— Sim, os outros já garantiram isso para nós. Eles devem chegar nos próximos cinco minutos. Cheque se a cabana está em ordem e se as bebidas estão na sala da lareira — Caleb ordena e encara algo em seu celular.

Jackson sai sem pestanejar e olho para Dominic, que me encara confuso. Dou de ombros porque não faço ideia do que tem nos baldes, eles são pretos e é difícil entender o que há dentro.

Dom se aproxima por trás de mim e olha sobre meus ombros, tentando chegar a uma conclusão. Me pergunto se os Anjos também são assim, mas sei que não.

Porque os Corvos é a única sociedade que age dessa forma. A única que é suja, onde tudo que eles fazem é diferente do que normalmente deveria ser. Até a maneira de escolher os novos membros é diferente.

Não que os Anjos sejam bondosos. Não sei como funciona a iniciação deles, ou qualquer uma dessas merdas, com certeza não acho que consista em sentar, tomar um chá e esperar para ser escolhido por sua simpatia. Definitivamente não é assim, mas não acredito que vá tão longe.

Eu e Dominic nos encaramos e ficamos esperando os outros chegarem. O sinal aqui é ruim, mas caso vá longe demais, faremos a denúncia anônima da mesma forma. E se for necessário, eu mesma intervirei.

Me pergunto como Caleb reagiria se eu fizesse isso. O que ele diria ao ver que sua irmãzinha expulsa interferiu no trote que ele teve tanto trabalho para organizar? O que ele faria? Como Dominic agiria ao me ver sair daqui para confrontá-lo?

Não que fosse durar muito em uma briga. Mas seria interessante ver sua expressão.

— Finalmente vocês chegaram. — A voz de Caleb soa e levanto o olhar para ver o que está acontecendo.

Eles se aproximam em seis pares. Como se fossem um mestre e o seu pupilo. Os mestres são os que já são membros dos Corvos. Já os pupilos estão vendados, todos de bata branca, sendo guiados com pura determinação e altivez em cada passo.

Stephanie se dirige a Caleb e meneia a cabeça em um cumprimento.

— Hoje está fazendo frio. Não quero ficar tanto tempo aqui fora, então seja rápido.

Caleb deixa escapar um som debochado.

— Não seja patética, levarei o tempo que eu quiser.

— Para quê? Só corre mais risco de coagular, seja rápido — murmura e Jackson se aproxima.

Coagular?

Olho para Dominic.

— Sangue? — sibilo com os lábios e ele assente, com seu maxilar travado.

Quando volto a olhar, todos estão se posicionando sobre o tablado em fila. O sorriso no rosto de Caleb faz meu estômago embrulhar.

— Callum — chama e o primeiro garoto dá um passo à frente. Ele é justamente o que entrou acompanhado de Stephanie e ela revira os olhos.

Não o reconheço, acho que nunca o vi em Northview e me pergunto de qual família importante ele é para ter sido selecionado.

— O trote de hoje é tranquilo, vocês só precisam provar o quão longe irão por nós. Quão dispostos estão para guardar o nosso segredo. — Ri. — Hoje vocês só tomarão um banho, é simples.

Engulo em seco, Dominic coloca sua mão em minhas costas, como se quisesse me tranquilizar.

— E depois do banho? — Callum pergunta.

— Aguardem todos tomarem. Aqueles que não esboçarem nada com esse banho na pele, estão aptos a irem para o próximo trote — explica como se fosse simples. — Depois vocês poderão entrar na cabana para se trocar. Os que forem bem podem ficar para uma festa. Os que não conseguirem serão levados de volta e esquecerão tudo o que já viram — determina, e até sua postura exibe diversão. — Vocês estão proibidos de vomitar, mas podem chorar.

Ele parece quase torcer por isso, e cerro meus punhos assistindo Stephanie desamarrar a venda do seu pupilo.

Caleb sorri para o garoto e agradeço por agora não conseguir ver nada além das suas costas. Jackson estende o balde para Caleb, que o segura.

Callum não se mexe, mas mesmo distante, sua postura parece tensa. E no instante em que Caleb ergue o balde e derrama o líquido vermelho sobre o homem, sinto minhas pernas tremerem e a vontade de vomitar me atinge.

Meu Deus.

Dominic me ampara na mesma hora que o cheiro de sangue preenche o ar.

— Está tudo bem, princesinha — ele sussurra no meu ouvido, me puxando para longe da porta. Sua mão acaricia minhas costas suavemente. — Com certeza é sangue animal.

Não reajo. Não falo nada. O nojo me deixa estática.

Alguns barulhos assustados podem ser escutados e tenho certeza de que ouço a risada de Caleb. Me pergunto como Callum não vomita, o cheiro de ferro me deixa enjoada mesmo a metros de distância.

— Não é perigoso, só nojento — Dom segue sussurrando e me afastando da porta, até que estejamos no fundo do complexo.

Ele segura meu braço com cuidado, sua mão livre fica em minhas costas e seus olhos sobre mim parecem tão preocupados que penso em dizer que estou bem, mas sinto que se eu falar algo, irei vomitar.

Dominic me faz sentar no chão e uma onda de risadas vindas lá de fora me arrepiam. *Odeio essa merda. Odeio esses jogos doentios. Odeio pessoas que se sentem superiores e fazem tudo o que querem.*

Meu corpo inteiro treme com asco e Dominic fica sentado ao meu lado, fazendo a única coisa que jamais esperei.

Ele me protege.

Dominic tira a máscara do seu rosto e o coloca sobre o meu.

— Por quê? — sussurro.

— Se você ficar com as duas, talvez abafe o odor. — Ele sorri e passa sua mão por cima do meu ombro, cobrindo minha orelha suavemente.

Escoro minha cabeça contra seu peitoral e o som se torna distante, com meus ouvidos sendo tapados. Ouço as batidas ritmadas no peito de Dom e elas parecem um pouco mais rápidas do que o normal.

Seguro seu pulso e quando ergo a jaqueta, encaro o relógio idêntico ao meu. *Ele não o tirou.*

— Eu sou adotado, sabia? — comenta, como se quisesse me distrair. O encaro, assustada, ou melhor, surpresa. Ele sorri. — Quase ninguém sabe sobre isso e acho que meus pais são os únicos que conhecem a identidade daqueles que me puseram no mundo.

— Você já tentou descobrir quem são? — Soo curiosa.

— Sim e, há algumas semanas, eu diria que isso era a única coisa que eu queria. Mas agora não tenho certeza se vale a pena ficar tão fissurado em algo assim, não sei se quero arriscar tudo que tenho por essa informação. Quero dizer, sequer fará diferença, então por que insistir tanto em algo incerto?

Dou de ombros.

— Mas se era algo que você queria tão fervorosamente, o que mudou?

— Encontrei outra coisa que quero — assume, e a forma que ele me olha faz com que eu esqueça onde estamos.

— E você não pode ter as duas?

— Não sei. Talvez se eu abrir mão de algo que já quero há tanto tempo por uma coisa que pode ser um fascínio passageiro, por uma coisa que é tão arriscada e que pode me destruir tão facilmente, eu me arrependa.

Uno as sobrancelhas.

— Mas e se não for um fascínio passageiro, você não se arrependerá de qualquer forma?

— Eu sei. — Ele sorri de forma depreciativa. — De todo jeito, eu saio me arrependendo de algo.

— Se eu fosse você, esperaria até ter certeza do que realmente quero. Até perceber que por aquela coisa você aceitaria ser destruído.

Assim como eu, que pela minha liberdade, aceitaria tudo.

— Há algo no mundo pelo qual vale a pena ser destruído? — Dom me encara.

— Se você não estiver disposto a ir tão longe por aquilo, talvez não queira com tanta força e vontade — opino.

Ele assente e pigarreia, voltando a falar sobre seus pais e como foi sua infância. Como descobriu sobre a adoção e há quanto tempo procura os pais biológicos. Dominic realmente me distrai e me faz esquecer que lá fora Caleb se diverte fazendo os outros se banharem em sangue.

Ficamos assim por um bom tempo, até o silêncio reinar, a música começar a tocar na cabana e os que não conseguiram suportar o maldito jogo psicológico serem mandados embora. E só quando isso acontece, Dominic me leva de volta para casa.

24



Você sabe como eu tenho medo de elevadores, nunca confiei neles
Se sobem rápido, não dura
Ah, ah, estou me apaixonando
Ah, não, estou me apaixonando outra vez
Labyrinth _ Taylor Swift

Cindy Wright

Santiago me encara querendo saber se estou bem e aceno em um pedido silencioso para que ele se concentre nos outros.

Não estou sentada neste momento porque estou passando mal, nem porque sinto como se estivesse prestes a desmaiar. E embora esteja comendo sal para evitar que isso aconteça, só estou aqui porque não consigo me concentrar.

O *e-mail* que recebi mais cedo continua voltando para minha cabeça como se zombasse e provasse que possui poder sobre mim. É irritante.

Massageio minhas têmporas, minhas pernas estão para cima e abraço meus joelhos com uma mão, enquanto seguro o vidro pequeno de sal com a outra.

Minha máscara de esgrima está no chão e meu sabre também. Meus pensamentos se dispersam e fico aérea.

Tão aérea que não percebo quando ele chega e só noto sua presença quando ele pigarreia. Ergo meu olhar, encontrando as íris preocupadas sobre mim.

— O que aconteceu? — Ele se ajoelha na minha frente, tocando em minha mão. — Você está passando mal? — Sua voz soa perdida e ele olha para o relógio, como se conferisse meus batimentos. Mas eles estão estáveis, então sei que isso é o que causa sua confusão.

Dou um meio sorriso, negando.

— Então por que está no chão? E por que parece tão chateada?

— Desde quando você sabe identificar quando estou chateada? — pergunto, indiferente, mas a dúvida é verdadeira. Ele sorri, sem responder.

Nunca fui uma pessoa muito expressiva, sempre mantive tudo para mim e é difícil alguém identificar o que estou sentindo ou pensando. Beatrice falou isso na primeira vez que me viu e minha terapeuta demorou mais de três meses para conseguir reconhecer quando eu estava mentindo sobre o que sentia. E mesmo depois disso, tinha dificuldade de perceber o que realmente estava por trás das minhas palavras e atitudes.

Já disseram que tenho olhos inexpressivos, me tacharam de fria e sem emoções. Um dos idiotas dos Corvos até sussurrava sobre como eu o assustava por ser assim, ele achava que eu era sociopata.

Então, como Dominic já está ciente de pequenas nuances em meu comportamento a ponto de reparar que algo me incomoda só de me olhar por cinco segundos?

— Posso sentar? — pergunta, indicando o meu lado esquerdo que está vazio.

— Você não vai esgrimir hoje?

— Não estou com tanta vontade assim — admite, e encaro sua roupa.

Se ele não estava com vontade, por que se dar ao trabalho de vir ao clube, colocar todo o equipamento da esgrima e entrar na aula?

— Então tá, tanto faz. — Meu tom é indiferente, mas o observo de esgueira.

Inevitavelmente, sempre que o vejo usando essa roupa, lembro da primeira vez que o vi no clube. Naquele momento em que saí do banheiro e dei de cara com ele, fiquei assustada.

Dominic visivelmente queria algo de mim, enquanto eu queria deixá-lo o mais longe possível. Sua presença me deixava inquieta. Como

chegamos ao ponto onde saber que ele está agora ao meu lado me tranquiliza?

Droga.

— Não vai mesmo me falar o que aconteceu? — quebra o silêncio entre nós, seu olhar queima minha pele e ele imita minha posição, apoiando os braços em seus joelhos.

Dominic me contou que era adotado somente para me distrair, por que eu não poderia fazer o mesmo por ele? Quero dizer, ser sincera. Ao menos uma vez, eu poderia ser sincera.

— Minha mãe não quer minha presença — assumo e há um misto de vergonha e rancor em meu tom.

Depois que ela recebeu Caleb, tentei mais uma vez. Prometi a mim mesma que aquela seria minha última tentativa de visitá-la até o fim do seu tratamento. E mesmo que todas as outras vezes tenham sido negadas, essa teve um gosto diferente.

Foi como se eu tivesse reunido toda a esperança que eu tinha e tivesse feito uma aposta. O grande problema é que se você arrisca, sabendo que terá uma outra chance no futuro, quando perde não se sente tão mal. Afinal, haverá outra oportunidade, mas quando se aposta tudo o que tem e sabe que aquela é sua única tentativa, a derrota pode ser esmagadora. E é assim que me sinto agora, completamente esmagada e descartada.

É patético.

Sinto raiva de mim mesma por isso.

— Como assim? — Ele franze o cenho.

— Eu tentei visitá-la algumas vezes, mas sempre fui barrada. Caleb conseguiu alguns dias atrás com facilidade e hoje fiz minha última tentativa, mas ela não quis — confesso, tendo ciência de que ele sabe que minha mãe está internada.

Ele fica pensativo.

— Sua relação com ela é estável?

Rio.

— Claro — minto. — Somos a família perfeita, você não sabia? Diversas manchetes invejam nossa estrutura exemplar.

— Cindy.

Suspiro, botando uma pitada de sal em minha boca enquanto o ignoro.

Ele já sabe mais do que o suficiente. Não precisa conhecer a verdade de forma tão crua. Não precisa ter conhecimento de tudo o que acontece dentro da mansão Wright e de como me sinto em relação a cada um.

Dominic não precisar saber que, como mulher, sinto pena dela por ter uma família e um marido de merda. Pena por ter que ser oprimida e por escolher continuar neste mundo imundo só pelo dinheiro. Mas, como filha, eu a odeio por ter me feito passar por tudo sozinha, odeio-a por ter sido omissa a vida inteira. Não precisa saber que, às vezes, as linhas da pena e do ódio se bagunçam na minha cabeça e não consigo distingui-las. Não precisa saber que só fico lá por piedade e lealdade, mas que em dias como esse, a odeio tanto que quero largar tudo. *Largar toda a farsa, as mentiras e as manipulações.*

— *Cindy* — chama de novo, dessa vez em um tom mais alto que faz alguns esgrimistas focarem em nós. Santiago também faz isso, ele parece intrigado com nossa aproximação.

Me obrigo a encará-lo com um sorriso forçado no meu rosto.

— O quê? Vai dizer que tem inveja de mim por ter uma família perfeita enquanto sequer sabe quem é a sua verdadeira? — Soo ácida, atacando-o com medo de que ele veja por trás das cortinas.

Dominic pisca e se afasta um pouco, como se tivesse levado um tapa.

— Não faça isso. Não seja desprezível a esse ponto só para me afastar — ralha em um tom baixo.

— Eu… — Engulo em seco.

— E não sorria forçadamente em minha direção. Não quando já sorriu de verdade e me fez gostar tanto daquilo.

— Sinto muito. — Levo minha mão à nuca sem sequer me dar conta do que estou fazendo e Dominic une as sobrancelhas, observando o gesto com um discreto sorriso em seus lábios. — Eu fui uma idiota em usar isso contra você.

— Foi mesmo. — Inclina a cabeça para o lado. — Mas acho que nossa relação consiste em sermos assim.

— Isso é preocupante.

— O que você me faz sentir também é.

Rio, mas ele parece falar sério.

— Perdoo você se fizer duas coisas para mim.

— Mas eu não pedi perdão, só disse que sentia muito — rebato.

Ele faz um gesto de indiferença.

— Teremos uma festa à fantasia no final de semana, estarei esperando você.

— E se eu não for?

— Irei buscá-la. — Parece determinado.

— Então esse é um dos pedidos que não tenho poder de escolha? — desdenho e ele fica calado por um momento.

— Não. Esqueça nosso acordo por agora, faça uma decisão por conta própria — fala calmamente.

— Você vai esperar que eu apareça?

— Sim.

— Certo, então espere por mim. — Dou de ombros, seriamente em dúvida se irei ou não.

Normalmente, festas assim são quentes, irritantes e cansativas.

— E a segunda coisa? Você disse que eram duas — comento.

— Pare de pensar em Cristine Wright e tente me derrotar — provoca, me desafiando a ser melhor do que ele.

Bufo em deboche.

— Faço esgrima há anos.

— Bom, então somos dois. — Ele se levanta, me entregando meu sabre e estendendo a mão em minha direção.

Não me sinto tonta ou enjoada. Eu posso lutar se quiser.

Encaro o relógio em seu pulso e dou um meio sorriso aceitando sua ajuda para levantar. Estalo meu pescoço enquanto ele pega sua máscara e o sabre.

Quando nos posicionamos e nos cumprimentamos, Santiago grita o “hangar” e começamos a duelar. Dominic se esforça, mas nitidamente baixa sua guarda no final e me deixa vencê-lo de propósito.

E, pela segunda vez, me distrai quando minha mente fica cheia o bastante para me enlouquecer.



Me aceite
Eu posso derrubar suas paredes
Me deixe entrar
Vou abafar o som lá fora
Be Mine? _ Azee

Dominic Edwards

Disfarce. A festa inteira é sobre isso, então nada mais propício do que ser uma festa à fantasia. Por isso eu e Archie viemos de Anjos. Porque é o disfarce perfeito e o que realmente somos.

No porão, enquanto todos bebiam e aproveitavam, já fizemos a iniciação dos membros escolhidos. Claro que ninguém desconfia de tudo o que acontece quando sumimos, nem do que somos capazes de fazer quando estamos sozinhos.

Afinal, para todos, isso não passa de uma festa de Evergreen, onde as pessoas se vestem daquilo que querem e cometem idiotices que provavelmente se arrependerão no dia seguinte. Ninguém faz a menor ideia de que dois membros poderosos se juntaram a uma sociedade secreta.

Ninguém nem mesmo sabe se sociedades secretas são reais ou apenas histórias inventadas e sussurradas.

Meneio a cabeça em direção a Archie, me afastando dele. Tivemos um pequeno atrito entre líder e conselheiro e depois uma conversa sobre o que caralhos eu estava fazendo. Eu contei a verdade sobre meu real envolvimento com Cindy e as coisas que ele me falou, definitivamente, não foram sobre nossa relação na sociedade. Não, Archie me aconselhou como meu melhor amigo e me puniu como meu líder, falando que eu não poderia seguir sendo seu conselheiro se não agisse conforme as regras. Que nem

mesmo ele está isento delas e que se eu fizesse isso mais uma vez, Margareth seria cotada como conselheira.

E, se for para ser sincero, eu o entendo.

Desço as escadas segurando o taco de madeira e encarando o meu celular. Ela não respondeu nenhuma mensagem que enviei até agora e começo a acreditar que ela, de fato, não vem.

Mas agora que a parte da iniciação já acabou, ficar aqui sabendo que ela não está me parece entediante demais.

Passo por algumas pessoas, atraindo olhares desejosos para cima de mim. Ou mais especificamente, para o meu peitoral exposto. Porque é claro que diferente de Archie, eu não seria um anjo da morte. Não, nesse momento eu sou como um anjo ferido.

Sangue falso mancha meu peitoral, como se eu tivesse sido punido por Deus por cobiçar algo proibido como Cindy. As asas em minhas costas, no entanto, não possuem respingo nenhum e fiz isso de propósito. Quis manter as asas limpas em uma representação da pureza, e o sangue para mostrar o contraste com os meus pecados.

Quase como o contraste entre Cindy e eu.

Meu rosto inteiro está pintado como o de uma caveira e não sei se é isso que chama atenção de todos. Ou se é a mistura disso com as asas, a calça preta, o sangue falso e o abdômen exposto.

Independentemente do que for, atraio inúmeros olhares.

O lugar está cheio e passo por todos, considerando uma presença mais insignificante que a outra. Vejo diversas fantasias iguais e as que mais se repetem são as de diabinha, enfermeira pervertida, vampiro e *Ghostface*.

Quanta originalidade.

Reviro os olhos no mesmo instante em que avisto a obsessão de Archie a alguns metros, ela está vestida de elfo e seus olhos curiosos passeiam por todos. Verdade seja dita, ela sempre parece focada em algo, como se sua mente estivesse a todo vapor o tempo inteiro.

Ela desvia o olhar em minha direção e meneio minha cabeça em um aceno rápido, porém, sou atraído pela vibração em meu celular.

Aperto o aparelho ansioso, como uma criança. Contudo, não é uma mensagem dela e sim uma outra notificação. Rosno um palavrão, coçando minha nuca e estou para bloquear a tela, quando seu nome finalmente brilha nela:

Princesinha dos Corvos: Você disse que me esperaria, então por que eu que estou te esperando?

Eu: Onde você está?

Princesinha dos Corvos: Você não consegue nem mesmo me encontrar?

Olho ao redor, mas aqui está cheio e abafado demais, provavelmente Cindy não ficaria no meio de todas essas pessoas. Mas, então, onde ela está?

Princesinha dos Corvos: Me pergunto se alguém realmente lê tudo o que está nessas estantes ou se eles são apenas de enfeite.

Biblioteca.

Meus passos são rápidos ao atravessar o corredor e mais ainda ao empurrar as portas de madeira e entrar. Contudo, assim que faço isso, paraliso ao vê-la.

Caralho.

Cindy se vira com o barulho e nada no mundo me prepararia para vê-la.

Porra. Porra. Porra.

Ela já é naturalmente bonita, só que hoje deveria estar proibida de ser considerada um ser humano, uma vez que sua aparência ultrapassa os limites existentes dos meros mortais.

Se for para ser sincero, acho que até mesmo os deuses a invejariam agora.

Subo meu olhar pela meia-arrastão e o short preto que faz minhas mãos tremerem em vontade de tirá-lo. Passeio pela barriga exposta e pela

blusa branca amarrada nos seios com sangue falso espalhado por ela. E então, chego no rosto maquiado como se representasse uma máscara.

Mas não uma máscara qualquer e sim uma idêntica àquela que usei na floresta para persegui-la. Com a diferença que ela troca o plástico e a led azul pelo seu rosto natural com uma sombra rosa. Os “x” nos olhos são os mesmos e a marca na boca também.

Boca essa que ao sorrir em minha direção me deixa literalmente sem rumo.

Cacete.

— Você demorou — comenta, apontando um bastão de madeira, que eu sequer havia reparado, em minha direção.

— Se eu soubesse que você viria para cá, teria lhe esperado durante a noite inteira.

— Sentado como um cão?

— Sim, ainda mais obediente do que um — provoco, com um meio sorriso.

Ela ri.

— Não fale dessa maneira, posso ficar tentada a lhe comprar uma coleira de presente.

— Não dê esse tipo de ideia, posso ficar tentado a querer realizá-las.

— Você é louco. — Seu tom é bem-humorado e ela abaixa o bastão.

— E você está linda, princesinha — murmuro, caminhando até ela.

Seu olhar passeia pelo meu corpo, fazendo o mesmo escrutínio que fiz com o dela há alguns minutos.

— Você parece mesmo um anjo caído, sabia? Aqueles cruéis, que usam sua aparência para enganar e seduzir — sussurra, engolindo em seco quando aperto sua cintura.

Nossos corpos ficam perto o bastante para que o calor deles se misture.

— Isso me parece uma descrição do diabo.

— De fato, você se encaixaria bem como ele também. Cruel e pecaminoso. Sujo e perverso.

As íris escuras encontram as minhas e resvalo meus lábios contra os seus de leve. Não consigo evitar tocá-la, é como se eu fosse atraído por ela. Como se fosse incapaz de me afastar.

— Você me acha sujo? Acha meu toque sujo, princesinha? — Meu polegar desliza em sua bochecha.

— Sim. — Sua respiração soa entrecortada.

— Então por que não me afasta?

— Porque não consigo. Não consigo ficar longe mesmo quando devo e não consigo evitar sua presença.

Sopro perto da sua orelha e seus pelos se arrepiam.

— Que bom que estamos na mesma sintonia.

A atmosfera parece pesada, a música do lado de fora é abafada pelo som das nossas respirações e meu coração para por uma fração de segundos quando ela me beija.

O gosto cítrico de laranja preenche minha boca e sua língua desliza pela minha com calma. É diferente dos outros beijos, é uma confissão e uma entrega proibida.

Ela veio até aqui porque eu pedi. Ela está usando uma máscara igual a minha quando a persegui. Ela debocha e me desafia. Ela rouba minhas manias e me faz ficar obcecado por cada uma das suas. Ela me dá abertura, mas me empurra para longe. Ela pede ajuda e se esquiva, me deixando curioso. Ela me olha como se quisesse falar, só que nenhuma palavra é dita. Exceto agora.

Neste exato instante, seu beijo parece dizer inúmeras delas, só que não sou capaz de compreendê-las.

Ela me enfraquece e me torna dependente do seu toque, sempre ansiando por mais. Ela me faz questionar cada passo e até mesmo duvidar se ainda quero as mesmas coisas que antes.

Cindy é perigosa, sempre foi.

Sua língua dança ao redor da minha como se me envolvesse em uma coreografia que decreta minha morte. Seus dedos em meu cabelo puxam os fios, como se até o mais simples gesto me marcasse como dela.

Como se me lembrasse que eu que comecei puxando as cordas, mas que foi ela quem me transformou em uma marionete.

Suas unhas rasgam meu abdômen exposto e, neste momento, aceito se ela quiser transformar o sangue falso em verdadeiro. Grunho contra seus lábios quando ela brinca com a braguilha da calça.

Meu pau dói, exigindo sua atenção.

Cindy desliza sua mão por cima do tecido e o aperta, fazendo com que eu finque meus dedos em sua cintura com mais força. Ela se afasta para respirar um pouco e seu peito sobe e desce lentamente. Suas pálpebras estão pesadas de desejo.

As pupilas dilatadas me estudam, procurando por uma aprovação e sequer sei do que se trata, mas aceno suavemente, aceitando tudo o que ela quiser fazer comigo. Porém, não é porque aceito tudo que estou preparado para tudo.

Definitivamente não estou preparado para vê-la deslizar suas mãos por minhas coxas e se ajoelhar em meus pés.

Coço minha nuca, prendendo a respiração.

Os dedos suaves são lentos ao desabotoar a calça e ainda mais vagarosos ao baixá-la, como se ela quisesse me torturar. E se essa for sua intenção, ela realmente consegue.

Seu olhar encontra a cueca boxer preta e ela dá um sorriso de canto que poderia me enlouquecer.

— Posso? — questiona, e o tom normalmente ácido é pura provocação. Seu indicador perpassa o tecido, ameaçando descê-lo. Travo meu maxilar, com a dor em meu membro sendo a pior de todas as punições que já senti até hoje.

— Deve. — Soa como uma ordem, o que na verdade não passa de uma súplica.

Cindy umedece seus lábios e a luxúria absurda que preenche seu rosto quando meu pau finalmente é liberado da maldita cueca me faz fechar os punhos.

A reação do meu corpo em relação a ela não deveria ser tão absurda assim. Um toque seu faz tudo entrar em chamas.

Porra.

Ela encara meu pau com fascínio e engole em seco, levando a mão até ele. E no instante que seus dedos tocam no membro quente e duro, rosno um palavrão. Cindy sorri largamente com minha reação e desliza seu polegar por cima da glande em um perfeito círculo.

Perfeito até demais.

Saber que ela já tocou em outros paus antes revira meu estômago e obrigo a me concentrar no fato de que o meu é o único que ela verá de agora em diante.

Seu olhar prende o meu e a maldita princesinha coloca sua língua para fora, lambendo da base até a cabeça. Me recuso a piscar porque essa é definitivamente uma imagem que quero guardar.

Caralho. Caralho.

Sinto meu pau inchar ainda mais e me contorço com o seu olhar. As pupilas dilatadas, seu rosto maquiado com a máscara e os dedos envoltos ao redor do meu membro, são fodidamente prazerosos.

Cindy me causa ondas de prazer somente em me olhar.

Maldita seja ela e esse seu poder.

Ela cospe em sua mão e espalha a saliva por todo meu comprimento, e nesse momento eu não me importaria se a porra da mansão estivesse em chamas, porque eu não sou capaz de desviar meu olhar nem mesmo por um segundo. Seu toque me impede até de me mover.

— Você é cruel, princesinha — sussurro em um tom baixo, seus dedos voltam a se mexer e o toque ao meu redor é apertado. Só não tão

apertado quanto sua boceta.

— Por isso você gosta de mim?

Rio, enquanto ela usa seu punho para foder meu pau.

— Não gosto de você. — As palavras não parecem sinceras nem mesmo aos meus próprios ouvidos.

— É justo, assim o nosso sentimento é recíproco. — Suas palavras são ácidas, mas divertidas.

Não consigo me concentrar no que é dito e esqueço até mesmo meu nome no instante que ela desliza sua língua por cima da minha uretra. Estremeço, apoiando minhas mãos em seus ombros e quase me curvando quando ela finalmente me abocanha.

Cacete.

Eu não deveria ter ansiado tanto por isso. Não deveria ter desejado o fodido calor da sua boca e não deveria reparar no modo que seus lábios combinam perfeitamente com meu pau.

Ela ri, estudando minha reação. O som reverbera pelo meu membro e me faz ter um espasmo.

Toco em sua bochecha, sabendo que o desejo exposto em seu rosto também é refletido no meu, com ainda mais intensidade.

— Sabia que você tinha tara por máscara — murmura, afastando sua boca para fitar meu pau repleto da sua saliva. Ela parece contemplar uma obra de arte.

Rio.

— Não é sobre a máscara e sim sobre quem a usa. — Seguro um punhado dos seus cabelos e ela ignora minha fala, voltando a me chupar.

Sua boca não chega nem na metade dele, porém, a cada vez que ela se afasta e retorna, parece engolir mais e quando sinto a glande bater contra sua garganta, tremo e reviro os olhos de prazer.

Porra. Porra.

Suas mãos brincam com minhas bolas e Cindy chega até mesmo a chupá-las, deixando meu saco babado também. Seus cabelos grudam em sua testa e vê-la dessa forma é fodidamente sexy.

Merda.

Meus dedos contra sua cabeça começam a acelerar seus movimentos e Cindy acompanha o ritmo ditado por mim. Sua língua desliza contra o meu comprimento e ela me engole cada vez mais.

Sinto os músculos em meu abdômen retesarem enquanto ela me fode com sua boca. Meu pau nunca esteve tão melado ou tão duro.

Seu sorriso orgulhoso se estende ao notar que meus grunhidos aumentam e que invisto cada vez mais rápido contra ela. E no momento que seu olhar encontra o meu, minha coluna se arrepia e jogo minha cabeça para trás com o prazer.

Cacete.

Minha vista escurece e não consigo me mexer, Cindy não me tira de sua boca e permite que eu goze dentro dela. Sinto meus músculos tremerem e ela se afasta, sem parar de me encarar.

Seu olhar queima sob minha pele e correntes de adrenalina se espalham por todos os meus tendões. Respiro pesadamente, assistindo enquanto Cindy lambe seus lábios.

Ela engoliu tudo.

Porra.

Seus dedos são ágeis ao ajeitar minha cueca e minha calça, mas quando noto sua palidez, a impeço de fechar a braguilha, com a preocupação imediata se espalhando por todo meu corpo. Estendo minha mão em sua direção, momentaneamente sem força de falar nada.

Ela acena, aceitando o toque. Porém, ao levantar, se apoia na mesa de madeira de imediato.

— O quê? Você está tonta? — Olho para os seus pulsos, mas ambos estão vazios. — Cadê seu relógio?

Ela dá de ombros.

— Esqueci de pegá-lo — sussurra. — Meu coração está acelerado?

Meneio a cabeça e ela faz um gesto de indiferença.

— Foi só porque eu levantei, estou bem — garante, mas ainda assim ergo seu corpo e o coloco sentado sobre a mesa. — O que você está fazendo?

— Deite um pouco — peço e ela obedece, escorando suas costas contra a madeira tranquilamente. — Agora respire fundo.

Ela ri.

— Sua respiração que está descompassada e não a minha.

— Eu deveria agradecer por isso?

— Acho que seria válido, sou muito boa no que faço.

Sorrio, acariciando sua coxa.

— De fato. Mas você está proibida de exibir essas suas habilidades para mais alguém.

Ela arqueia a sobrancelha escura.

— Por que eu deveria obedecer suas ordens?

— Porque você é minha.

— Desde quando?

— Desde o momento que a vi — murmuro.

— Está bem, então me prove que sou sua. Me prove por completo. — Seu olhar é desafiador.

Dou um meio sorriso, meneando minha cabeça.

— Como quiser.

Me posiciono entre suas pernas, distribuindo beijos na pele coberta pela meia-calça. Ela entreabre os lábios, soltando um suspiro ansioso.

Meu toque lhe faz promessas e ela aguarda que eu as cumpra. Seus olhos acompanham os meus movimentos e Cindy sorri quando aproximo minha boca de sua boceta coberta pelo tecido do short.

Umedeço meus lábios, já sentindo seu cheiro e o modo que minha boca se enche de saliva.

— Precisa de ajuda? — Sua voz é baixa e embora tente manter o semblante vazio, não consegue.

Ela não consegue mais se esconder de mim.

Ela não pode mais fugir.

— Depende. Se você quiser me fazer um show particular, eu não reclamarei.

Cindy revira os olhos, erguendo levemente seu quadril na mesa. Seus dedos seguram o cós do short e ela começa a descê-lo. Agarro suas mãos e a impeço de continuar.

Não preciso ter também a imagem de Cindy tirando suas próprias roupas para mim. Vê-la vestida dessa forma e ajoelhada me chupando já foi o bastante.

Sei que não esquecerei essa merda nem mesmo tentando muito.

Puxo o tecido da sua meia-calça junto com seu short, mas deixo a calcinha ali. Existe algo extremamente intrigante nisso. Nunca tive esse tipo de desejo, sempre tirei todas as peças do corpo das mulheres que transei, mas gosto de deixar a calcinha de Cindy, quase como se ter um obstáculo antes de chegar na recompensa tornasse a ideia mais excitante.

Como se eu precisasse desvendá-la antes de chegar no alvo final.

Pisco para afastar o pensamento que não parece ser mais sobre sexo e foco no seu corpo, exposto somente para mim.

Deixo suas peças de lado e me ajoelho em frente à mesa. Ela se apoia sobre seus cotovelos para me encarar e os pés ficam sobre a madeira, com suas pernas abertas.

Inspiro o cheiro doce e me aproximo, respirando perto da sua boceta. Ela se contorce somente com meu hálito quente batendo contra a região ensopada. Porque, sim, sua calcinha já está visivelmente molhada.

Amo como Cindy se excita facilmente. As coxas molhadas com sua própria excitação são definitivamente uma visão semelhante ao paraíso.

— Achei que fosse pecado brincar com a comida. — Sua voz soa como uma súplica, embora ela não peça nada.

— Mas você é mais do que isso, princesinha. — Deslizo minha língua pelo tecido, ela geme. — E diferente da comida, não importa o quanto eu tenha de você, jamais fico saciado.

Meu indicador esfrega o tecido com força e ela me encara.

— Tente outra vez e se não der certo, na próxima tente com mais afinco.

— Então até você admite que haverá sempre uma próxima — zombo.

— Não seja tão pretensioso, tudo dependerá da sua habilidade com a boca. — Seu olhar segura o meu.

— Então não teremos problemas. — Rio, mas me calo ao puxar o tecido da calcinha para cima, causando atrito entre os lábios encharcados e a renda. Ela se remexe, gemendo.

Observo a bela boceta e ela me parece tão apetitosa que não resisto ao deslizar minha língua por sua extensão brilhosa. Ambos os lábios separados pela calcinha recebem minha atenção e quando o gosto atinge minhas papilas gustativas não consigo mais me conter.

Quero seu clitóris na ponta da minha língua. Quero sua boceta mastigando meus dedos. Quero suas pernas tremendo e seus gemidos tão altos que ultrapassem as portas de madeira e todos lá fora fiquem sabendo que ela grita de prazer e súplica por mais do meu toque.

Quero tudo o que é meu por direito.

Quero sugá-la até que ela não tenha força de manter suas pálpebras abertas.

Quando empurro o tecido da calcinha para o lado, me sinto como um predador outra vez. Só que ao invés de persegui-la através de uma floresta, dessa vez estarei perseguindo seu orgasmo e usarei minha língua para isso.

Sopro o clitóris inchado, sabendo que isso causa arrepios e cuspo sobre sua boceta, somente pelo prazer de ver minha saliva se misturar com sua excitação.

Meus dedos esfregam a região encharcada e minha língua a explora lentamente, dando uma lambida demorada em toda a extensão. Ela grita e rio, substituindo a lambida por uma sugada demorada em seu clitóris.

O prazer que sinto ao fazer isso é semelhante ao dela. Ou talvez até maior, porque sinto meu pau começar a endurecer outra vez.

Cindy choraminga meu nome e aperto suas coxas, mantendo-as separadas enquanto a chupo. A boceta vermelha implora por mais a cada instante e enquanto sugo seu clitóris, mordiscando-o, o beijando e brincando com ele em minha língua, estou espalhando sua excitação por ela.

Deslizo meu dedo em sua abertura, como se fosse penetrá-la, mas logo em seguida desço um pouco e melo seu cu, dando um pouco de atenção para ele, embora eu ainda não esteja fazendo planos com ele.

Ela geme palavras incompreensíveis a cada vez que faço isso e vez ou outra grita meu nome. *Soa como música.*

Estou inclinado a parar de torturá-la e finalmente penetro dois dedos dentro dela, porém, no instante que faço isso, ouço a porta de madeira ser aberta.

Cindy me encara, seu rosto está vermelho e seus cabelos grudados em sua testa. Sua respiração está acelerada e ela não ousa desviar para ver quem chegou. Travo meu maxilar, com o instinto de proteção me fazendo fechar os punhos.

Quem foi o fodido que ousou se aproximar? Tenho certeza de que, do lado de fora, os gemidos deixavam claro que o lugar está ocupado, então por que caralhos entraram?

Puxo sua calcinha de volta para o lugar porque não permitirei que ninguém a veja tão exposta, quando a vulnerabilidade é somente para mim, e viro meu rosto lentamente, sentindo minhas mãos tremerem com vontade de matar a pessoa.

Contudo, me surpreendo ao ver Archie parado, com Matilda atrás dele.

Seu olhar não vai até a princesinha dos Corvos, ele não tem interesse nela e não me provocaria dessa maneira, não quando sabe o quanto já estou envolvido.

As íris frias possuem chamas e ele inclina a cabeça.

— Você se importa? — pergunta e há uma pontada de curiosidade.

Encaro-a assim que ele pergunta, porque a opinião dela é a única relevante e Cindy deve reconhecer a voz, uma vez que seu semblante fica surpreso.

— Você se importa, princesinha? — murmuro, baixo o bastante para que ele não escute.

Ela respira pesadamente e o seu menear de cabeça em uma negativa me pega desprevenido.

O que você está fazendo?

Ela dá um sorriso provocativo e afasta sua própria calcinha, em um pedido silencioso para que eu volte de onde paramos.

A ideia de ter outro homem perto dela enquanto a fodo com minha língua me incomoda na mesma proporção que me excita. Ele pode ver o quanto a deixo gritando de prazer, mas não pode tocar nela ou cobiçá-la. Sequer pode olhá-la.

Encaro Cindy mais uma vez para garantir que está tudo bem e assim que percebo que ela está realmente relaxada, volto a encarar a boceta que está ainda mais molhada do que antes.

Caralho.

Esfrego os dedos melados em meu pescoço, para manter seu cheiro em mim por mais tempo e volto a chupá-la. Os gemidos retornam e sorrio, sabendo que todos são por minha causa.

Sinto a presença de Archie e Matilda e os encaro de esguelha, vendo Archie ajoelhado como eu, pronto para chupá-la perto de nós.

Que irônico.

Dois melhores amigos, dois Anjos e duas mulheres que nos colocaram de joelhos.

Se eu fosse mesmo um dos trabalhadores de Deus, Cindy seria o motivo pelo qual eu seria expulso do paraíso. Ela me faria cometer todo tipo de pecado e barbaridade.

Meus dedos deslizam para dentro da sua boceta com facilidade, o aperto delicioso e o calor me recebem de bom grado. Ela joga sua cabeça para trás com a boca entreaberta e quando me encara, há um brilho em seu olhar. Movimento minha mão e ela grita meu nome no mesmo instante que Matilda começa a gemer o de Archie.

Meus lábios capturam seu clitóris e meus dedos estocam sua boceta, ela remexe seu quadril contra meu rosto, melando meu nariz. Os gemidos das duas se misturam no ar e parece uma fodida sinfonia.

Suas paredes internas parecem me mastigar a cada vez que invisto meus dedos contra ela. Cindy tenta se afastar com o prazer a deixando tonta, mas a obrigo a ficar parada.

Encaro seus olhos enquanto a chupo, mas vez ou outra suas íris se desviam para a da garota de Archie e inevitavelmente os observo. Ela está com as pernas abertas, com a cabeça dele enfiada entre elas. As pupilas dilatadas de Matilda seguram as de Cindy, e reviro os olhos.

Que porra.

Agora sinto ciúmes até de uma outra mulher olhando para a minha?

Sim, foda-se.

Dou um tapa em seu clitóris, acertando sua boceta como punição. Ela grita, erguendo suas costas da mesa. Seu olhar encontra o meu e ela dá um sorriso malicioso, como se estivesse fazendo essa merda de propósito para me irritar.

— *Não me provoque* — rosno.

Estoco meus dedos dentro da sua boceta com mais força e chupo seu clitóris com mais voracidade. A atmosfera inteira é sobre prazer e nós

quatro nos perdemos nela.

Os gemidos aumentam, o cheiro de sexo permeia o ar e até mesmo o peso dos olhares se torna mais constante.

Sinto suas pernas começarem a tremer, reconheço os sinais do seu corpo e até a forma que ela me olha muda. Ela ofega cada vez mais rápido, os choramingos são mais altos e sua respiração fica mais pesada.

Seus olhos estão fixos somente em mim quando ela grita meu nome e se desfaz contra minha língua, em um *squirt* que me mela inteiro.

Caralho.

Sugo até sua última gota e não me importo com mais nada, porque se Cindy gozou com tanta força enquanto me olhava, meu dever foi cumprido e com certeza haverá uma próxima vez.



Quando estaciono na frente da mansão Wright e Cindy ameaça soltar seu cinto, proíbo a ação de ser concluída.

— Por que você aceitou? Não parece ser do tipo *voyeur.* — Soo verdadeiramente confuso.

— Fiquei curiosa.

— Sobre o quê?

— Queria ver sua reação.

— Então você estava me testando? — Uno as sobrancelhas e ela ergue o canto da sua boca.

— Não, a única coisa que testei foi uma experiência nova. Sobre você, só queria descobrir quão sérias são suas palavras sobre eu ser sua. — Dá de ombros e travo o maxilar.

— Eu não brinco sobre isso, você é mesmo minha. Outros podem olhar, como Matilda fez essa noite, mas sempre sabendo que você não está disponível porque me pertence.

Ela toca em minha mão e aproxima sua boca do meu ouvido.

— Ver que você estava falando sério foi a parte mais excitante de tudo — sussurra e se afasta, o mesmo brilho de antes retorna. — Mas não sei se quero ser sua — provoca, com seus lábios raspando contra os meus de leve antes de sair e me deixar sozinho para trás.

Bato minha cabeça contra o volante e suspiro, sentindo o seu cheiro em meu corpo e espalhado pelo banco do carro.

Muito bem, Cindy Wright.

Continue a me enlouquecer.



Quando você não está comigo
Eu estou incompleto
Porque eu estou em chamas como mil sóis
Eu jamais te queimaria, mesmo que eu quisesse
Hunger _ Ross Copperman

Dominic Edwards

Não consigo reprimir o bocejo e Edgar, meu tio por parte de pai, me encara balançando a cabeça levemente, embora o sorriso em seus lábios seja bem-humorado.

— Você deveria pedir algumas dicas para Wood, seu amigo parece ser bom em eventos como esse — ele comenta.

— De fato — murmuro e desvio meu olhar para Archie, que tem uma diplomacia invejável. Sua postura tranquila e seu olhar frio, mesmo com tudo o que tem acontecido na nossa sociedade, é um feito admirável.

Por isso ele é o líder.

Todos que o conhecem sabem que ele nasceu para isso, para liderar, conquistar e atrair atenção. Mas eu particularmente acho entediante a mera ideia de cumprimentar a todos, como ele faz.

Edgar também acha. Mas ele diz que já alcançou uma idade certa e um cargo poderoso o bastante para que o poupem desse trabalho. E, de fato, ele tem razão.

Edgar Edwards não se dá ao trabalho de ser gentil ou bondoso com ninguém. Sua determinação em conseguir tudo o que quer é assustadora e ele nunca faz nada sem receber alguma coisa em troca.

Não somos próximos, mas até que gosto da sua presença. Ele não se importa com as regras e nunca se preocupa com os limites. É algo invejável.

Eu, por exemplo, adoraria não estar aqui. Esses eventos de confraternização que só servem para estreitar laços de poder, não significam nada para mim.

Sei que contatos são realmente importantes, mas já tenho todos aqueles que tenho vontade. Então, por que preciso vir?

Encaro o relógio em meu pulso, fito as horas e dou um meio sorriso animado. Aproveito para checar também seus batimentos cardíacos e quando percebo que estão estáveis, suspiro aliviado.

— Não sabia que você monitorava seu coração. — Seu olhar desvia até meu braço, acompanhando meu movimento. — Você está doente? — Soa curioso.

Balanço a cabeça em uma negativa.

— Não é nada. Só estou fazendo isso pelos treinos — minto. — E de qualquer forma, só estava checando quanto tempo já fiquei aqui.

Ele ri.

— Você vai embora?

— Dizem por aí que trinta minutos é a quantidade mínima que se deve ficar em algum lugar para que a atitude de ir não seja vista como grosseria e falta de educação.

— É mesmo? E seus trinta minutos já passaram?

— Como assim “já”? Pareceram uma eternidade — debocho, virando minha taça de champanhe em um único gole.

Ele me observa, seus olhos são claros e parecem com os do meu pai. Edgar sempre me encara assim quando está curioso.

— Você parece apressado — aponta e, de fato, estou.

Consigo pensar em dezenas de coisas que eu poderia estar fazendo agora e que consideraria mais interessantes. Há uma pessoa em específico que supera a presença irritante de todos aqui.

Me aproximo dele, como se confessasse um segredo.

— Lugares assim me sufocam — murmuro, já afrouxando o nó da gravata e ele ri. Mas seu olhar se torna sério e sedutor quando a garçonete, com idade para ser sua neta, se aproxima.

Edgar tem uns cinquenta e três anos. Ele é o irmão mais velho do meu pai e por isso não se importa tanto em parecer gentil, uma vez que tem um cargo consolidado há bastante tempo. Contudo, mesmo o homem tendo idade para ser avô, nunca deseja mulheres da sua idade.

Porra, não que eu tenha muita moral. Depois que transei com a viúva de um dos deputados, perdi o direito de opinar nessa merda sobre diferença de idade. Porém, às vezes vê-lo encarar algumas garotas da minha idade me incomoda. Como agora.

Coloco minha taça vazia sobre sua bandeja e meneio minha cabeça em direção da garçonete. A dispensa é suave, mas perceptível.

Ela sorri, se afastando, e espero que esteja em uma distância considerável, antes de menear em direção a Edgar e sair sem me despedir.



— Você vai continuar insistindo nessa merda? — pergunto, contendo um sorriso.

— Sim. — Ela me encara com desdém e volta a fitar meu cavalo, puxando a rédea enquanto andamos.

O que estamos fazendo juntos em pleno sábado? Não sei. Mas o animal precisava dar uma volta e eu queria sua presença.

Depois de ser contaminado com toda a falsidade da confraternização, ter sua sinceridade ao meu lado me deixa calmo. Sua presença é tranquila.

— Por que eu deveria mudar o nome do meu cavalo dessa maneira? É ridículo.

— Em algum momento eu disse que você deveria mudar? — Estala a língua. — Eu falei que o chamaria assim, apenas isso.

— Mas quem teria medo de um cavalo que se chama “Sonho”? — Meu tom é sarcástico.

Ela para de andar, soltando as rédeas para me encarar.

— Por que precisam ter medo dele?

— Porque ele não é um cavalo dócil e pode ser perigoso.

— Mas e se ele agir dessa forma pelo nome escolhido? — murmura e parece pensativa. Na verdade, desde que ela se aproximou, age de forma estranha. — Às vezes a essência é boa, mas o peso de um nome pode ser perigoso.

Seu olhar está distante e dou um passo para frente.

— Ainda estamos falando do Sonho? — Toco em sua bochecha para que ela me fite e seus olhos brilham ao notar a forma que chamei meu cavalo.

Um sorriso largo enfeita seus lábios e meu coração acelera.

— Então você vai mudar o nome? — murmura, animada.

— Não pareça tão feliz, só o chamei assim porque você fica me confundindo — bufo.

Eu poderia chamá-lo assim na sua frente. Eu não me importaria de mudar o nome dele se isso mantivesse seus olhos focados em mim e um sorriso brilhoso em seus lábios.

— Você é irritante. — Revira os olhos e deslizo meu polegar contra sua pele.

— E o seu sorriso é lindo.

— Achei que você tivesse dito que o odiava.

— Somente porque ele me faz desejar e sentir coisas que eu não deveria.

Ela segura a minha mão que está em seu rosto e quando puxa, me impedindo de tocar a pele dela, espero que as palavras ácidas escapem dos seus lábios. Mas não é o que acontece.

Não, Cindy fita a minha palma e deposita um beijo tão suave nela que fico sem reação. Seus olhos cintilam e se eles opacos eram perigosos, quando brilham dessa maneira são destrutivos.

Ela espera uma reação minha e pisco algumas vezes, genuinamente surpreso e desnorteado. Não falo nada e ela parece prestes a se afastar, então faço a única coisa que consigo pensar e entrelaço nossos dedos.

Nunca segurei a mão de ninguém dessa maneira.

Cindy encara o ponto onde nossos dedos se tocam, ela não se distancia. Mas mesmo sem dizer nenhuma palavra, nós temos ciência de que as coisas estão mudando. Que nossa relação está indo longe demais.

Começamos a andar juntos e Pesadelo nos acompanha solto, mas sem sair de perto, como se ainda estivesse preso.

— Se você pudesse ir para qualquer lugar agora, para onde iria? — pergunto curioso, ainda querendo distraí-la.

— Brighton — fala, sem precisar pensar muito.

Franzo o cenho.

— Dentre todos os lugares do mundo, você iria para Brighton? — Soo surpreso, uma vez que a cidade turística fica a uma hora e meia de distância daqui.

— Sim.

— Por quê?

Ela me encara.

— Quando eu era mais nova, tínhamos uma casa de frente para o mar. Naquela época, todos os Wright ainda pareciam aproveitar a beleza das coisas mais simples. Não era um espaço luxuoso e, ainda assim, era divertido e tinha calor. Ou talvez essa seja uma memória antiga e eu queira me agarrar nela, acreditando nisso. — Dá de ombros. — Não lembro quando Robert a vendeu. Mas sei que a casa pequena e aconchegante foi trocada por jatinhos, hotéis frios em diversos países e uma mansão.

— Então você não gosta do fato de ser rica?

Ela ri, desdenhando com um gesto.

— Não é isso. Seria hipocrisia dizer que não gosto. Aproveitei cada viagem e fiquei encantada com cada país novo que conheci. Mas posso desfrutar disso a qualquer momento. Posso viajar e até mesmo me mudar ou sumir em um piscar de olhos. Tenho dinheiro o bastante para isso. Mas aquela casa não. Posso ir para os hotéis mais luxuosos, procurar as pousadas mais caras e aproveitar os chalés mais chiques. Porém, nenhum tem aquela emoção.

— E por que você nunca voltou para Brighton? Ao menos para visitar. Afinal, é uma cidade turística e lá existem várias pousadas perto da praia.

Cindy suspira.

— Tenho medo de ir e perceber que estava errada. Que as coisas lá já eram frias e que nunca ouve o calor que guardei em minha mente durante todos esses anos.

— Faz sentido. Mas então, o que mudou? Você disse que iria para lá agora mesmo.

Ela pisca.

— Não sei. — Pigarreia e parece uma mentira.

— Você quer ir para lá? Eu posso levá-la.

— Quem sabe um dia? — murmura e desvia o olhar. Não insisto, porque ela parece querer mudar o assunto.

— E uma comida? Se pudesse comer qualquer coisa agora, o que seria?

Ela vira sua cabeça lentamente e seu rosto apresenta confusão.

— O que é isso? Uma entrevista? — zomba.

— Não seja tão chata, princesinha — resmungo. — E se fosse uma entrevista, você teria sido recusada agora mesmo.

Ela bufa.

— *Crumble*. — Dá de ombros, respondendo por fim.

— Com todas as comidas existentes, você escolheria uma sobremesa com fruta?

— Sim.

— Você é estranha.

Ela ri.

— E você? O que escolheria?

— *Steak* com purê de batatas. É sempre o prato que mais como quando vou aos Estados Unidos.

— Depois eu sou a estranha — murmura em um tom baixo e sorrio.

A brisa sopra contra nós e seguimos andando de mãos dadas pela floresta.

— E se você pudesse ser um animal? — pergunto a primeira coisa que me vem à cabeça, somente para que o silêncio não perdure e os seus pensamentos, que pareciam consumi-la, retornem.

Seu olhar é mortal em minha direção, mas há um leve sorriso em seus lábios quando ela responde. E é assim que passamos as próximas horas. Eu sigo distraindo-a seja lá do que for e descobrindo coisas que nunca desejei saber sobre ninguém.

27



Não há ninguém melhor
Pode ser um problema também, porque
Estamos assistindo enquanto queimamos
Está ficando tarde, você não vai voltar?
Você é o que eu preciso
Heaven Angel _ The Driver Era

Cindy Wright

Hoje não é um bom dia. Definitivamente, se eu pudesse, teria ficado em casa e me recusaria a ter contato com qualquer ser humano.

Eu não me sinto bem, estou exausta. E é tão irritante saber que todos aqui estão saudáveis. Que homens e mulheres muito mais velhos do que eu possuem mais energia para desfrutar essa noite do que jamais poderei ter na vida inteira.

É irritante ter que observá-los conversar, quando estou fazendo um esforço gigantesco para até mesmo me manter de pé. *Que droga.* Eu não conseguirei aguentar esse maldito evento. Falei isso antes de sairmos, mas Robert não me escutou.

Ele não me deu escolha e disse que me traria, mesmo que fosse à força e é por isso que estou aqui. Todos bebem e riem, quando não posso fazer o mesmo. Não posso sequer desmaiar, porque os fotógrafos estão espalhados, registrando a comemoração de cem anos da empresa Wright.

Empresa essa que o Wright atual está destruindo o legado.

Sinto vontade de gritar. Desejo poder expor o quão desesperado ele está e que essa festa é extremamente importante, mas que também deve ter custado mais do que ele poderia estar gastando. Anseio por dar uma matéria exclusiva falando que cem anos serão reduzidos a nada com sua liderança de merda.

Seria interessante se essa noite fosse um fracasso. Consigo até idealizar uma manchete apelativa falando sobre como a festa deveria ser um enterro de todo o patrimônio que iria ser passado para a próxima geração.

Eu verdadeiramente ficaria feliz se algo acontecesse.

Porém, nesse momento não faço nada. Nem mesmo tenho força para isso.

Me apoio contra uma pilastra, sentindo meu corpo exausto. Como Robert pôde me obrigar a vir? Como ele consegue ser tão cruel, mesmo sabendo que desmaiei mais cedo e vomitei três vezes só hoje? Ele verdadeiramente não se importa com o fato de que tenho a porra de uma doença?

Merda.

Uma sócia mais antiga se aproxima de mim com passos rápidos. Já a vi algumas vezes e com certeza já devo ter falado com ela antes. Porém, não entendo por que ela se aproxima ou o motivo pelo qual parece tão determinada.

— Cindy? — Ela sorri largamente e não consigo retribuir, então apenas aceno. — Você está bem, querida? Estávamos falando sobre você e percebi o quão pálida você está.

Observo a mulher que não passa de uma desconhecida, mas que possui um brilho de preocupação no olhar que nunca vi nos membros da minha própria família.

— *S-sim* — me forço a responder, sem querer gastar energia.

Aprendi a controlar meus sentimentos na terapia, mas sei que se não o fizesse, provavelmente estaria irritada agora mesmo ao invés de sentir apenas o vazio e esse cansaço que ameaça me fazer cair.

— Tem certeza? Quer um pouco? — Estende sua própria taça de bebida e quase dou um sorriso irônico.

Não posso beber álcool porque é vasodilatador e é tão irritante que ela me ofereça.

Não me importo se ela não sabe. *Às vezes eu queria tanto que todos soubessem.*

Se já recebo olhares críticos o tempo inteiro, que ao menos tenha motivo para isso. Me critiquem por eu não poder beber, por não poder correr, por não comer muito e sequer ter a escolha de comer pouco. Me critiquem porque eu posso desmaiar a qualquer momento e porque sou doente. Me critiquem com motivo ou parem de me criticar.

Estou cansada disso.

Estou exausta de tudo.

— Com licença — peço, decidindo lhe ignorar porque não consigo forçar um sorriso dessa vez. Não hoje.

Passo pelas pessoas e caminho até o jardim para respirar um pouco de ar fresco. Sinto a presença de alguém atrás de mim, mas me recuso a virar e só continuo com passos lentos.

— O que você está fazendo? — Caleb rosna, segurando meu braço com força e me obrigando a fitá-lo.

— Andando. — Dou de ombros com indiferença.

— Que porra, Cindy. Você faz essa merda de propósito. — Seu rosto está vermelho e as pupilas dilatadas me fazem questionar se ele cheirou alguma coisa ou se só bebeu demais.

— Solte meu braço — murmuro, e ele aumenta o aperto de modo proposital, causando dor.

— Você sabe que essa merda é importante. Sabe que precisamos conquistar as pessoas lá de dentro e não demonstrar fraqueza.

— Os fotógrafos irão ver você marcando minha pele, acho que isso sim seria demonstrar fraqueza. — Meu tom é ácido. — Então, se não quer expor o seu fracasso como ser humano, que só consegue o que quer usando a violência, solte meu braço — repito o pedido, dessa vez com mais ênfase.

— Você é mesmo um desperdício do nosso sangue — cospe as palavras com nojo e finca suas unhas curtas em minha pele, provavelmente rasgando-a, antes de me soltar.

Ele se afasta e suspiro, fechando meus olhos. Me pergunto se irei desmaiar ou se todo o meu preparo terá sido o suficiente. *Torço para que seja o bastante, mas não por eles, por mim. Porque sinto que se eu desmaiar, provarei mesmo que sou um desperdício.*

Abraço meu próprio corpo com a brisa cortante batendo contra mim e a sensação de frieza e solidão me incomodam a ponto de fazer meu coração doer.

Não aguento mais toda essa merda.

Estou tão cansada.

Sinto meus olhos arderem e pisco algumas vezes para afastar as lágrimas que querem escorrer. Não posso chorar, não quando vejo *ele* se aproximar.

Seus passos são determinados e o olhar é tão cruel que me assusta. Robert Wright para na minha frente e cobre meu corpo com o seu, me deixando invisível para qualquer um que se solidarize ou tenha pena de mim.

— O que você acha que está fazendo? — sibila rudemente, e me recuso a encará-lo, porque não aguento o nojo que seu semblante me causa.

— Não estou me sentindo bem — repito a mesma coisa que tenho dito desde cedo e meu tom é baixo porque não tenho mais força.

Robert traz sua mão até meu rosto e aperta meu maxilar, me obrigando a encará-lo. *Todos sempre me obrigam a fazer algo.*

— Não se esconda como uma vadia, olhe para mim enquanto eu falo com você.

— Não. Estou. Me. Sentindo. Bem — rosno, pontuando cada maldita palavra. Meu corpo borbulha de raiva e sinto minha pele formigar.

Ele me solta, somente para acertar um tapa violento em meu rosto. Viro a cabeça com o impacto e a dor inesperada. A surpresa me faz entreabrir os lábios.

Ele me bateu.

Ele realmente me bateu.

Pisco algumas vezes, Robert é um homem violento, mas só em suas palavras. Ou ao menos costumava ser apenas em suas palavras.

— Você acha que eu me importo? Pago médico caro, gasto com exames, enfermeira, psiquiátrica, remédios e toda essa merda que você precisa. E tudo para quê? Se você é incapaz de ficar parada em pé por mais de dez minutos. — O desgosto com que ele fala faz meus olhos pinicarem ainda mais.

Eu tenho uma doença, mas sou fodidamente inteligente. Eu tenho uma doença, mas pratico esgrima, falo cinco idiomas e faço natação. Eu tenho uma doença que me pede para ficar deitada e me deixa exausta, mas diariamente luto e não deixo que isso me defina. Eu tenho uma doença "invisível" que ninguém é capaz de entender o peso. Eu sou criticada diariamente, sou julgada por tudo e todos. E ainda assim, ele joga na minha cara e me despreza, mesmo com todo meu esforço e com tudo o que passo.

Eu o odeio.

Eu odeio estar tão cansada.

Eu não escolhi ser doente, mas aprendi a viver com isso. Só que em momento algum tive apoio e odeio ter ciência dessa merda.

— Se eu voltar, desmaiarei na frente de todos. É isso o que você quer? — me obrigo a falar, sentindo minha cabeça pesar.

— Eu preferiria que você morresse na frente deles, assim não passaria pela vergonha de ter uma filha fraca e doente, e ainda me livraria do peso que é a sua existência. — Suas palavras cortam mais do que uma lâmina jamais seria capaz. — Vá logo embora e seja mais uma vez uma inútil.

Ele se vira e levo minha mão até minha bochecha, onde a pele queima. Meus olhos ardem, mas não irei chorar. Não correrei o risco de ser fotografada chorando para aparecer nas manchetes atrelada a qualquer merda que não passa de mais uma mentira.

Tudo que envolve o sobrenome dos Wright é mentira.

Começo a andar o mais rápido que consigo na intenção de sair desse lugar sufocante e, de forma inconsciente, pego meu celular da bolsa,

discando seu número.

Quando finalmente alcanço a rua, aperto em ligar. Dominic atende no segundo toque e entreabro meus lábios para pedir que ele venha me buscar. Contudo, quando o vejo parado em frente à *Range Rover*, com um terno, o celular no ouvido e os olhos fixos no chão, paraliso.

— Cindy? — chama, e o tom é tão suave que a primeira lágrima finalmente escorre em minha bochecha.

Dominic está aqui.

Quando toda a escuridão ameaça me dominar e o cansaço parece que me partirá ao meio, ele surge como uma luz que me cega de toda a maldade, fazendo com que eu foque apenas em sua presença.

Ele deve sentir que está sendo observado, porque ergue sua cabeça e me encara. Seu rosto muda completamente ao me ver e corro até ele, me jogando em seus braços. O jeito que ele me segura é tão cuidadoso e protetor que, pela primeira vez, me permito baixar todas as minhas barreiras e ficar vulnerável perto de alguém.

Pela primeira vez não me preocupo em chorar baixo e escondida, porque não me importo que seja ele aquele que vê as minhas lágrimas e fraquezas.



Oh, espero não te perder
Hum, por favor, fique
Eu te quero, preciso de você, oh, Deus
Não tire, essas coisas lindas que tenho
Beautiful Things _ Benson Boone

Dominic Edwards

Eu sabia que hoje seria a comemoração de cem anos da empresa Wright. Ela me falou que estava pensativa sobre a festa no dia em que tentei distraí-la, mas não comentou o motivo para focar tanto naquilo.

Não insisti, porém, fiquei inquieto em casa. Seu coração passou o dia oscilando de forma absurda, chegando a cento e setenta e cinco batimentos por minuto. Liguei para ela e Cindy garantiu que estava bem, mas seu tom era baixo e mentiroso.

Então, desisti de esperar. Coloquei um maldito terno e vim dirigindo até a festa. Não me importei se eu não era um convidado, ninguém negaria minha presença. E eu estava certo disso, contudo, ao estacionar, fiquei com medo de entrar.

Medo da sua reação ser negativa, medo de estragar as coisas para ela.

Por isso, me contive. Por isso, fiquei em pé aqui por mais de uma hora, apenas esperando para caso ela precisasse. E se não acontecesse, eu iria embora sem que ela tivesse conhecimento da minha presença.

E embora eu quisesse muito vê-la, torci para que ela não precisasse de mim, porque se esse não fosse o caso, significaria que algo aconteceu com ela e sei que ela me odiaria se eu invadisse o lugar, causasse um escândalo e transformasse a festa em um verdadeiro funeral da empresa Wright.

Por isso, desejei que tudo corresse bem. Entretanto, dizem que não se pode torcer pela tranquilidade quando sua vida é destinada a ser um caos. Não se pode ansiar pela calmaria quando sempre foi apaixonado pela tempestade.

E acho que todos que falam sobre isso estão certos.

No instante que vi seu número brilhar na tela do celular, fiquei tenso. No momento que atendi sua chamada e ouvi seu soluço contido, soube que havia algo muito errado. E agora, no segundo em que ela se joga em meus braços, tenho certeza de que matarei alguém.

Uma das minhas mãos segura sua cintura, enquanto a outra apoia sua cabeça, acariciando os fios macios. Cindy me abraça como se sua vida dependesse disso e faço o mesmo, como se toda minha existência só fizesse sentido por conta desse momento.

— O que aconteceu, princesinha? — sussurro, e ela soluça contra minha orelha, o som é provavelmente o mais angustiante que já escutei.

Merda. Merda. Merda.

O que caralhos aconteceu?

Ela se agarra em mim e não parece disposta a me soltar, deslizo meu polegar em suas costas. A preocupação é um sentimento amargo e dilacerante.

— *Cindy* — chamo, desesperado por alguma reação, mas ela apenas chora contra mim.

O barulho doloroso tão perto do meu ouvido me deixa desnorteado e agradeço mentalmente por estar apoiando contra meu carro, porque do contrário, não tenho certeza se teria forças de permanecer de pé.

Seu choro é poderoso a ponto de fazer com que eu queira ajoelhar em sua frente e implorar para que ela transfira sua dor para mim.

Me machuque, me corte, seja ácida e cruel, mas pare de chorar.

Por favor, apenas pare de chorar.

Ela não se mexe, não faz nada além de ficar em meus braços por incontáveis minutos. As lágrimas caem sobre mim e não consigo afastá-la,

porque se isso é tudo o que posso fazer no momento, ficarei aqui por horas, semanas ou meses. *Permanecerei assim por quanto tempo ela precisar.* Sua cabeça fica encaixada em meu peitoral e não a solto em momento algum.

Não consigo suportar a ideia de que ela esteja em outro canto, senão em meus braços. Assim como não aguento a sensação esmagadora que esse momento me causa.

Porra, princesinha.

Você está acabando comigo.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, mas esse com certeza é o momento mais angustiante de toda minha vida.

Nunca achei que ver alguém chorar pudesse doer tanto.

Cindy se afasta lentamente e dá um meio sorriso. Seus olhos vermelhos encontram os meus e mordo o interior da minha boca para não me descontrolar só de ver seu estado.

— Você está… — As palavras se perdem no ar e fico mudo quando reparo na marca de uma mão delineada em sua pele.

Toco em sua bochecha com cuidado, como se ela pudesse quebrar a qualquer momento. Meu maxilar está tão travado que dói.

— Que porra é essa? Quem ousou tocar em você? Caralho, quem foi louco a ponto de marcá-la? — rosno, mas a forma que ela fica assustada e suas pupilas dilatam com meu rompante faz com que eu me sinta um filho da puta.

Seguro-a com delicadeza e dou um meio sorriso, permitindo que meus ombros cedam. Ela inclina sua cabeça, sem dizer uma única palavra.

— Eu… Sinto muito — sussurro.

Cindy nega suavemente enquanto uma outra lágrima escorre em sua bochecha e há tanta dor exposta nessa única gota que isso me quebra. Seu semblante está tão abalado que tenho certeza de que essa imagem me perseguirá em pesadelos.

Sempre voltando para me assombrar e me lembrar do momento em que me senti completamente impotente.

Porque é assim que me sinto, total e completamente impotente. Sem rumo e sem reação.

Não posso fazer nada para deixá-la melhor e isso me desespera.

Sequer posso desejar matar alguém porque isso a assusta.

Que porra.

Coço minha nuca e Cindy sorri, dando um selinho em minha boca. O gosto salgado das lágrimas invade meu paladar e jamais achei que um beijo pudesse ter um gosto tão triste.

— Me leve para casa — pede, e falar parece exigir um esforço gigantesco dela. Pisco. — Me leve para sua casa, Dom. — O tom baixo soa como uma súplica, e aceno, sem conseguir dizer nada.

Farei tudo o que ela pedir.

Abro a porta do carro, agindo no automático e prendo seu cinto, dando a volta para entrar no banco do motorista. Tudo à minha volta deixa de ter importância, porque realizar seu desejo se torna meu único objetivo.

Cindy quer ir para casa.

Dou partida no carro tendo isso em mente e estendo minha mão em sua direção sem falar nada, deixando que ela decida seus próximos movimentos. Me surpreendo ao senti-la entrelaçando nossos dedos.

O toque é leve e há uma pontada de insegurança, como se ao fazer isso, ela estivesse depositando sua confiança cega em mim.

Droga.

Nunca achei que ganhar a confiança de alguém tão plenamente pudesse trazer esse tipo de sentimento.

O silêncio preenche o ambiente, nenhum de nós fala nada, embora ambos saibamos o que nossos dedos entrelaçados significam. Embora tenhamos conhecimento de que o seu pedido para ir para casa e o momento de minutos atrás não tenha sido só sobre uma simples ajuda.

Ela se expôs e me pediu para chegar perto quando afastou todos a vida inteira.

Merda.

Agradeço quando ela encosta sua cabeça contra a janela e dorme. Assim ela não é testemunha de toda a confusão em minha mente. Uma das minhas mãos a segura suavemente, enquanto a outra aperta o volante com força, até os nós dos dedos ficarem brancos.

Ela estava chorando.

Cindy Wright, que sempre dá respostas ácidas e nunca abaixa sua cabeça, estava chorando em meus braços.

Porra. Porra. Porra.

Me controlo o máximo que consigo. Não posso dirigir em alta velocidade ou frear bruscamente porque isso pode acordá-la. Não posso fazer nada com medo de machucá-la. Na verdade, estou com verdadeiro pavor em precisar ver as íris suplicantes de dor outra vez.

Paro no sinal vermelho e ajusto seu banco, inclinando-o mais para trás na intenção de que ela fique confortável.

Não sei o que estou fazendo.

Me sinto tão perdido nesse momento.

Dirijo em silêncio, sendo corroído por dentro.

Alguém bateu nela.

Alguém foi louco a ponto de bater nela quando Cindy me pertence.

Porra. Porra. Porra.

Quando chego no apartamento, carrego-a com facilidade e ela não acorda, provando que seu sono é mesmo pesado. Suas mãos estão suadas e seu pescoço também, então começo a soprá-la.

As pessoas no elevador me olham com estranheza enquanto a carrego em meus braços para o meu andar, mas ignoro todos.

Ela é a única coisa que importa.

Quando entro no apartamento com a minha digital, levo-a direto até meu quarto e a coloco deitada em minha cama. Cindy se acomoda e tiro

seus sapatos. Ela não acorda em momento algum, ao menos não enquanto a deixo confortável, mas chama meu nome quando estou prestes a me afastar.

— Dom? — murmura, entreabrindo seus olhos levemente. Me ajoelho ao lado da cama, acariciando seu rosto.

— Sim, princesinha?

Por um momento, ela fica calada e a observo.

— Não aguento mais fingir e esconder a verdade sobre os Wright — assume, e prendo a respiração.

— Então pare. Não esconda mais nada.

Ela dá um meio sorriso.

— Estou cansada, absurdamente cansada de tudo isso. — Uma lágrima escorre em sua bochecha e a capturo com o polegar.

Não me olhe assim, Cindy.

Não me encare com seu olhar vazio e angustiado. Não faça essa merda em meu coração. Não o faça doer tanto sem explicar o motivo.

— Me use para descansar, posso ser seu porto seguro. Ou o seu esconderijo. Não sei. — Coço minha nuca. — Posso ser e fazer qualquer coisa que você me pedir.

— Pode mesmo? — a voz exausta sussurra e os olhos feridos me fitam.

— Sim — afirmo e mesmo que ela me peça algo absurdo, darei um jeito de transformar o impossível em realidade.

— Então não me deixe sozinha. — Ela estende sua mão em minha direção. — Não aguento mais ficar sozinha.

A fraqueza em seu tom, o olhar perdido, a mão estendida querendo desesperadamente algo para se agarrar… Merda, sua vulnerabilidade nesse momento me faz lembrar da nossa conversa de dias atrás.

“Há algo no mundo pelo qual vale a pena ser destruído?

Se você não estiver disposto a ir tão longe por aquilo, talvez não queira com tanta força e vontade.”

E ela tinha razão. Nesse momento, eu percebo que há sim algo no mundo pela qual vale a pena ser destruído. Finalmente estou disposto a ir tão longe por alguém. Quero protegê-la com toda força e vontade. Mesmo que eu tenha me perdido em meu próprio jogo e que agora não consiga voltar atrás.

Mesmo que eu tenha que lidar com as consequências.

— Não deixarei você sozinha — falo por fim, engolindo em seco.

— Promete?

— Prometo — afirmo e entrelaço nossos dedos como prova.

Cindy suspira, voltando a relaxar, e fico sentado no chão durante a madrugada inteira, sem nunca soltar sua mão, assim como prometi.



Você é uma boneca, você é perfeita
Mas mal posso esperar para o amor nos destruir
Mal posso esperar o amor
O único defeito, você é perfeita
Flawless _ The Neighbourhood

Dominic Edwards

Quando eu li a receita, certamente me parecia algo fácil de ser feito. As instruções eram tão claras que tive certeza de que seria impossível errar. Afinal, eu claramente seria capaz de cortar algumas frutas e fazer a massa que vai por cima.

Porém, como diabos as coisas já começaram a dar errado enquanto eu descascava a maçã?

Droga, cortei meus dedos duas vezes antes de perceber que aquela maldita casca era fina demais e que era preciso um nível de talento superior ao meu para conseguir tirá-la.

E é claro que eu deveria ter parado nesse momento, mas insisti igual um completo idiota.

Na minha cabeça, o restante do processo seria mais fácil e eu estava convicto disso, até destruir duas panelas e queimar minha mão.

Droga, isso arde.

Estou passando uma pomada por cima da pele machucada quando escuto a porta do meu quarto ser aberta e levanto a cabeça, encontrando uma Cindy confusa.

— Bom dia — murmuro com um sorriso e ela inclina sua cabeça para o lado, encarando minha mão com preocupação.

— O que aconteceu? — pergunta, e o tom rouco de quem acabou de acordar me faz continuar sorrindo.

Eu poderia ouvir esse tom todas as manhãs.

— Acabei queimando a mão. — Dou de ombros com indiferença e ela se aproxima com passos determinados.

A pouca maquiagem em seu rosto está borrada depois do tanto que chorou, seus cabelos estão desalinhados e sua roupa amassada, mas ela continua sendo a mulher mais bonita que existe.

— Como você se queimou? — Seus dedos tocam em minha pele e ela avalia se é grave ou não.

Pelo tanto que arde, eu diria que definitivamente é grave. Mas forço um semblante inexpressivo, fingindo que sequer está doendo.

— Dizia para ficar mexendo até o ponto da fervura, mas não sei qual é a merda desse ponto e começou a borbulhar enquanto eu mexia até respingar na minha mão — explico seriamente e um sorriso surge no canto dos seus lábios.

— O cheiro de queimado é da sua pele? — zomba.

— Claro que não. Deixei a panela queimando enquanto coloquei minha mão debaixo d'água.

— Nossa, então devia estar doendo. — Ela parece estar se divertindo.

— Não estava doendo — rebato, e Cindy arqueia a sobrancelha.

— Se não dói, não tem por que passar essa pomada. — Ela ameaça fechar e seguro sua mão, impedindo-a.

— Talvez doa um pouco — assumo, e seus olhos encaram os meus. Dessa vez, eles parecem mais leves.

— Eu sei — murmura e começa a espalhar a pomada em minha pele, soprando com cuidado.

Assisto cada um dos seus movimentos com atenção, ela parece relaxada e não ouso mencionar nada sobre a noite passada, com medo de

que isso a afaste.

— Achei que tinha sido um sonho — admite em um sussurro, sua cabeça está baixa e ela fita minha pele.

— O quê?

— Quando acordei e não vi você ao meu lado, achei que tinha sonhado.

Ergo minha mão livre até seu queixo e levanto sua cabeça, obrigando-a a me encarar.

— Eu fiquei lá. Durante a noite inteira, não saí de perto nem mesmo para ir ao banheiro — falo com toda a sinceridade que possuo.

Não ousei levantar em momento algum. Senti frio, incômodo com o chão duro, sono e até minha mão dormente pela posição, mas fiquei lá.

Não saí de perto dela em nenhum segundo.

— Eu percebi depois, quando vi o sal e a garrafa de água ao lado da cama. — Sorri, suspirando. — Obrigada por isso.

— Não fiz nada.

— Você fez mais do que qualquer outra pessoa. — Ela parece falar a verdade e engulo em seco.

A gigantesca janela de vidro que ocupa uma parede inteira da minha sala faz com que a claridade da manhã a ilumine. Por um momento não falamos nada, apenas aceitamos a presença um do outro. Mas então ela pisca algumas vezes, voltando sua atenção para minha mão.

Seus movimentos ao pegar um curativo são ágeis e me sinto como uma criança quando ela o coloca sobre meu ferimento, dando um beijo por cima logo em seguida.

— Espero que pare de doer — comenta e coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Já parou.

Ela revira os olhos.

— O que você estava tentando fazer no final das contas? — indaga, esticando seu corpo para avaliar a cozinha, mas me coloco em sua frente rapidamente, bloqueando sua tentativa.

— Um doce — falo com indiferença.

— Um doce? — Arqueia a sobrancelha, só parecendo mais curiosa.

— Sim, parecia ser fácil. — Dou de ombros, empurrando-a para voltar até o quarto.

A cozinha nesse momento parece uma zona de guerra e sinto pena de Jenny por ter que encontrá-la dessa maneira. Eu nunca cozinho e sempre como fora ou como a comida que minha cozinheira faz e deixa pronta. Por isso, sei que ela ficará surpresa quando encontrar aquele caos.

Pobre, Jenny.

— E qual era o doce? — continua insistindo.

Estou para admitir que dei tudo de mim na tentativa de fazer um *crumble* para ela, quando o interfone toca avisando que a entrega chegou.

Pisco.

— Você não vai atender? — Ela vira seu pescoço para me encarar, seus olhos brilham com divertimento.

— Vou. Você promete ficar aqui?

— Para onde mais eu iria? — Ela bufa.

— Só me espere no quarto — resmungo, dando um leve empurrão em suas costas para que ela siga naquela direção e Cindy ri, disposta a isso.

Agradeço mentalmente por ela fazer como pedi e atendo a porta, pagando pelo maldito doce difícil.

Eles deveriam ser mais caros levando em conta seu trabalho.

O entregador se afasta com um menear de cabeça e pego um prato, uma faca e uma colher, antes de ir até ela.

Quando empurro a porta, encontro Cindy sentada na cama. Seus olhos estão fixos no celular e ela não me encara.

— O que você está fazendo? — pergunto ao me aproximar.

— Queria ver se alguma manchete ruim foi atrelada à noite passada, mas aparentemente tudo foi um sucesso — comenta e, por um momento, parece quase decepcionada com isso.

Franzo o cenho.

— Se eu soubesse que você queria caos, princesinha, teria destruído aquela maldita festa.

Ela faz um gesto de indiferença.

— Não sei o que eu queria — assume e se estica, encarando o pacote em minha mão. — O que é isso?

— *Crumble*.

— Você lembrou. — Cindy pisca, surpresa, entreabrindo seus lábios. — Era isso que você estava fazendo na cozinha?

Estalo a língua.

— Algo assim.

Ela ri e vê-la tão leve, depois de aparentar estar tão cansada e destruída na noite passada, é como ser aquecido quando se está passando frio. Vê-la sorrir dessa forma, sem o olhar vazio no rosto e com o brilho no semblante, é uma das coisas mais bonitas e mais perigosas que já me aconteceu.

Cindy se estica na cama e coloca as coisas sobre o colchão, antes de passar seus braços em volta do meu pescoço.

— Obrigada… Mais uma vez.

— Eu estou aqui e continuarei aqui enquanto você me quiser. — A afirmação é, na verdade, mais uma promessa.

Ela acena com suas íris cintilando e se afasta, começando a mexer na sacola como se estivesse faminta. Assisto com um sorriso enquanto ela pega um pedaço do doce e o coloca na boca, como se estivesse provando a décima maravilha do mundo.

Não consigo tirar meus olhos de cima dela.

— Quer? — Ela estica a colher em minha direção e abro minha boca, aceitando. Cindy parece verdadeiramente contente. — É bom, não é? — questiona.

Aceno, mastigando, e ela enfia mais uma colher em sua boca, sorrindo. O cenário inteiro é tão bom que parece irreal.

Tudo que é bom demais, acaba rápido demais.

Meu celular toca e não preciso olhar para saber quem é. Está chamando desde cedo e tenho ignorado cada umas das ligações, me permitindo ficar com ela mais um pouco. Me agarrando nesse momento, com medo de que, de uma hora para outra, eu perca tudo.

Com medo de que a realidade bata em minha porta e me mostre que isso estava fadado ao fracasso desde o começo, me prove que é bom demais para ser verdade. *Porque um Anjo jamais poderia se apaixonar a ponto de se rebelar.*

30



Guarde seu conselho, porque eu não vou ouvir
Você pode até estar certo, mas eu não ligo
Há um milhão de motivos para que eu desista de você
Mas o coração quer o que ele quer
The Heart Wants What It Wants _ Selena Gomez

Cindy Wright

Eu não queria estar de volta naquela casa, as palavras de Robert continuam retornando para minha mente de forma inquietante e a dor de cabeça que tenho sentido desde que acordei se tornaria ainda maior caso eu voltasse.

E a única certeza que eu tinha era que não queria voltar, ao menos não hoje. Por isso, enquanto comia o *crumble* que Dominic comprou, pensei sobre hotéis onde eu poderia passar a noite.

Cogitei a ideia de pedir para ficar, mas tive medo de que ele só aceitasse por pena e desisti.

Sei que não posso fugir para sempre, mas preciso de ar puro. Preciso me agarrar a algo que me deixe com energia o bastante para conseguir vê-lo outra vez.

Cansei de todos os jogos, mentiras e farsas. Estou pronta para me livrar de tudo, só preciso respirar um pouco antes disso.

Por esse motivo, quando Dominic disse que queria me levar para um lugar, não questionei. Não perguntei onde era, quanto tempo levaria ou o motivo pelo qual estávamos indo. Não, eu apenas concordei com um sorriso nos lábios, verdadeiramente feliz por ele me salvar sem sequer ter ideia disso.

Desde a noite passada, ele me salva de inúmeras formas. Seja cuidando da minha alma machucada, se preocupando com meu corpo ferido, prestando atenção na minha mente inquieta ou fazendo bem para o meu coração acelerado.

— Você está bem? — Sua voz quebra o silêncio confortável, já é a quarta vez que ele me pergunta isso só nos últimos cinco minutos.

Ele percebeu o modo que tenho acariciado minhas têmporas e deduz que provavelmente estou com dor de cabeça.

— Sim — murmuro, com um leve sorriso.

Ele sabe que estou mentindo, mas não insiste. O leve aperto que ele dá em minha mão é como um apoio silencioso, indicando que está ali caso eu precise.

Encaro o ponto exato onde nossos dedos se entrelaçam e não consigo evitar o sentimento de paz. Uma calmaria perfeita. É esse o efeito que sua presença tem tido sobre mim. Ele me tranquiliza. Estar com nossas mãos dadas foi algo tão natural e percebo que agora não quero mais soltá-lo.

Não me faça soltar sua mão quando acabei de descobrir quão bom pode ser segurá-la.

Quão bom é ter a quem recorrer e se agarrar quando está cansada de fazer isso sozinha.

Suspiro e admiro a vista da janela. As árvores vão ficando para trás à medida que ele dirige e permito que meu corpo relaxe, aproveitando para descansar.



— Você já percebeu que dorme demais? — Dominic pergunta, estendendo a mão para me ajudar a sair do carro.

Pisco algumas vezes, ainda sonolenta. Acabei dormindo mais uma vez e só acordei quando ele estacionou.

— Isso é um bom sinal — falo. — Significa que confio em você.

— O quê? — Une as sobrancelhas.

— Tenho uma doença onde vivo sem disposição e cansada. Meu corpo implora para ficar deitado noventa por cento do tempo e eu quem me obrigo a sair da cama todas as vezes. Mas, mesmo assim, não consigo dormir perto de qualquer um. Minha mente me mantém acordada mesmo quando meu corpo preza pelo descanso. Então se eu durmo muito perto de você é porque você me deixa segura — explico e ele entreabre os lábios, como se só agora se desse conta disso.

Sua expressão, que oscila entre satisfeita e convencida, me faz sorrir, aceitando a ajuda para sair do carro.

— Onde est… — Minha pergunta morre no ar quando finalmente olho ao redor.

A brisa fria, o barulho da maré e o pequeno chalé me deixam sem palavras.

Brighton.

Dominic me trouxe para Brighton.

Mais uma vez, ele lembrou.

— Você estava realmente prestando atenção… — sussurro, admirada, ainda não consegui sair do lugar.

Ele coça sua nuca.

— Não consigo evitar. Tudo que você fala e faz me atrai de forma que é inevitável desviar ou esquecer.

Engulo em seco.

Ele me ouviu, quando ninguém se deu ao trabalho de fazer o mesmo.

Ele me viu, mesmo quando tentei ser invisível.

Ele se aproximou, mesmo quando o afastei.

— Vamos entrar e você pode voltar a dormir — sugere.

O chalé é pequeno e é perto o bastante para que eu veja o mar, mas não a ponto de ser cheio de areia. A praia parece tranquila e não vejo ninguém no lugar onde estamos. Até porque, Dominic não nos levou para parte mais cheia, onde fica a roda-gigante.

Ele escolheu um lugar com mais privacidade.

Me aproximo dele e fico na ponta dos pés para beijá-lo. Nossos lábios se tocam de leve e sorrio.

— O que você está fazendo? — pergunta quando coloco minhas mãos em sua nuca, puxando levemente os fios do seu cabelo. Seu olhar sombrio recai sobre mim.

— Agradecendo — sussurro e aproximo nossas bocas de novo, só que aprofundo o beijo dessa vez.

Sua língua desliza pela minha com desejo e suas mãos percorrem o meu corpo, como se quisesse memorizar cada centímetro dele.

Entenda o que quero dizer sem que eu precise usar palavras.

Entenda o quão grata sou sem que eu precise falar, porque não sei se sou capaz de explicar.

Entenda o quanto estou vulnerável e o quanto quero me entregar para você.

Entenda que isso é mais do que sexo e prazer.

Entenda que confio em alguém pela primeira vez.

Entenda tudo e, por favor, não faça eu me arrepender de nada.

Ele me ergue com facilidade e entrelaço minhas pernas em sua cintura. Suas mãos ficam sobre minha bunda enquanto ele me apoia e seus lábios em momento algum soltam os meus.

Não é o bastante.

Tê-lo tão perto que seu cheiro me deixa tonta e seu toque me faz queimar não é o bastante.

Está longe de ser.

Dominic anda comigo em seu colo e deixa o carro para trás, sem sequer se dar ao trabalho de travá-lo. Nesse momento, não me importo.

Seus movimentos são ágeis, Dominic empurra a porta do chalé com o pé e entra me carregando. Me pergunto se o dono deixou destrancado para quando chegássemos ou se ele já tinha aberto a porta quando desceu para me ajudar e não reparei. Mas na verdade não faz diferença.

Meu cérebro se recusa a formar um pensamento em linha reta, minha mente parece bagunçada e perdida. Contudo, seus lábios são como um fio que me puxa para fora do caos e me mantém sã, fazendo com que eu foque unicamente nele.

É hipnotizante.

É assustador.

É prazeroso.

Dominic me empurra contra uma parede e puxa meu lábio inferior com seus dentes, usando mais força do que eu esperava. Choramingo com o choque e a dor inicial, mas gemo quando ele desliza sua língua por cima. Finco minhas unhas em seu pescoço, ele me prensa por completo.

O clima parece diferente de todos os outros. Mais confiável e mais intenso.

— Você deveria estar descansando, princesinha — murmura em um grunhido. As pupilas dilatadas ocupam seus olhos sombrios quase que por completo.

— Então me faça cansar primeiro, aí terei motivo para tal coisa — provoco e o sorriso que surge no canto da sua boca é malicioso.

— Se esse é o seu desejo. — Ele me ajusta em seu colo, voltando a me beijar. Me esfrego em sua barriga e ele aperta minha bunda, mesmo com o tecido entre nós.

Seus passos continuam e sequer sei onde estou. Mas confio nele tão cegamente que apenas aceito ser guiada pela casa e não questiono quando ele me deita sobre uma cama, com todo o cuidado para não me machucar.

Ele apoia seu peso sobre mim e gemo, gostando da sensação. Minha boceta lateja, implorando por sua atenção.

Suas mãos erguem as minhas para o topo de minha cabeça e seu pau fica bem entre minhas pernas. Me esfrego contra ele, desesperada pelo atrito, e ele parece corresponder ao desespero, porque faz o mesmo.

Seus grunhidos roucos perto do meu ouvido são enlouquecedores. A língua deslizando pela minha clavícula e seus dentes raspando contra minha orelha são desnorteantes. E sua voz sussurrando tão perto de mim é angustiante.

— Eu não consigo mais fazer essa merda, princesinha. — Mordisca o lóbulo da minha orelha e seu tom é sofrido, como se ele realmente não aguentasse mais.

— O quê?

Ele não responde, seu olhar encontra o meu e seu semblante é tão cheio de luxúria que me assustaria se não refletisse exatamente como estou me sentindo. Sua respiração pesada sopra contra meu rosto e não consigo fazer o mesmo, porque ele parece sugar todo o ar do ambiente somente para si, me deixando sem nada.

Não consigo nem mesmo me mover com a intensidade do seu olhar.

Droga, pare de me encarar dessa forma.

Umedeço meus lábios, ele captura o gesto com o olhar, atento a mim de uma forma que ninguém jamais ficou.

O que ele está fazendo?

— Me foda, Dom — murmuro em um pedido baixo, suas pupilas triplicam de tamanho e ele engole em seco com tanta força que consigo ouvir. — Sem enrolação, sem demora. Apenas me foda.

Ele aquiesce, mas assim como eu, parece querer dizer mais.

Estico minha cabeça para frente e o beijo para que ele não tenha chance de falar nada, para que ele seja um covarde como eu.

Me foda porque é mais fácil lhe entregar o meu corpo do que conseguir lhe oferecer o meu coração.

Me foda e alivie essa sensação que está me consumindo.

Me foda e sinta com seu pau o que não consigo dizer com minha boca.

— Me foda e me faça tremer de prazer — sussurro e enquanto uma de suas mãos o apoia, a outra desce sua calça moletom e a cueca. Seu olhar não abandona o meu em momento algum. — Me foda e me faça gritar o seu nome, Dom.

O vestido já está acumulado em minha cintura e ele lambe o canto da minha boca, empurrando minha calcinha para o lado. Sinto sua glande espalhar minha excitação algumas vezes, antes de se enfiar dentro de mim com uma única arremetida.

Seu pau grosso e quente me invade de forma abrupta, fazendo com que eu grite.

— *Shiiiu*. — Sopra contra minha boca, engolindo meu gemido e me calando com um beijo.

Caralho.

Seus lábios me esmagam, sua língua me seduz de forma provocativa e seu pau estica minha boceta de uma maneira prazerosa.

Sentir seu peso contra mim e cada centímetro da sua pele colada na minha tornam a sensação mais intensa.

Ele começa o movimento de vai e vem lentamente, permitindo que eu me acostume com a invasão. O membro grande me rasga por completo e minhas paredes internas fazem um grande esforço para acomodá-lo.

Grande mesmo.

Quando o vi pela primeira vez, verdadeiramente pensei que nem mesmo a glande avermelhada caberia dentro de mim, embora minha boca tenha se enchido de água.

Porra. Porra. Porra.

Ele estoca com força, tanta que meu corpo é impulsionado, porém, seus dedos me seguram no lugar. Suas bolas batem em minha bunda quando ele entra por completo e aumenta a velocidade das investidas.

Seu pau está completamente cravado dentro de mim e ainda assim não parece ser suficiente.

O desejo faz meu corpo se arrepiar e o prazer me faz gritar de forma desesperada, então por que mesmo estando preenchida falta algo?

Eu quero mais. Eu preciso de mais.

Nada que Dom me oferece é o suficiente.

Seu olhar encontra o meu e suor escorre em sua testa. Nossas respirações se misturam e o cheiro de sexo preenche o ar.

Meu coração dispara de forma absurda e martela em meu peito com tanta força que tenho certeza de que me rasgará ao meio. Ameaço olhar para o lado, na tentativa de amenizar a intensidade do momento, porém, não consigo.

— Não desvie — Dom rosna como se fosse um comando e me obrigo a manter o contato visual.

Lembro de comparar suas íris a um abismo e me pergunto em que momento exato pulei nele a ponto de não conseguir mais sair.

Ele estoca cada vez mais forte e mais rápido, nossas respirações aceleram e já sinto minha cabeça pesar.

— Dom… — sussurro, sem conseguir parar de encará-lo.

Sua mão encontra a minha e ele entrelaça nossos dedos com a mesma força que mete dentro de mim. Gemo mais rápido, meu coração dá tudo de si para continuar batendo sem saltar para fora do meu peito.

— Você será meu fim, princesinha. — grunhe e me obrigo a manter meus olhos abertos.

Não quero perder nem mesmo um segundo da sua expressão de prazer.

Minha boceta aperta seu pau com mais força e o maldito membro parece ficar mais grosso e mais duro com isso.

Corpos falam, Dom. Leia o meu e entenda as palavras não ditas. Entenda que é mais do que sexo. Entenda que não é só sobre tesão e prazer.

Merda. Merda.

E mesmo sendo mais do que isso, é o prazer que descarrega ondas elétricas por tudo em mim. É o prazer que me deixa tonta com suas investidas cada vez mais rápidas e é o prazer que me faz gemer loucamente.

É o efeito que Dom tem sobre meu corpo.

Ele também parece se perder na luxúria, porque sua cabeça pende para frente e reviro os olhos em êxtase. Sinto tudo girar e meus sentidos se perdem.

Porra. Porra. Porra.

O orgasmo me atinge com tanta força que mordo seu ombro para conter o grito. Dom parece ser estimulado pela dor que a mordida causa, porque também grunhe em meu ouvido e sai de dentro de mim, melando minhas coxas.

Não consigo me mover, nem puxar ar o suficiente.

Sinto o líquido quente escorrer na minha pele e não me importo. Minha cabeça parece pesada demais.

— Cindy? — pergunta, seu olhar sombrio procurando o meu com preocupação.

A adrenalina diminui a cada milésimo de segundo.

— Hum? — gemo.

Ele pergunta por que estou tão pálida e sorrio, encarando seus olhos antes de desmaiar.



A brisa sopra contra meu rosto, a luz da lua reflete nossos corpos e a areia se entranha entre nossos dedos. Tremo com o frio e Dominic tira o casaco, colocando-o sobre os meus ombros enquanto voltamos a andar.

— Obrigada — murmuro e ele me dispensa com um gesto de indiferença. — Você está calado demais, foi por que eu desmaiei? — pergunto, curiosa.

Quando abri meus olhos, Dominic estava limpando minha coxa e já tinha deixado um pequeno pote de sal que nunca vi antes e uma garrafa de água ao meu lado. Ele não parecia atordoado e agiu normalmente.

Seus olhos estavam preocupados, mas não havia nenhuma pontada de pena, raiva ou medo. Ele sequer se abalou e sua reação me pegou desprevenida.

Isso não é algo fácil de se acostumar.

Ainda mais quando a pessoa desmaia depois de transar.

— Por que eu ficaria calado por esse motivo? — A dúvida parece genuína.

— No dia que perdi minha virgindade, acabei sentindo muita dor e desmaiei na hora. O cara surtou e achou que eu tinha tido um infarto, então chamou a ambulância. — Dou de ombros. — Também já aconteceu de eu tentar inovar com posições que não funcionam para mim, então também desmaiei e a reação foi a mesma.

Não sei qual foi o motivo de hoje, talvez por eu ainda não ter tomado meus remédios, por não ter comido tanto sal como deveria, por não ter bebido tanta água ou só porque o orgasmo me atingiu com força demais. Independentemente do motivo, aconteceu depois de um bom tempo.

Ele faz uma careta, franzindo todo seu rosto.

— Não estou exatamente interessado nas suas outras experiências sexuais, princesinha. — Coça sua nuca. — Mas eles só são filhos da puta, então não se preocupe. Não estou calado por isso.

Solto sua mão e me coloco em sua frente, cruzando os braços.

— Se não é por isso, qual é o motivo?

— Você vai mesmo voltar para casa amanhã? — questiona.

— Sim. — Aceno.

Enquanto me vestia com a outra peça de roupa que ele comprou para mim no caminho antes de virmos, falei que amanhã precisaria voltar.

Um dia sem os remédios é errado, embora eu consiga lidar. Porém, mais do que isso é demais, não posso. Assim como não posso fugir para sempre ou ficar sem minhas coisas básicas, como roupas.

E de qualquer modo, Caleb e Robert me ligaram inúmeras vezes pela manhã. Até que simplesmente pararam depois de eu recusar todas as chamadas.

— Mas e se… — começa, desviando o olhar para as ondas suaves no mar. A maré está tranquila, como se nos refletisse.

— E se…? — insisto, tocando em seu maxilar para que ele me encare.

— Você pode ficar na minha casa — fala de modo indiferente, como se não significasse nada.

Uno as sobrancelhas.

— Isso deveria ser um convite? — Inclino a cabeça, seriamente em dúvida e ele coça a nuca outra vez.

— Se fosse, você aceitaria?

— Não sei.

Dominic volta a encarar o mar.

— Não é um pedido de casamento, muito menos uma decisão tão importante. Apenas pegue suas coisas e fique na minha casa até se sentir descansada para voltar para a sua, nada grandioso. — Seu olhar encontra o meu e ele dá um meio sorriso. — Ou fique comigo até cansar da minha presença. — Seu tom é suave e seu olhar intenso. A última parte não foi uma proposta, mas sim um pedido.

Um pedido verdadeiro.

Não preciso pensar muito, a resposta imediata me parece óbvia. *Claro que não vou morar com alguém como você.* Mas, mesmo assim, meneio a cabeça em um aceno.

— Está bem, faremos assim — concordo e ele abre um largo sorriso.

E embora eu tenha dito essas palavras de forma confiante, minha mente martela com uma só pergunta:

O que acontece se eu não enjoar da sua presença?

31



Porque tenho problemas, mas você também tem
Então me dê todos eles e eu te darei todos os meus
Aproveite a glória de todos os nossos problemas
Porque nós temos o tipo de amor necessário para resolvê-los
Issues _ Julia Michaels

Cindy Wright

Assim que coloquei meus pés em casa, soube que havia algo diferente. Não foi o modo que as pessoas me olharam enquanto eu entrava ou a forma que Francesca correu até mim, visivelmente preocupada.

Não, é o clima.

Algo na frieza sempre presente na casa parece mais inquietante.

— Você não pode ficar sem seus remédios, sabe como o tratamento é importante — ela briga, já me estendendo os três potes dos diferentes comprimidos que tomo.

— Não é como se eu fosse ser curada ou fosse morrer por falta do remédio. Foi apenas um único dia, não exagere. — Meu tom é frio, mas dou um meio sorriso em sua direção.

Ela revira os olhos.

— Não vai curar, mas ajuda. Então se pretende sair por aí, ao menos os leve com você.

Aceno.

— Farei exatamente isso. — Pisco inocentemente, arrancando os três potes de sua mão.

Francesca me encara.

— Você vai sair de novo? — pergunta vindo atrás de mim, enquanto caminho com tranquilidade até meu quarto.

— Sim.

— Para onde?

— Um apartamento.

— Por quanto tempo?

— Não sei.

— Mas… — começa, prestes a fazer outra pergunta, só que a encaro. Minha sobrancelha erguida a faz dar um sorriso amarelo. — Não seja chata, só estou preocupada.

— Então me ajude com a mala. — Indico o objeto no canto do quarto e ela traz enquanto separo algumas peças de roupa.

Seu olhar é curioso e sei que sua mente faz inúmeras perguntas.

— Você vai continuar indo para as consultas? Faculdade? — questiona e franzo o cenho, levantando o olhar até ela.

— Claro que sim. O que diabos você acha que estou fazendo?

Ela dá de ombros.

— Dessa vez, verdadeiramente, não sei. Você sempre é cautelosa e nunca fez nada do tipo, mas agora some por um dia completo, passa duas noites fora e volta decidida a ir embora.

Rio.

— Quanto drama, você sabia que era questão de tempo até eu sair de casa. Só estava esperando Cristine ter alta, mas agora esperarei em um apartamento temporário.

— Isso tem algo a ver com o dono da *Range Rover* lá fora? — Soa curiosa, com um sorriso de canto na boca.

Reviro os olhos.

— Achei que fôssemos amigas, sua ingrata — ela resmunga. — E eu? Fui demitida? E os seus seguranças? Boris?

— Boris segue sendo meu motorista, você minha enfermeira e eles meus seguranças — aponto o óbvio. — Chamarei vocês quando precisar e isso não é uma mudança definitiva. Pode ser que amanhã mesmo eu esteja de volta, não seja dramática.

— Se vai voltar amanhã, por que levar tanta roupa? — me provoca.

— Eu falei que poderia ser, não que voltaria necessariamente amanhã — murmuro, guardando os remédios e rio quando ela bufa.

— Tudo isso porque a senhora Wright teve alta antes do previsto — reclama, e ergo minha cabeça lentamente, a blusa que estava em minha mão cai no chão. — Achei que ela fosse ficar lá por uns seis meses.

— *C-como?* Alta?

— Sim, Cristine voltou para casa ontem à tarde — fala, confusa, como se não entendesse o motivo de eu perguntar algo tão óbvio.

Ela voltou.

Ela saiu do hospital.

Robert a tirou, por isso eles pararam de me ligar.

Se eu sou inútil e não fui capaz de cumprir o papel da família perfeita na festa de cem anos, claro que ele iria atrás da rainha das aparências.

Claro que ele a tiraria, uma vez que ela é ótima fingindo.

— Como ela está? — Travo meu maxilar, fechando a mala sem terminar de arrumá-la.

Não me importo.

Não quero ficar aqui, me sinto sufocar.

As mentiras, trapaças e violência são demais.

Sufocantes demais.

— Ela parecia bem. — Dá de ombros. — Não acho que eles a liberariam nem mesmo com uma ordem do senhor Wright se ela não tivesse

tido uma melhora significativa. É contra as regras liberar um paciente que represente risco para alguém ou para si próprio.

Certo, isso é bom.

— Já demorei demais, agora preciso ir. — Pego a mala e inspiro algumas vezes, arrumando minha postura. — Ligarei se precisar. — Meu sorriso é falso e já estou no vão da porta quando ela me chama, porém, no exato instante que ela faz isso, minha mãe aparece em minha frente.

Pisco.

Ela continua magra, mas as olheiras já são inexistentes e suas bochechas não estão profundas como da última vez que a vi. Ela sorri levemente e me encara, seu olhar possui um brilho. *Um resquício de vida depois de tanto vazio.*

Não falo nada. Não me mexo. Minha expressão é puramente fria.

— Você parece diferente — comenta. — Não vai sorrir para mim depois de todo esse tempo sem me ver?

— Por que eu deveria? Você que recusou todas as minhas tentativas de visita.

Ela ergue a mão e faz um gesto de indiferença. As unhas longas estão bem-feitas e ela parece ter voltado da manicure há pouco tempo.

— Você deveria se concentrar em ajudar seu pai, estando lá não me seria útil.

Travo o maxilar.

— E Caleb lhe foi útil? — O rancor escapa pelas palavras e o fato dela acenar torna as coisas ainda piores.

— Ele estava preocupado com os negócios, você nunca parece interessada nisso, mesmo sabendo que é o seu legado.

Rio em deboche.

— Sinto muito por ter dedicado minha preocupação a você e não ao dinheiro.

— Eu estava bem — afirma.

— Claro que estava — desdenho. — Assisti você definhando enquanto Robert transava com uma mulher diferente por dia, mas é claro que eu deveria ter ficado calada porque você estava bem.

— Não fale assim, ainda sou sua mãe.

Mordo o canto da minha boca e dou um passo para frente.

— Oh, me perdoe por não conseguir ser tão falsa. — Meu tom é ácido. — Sofri calada e me esforcei para conseguir seu tratamento, mas acho que foi tudo em vão.

— Não fale como se tivesse se sacrificado. Isso é pelo seu pai, pelo seu futuro, pela empresa. Você poderia ter arruinado tudo na festa de cem anos e a preço de quê? — ladra. — Estamos com um novo investidor e um novo sócio interino. As coisas voltarão ao normal.

Engulo em seco, surpresa ao notar que ela sabe bem mais do que eu, que estive aqui durante as últimas semanas.

— Que normal? — zombo. — Aquele onde você tapa os olhos para todos os erros de Robert? Onde Caleb me ameaça e tenta me usar? Aquele onde eu forço um sorriso e escondo o fato de ser doente? Onde você usa todo o dinheiro que tem para preencher as marcas e os vazios da sua vida infeliz? Ou talvez o normal onde tudo isso acontece e somos tachados como a família perfeita?

Ela dá um passo para trás, surpresa por ser a primeira vez que falo dessa maneira.

Mas estou cansada.

Absurdamente cansada.

— Relacionamentos familiares são complicados e casamentos mais ainda. Você entenderá quando for mais velha.

Nego com um sorriso discreto.

Tenho mesmo pena da mulher que ela é. Mas sinto ainda mais ódio da mãe que ela se tornou.

— Não, eu não entenderei por que prefiro ficar sozinha do que aceitar esse tipo de relacionamento.

— Então é isso? Você está indo ficar sozinha? — Aponta para a mala.

— Achei que você fosse escolher deixar tudo.

— Essa é minha vida, Cindy. Eu nasci para isso.

Rio.

— Que tipo de existência pré-determinada seria tão patética? Você nasceu para isso o quê? Ser esposa troféu de um homem tão desprezível? Ser traída dentro da sua própria casa?

Ela atinge um tapa em meu rosto antes que eu possa entender o que fará. Minha cabeça vira com o impacto e o barulho estalado chama atenção de vários funcionários.

Ela também me bateu.

Me sinto tonta e sei que meu coração está acelerado, mas não consigo determinar há quanto tempo.

Cristine também me bateu.

Ela me acertou com força e de propósito, porém, isso é bom.

Eu não sentirei remorso ao deixá-la.

Eu não me arrependerei de abandonar essa maldita jaula.

Pisco. Pisco. Pisco.

— Me descul… — Minha mãe começa, mas se cala com a presença repentina.

— Toque nela mais uma vez — Dominic rosna, se colocando em minha frente. Eu sequer o vi se aproximar. — Levante sua mão em direção a ela somente mais uma maldita vez que garanto fazer tudo aquilo que você mais estima ruir.

Ele segura minha mão, o moletom está erguido em seu antebraço e nossos pulsos brilham com o mesmo relógio, ambos indicando o mesmo batimento cardíaco acelerado.

Ela arregala os olhos, só agora se dando conta de que está sendo ameaçada.

Dominic tenta me puxar, mas finco meus pés no chão. Ele me encara confuso e aceno, garantindo que está tudo bem. Indico a mala com um menear e sem que eu precise explicar, ele entende o recado e a pega, se afastando.

Me aproximo dela, ficando a centímetros de distância.

— Eu tentei lhe ajudar, mas não se pode estender a mão para alguém que escolheu ser cega — sussurro no seu ouvido. — Espero que o dinheiro valha a pena no final de tudo.

Cristine não se mexe, sua postura é absurdamente altiva e seu maxilar está travado.

Não tenho motivos para me arrepender.

Saio atrás de Dominic e ao sentir minha presença, ele para no meio do salão da mansão Wright e espera por mim, só voltando a andar quando estou ao seu lado.

E enquanto saímos, sinto o peso do olhar de alguém me queimar de forma desconfortável. Mas não é Cristine ou algum dos funcionários. Não, quem causa esse tipo de sensação angustiante é Caleb.



Querida, foi para isso que você veio
Um relâmpago cai toda vez que ela se mexe
E todos estão assistindo ela
Mas ela está olhando para você, oh, oh
This Is What You Came For _ Calvin Harris (feat. Rihanna)

Dominic Edwards

Estaciono o carro e espero que ela desista da ideia, mas seu olhar é puramente determinado.

Ela não se arrepende de ter pedido para vir.

— Você está linda — elogio, encarando seu corpo no vestido preto com um longo decote e uma fenda na perna esquerda. Ele marca suas curvas de uma forma que deveria ser proibida.

— É, você não está nada mal — zomba com um discreto sorriso, enquanto ajeita minha gravata.

Cindy parece tranquila e me pergunto se durante essa noite isso mudará. Afinal, os Wright com certeza estarão aqui, embora ela tenha vindo como convidada da família Edwards.

Isso a deixará afetada?

Desde que saímos da sua casa, há cinco dias, ela parece bem tranquila com a decisão. Vamos para a faculdade juntos e quando preciso ficar para resolver algo da sociedade, ela chama seu motorista.

Ela foi para a terapia, para esgrima, natação e psiquiatra. Sempre que precisa sair, vai com Boris e os seguranças. Sua enfermeira particular aparece uma vez ao dia e mudei minha cozinheira para alguém que já entenda da sua dieta e de todo seu cardápio nutricional.

Eu poderia dizer que essas ínfimas mudanças me incomodaram, mas estaria mentindo. Minha vida continua exatamente a mesma, com diferença de que agora divido a cama com alguém que gosta de assistir *Shark Tank* para dormir.

Se passaram apenas cinco dias, não é um tempo grandioso, mas até agora nenhum de nós dois tocou no assunto sobre ela sair. Seus seguranças trouxeram mais roupas ontem e seus pais não tentaram entrar em contato.

Archie estranhou minha decisão, ele sabe o quanto gosto da minha privacidade. Mas como ele poderia falar de mim quando deu uma chave do seu apartamento para Matilda bem antes do que eu?

Por isso ele se manteve calado, mas ainda insiste que eu devo tomar cuidado. Continua batendo na tecla de que isso não acabará bem.

Mas se não acabará bem de nenhuma forma, eu poderia ao menos aproveitar enquanto isso.

— Vamos? — pergunto, apenas garantindo que ela não mudou de ideia, e Cindy acena.

Saio do carro primeiro, dando a volta para ajudá-la. Ela entrelaça o braço ao meu e endireita a postura, sincronizando nossos passos.

Seu vestido combina com o meu terno e ambos andamos de cabeça erguida, sem ousar baixá-la. Algumas pessoas nos encaram no momento em que entramos e *flashes* disparam em nossa direção, mas não posamos como normalmente fazemos. Não, seguimos em frente como se tivéssemos um rumo definido.

Minha mãe me encara com um semblante confuso, mas abre um largo sorriso em minha direção. Me aproximo dela como um filho perfeito e Cindy meneia a cabeça em um cumprimento que minha mãe retribui.

— Você não me avisou que vinha — ela resmunga, dando um leve tapa em meu braço.

Isso faz Cindy sorrir e a encaro, sendo atraído pelo gesto.

— Acabei esquecendo de confirmar minha presença — murmuro, com meus olhos fixos na garota ao meu lado.

— Sei, claramente você esteve ocupado. — O tom é condescendente e sinto sua atenção alternar entre nós dois.

Cindy pigarreia.

— Sinto muito por ter vindo sem ser convidada — fala com um tom suave e minha mãe faz um gesto de indiferença.

— Você veio de braços dados com ele, como poderia não ter sido convidada? — Ela se aproxima de Cindy. — Você é da família Wright, certo?

— Isso, é um imenso prazer conhecê-la.

— Digo o mesmo. Se precisar de algo, pode me procurar. Meu filho tende a ser grosseiro, mas garanto que esse gene não veio de mim. — Ela sorri e seu olhar encontra o meu. — Inclusive, tente não fazer nada essa noite.

— Veremos — falo para provocá-la e Donatella sequer se abala, ela apenas balança a cabeça suavemente.

— Se me derem licença — pede e, sem nenhuma outra palavra, se afasta.

As íris de Cindy me observam.

— Ela é bonita e simpática — comenta.

— É, eu sei. — Ergo o canto da minha boca ao citá-la. Verdadeiramente amo minha mãe.

Minha relação com meus pais sempre foi estável e sou grato por eles terem me dado uma chance, quando meus pais biológicos não quiseram fazer o mesmo.

Cindy aperta meu braço com força, me arrancando dos meus pensamentos. Por um momento, não entendo qual é o problema, ela parece pálida e assustada, mas não avisto ninguém que possa causar essa reação nela.

Sigo seu olhar e tudo que encontro é minha mãe conversando com meu tio e meu pai. Mas então, vejo a presença de Caleb passando perto dos três e seu olhar encontra o meu.

Travo o maxilar e me coloco na frente de Cindy, fazendo-a me encarar.

— Está tudo bem, ele não causará nenhum problema na frente de todos — garanto e ela me observa, confusa, dando um meio sorriso.

Não sabia que ela tinha medo de Caleb.

Ela não demonstrou ter medo nas outras vezes.

— Podemos voltar se você quiser — murmuro, mas a palidez continua presente em seu rosto. Fito o relógio em meu pulso, porém, seus batimentos não estão acelerados.

Um garçom se aproxima de nós com uma bandeja em mãos e nos oferece uma taça, mas recuso porque ela não bebe. Seu olhar fica preso ao meu, entretanto, ela não fala nada, então seguro sua mão e puxo em direção a um lugar mais afastado.

Talvez seja por ter muitas pessoas.

Nós deveríamos ter ficado em casa.

Empurro a primeira porta que vejo e me surpreendo ao notar que é uma sala de exposição. Ao menos é o que parece, levando em conta que o cômodo só tem quadros na parede e um grande piano no centro.

— O que você está fazendo? — pergunta em um tom baixo enquanto seguro sua mão suada.

— Você parece pálida demais. Vou trazer um pouco de água e se não estiver se sentindo bem, vamos para casa — aviso e ela acena lentamente. Puxo um pequeno pote do bolso interno do meu terno, lhe entregando o sal.

Cindy sorri.

— Me espere aqui, volto logo. — Beijo o topo da sua cabeça e me afasto, já determinado a voltar para casa.

Minha mãe certamente entenderia minha ausência e não é como se eu fosse tão essencial essa noite. Quando falei que viria e a chamei, não esperei que ela também viesse.

Eu não teria vindo se soubesse que ela ficaria afetada.

Caminho até a cozinha com passos firmes, algumas pessoas me cumprimentam e acenam em minha direção, mas não paro. Ouço burburinhos falando sobre eu ter vindo com a filha dos Wright e sei que esse será um assunto comentado ao longo da noite.

Pessoas desocupadas tendem a falar merda, já estou acostumado.

Quando passo pelos seguranças e entro na área privada dos funcionários, vários deles me olham com estranheza.

— Com licença — faço um cumprimento, recebendo atenção de todos ali. — Percebi que só estão servindo álcool, mas estou dirigindo e não posso beber. Então, onde consigo um pouco de água?

— *Á-água?* — a garota mais perto de mim pergunta e aceno. — Um instante.

Espero e ela volta com uma garrafa de vidro, me estendendo.

— O senhor precisa de um copo?

— Não, muito obrigado — agradeço em uma dispensa sutil e me afasto, voltando para a sala de exposição.

Contudo, antes de chegar até lá, meu pai se coloca em minha frente com um dos homens da casa branca e simplesmente não posso ignorá-los.

Droga.

Claro que alguém iria me incomodar.

Sorrio forçadamente em direção ao homem e ouço o que ele quer.

Me espere só por alguns minutos, princesinha.

33



Você não viu o meu homem (homem)
Você não o viu
Ele tem o fogo e ele demonstra isso ao caminhar
Ele tem o fogo e ele demonstra isso ao falar
Sad Girl _ Lana Del Rey

Cindy Wright

Ele disse que era rápido.

Bufo, entediada depois de cinco minutos. *Para mim, isso é muito.* Trezentos segundos já se passaram e não fiz absolutamente nada além de encarar as pinturas estranhas na parede.

Onde você está, Dom?

Batuco os dedos na minha perna inquieta, não quero ficar aqui. Quando aceitei vir, esperei encontrar minha mãe, Robert e até mesmo Caleb. Eu quis isso, quis provar que estava verdadeiramente bem, mas não sabia que aquele homem estaria aqui.

Não sei por que não cogitei, ele é um homem importante no meio e se os outros membros da sua família estariam aqui, por que o próprio não viria?

Que droga, fui idiota.

Enfio meu indicador no pote de sal que Dominic carrega e levo mais uma pitada à boca. Essa já é a quinta vez que faço isso e ele ainda não voltou.

Vamos logo.

Quero voltar para a segurança do apartamento.

Ouço o barulho da porta ser aberta e levanto o olhar, ansiosa, porém, prendo a respiração ao notar que não é ele. Não é Dominic que me encara, não é o seu sorriso que é destinado a mim e meu coração não bate acelerado em animação, mas sim em desespero.

Merda.

Levanto do banco do piano lentamente e meneio minha cabeça em uma espécie de cumprimento.

— O que você quer? — Cruzo os braços.

— Bem que Caleb disse que eu a encontraria aqui. — O homem sorri. — Você está linda. — O elogio é como um soco em meu estômago e me causa náuseas.

Sua presença me deixa extremamente desconfortável.

— É só isso? — questiono.

— Você negou meu convite, quando Caleb me garantiu que dessa vez aceitaria. Eu até cheguei a ajudá-lo com um empréstimo. — Dá um passo à frente e seu olhar escrutina meu corpo.

Não me olhe dessa maneira.

É nojento, me faz querer vomitar.

O desejo nítido que ele sente me faz lembrar da última vez em que ele tentou me agarrar e da forma que suas mãos tocaram meu corpo.

Não se aproxime. Não se aproxime. Não se aproxime.

Merda.

Dou um passo para trás quando ele dá um para frente, embora eu saiba que isso demonstra o poder que ele tem. E mesmo que eu tenha certeza de que demonstrar medo seja a pior opção, não consigo evitar.

— Você acreditou nas palavras dele porque quis, eu em momento algum cogitei a ideia de ser vendida em troca de influência e dinheiro.

Porque é sobre isso, tudo sempre acaba sendo sobre isso no final do dia.

— Não entendo por que você se faz de difícil, sabe que sairia ganhando nesse acordo. Sabe que teria de tudo e ainda ajudaria sua família.

Solto uma risada seca, sem nenhum humor.

— Não tenho nenhuma pretensão de me tornar prostituta de um homem como você.

— Você não seria uma prostituta e de qualquer forma, se já vai transar com outros homens, por que não ser paga fazendo isso comigo?

Meu coração começa a desacelerar e embora eu dificilmente consiga definir se minhas crises são pelo POTS ou Vasovagal, em momentos como esse que o medo me domina, meu coração vai diminuindo os batimentos e minha cabeça dói, sei que é a Vasovagal assumindo. Tenho ciência que minha pressão arterial deve estar baixando.

— Porque você é asqueroso — ralho, sabendo que posso desmaiar e não suportando a ideia de fazer isso perto de alguém como ele. — E se você não se afastar, eu vou gritar.

— Vá em frente, grite como uma vadia por minha causa. Eu ficarei contente em saber que fiz você gritar. — Dá um passo para mais perto e realmente me preparo para gritar.

Afinal, se ninguém acreditar, posso dizer que vi uma aranha ou alguma merda do tipo.

Abro minha boca, contudo, a porta é empurrada de forma abrupta. Solto um suspiro aliviado ao reconhecer Dominic e meu olhar procura o seu, desesperado. O medo e a realidade me atingem.

Ele vai descobrir.

O homem vira o rosto lentamente, surpreso por uma intromissão, sem ter a menor ideia de que encontraria o semblante cheio de ira do seu sobrinho.

— Que porra é essa? — Dom ladra quando Edgar Edwards se vira e seu semblante fica puramente chocado ao reconhecer seu tio. — *O-o* que você está fazendo? — vacila.

— Tinha um assunto para tratar com a garota dos Wright. E você? Por que está aqui? Donatella disse que você veio acompanhado, finalmente encontrou alguém? — Edgar pigarreia, sem se abalar.

Dom pisca, desviando para mim. Engulo em seco, sem conseguir sustentar o peso do seu olhar. Minha respiração está acelerada e sinto meu corpo cada segundo mais fraco, achando difícil mantê-lo de pé.

Tento permanecer com minhas pálpebras abertas e a garrafa de vidro se espatifando no chão causa um barulho alto o bastante para me fazer arregalar os olhos.

— Que merda você está fazendo, Dom? — seu tio ralha e Dominic dá um passo para frente, acertando um murro tão forte em seu rosto que faz o homem cair.

Me escoro em uma das paredes, sentindo minhas pernas fracas e me sento no chão quando tudo começa a escurecer.

Tenho certeza de que Dom sobe em cima do homem e o atinge inúmeras vezes, certeza que escuto mais vozes, alguma coisa sobre câmeras e até mesmo sinto o toque de alguém. Mas embora eu queira, meu corpo não permite que eu fique consciente e desmaio.

Apenas apago.

Não sei por quanto tempo fico inconsciente, mas deve ser pouco, levando em conta que quando abro os olhos, o caos ainda está instaurado.

Sinto os braços de Dominic me carregando, algumas vozes se misturam em minha cabeça e prendo a respiração.

Odeio acordar quando as pessoas estão eufóricas, me deixa ansiosa.

Odeio que os outros testemunhem os desmaios e me tratem como uma aberração por isso.

— Assim que você sair com ela desacordada, os fotógrafos irão para cima de vocês. As pessoas viram você batendo no seu tio e mesmo que tenhamos colocado todos para fora rapidamente, já foi o bastante para se espalhar. — Ouço a voz de Donatella e continuo com os olhos fechados, sem querer abri-los.

Não quero encarar a situação.

Não pedi por essa atenção.

Droga.

— Já falei que estou pouco me fodendo, olhem as malditas câmeras e descubram que merda Edgar fez e falou para deixá-la assustada. Depois, resolva a fodida situação como quiser.

— Mas ela não deveria ir para um hospital? — A preocupação no tom da mulher quase me faz sorrir.

— Não, ela ficará bem — fala, convicto, e começa a se afastar para longe, sua mãe não tenta impedi-lo.

Abro uma pequena fresta dos meus olhos para avaliar a situação e ele aproxima sua boca do meu rosto:

— Finja que ainda está desmaiada até sairmos daqui — sussurra e fecho meus olhos por completo, confiando no que ele fará, da mesma forma que ele confiou em mim ao bater em seu tio sem que eu dissesse uma única palavra.

Ele me viu e sabia que tinha algo de errado.

Ele não pestanejou em me defender, sequer hesitou.

E agora, de alguma forma, ele já sabia que eu estava acordada.

Desde quando Dom está tão ciente sobre mim, minhas reações e o meu corpo? Desde quando ele percebe os mínimos sinais?

Sinto os *flashes* de luz das fotos sendo tiradas, Dominic parece determinado e ninguém se coloca em seu caminho.

Não abro os olhos, mas escuto os burburinhos. Todos devem se perguntar o que aconteceu e já imagino manchetes falsas e teorias da conspiração. Como por exemplo: tio e sobrinho brigam pela garota dos Wright.

Odeio quando fazem essa merda, onde ao invés de tentar descobrir a verdade, inventam uma matéria sensacionalista.

Algumas perguntas são feitas e sinto a presença de várias pessoas ao nosso redor, mesmo com os olhos fechados. Imagino a cara de Robert vendo a situação, me questiono se ele falará algo ou demonstrará preocupação para o público. O que ele e Cristine estão pensando sobre isso? Não sei e me recuso a dar importância.

Nada disso é relevante.

Me obrigo a relaxar porque Dom está comigo e embora todos estejam agitados, me dando mais atenção do que eu gostaria, ele está calmo.

Tão calmo que acaba refletindo em mim o seu sentimento.

Mantenho a cabeça apoiada em seu peito e escuto o coração dele batendo em um ritmo tranquilo.

É reconfortante ouvir o som cadenciado, que não perde o controle por nada.

Dominic marcha pelo salão como se seu único propósito de vida fosse me tirar daqui e quando chega no lado de fora, me coloca sentada no carro, prendendo meu cinto de segurança.

Entreabro os olhos, respirando fundo, e ele me observa, como se estivesse se certificando de que estou bem. Seu polegar desliza em minha bochecha e aquiesço em sua direção, sem dizer nada.

Reparo que ninguém vem atrás de nós, provavelmente porque os seguranças não permitem e ao perceber que estou pronta para ir, ele dá a volta rapidamente, sentando no banco do motorista.

A porta é fechada com força e Dom liga o carro, mas não sai cantando pneus como esperei que fizesse. Franzo o cenho sem entender o motivo e quando olho para frente, encontro Caleb sorrindo, impedindo nossa passagem.

Que merda ele quer agora?

A postura de Dominic muda por completo, ele trava o maxilar, apertando o volante com tanta força que os nós dos seus dedos ficam brancos. A irritação permeia cada centímetro do seu corpo e o encaro, esperando sua reação.

Ele liga o farol alto e o carro ronca, ameaçando passar por cima de Caleb sem se importar. Assisto seu pé ficar por cima do acelerador e pisco, assustada.

Dom vai mesmo avançar? Sua postura indica que sim.

Caleb parece chegar nessa mesma conclusão, porque no exato instante que o carro vai para frente, ele se joga para o lado, permitindo que disparemos em alta velocidade.

Solto o ar que estava prendendo e quando entramos na rodovia, Dominic tira o pé do acelerador.

— Está tudo bem? — sussurro e ele acena de forma lenta. Seu olhar procura o meu.

— E você? Como se sente? — O tom é suave, preocupado. Seus dedos vão soltando o volante aos poucos.

— Bem — garanto e minha resposta parece ser uma espécie de calmante, porque sua postura relaxa na mesma hora.

— Ótimo, então vamos para casa. — O sorriso que ele lança em minha direção é cuidadoso e de uma hora para outra, não me importo se tudo está um caos. Não ligo se sairão manchetes sobre mim e não dou a mínima se souberem sobre a minha doença.

Porque se ele estiver ao meu lado, tudo ficará bem.



Eu sei dos seus motivos e você sabe dos meus
Os que me amam eu costumo deixar para trás
Se você me conhecer e escolher ficar
Então fique com este prazer e junto com a dor
Love Me Harder _ Ariana Grande (feat. The Weeknd)

Dominic Edwards

"Será que ela está doente?"

"Os dois estão mesmo juntos?"

"Vocês deveriam se perguntar o motivo que o levou a uma reação tão violenta a ponto de agredir o próprio tio."

"Ela deve ter fingido desmaiar para chamar atenção."

"Certeza que eles estão juntos, as fotos de quando chegaram deixam tudo óbvio."

"Deveriam ter levado ela para o hospital ao invés de deixar alguém violento carregá-la desmaiada."

"Os Wright não se pronunciaram?"

"Os Edwards não disseram nada?"

Cindy bufa e larga o celular no colchão, cansada de ler os comentários. Passo meus braços ao redor da sua cintura e permaneço com meu queixo apoiado em sua cabeça. Estamos nessa mesma posição há algum tempo.

Quando chegamos, nenhum de nós falou nada. Ela disse que queria tomar banho e pegou uma das minhas camisas emprestada, então apenas tirei o terno, sentei na cama e a esperei, lendo as coisas que já estavam postando.

Eles sempre são rápidos, especialmente os sites de fofoca.

Quando ela terminou o banho, perguntou o que eu estava fazendo e se aconchegou entre minhas pernas, encostando os cabelos molhados em meu peitoral. Mostrei o que já havia sido divulgado e ela ficou lendo desde então.

— Eu deveria contar? — pergunta, quebrando o silêncio.

Sua mão brinca com meus dedos.

— Sobre?

— POTS e Vasovagal — murmura. — Eu deveria contar que sou doente?

— Você *quer* contar?

— Não sei, acho que sim. — Ela dá de ombros. — Alguns dias atrás, eu pensei: "se eu já sou julgada o tempo inteiro, que ao menos tenham motivo para tal." E agora acho que prefiro que me julguem por ser doente, mesmo que eu não tenha culpa. Prefiro que sintam pena, mesmo que não haja motivo, do que isso. Não sei, acho que só cansei de tanta mentira.

Suas palavras me atingem como um soco.

Coço minha nuca.

Ela não deveria ser julgada em momento algum.

— Acho que você deve fazer tudo o que tiver vontade.

— Então você me apoia?

— Em absolutamente tudo. — Concordo com a cabeça, embora ela não possa ver.

Seu mindinho entrelaça no meu e a inquietação em minha mente é irritante.

— Você pode perguntar, se quiser — ela fala, como se fosse capaz de sentir.

— O quê? — Finjo indiferença.

— Pode perguntar o motivo pelo qual fiquei tão assustada.

— Eu… — Pigarreio e ouço sua risada baixa. Mas logo em seguida, o clima do quarto parece mudar.

— Há uns dois anos, a empresa da minha família cometeu um erro que resultou na perda de seis milhões. Não foi o bastante para deixá-la completamente em crise, mas foi algo que a abalou e alguns cortes foram feitos. Só que esses cortes não foram o bastante, precisávamos de uma ajuda. Meu pai tinha um amigo disposto a ajudá-lo em troca de uma noite comigo. — Suspira e travo meu maxilar. — Eu já era maior de idade na época e já tinha perdido minha virgindade, acho que por isso ele não viu problema em me vender por uma noite. Então organizou tudo, me prendeu em uma sala e deixou o homem entrar. Ele tentou me beijar e conseguiu, mas isso foi a única coisa que ele fez antes de eu mordê-lo e escapar. Naquele dia, eu fiquei apavorada. A adrenalina foi tão grande que não desmaiei até conseguir chegar em um lugar seguro. Passei noites tendo pesadelos e pensando em como a mão dele me tocou, como poderia ter sido pior. Minha mãe chorou e me pediu desculpas, garantindo que não sabia de nada. Mas Caleb e meu pai ficaram calados.

Ela para de falar por um momento, como se precisasse respirar. Não me mexo, não pisco, não reajo.

— Não sei se o homem ajudou, mas acho que sim. A empresa seguiu em frente, assim como nós, isso até a crise realmente chegar. Há alguns meses, tudo começou a ruir, Caleb e Robert culparam minha mãe e depois me culparam, porque eu deveria me casar para ajudar, afinal, arranjos que nem esse em famílias como a nossa são comuns. *“É só um casamento em prol da empresa”* é o que eles diziam, mas recusei fortemente, ninguém podia me obrigar. Até que aquele homem voltou, ele se tornaria um acionista, um sócio interino, se eu me tornasse sua amante. Afinal, ele sabia que a ideia de eu me tornar sua esposa seria repugnante aos olhos de todos e não queria mostrar o quão sujo era. Então fez um convite chique para me convencer. Caleb tentou me vender de novo, mas quando percebeu que eu não aceitaria, quando se deu conta que eu não era como ele e que não faria de tudo pela empresa, me expulsou de Northview. Ele me obrigou a ir para Evergreen porque sabia que era um território inimigo e jamais achou que eu fosse aguentar, ele verdadeiramente esperava que eu voltasse como um cão arrependido, pronta para me sujeitar a qualquer coisa. — Sua voz falha no final e uma lágrima escorre em minha bochecha.

Então foi por isso.

Porra. Porra. Porra.

Tudo o que eu fiz quando ela chegou… As coisas que falei… Quão longe eu fui…

Porra. Porra. Porra.

Merda, o que eu fiz?

Qual é o meu maldito problema?

Caralho.

Coço minha nuca e, quando ela olha para trás, me obrigo a desviar para que ela não veja o quanto me afeta. *Porque não mereço olhar para ela.*

— Não faça isso. — Ela toca em minha bochecha e me obriga a fitá-la. — Você sempre foi a única pessoa que não me tratou diferente. Nem mesmo quando descobriu que eu era doente, você me olhou de outra forma. Não passe a fazer isso agora.

Pisco algumas vezes, me obrigando a afastar as lágrimas.

Que merda eu fiz?

Porra. Porra. Porra.

— Você sabia que ele era meu tio? — pergunto com a voz embargada.

— No começo eu não tinha percebido, o sobrenome Edwards é comum. Mas depois, sim.

— E ainda assim não me odiou?

— Você não é o seu tio.

Mordo o canto da minha boca.

— Por que você não me disse nada?

— Não achei necessário, não pensei que ele fosse ser burro a ponto de vir atrás de mim outra vez. — Dá de ombros e aceno.

Eu a persegui. Eu fui estúpido. Eu menti. Eu a fiz sangrar. Eu a fiz desmaiar.

Eu nunca fui tão filho da puta com alguém sem ter motivo algum para isso, mas ainda assim ela não me comparou com meu tio. A culpa me corrói e é facilmente o pior sentimento que já experimentei.

O gosto amargo em minha boca me faz querer vomitar, o repúdio em relação ao nosso acordo feito naquela festa me atormenta, o modo como cada atitude me atinge é desesperador.

Eu fui longe demais.

Merda.

Eu deveria ter descoberto o motivo dela estar em Evergreen antes de me envolver. Eu deveria ter me certificado de que ela era inocente. Eu deveria ter me importado com os sentimentos de alguém além dos meus.

Porra. Porra. Porra.

Como Cindy será capaz de me perdoar?

Eu não deveria ter ido atrás dela. Eu deveria ter ficado fora disso e deveria ter implorado para Archie colocar Relish atrás dela, assim eu não teria acabado aqui.

Mas se isso tivesse acontecido, eu jamais teria descoberto o quanto alguém pode fazer seu coração acelerar. Eu não teria aprendido suas manias, não teria ficado fissurado por cada resposta ácida e não teria me instigado por seu jeito esquivo. Eu não teria apreciado sua beleza, não teria começado a desejá-la e não teria determinado que ela era minha. Eu não teria ficado ansioso por cada um dos seus sorrisos, não teria mudado o nome do meu cavalo e não me esforçaria tanto para proteger alguém. Eu não sentiria medo pela mera ideia de vê-la machucada, eu não desejaria chorar por vê-la triste e não estaria disposto a largar tudo. Eu não teria me apaixonado por ela e jamais descobriria a existência do sentimento mais perigoso do mundo.

— Dom, está tudo bem. — Ela toca em minha bochecha com delicadeza, me obrigando a encarar os olhos vulneráveis. — Não aconteceu nada, prometo que está mesmo tudo bem.

Outra lágrima escorre em minha bochecha e ela a captura.

— Me perdoa, por favor. — Travo meu maxilar, não sei quando foi a última vez que chorei. Sequer lembro de já ter feito isso na frente de outra pessoa. — Eu não fazia ideia, princesinha. Eu juro que não teria ido tão longe se soubesse.

Ela se vira e me abraça com força, garantindo que está tudo bem várias vezes. As lágrimas silenciosas escorrem em minha bochecha e ela me aperta, me mantendo ao seu lado.

Acaricio seu cabelo, sentindo o cheiro suave do meu sabonete em seu corpo. Tudo aqui tem seu cheiro.

Merda.

O que eu fiz? Como ela pode me perdoar?

A culpa me rasga de dentro para fora e não consigo fazer nada para que os pensamentos me abandonem. Fecho os olhos e ficamos assim até que ela adormece.

35



Eu não preciso dos seus jogos, fim de jogo
Me tire dessa montanha-russa
Tudo o que sei, tudo o que sei
Amar você é um jogo perdido
Arcade _ Duncan Laurence

Cindy Wright

Eu senti quando ele levantou, senti o frio imediato que me atingiu quando seu corpo quente me deixou sozinha, mas fingi que não. Eu não queria ir atrás dele porque Dominic parecia precisar de um tempo sozinho. Talvez descobrir a verdadeira identidade do tio tenha sido demais. Não faço ideia de quão próximos eram. Ou talvez, não sei, ele tenha ficado mal pelos comentários. Independentemente da razão, ele claramente precisava ficar só.

Então o deixei.

Fiquei com os meus olhos fechados enquanto ouvia os passos se locomovendo pelo quarto. Permaneci estática quando ele tocou em minha bochecha e beijou o topo da minha cabeça, sussurrando que logo voltaria. E não me movi nem mesmo quando ouvi a porta do quarto ser fechada.

Devo ter ficado uns cinco minutos fingindo dormir, para caso ele voltasse. Mas quando percebi que isso não aconteceria, me levantei. Minha mente está inquieta pelas mensagens de Caleb.

Li todas enquanto estava no banho e embora tenham sido só três, foram capazes de me tirar do eixo.

Ele disse que precisa me ver, que essa será a última vez antes de me deixar em paz.

Não consigo pensar em um motivo pelo qual ele diria isso, muito menos um pelo qual eu deveria me importar com suas palavras, mas então por que elas me deixam tão afetada?

Bufo, levantando da cama.

Mando uma mensagem para Boris, na intenção de saber se ele está disponível. Odeio quando pego um carro de aplicativo e preciso explicar ao motorista que posso desmaiar, eles sempre ficam desesperados. É irritante.

Enquanto espero uma resposta, troco de roupa.

Não custa nada descobrir o que ele quer, essa será a última vez, de qualquer forma. Será como cortar meus laços com ele, uma vez que ele foi o único com quem ainda não fiz isso.

Me pergunto se assim como Cristine e Robert, ele também encerrará nosso vínculo com um tapa. E se acontecer, bom, ao menos será culpa minha por aceitar vê-lo, mesmo depois de tudo.

Meu celular vibra com uma mensagem e visualizo, soltando um suspiro aliviado ao ver que Boris chegará em dez minutos. Aproveito que já estou com o aparelho em mãos e mando uma mensagem para Caleb perguntando onde ele está e uma para Dominic, avisando que precisei sair.

O primeiro responde na mesma hora, me passando uma localização, contudo, a mensagem do segundo sequer é recebida.

Dou de ombros e deixo um bilhete sobre o balcão da cozinha para o caso dele chegar e não me encontrar. Encaro o que está escrito no pequeno papel e resmungo, notando que parece muito seco, então acrescento algumas palavras e um coração no final.

A cama estava fria sem você, por isso acabei acordando. Estou de saída e logo volto, então a esquente outra vez, por favor.

Ps: Obrigada por ter me salvado mais uma vez, eu sequer sabia quão bom poderia ser ter alguém em que posso confiar ❤ .

Deixo o papel de lado e saio, batendo a porta com cuidado antes de caminhar até o elevador e encontrar Boris lá embaixo.

Meu motorista sorri, me cumprimentando e meneio a cabeça em sua direção, entrando no carro.

— O endereço é esse que a senhorita me mandou? — questiona e confirmo. Ele me encara pelo espelho retrovisor. — Mas é uma ponte. Tem certeza de que está certo?

Franzo o cenho, sem ter a menor ideia de que merda Caleb está fazendo, porém, aceno outra vez.

— Pode ir.

Coloco o cinto de segurança e escoro minha cabeça no banco, deixando meus olhos fechados até o momento que Boris me chama, avisando que chegamos.

— Não vou demorar, vim apenas perguntar uma coisa — aviso e ele assente, ficando prontamente parado em frente ao carro.

Avisto a ponte e caminho até lá. Boris não parou exatamente em frente, mas sim no lugar mais perto possível.

Meus passos são determinados, prontos para encerrar nossa relação. Encaro o chão enquanto ando e ao levantar a cabeça, me surpreendo ao ver *duas* pessoas paradas, não *uma.*

Caleb não está sozinho.

Pisco, reconhecendo as costas de Dominic de imediato. Meus passos se detêm no meio da ponte e Caleb me encara com um sorriso sombrio.

Que merda ele está fazendo?

Por que Dominic está aqui? O que ele poderia querer com Caleb? Por que meu irmão parece tão contente em me ver?

Minha cabeça dói e por algum motivo, não consigo me mexer. A curiosidade em descobrir o que eles estão fazendo juntos é aquilo que me deixa calada.

— Não seja um fodido covarde. Aqui você me ameaça, mas e na frente dela? Você falará a verdade para Cindy? Contará o motivo de ter se aproximado? — Caleb grita de propósito para que eu o escute e dou um passo para trás, sentindo falta de ar imediatamente.

Do que ele está falando?

Por que Caleb está falando sobre mim com Dominic?

Por que Dominic está ameaçando-o?

Que merda isso significa?

Pisco, sem me mexer.

— Cale a porra da sua boca. Você não falará nada, ela nunca precisará saber disso e nunca descobrirá a verdade. — A voz de Dominic ecoa no espaço aberto.

Não consigo respirar.

Que verdade? Que merda Dominic está escondendo?

Por que ele não me contaria algo?

— Então é assim? Você vai viver uma mentira e vai fazer ela acreditar que está mesmo apaixonado quando só estava usando-a esse tempo todo?

Dou um passo para trás.

Usando. Usando. Usando.

A palavra ecoa em minha cabeça incontáveis vezes e sinto como se eu tivesse sido atingida pela ponta de uma espada. Ao menos essa é a única explicação que encontro para a dor inesperada que me atinge.

Usando. Usando. Usando.

Dom está mesmo fazendo isso?

Ele fez mesmo isso comigo?

Levo minha mão tremendo para cobrir minha boca, mas devo deixar escapar algum som, porque ele se vira assustado e me encara. As íris sombrias me encontram de imediato e o semblante irritado desmorona, perdendo a cor por completo.

Seus olhos se arregalam e consigo ver o misto de sentimentos que o atinge. Surpresa. Medo. Dor. Culpa. Arrependimento.

Surpresa por me ver.

Medo do que irei fazer.

Dor por eu ter descoberto a verdade quando ele claramente queria esconder.

Culpa por ter me usado.

Arrependimento por estar quebrando meu maldito coração.

Ele tenta dar um passo para frente, mas dou um para trás na mesma hora. Os sentimentos dele refletem em mim mesma.

Surpresa por encontrá-lo com Caleb.

Medo de me mexer.

Dor angustiante por descoberto que ele está mentindo sobre algo.

Culpa por não ter percebido antes.

Arrependimento de ter confiado e me apaixonado por ele.

— Cindy… — Engole em seco e quando pisca, uma lágrima escorre em sua bochecha.

— *Q-que* mentira? — Minha voz é apenas um fio, tão baixa que não sei se ele me escuta. — De que mentira ele está falando, Dom? — repito com mais força, desesperada por uma resposta.

Fale que é uma brincadeira.

Diga que é um mal-entendido.

Se explique.

Faça alguma coisa e pare de me olhar como se assistisse seu mundo desabar sem poder fazer nada.

Reaja, Dominic.

Fale a verdade.

Diga que tudo não passa de uma brincadeira sem graça e que a dor que estou sentindo não tem necessidade.

Fale que você não me trairia dessa maneira, conte que jamais quebraria meu coração ou me usaria.

Sorria para mim e estenda sua mão em minha direção, me tirando das sombras como você fez tantas vezes.

Por favor, Dom.

Por favor, não seja aquele a me jogar na escuridão. Por favor, diga que tudo foi real. Por favor, não me machuque como todos os outros já machucaram.

Não consigo desviar. Não consigo me afastar. Não consigo respirar.

Dom parece paralisado e sei que ele consegue ler tudo o que se passa em minha mente. Assim como a culpa em seu semblante não me passa despercebida.

E dói.

Merda, isso dói mesmo.

Não sabia que um maldito sentimento poderia causar tanta dor.

— Eu… — ele gagueja e não consigo parar de encará-lo.

Pisco. Pisco. Pisco.

Por favor.

— Eu achei que você fosse mais corajoso, fale para ela que você se aproximou, que você a perseguiu e que fez tudo isso para conseguir a identidade dos seus pais. Fale que você é um fodido ganancioso que só pensou em si mesmo esse tempo inteiro — Caleb rosna e a falta de reação de Dominic me destrói.

Fale algo.

Se defenda.

Diga que é uma mentira, fale que você jamais faria isso.

Dominic, por favor.

Por favor.

Diga que você jamais me trairia dessa maneira. Fale que não fiquei tão vulnerável em vão. Fale que confiar em você não foi um erro.

Me deixe correr até seus braços e me proteja como meu porto seguro. Por favor, Dom. Eu nunca tive um porto seguro até o dia que você chegou, mas se eu perdê-lo agora, para onde eu recorro?

Por favor, fale que isso é só um jogo e me tire daqui.

Um soluço escapa pelos meus lábios e sou incapaz de contê-lo.

Ele veio até aqui para isso? Para conseguir a verdade sobre seus pais? Já acabou todo o seu serviço sujo comigo?

Suponho que sim, ele conseguiu que eu confiasse nele tão plenamente que agora me põe de joelhos. Então, certamente cumpriu seu propósito, certo?

Merda, Dom.

Por que você fez isso? Eu poderia tê-lo ajudado.

Eu me esforçaria por você.

Merda. Merda. Merda.

Lágrimas escorrem livremente por minha bochecha e não tento escondê-las. Se o seu trabalho era me machucar, faço questão que ele veja que conseguiu cumprir com êxito.

Veja que você me destruiu. Veja que foi o único que deixei se aproximar e o quão arrependida estou por isso. Veja quão tênue é a linha entre o amor e o ódio, porque da mesma forma que consegui amá-lo, agora eu o odeio.

Eu o odeio por ter me feito acreditar em uma mentira.

Eu o odeio por ter ido tão longe.

Eu o odeio por ter traído minha confiança.

Eu o odeio por ter se aproximado de mim.

Eu o odeio por me fazer baixar minha guarda.

Eu o odeio por ter me feito ansiar por um futuro.

Eu o odeio por ter deixado eu me apaixonar.

Esse é o mal de confiar nas pessoas, quando a confiança é quebrada, nada mais em você volta a ficar inteiro.

— Princesinha…

— Você conseguiu a informação que queria? — Meu tom é distante, ácido. Embora lágrimas rolem em minha bochecha.

— Eu não fiz na…

— Eu não perguntei o que você fez ou deixou de fazer. Eu só quero saber se você conseguiu sua maldita informação — rosno.

— Não.

Rio, o gosto salgado das lágrimas invade minha boca. Mas o sabor amargo da traição é o que domina meu paladar.

— Que pena, eu torcia para que tivesse conseguido. Assim essa dor de agora não teria sido tão em vão.

— Eu não queria mais d…

— Qual era o acordo? — corto-o pela segunda vez, secando meu rosto com o dorso da mão.

Ele também chora livremente, mas não tenta se aproximar.

— O quê?

— Me fale qual foi o fodido acordo que você aceitou, Dominic — grito. — Você me deve isso, seja sincero ao menos agora. Ou você não consegue?

Ele estende sua mão em minha direção como fez tantas outras vezes, mas ao invés de caminhar até ele e aceitar o toque, entrelaçando nossos dedos, eu cerro meus punhos. Isso parece atingi-lo.

Dominic olha para sua mão estendida, como se não conseguisse me fitar. Aposto que ele também lembra de todas as vezes que minha reação foi diferente.

Mas a diferença é que para ele era tudo um jogo.

— A ideia era não parar até você ser minha, então eu poderia destruí-la e você voltaria para Northview como um cachorro chutado e arrependido. E assim aceitaria tudo o que Caleb queria.

Prendo a respiração, olhando para cima na falha tentativa de impedir as lágrimas de caírem. Meu coração bate tão forte que sinto como se eu fosse infartar e sei que só estou de pé pela adrenalina que corre em minhas veias, mas a dor que me invade poderia me partir ao meio.

Algumas atitudes suas fazem sentido depois disso.

Suas palavras também.

Merda, Dom.

Pare de me olhar dessa forma.

Diga que é uma mentira, porque quero desesperadamente me agarrar a isso. Quero desesperadamente que pare de doer.

Segure minha mão e me leve para longe daqui, por favor.

— Você sabia o que Caleb queria de mim? — sussurro.

— Não, eu só descobri hoje.

Por isso ele estava chorando mais cedo.

Ele não se mexe.

Porra, Dom.

Você só vai ficar aí me vendo chorar? Você não vai mesmo me contar lindas mentiras e me levar para longe? Eu prometo que acreditarei.

Por favor, eu quero muito me agarrar a qualquer resquício de nós dois que acabe com essa maldita dor.

Por favor, minta para mim mais uma vez.

Meu olhar lhe implora para fazer algo, mas ele se mantém firme como um fodido masoquista que gosta da dor.

Ou talvez, suas lágrimas também sejam falsas assim como tudo o que construímos.

— Você brincou com meu psicológico sem sequer saber o motivo? — Rio e esse é provavelmente o tom mais seco que já escutei. O mais sem vida também. — Você disse que eu podia confiar nas suas palavras. Eu fiz de tudo para me afastar, insisti que era só um jogo e tentei me agarrar a isso. Mas você sempre estava lá, independentemente de onde eu olhasse, você estava lá. Você me fez ansiar pela sua presença e me fez acreditar que tudo era real. Você me pediu para baixar a guarda quando eu nunca tinha conseguido fazer isso antes e eu confiei em você. Eu confiei tão cegamente em você, Dom. Eu confiei tanto e você sequer pretendia me falar a verdade.

— Cindy…

— Eu escolhi confiar em você e não quis confiar em mim mesma. Eu não quis ouvir minha mente, ignorei todos os alertas e escutei meu coração idiota que insistiu em bater no ritmo do seu nome. Eu me apaixonei de verdade por você… — confesso em voz alta e Dominic cai, literalmente, de joelhos.

Ele não parece ter forças, seu rosto está molhado com as lágrimas derramadas.

Minta para mim.

Eu amarei suas mentiras, desde que você pare com a dor agora mesmo.

Merda. Merda. Merda.

Qual a porra do meu problema? Por que vê-lo ajoelhado e chorando me faz querer correr até ele para consolá-lo? Por que isso dói tanto?

— Eu também me apaixonei, princesinha. Eu me perdi no meu próprio jogo, porra. — Ele coça sua nuca com violência e soluço, me odiando pela preocupação me atinge. *A pele cortou? Está doendo? Por que me importo?* — Por favor…

Pare de fazer isso.

Pare de me lembrar que amo tanto você.

Pare de me lembrar que me apaixonei até pelas suas fodidas manias.

Balanço a cabeça em uma negativa. Tudo à minha volta começa a girar e sei que já estou levando meu corpo a um limite que não devo.

— Se tudo isso era falso, se foi um jogo desde o começo, a única coisa que eu amei até agora foi uma mentira. — Meu tom é vazio. Tão vazio quanto eu mesma me sinto.

Por favor, arranque essa maldita dor de mim.

— Para mim foi real.

— Qual parte? — debocho. — Aquela onde você transou comigo e fodeu com a minha cabeça ou aquela onde lhe entreguei meu coração?

— Caralho, Cindy. Toda essa merda foi real, absolutamente cada palavra e ação.

— Parabéns, Dom. Você venceu, é mesmo um ótimo mentiroso. — Engulo em seco, as malditas lágrimas não param de escorrer. — Espero que você descubra a identidade dos seus pais e que tamanho esforço não tenha sido em vão.

Viro, sem conseguir continuar encarando-o. Contudo, meu movimento é muito brusco e acabo torcendo o pé, me desequilibrando totalmente e caindo no rio abaixo de nós.



Você só vai ficar aí parado me assistindo queimar?
Mas tudo bem, porque gosto do jeito que dói
Você só vai ficar aí parado me ouvindo chorar?
Mas tudo bem, porque eu amo o jeito que você mente
Love The Way You Lie _ Eminem (feat. Rihanna)

Dominic Edwards

Ver Cindy chorando é angustiante, mas saber que eu sou o responsável pelas lágrimas que escorrem nas bochechas pálidas é o sentimento mais destrutivo do mundo. Me deixa completamente sem rumo e sem força.

Eu a machuquei.

Eu traí sua confiança.

Eu fui longe demais.

Porra.

Sou bombardeado por inúmeros pensamentos, mas por que caralhos não consigo falar nenhum deles?

Eu quero gritar implorando para que ela me escute, quero rastejar na sua frente clamando pelo seu perdão, quero ser castigado por tê-la ferido, quero que a dor em meu corpo seja triplicada por ter ido longe demais, quero ser punido por não ter lhe contado a verdade.

Quero incontáveis coisas, mas não consigo fazer nada porque saber que fui responsável pelo seu estado atual me deixa paralisado.

Sinto muito, Cindy.

Por favor, me perdoe.

Ela fala que sou um ótimo mentiroso e meus punhos tremem. Não foi uma mentira, nada foi uma mentira.

No começo, me aproximei porque precisava lhe expulsar de Evergreen, mas depois? Maldição, eu esquecia todos os meus propósitos quando estava ao lado dela. Minha mente não parava em momento algum e a dualidade dos pensamentos entre o que eu devia e o que eu queria fazer quase me enlouqueceu.

Então, não, isso não foi a porra de uma mentira.

Nem mesmo um grama do sentimento que tenho por Cindy é falso, mas não consigo falar isso para ela.

Caralho.

Cindy engole em seco, seus olhos estão vermelhos e a forma que ela se sente nunca esteve tão transparente. Não me aproximo porque não consigo, não me aproximo porque tenho medo de que ela se machuque, não me aproximo porque seu maldito coração – que tentei proteger, mas acabei quebrando – está acelerando.

— Espero que você descubra a identidade dos seus pais e que tamanho esforço não tenha sido em vão — murmura.

Eu não quero saber a identidade de ninguém.

Maldição, ela é a única coisa que quero nesse mundo. É a única pessoa que eu desejo proteger, mas o irônico é que ela foi a única que verdadeiramente já destruí.

Porra. Porra.

Ela se vira para se afastar e levanto para ir atrás dela porque não suporto a ideia de deixá-la partir, contudo, antes que eu a alcance, Cindy se desequilibra e cai.

Meu corpo demora uma fração de segundo para registrar o que acontece. Segundo esse onde conheço a sensação de ir ao inferno. Segundo esse onde entendo o motivo pelo qual as pessoas se tornam assassinas e mudam da água para o vinho após perder alguém. Segundo esse onde percebo que se eu perder Cindy, nunca mais serei o mesmo.

Caleb grita o nome dela e esse deve ser o único sinal de compaixão que já o vi demonstrar, entretanto, não me importo e não perco meu tempo encarando-o.

Não penso em absolutamente nada e o ato de pular atrás dela é automático, puramente instintivo.

Sei que esse rio não é perigoso, sei que não é tão fundo. Porém, se Cindy desmaiar, uma queda dessa pode se tornar fatal. Por isso que meu corpo vai atrás dela de modo desesperado.

A água fria corta minha pele e tremo por completo, nadando à sua procura. A noite escura, iluminada apenas pela lua, não facilita as coisas e mesmo com os olhos abertos, encontrá-la é uma tarefa difícil.

Onde você está, Cindy?

Me machuque, me torture e grite comigo, mas não me abandone.

Onde você está, princesinha?

A escuridão parece perpétua e o frio congelante. Subo para pegar um pouco de ar e volto a procurá-la.

Por favor, Cindy.

Por favor.

Minha mente zomba de mim e diversos *flashes* me atingem. Ela sentada na grama, sequer se levantando para falar comigo. Seus olhos se revirando. Suas palavras ácidas. Ela passando mal na esgrima e depois me provocando em frente ao vestiário. Ela forçando sorrisos por causa da sua família de merda. O nosso acordo selado no banheiro. Ela desmaiando em meus braços pela primeira vez. O beijo no estábulo. A perseguição na floresta. Nossas brigas e provocações. Ela sorrindo pela primeira vez. Meu coração vacilando. A dúvida sobre o que fazer. Quando fui atrás dela na festa dos Corvos. Nós dois na piscina. Ela mudando o nome do Pesadelo. Ela desmaiando na faculdade. A festa à fantasia. O trote no chalé com nós dois escondidos. As perguntas e descobertas. Os segredos compartilhados. Ela chorando em meus braços. Nossa ida a Brighton. Ela confiando em mim.

Tantas memórias. Tantos momentos. Tantos cenários.

E tudo isso para quê? Para eu destruir tudo.

Por favor, Cindy.

Por favor.

Puxo um pouco mais de ar e mergulho outra vez. Não sei quanto tempo faz desde que pulei, talvez um minuto, *mas esse mísero tempo parece infinito.*

Cada segundo em que eu não a tenho em meus braços parece eterno.

Onde você está, princesinha?

Por favor, não tenha desmaiado.

Por favor, diga que já está fora do rio e que está rindo de mim enquanto me deixa congelar na água fria como punição.

Impulsiono meu corpo para mais perto da margem e no meio de toda a imensa escuridão, onde não vejo nada além de água, encontro-a e só tenho tempo de ver o seu semblante aliviado, antes dos seus olhos se fecharem.

Quase como se ela tivesse esperado por mim. Como se não tivesse permitido que a adrenalina correndo em seu corpo diminuísse até o instante que me viu.

A sensação de calmaria que me atinge somente por vê-la é indescritível.

Nado até ela e seguro sua cintura, puxando seu braço enquanto nado com a força do outro.

Não estamos longe da margem e a correnteza aqui é quase nula, então não tenho dificuldade em puxá-la para fora. Seu corpo leve está desacordado e quando a coloco apoiada sobre a terra, levo meus dedos até seu pescoço para checar sua pulsação.

É fraca, mas existente.

— Princesinha, vamos lá. — Levo minha boca até a sua e sopro o ar dos meus pulmões para dentro dos seus. *Ela pode ficar com tudo, não me importo de lhe dar todo meu oxigênio.*

Minhas mãos vão até sua caixa torácica e empurro, fazendo da forma que aprendi anos atrás em uma aula de primeiros socorros.

Jamais achei que um dia eu fosse usar isso.

Jamais pensei que meus dedos ficariam tão trêmulos se eu me encontrasse numa situação assim.

Merda. Merda.

Vamos lá, Cindy.

Os lábios pálidos começam a ficar arroxeados e me desespero. Os cabelos molhados estão grudados em seu rosto, a areia cola no corpo desacordado.

Afasto os fios, repetindo o processo da respiração boca a boca, porém, não consigo dizer se ela desmaiou pelo POTS, pela Vasovagal ou se engoliu água e se afogou.

Logo, fico perdido diante do que fazer.

Porra, eu realmente não sei o que fazer.

Espero que ela acorde? Levanto suas pernas para o sangue subir mais rápido? Procuro água e sal? Insisto no que já estou fazendo?

Não sei.

Cindy, eu não sei o que fazer.

Abra os olhos furiosos e diga que me odeia. Me encare com seu semblante decepcionado. Seja rude com suas palavras ácidas.

Eu não funciono sem você.

Meu corpo não presta, minha mente é inútil e eu perco completamente o meu rumo. Então, por favor, abra seus olhos e seja a minha fodida direção.

Apenas abra os olhos, Cindy.

Meu corpo inteiro treme, mas o seu faz isso de uma forma que é assustadora. *Verdadeiramente preocupante.*

Por favor, princesinha.

Aproximo minha boca da sua, optando por insistir nisso. Mas assim que ouço o barulho das sirenes da ambulância se aproximando, toda a tensão e o medo que tentei reprimir se apossam do meu corpo e as lágrimas que me esforcei a conter, rolam livremente em minha bochecha.

Você ficará bem, Cindy.

Mesmo que nunca mais haja um “nós”, mesmo que você nunca me perdoe, mesmo que me abandone, mesmo que para nós seja impossível um final feliz e que você nunca mais confie em nenhuma palavra minha, você ficará bem.

Mesmo que eu esteja destruído, você ficará bem.

E não consigo esconder a felicidade, porque no final de tudo, essa é a única coisa que verdadeiramente me importa.



Eu sei que é tudo culpa minha
Fiz você baixar a guarda
Eu sei que fiz você se apaixonar
Eu menti para você, eu menti para você, eu menti para você
After Hours _ The Weeknd

Dominic Edwards

Passado

Eu não deveria estar aqui, não tenho nenhum motivo específico para aceitar vê-lo depois de um simples convite. Afinal, os Corvos e os Anjos são rivais.

Então, por que, mesmo sabendo disso, aceitei encontrar com Caleb Wright?

Da última vez que me encontrei com o líder deles, soquei sua cara nojenta diversas vezes e o fiz ser expulso do polo. Não que eu fosse o errado da história, ele quem estava abusando de uma garota sem sequer tentar esconder o quão sujo é. Tudo o que fiz foi agir por instinto, embora essa certamente não seja a história que ele deva contar.

Sei que Caleb aproveitará para me colocar como vilão. As provas indicam que eu comecei a briga e que eles que saíram perdendo, enquanto eu continuo intacto no clube. Faz sentido acreditarem que ele foi injustiçado, mas como estou pouco me fodendo para o que pensam de mim, não me dou ao trabalho de contar a verdade para ninguém.

É entediante somente a ideia de pensar em me explicar.

Entro no bar que combinamos e me encaminho para a última mesa. *Se ele quer tanto falar algo comigo, que venha até mim.* Porém, o

desgraçado parece ter o mesmo tipo de pensamento, porque já está sentado no lugar aonde eu iria.

Bufo com tédio, encarando-o.

Ele está completamente sozinho, o que é um verdadeiro milagre. É raro vê-lo sem a companhia de Jackson, seu conselheiro. Mas hoje, por algum motivo, é apenas entre nós dois. E acho que a curiosidade em saber o que ele poderia querer comigo foi justamente o que me trouxe até aqui.

Esse é o mal de ser curioso e determinado.

Fito o envelope amadeirado sobre a mesa de vidro e o copo de bebida com gelo ao lado dele. Seu olhar encontra o meu e ele dá um sorriso patético.

— Você realmente veio. — Parece surpreso e meneia a cabeça em direção à cadeira na sua frente.

Filho da puta.

Ele acha mesmo que está no comando?

— O que você quer? — rosno.

— Não vai sentar?

— Não sei se estou com vontade. — Meu tom é sarcástico. — Me convença de que vale a pena.

— Soube que você está atrás dos seus pais. Sabe, os verdadeiros — sussurra como se compartilhasse um segredo sujo e engulo em seco.

— De que porra você está falando? — Travo meu maxilar, me obrigando a ficar parado no mesmo lugar.

Nunca fui conhecido pelo meu controle.

Então, não socar sua cara, como anseio desesperadamente por fazê-lo, deveria me tornar merecedor de um prêmio.

— Qual é, Edwards? Você ainda não percebeu que eu jogo sujo? Descobrir uma ou outra coisa sobre você não foi tão difícil, uma vez que eu não vejo limites na hora de conseguir aquilo que quero.

Cerro meus punhos.

Talvez eu já tivesse descoberto a identidade dos meus pais se eu fosse como ele. Se eu não estivesse disposto a descobrir do jeito certo, sem foder com nenhuma lei ou machucar ninguém.

Contratei o melhor detetive, mas que ainda assim faz as coisas da forma certa. Mas Caleb não é assim, ele é um Corvo, tão asqueroso quanto o animal.

Ele procura a sujeira da mesma forma que a ave se alimenta de carniça e lixo. Ele é desprezível e só de olhar para seu rosto tenho vontade de socá-lo.

É irritante

— Não sabia que eu despertava tanto o seu interesse a ponto de você andar pesquisando sobre mim. Isso é sobre inveja, obsessão ou… — Estalo a língua. — Espero que você não esteja apaixonado por mim, seria um grande incômodo.

Ele ri em um tom seco, mas quando segura a bebida para levar até seus lábios, vejo sua mão tremer.

Caleb também não é bom em esconder o que sente, muito menos em ter autocontrole.

— Sempre me disseram para manter meus inimigos por perto. Você é explosivo e insano o bastante para se tornar uma ameaça, então procurei algo que eu pudesse usar ao meu favor.

Bufo.

— Você realmente se esforçou, *huh*? Estou admirado. — Assobio, cruzando os braços. — Por quanto tempo você procurou?

— Isso interessa?

— Fiquei curioso. — Dou de ombros e sei que cada pequena atitude minha o irrita, faço de propósito.

— Vai se foder, Edwards. Esse não é o foco.

Reviro os olhos.

— Ainda não entendi o foco. Como você pretende usar a identidade dos meus pais contra mim? É patético.

Ele batuca os dedos na mesa.

— Esse é o ponto. Não quero usar contra você, quero fazer uma troca.

Sua fala chama minha atenção e por isso fico calado.

— Sei o quão frustrante deve ser procurar por algo e não conseguir. Eu mesmo levei quase um ano para descobrir e olha que fui mais sujo do que você imagina. Então, me questiono por quanto tempo você vai ficar esperando… — Seu tom é pretensioso.

— Acho que não tenho tanta pressa — falo, somente para que ele não perceba o quão interessado estou.

Afinal, quanto mais ele notar o meu anseio por essa informação, maior será o preço para consegui-la.

— Mas você sequer teria que se esforçar tanto. Na verdade, diria que você ganha bem mais do que eu.

— Vá em frente, fale logo o que você quer — suspiro, encarando meus braços com tédio.

— Uma aluna nova será transferida essa semana para Evergreen. Ela foi expulsa dos Corvos, mas fazia parte de nossa sociedade. Faça com que ela volte.

Franzo o cenho.

— O quê?

— Ela foi expulsa porque não é obediente. Ela age por conta própria e talvez seja uma pedra no sapato de vocês, se insistir que quer destruir os Anjos. Archie e você não deixariam alguém assim em Evergreen, certo?

— Não se meta nas coisas que Archie e eu fazemos.

Ele faz um gesto de indiferença.

— De fato, não estou interessado nisso. Mas preciso que ela volte arrependida. Preciso que ela perceba o quão cruel os Anjos também podem

ser. Você consegue mostrar o seu pior lado para assustá-la, não consegue?

— Não sei se estou estimulado o suficiente.

— Não finja indiferença, ela será divertida de brincar. Mexa com o seu psicológico, foda com sua mente e corpo. Use-a e faça o que quiser. Conquiste e quebre seu coração. Se aproxime e a deixe chorando de medo. Faça o que for preciso para fazê-la desistir de ficar em Evergreen.

Brincar com um membro dos Corvos pode ser interessante.

Até porque todos eles são sujos. Ninguém naquela maldita sociedade vê limites e acobertam todas as merdas de Caleb. Não me surpreenderia se eles decidissem matar alguém só pelo prazer.

Tenho nojo de toda a imundice deles.

— Por que ela foi expulsa?

— Eu já disse que ela é desobediente.

— E você quer me transformar em um vilão para que ela acredite que a sociedade dos Corvos é o verdadeiro conto de fadas? — debocho.

— Sim.

— E se eu fizer isso, se eu destruí-la para que você possa moldá-la, consigo a informação que quero?

— Isso.

— Qual a garantia? Você poderia estar blefando.

Caleb estende o papel em minha direção e quando puxo a folha, encontro um teste de DNA. O meu nome brilha no papel, mas o da outra pessoa está censurado de uma forma que é impossível de ler. Embora o resultado do teste seja positivo.

Como ele conseguiu fazer um teste?

Merda.

— Quem garante que isso é verdadeiro? — Mantenho o semblante inexpressivo. — Você pode ter falsificado.

— Ninguém garante, mas ligue para o laboratório, se quiser. — Caleb ri. — Eu não seria burro a ponto de tentar fazer um acordo com Dominic Edwards usando algo falso. Posso ser filho da puta, mas possuo inteligência.

— Será mesmo? Tenho minhas dúvidas — debocho.

— Vai se foder, Dominic. Se não quiser, continue com sua busca lenta e eterna enquanto permite que uma dos nossos vagueie livremente pela sua faculdade.

Mordo o interior da minha boca.

— Quem é a garota?

Ele sorri, percebendo meu interesse.

— Cindy Wright.

— Essa não é a sua irmã? — Uno as sobrancelhas em confusão. — Você não consegue nem mesmo controlá-la?

— Cindy é complicada, mais do que você imagina. — Seu tom é irritado e me pergunto o que diabos a garota deve ter feito para Caleb me propor esse tipo de acordo. — Mas ela é meu sangue.

— Você não parecia preocupado quando me mandou torturá-la.

— E não estou preocupado, estou dizendo que ela é meu sangue. Você vai mesmo deixar uma Wright no seu território? — Ele tem um sorriso zombeteiro e bate seus dedos contra a mesa, me provocando.

Archie certamente me deixará responsável por ela de qualquer modo. Não podemos permitir uma inimiga tão perto de nós sem nenhuma supervisão.

Então, por que não aceitar o acordo com Caleb? Ouvi algumas coisas interessantes sobre a garota, ela pode ser um bom passatempo.

Uma animação repentina me atinge. A ideia de brincar com a irmãzinha de Caleb me parece divertida. Brincar com seu psicológico da mesma forma que eu gostaria de fazer com ele parece fascinante.

Eu devo machucá-la, assim como eu o machucaria. Eles são iguais, no final do dia. Ela também era um Corvo, sujo e asqueroso. Assim como os outros, fica calada mediante tudo.

Na verdade, ela deve ser ainda pior do que os outros. Alguém conhecida como a princesinha deles certamente é tão doente quanto o irmão ou talvez até mais, uma vez que foi expulsa.

Sorrio.

Acho que realmente será interessante.

— Está bem, farei isso — garanto. — Brincarei com Cindy Wright. Me aproximarei dela, mexerei com seu psicológico, farei dela uma marionete e a quebrarei para você a construir como quiser. Mas em troca, no exato instante em que ela estiver chorando na sua frente e implorando para voltar, você me mandará aquilo que quero.

— É justo, porém, não fique tão convencido. Ela não será tão fácil.

— É isso o que veremos — zombo, sorrindo. — Faremos disso algo sério, mandarei um contrato para você assinar. Não haverá termos ocultos, eu ganho a identidade dos meus pais no momento que ela implorar para voltar.

— Estarei esperando. — Ele acena.

Me estico na mesa e largo o envelope de volta, me virando para sair sem dizer nenhuma outra palavra.

Cansei da sua cara irritante, mas estou ansioso para encarar a face da irmã dele.

Me aguarde, Cindy Wright. Irei atrás de você.

38



E tudo que eu te dei se foi
Desabou como se fosse pedra
Achei que tínhamos construído uma dinastia que o céu não poderia abalar
Achei que tínhamos construído uma dinastia, diferente de tudo que já foi feito
Dynasty _ MIIA

Cindy Wright

— Então você acordou. — Uma mulher sorri em minha direção e pisco algumas vezes, tentando identificar onde estou.

A claridade do cômodo branco incomoda minha vista e tento me mexer, mas meu braço dói e encaro meu membro com estranheza, vendo o acesso preso na minha veia.

Uno as sobrancelhas e minha cabeça dói.

— É só um pouco de soro. Você tem POTS, certo? Precisa se manter hidratada e parecia um pouco cansada. Então depois que estabilizamos sua temperatura, a médica receitou um tranquilizante para que você pudesse descansar e a colocamos no soro — explica lentamente.

Sua expressão é tranquila e ela aparenta ser simpática.

Pisco algumas vezes e me sinto como se estivesse anestesiada. Meu corpo e minha mente parecem estar em um estado letárgico.

Estou em um hospital, isso é claro.

Essa mulher é uma enfermeira, isso também é bem nítido.

Mas o que estou fazendo aqui?

— Você está sentindo dor em algum lugar? Sua queda não parece ter sido feia.

Queda.

Eu caí da ponte.

Eu caí depois de descobrir a verdade sobre Dominic.

— Está tudo bem? — a mulher pergunta, preocupada, quando uma lágrima escorre em minha bochecha.

Não, não está nada bem.

Eu estou com dor, mas não acho que você seja capaz de curá-la.

Eu estou com dor e imploro para que você me deixe anestesiada.

Por favor, só tire esse sentimento amargo de mim. É angustiante e me deixa com falta de ar. É desesperador e parece prestes a me devorar.

A porta é aberta no exato momento que cogito pedir por mais um calmante. Afinal, se eu estiver apagada, não sentirei nada.

E eu gosto da ideia de não sentir nada.

— Estamos com um imprevisto, a doutora Harper pediu para chamá-la — um homem com aproximadamente vinte e cinco anos avisa perto da porta. Ele usa o mesmo uniforme que ela e por isso suponho que também seja um enfermeiro.

Não lhes dou atenção, sem interesse algum na conversa dos dois.

Dominic mentiu e eu caí.

Mas como saí da água?

Me forço a lembrar, minha cabeça lateja e esfrego minhas têmporas com força. Droga, o que aconteceu?

— A doutora logo virá checar seus sinais vitais, você provavelmente ficará em observação e só terá alta amanhã. Aproveite para descansar.

Pisco, acenando. Porém, assim que faço isso, um *flash* de Dominic dentro da água me atinge.

Ele pulou atrás de mim?

A mulher sorri e meneia a cabeça ao se virar.

— Espera — murmuro e ela me encara por cima dos ombros.

— Pois não?

— Como vim parar no hospital? Acho que desmaiei e não lembro.

— Ah, sim. Ouvi falar que tinha alguém com você, ele também recebeu cuidados porque sua temperatura corporal estava muito baixa. Mas não quis nenhum quarto e nenhuma medicação, então já foi liberado.

O enfermeiro, ainda perto da porta, franze o cenho.

— Ele está aqui.

— *O-o* quê? — gaguejo.

— Ele pediu para vê-la antes, mas você estava dormindo e não podíamos liberar a presença de ninguém além da família. Ele ficou as últimas horas sentado na frente da sua porta, só saindo quando algum segurança o expulsa. Mas depois de ser levado três vezes e voltar em todas elas, apenas desistimos de tentar tirá-lo.

— Mas não havia ninguém na porta quando entrei. — A enfermeira parece confusa.

— Ele está no corredor. Quando alguém entra, ele se afasta e espera por notícias. Como se temesse que ninguém fosse atualizá-lo se ele estiver na porta.

Não faça isso, Dominic.

Não me faça ficar mal.

Não me deixe preocupada.

Por que você não pode simplesmente me deixar agora que já conseguiu o que quer?

— Ele… — Engulo em seco, mordendo o canto da minha boca para não chorar. — *E-ele* está bem?

Os dois se entreolham e sinto a curiosidade de ambos pairar no ar. A dúvida sobre o que somos é nítida.

Por que você se importa, Cindy? Por que você quer saber se ele está bem? Por que você não pede para ligar para os seus seguranças e manda-os ficarem parados em sua porta, proibindo que ele se aproxime?

Por quê? Por quê? Por quê?

Que droga, Dominic.

— Na verdade, ele estava chorando. Quando chegou parecia estar em choque e não esboçou nada. Ao menos foi o que os socorristas disseram, mas depois começou a chorar e não parou.

Se tudo foi falso, por que você está chorando?

Pare de me confundir. Como você ousa brincar com minha mente, mesmo estando longe de mim?

Quão longe ele ainda iria? Quão destruída eu deveria ficar para ser o suficiente?

— Por que você está chorando? O acesso está doendo? — A enfermeira é solícita e se aproxima com visível preocupação.

Rio, sentindo as lágrimas rolarem em minha bochecha.

— Eu pareço patética, *huh*?

— Não. Você só parece estar machucada e não tenho certeza se posso deixá-la sozinha nesse estado — murmura, trocando um olhar rápido com o enfermeiro.

Levo a mão livre até meu rosto e o seco, puxando o ar para os meus pulmões.

— Mas estou fisicamente bem, não tem nada que você possa fazer por mim — garanto, sem querer ser um peso.

Ela meneia a cabeça.

— Certeza? Não tem nada mesmo? Talvez você se sinta melhor se voltar a dormir.

Não quero dormir, não sozinha.

Quero seus braços ao meu redor, garantindo que isso foi um pesadelo. Quero suas palavras doces no meu ouvido, mesmo todas sendo mentiras. Quero que seu sorriso me tranquilize, embora ele seja falso.

Droga, Dominic. Quando me apeguei tanto a você? Quando deixei que se aproximasse dessa maneira? Em que momento você se tornou tão importante e sua presença tão essencial?

— Você pode apagar minha memória? — pergunto em deboche, meu tom é baixo e ela me encara com estranheza.

— Receio que não.

— É, então não tem nada que você possa fazer. — Dou um meio sorriso. — Ficarei bem — afirmo com convicção.

Ela fita o enfermeiro e sabe que precisa ir, mas parece querer ficar. E talvez o homem sinta pena de mim, ou quem sabe só esteja desesperado para sair daqui o mais rápido possível, não sei. Mas independentemente do motivo, ele dá um passo à frente e pergunta:

— Posso lhe dar um conselho?

— Vá em frente. — Fecho os olhos, querendo ignorar meu estado patético nesse momento.

— Todas as pessoas cometem erros. Algumas fazem isso de propósito, por maldade e ambição. Esses normalmente nunca se arrependem do que foi feito. No entanto, há aqueles que erram sem ter consciência do estrago que isso irá causar. Geralmente a culpa e o arrependimento os corroem. — Ele fala como se já tivesse passado por isso. — E, bom, se você souber diferenciar esse tipo de pessoa, saberá que algumas valem a pena serem perdoadas.

— Como eu consigo diferenciá-las?

— Os seres humanos são complicados. Nós normalmente sentimos vergonha de ficarmos vulneráveis em público porque isso mostra quão fraco somos. Mas ele chora por você igual uma criança perdida. Ele está sentado no chão de um hospital, sem se importar com todo o julgamento que os outros dão, ignorando a vergonha em ficar tão exposto. Ele não se importa com ninguém e não liga de demonstrar fraqueza por sua causa. Não sei o

que aconteceu, mas acho que esse é um bom indicativo do tipo de pessoa que ele é.

Aceno, desviando o olhar para o teto. Uma maldita lágrima solitária insiste em me desobedecer e escorre em minha bochecha. Dessa vez, não tento limpá-la.

— Tente descansar, assim receberá alta mais rápido — a enfermeira volta a falar e mesmo sem estar encarando-a, consigo ouvir o sorriso em seu tom.

Não me mexo, meu olhar permanece fixo no teto.

— Vamos lá — murmura, provavelmente com o homem, e ouço a porta ser aberta enquanto seus passos se afastam.

Observo-a se distanciar e, no instante que alcança o vão da porta, pigarreio.

— Obrigada por isso.

— Espero que a dor amenize. — Ela sorri e vai embora, sem dizer mais nada.

Solto um suspiro quando sou deixada sozinha e encaro o teto, apenas me obrigando a respirar.

“Ele ficou as últimas horas sentado na frente da sua porta.”

Fito a madeira e tento idealizá-lo do outro lado.

No que você está pensando agora, Dom?

Você é o tipo de pessoa que se arrepende ou que não merece perdão?

Eu seria muito idiota em perdoá-lo? Porque eu, de verdade, sinto que sim, mas anseio por isso. Eu só quero esquecer tudo o que foi dito e ter você comigo outra vez.

Levanto da cama de forma inconsciente e sem sequer me dar conta do que estou fazendo, seguro o suporte de soro e saio arrastando-o até a porta. Meus passos são lentos e sinto como se eu estivesse sendo atraída até ele.

O que você está fazendo, Cindy?

Não sei.

Me abaixo lentamente, mas quando percebo que o acesso irá me atrapalhar de sentar no chão, o arranco do meu braço com raiva. *Se ele não precisa disso, eu também não preciso.*

A dor me atinge de forma incômoda, mas ela é ínfima se comparada à dor em meu coração.

Faça a dor ir embora, Dom.

Escoro minhas costas contra a madeira, sangue do acesso interrompido escorre em meu braço e apoio minha cabeça na porta, fazendo barulho de forma proposital.

Me escute.

Saiba que estou aqui por você, mesmo quando tudo em mim diz que é estupidez.

— Cindy? — Seu tom parece angustiado e me arrependo na mesma hora de ter anunciado minha presença.

Não posso ficar tão perto de você sem tocá-lo. É desesperador.

É torturante demais.

— Me confirme que você está aí, me diga que não estou tão louco a ponto de sentir sua presença estando sozinho. Me diga que ainda não enlouqueci a ponto de escutar sua respiração ritmada — ele sussurra e o seu tom me quebra.

Cerro meus punhos, sem conseguir dizer nada.

— Por favor, princesinha. Apenas diga que está aí — pede e não consigo me conter, acabo soluçando com as lágrimas que molham meu rosto.

Droga, Dom.

Droga. Droga.

Bato minha cabeça de leve contra a madeira.

— *E-estou*. — Meu tom é baixo e choroso.

— Você está bem? — Ele parece estar destruído e me sinto desolada.

— *E-estou* — repito, isso sendo a única coisa que consigo dizer.

— Você quer que eu vá embora? — A pergunta possui um medo tão genuíno que nem mesmo a porta nos separando seria capaz de ocultá-lo.

Ele tem medo de que eu o mande embora.

Eu tenho medo de mandá-lo ir e ficar sozinha.

— Não — determino e sinto o seu alívio irradiar para o meu próprio corpo.

Nem tudo está perdido.

Ainda não estamos perdidos, Dom.

Diga que ainda há uma chance, diga que não foi tudo arruinado.

— Está bem — sopra. — Sinto muito, princesinha. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe.

Fecho os olhos e ele segue repetindo as palavras em um *looping*, como se pudesse fazer isso eternamente. A cada vez que murmura o pedido de desculpas, sua voz se torna mais triste e pesada, assim como meu coração.

Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe.

Eu serei burra se fizer isso? Ou estarei sendo burra em abrir mão daquilo que amo por esse motivo?

Eu verdadeiramente não sei, então apenas fico calada, chorando em silêncio junto com ele.



Odeio o jeito que eu te amo, mas você é tão doce
Eu sempre encontro uma maneira de dizer as coisas erradas
Eu gostaria que estivéssemos deitados nos mesmos lençóis
Mas ultimamente você tem agido como se mal me conhecesse
Shut Up My Moms Calling _ Hotel Ugly

Dominic Edwards

Ando de um lado para o outro no corredor vazio. Já está quase amanhecendo e só agora que a doutora voltou para vê-la. Assim que a mulher me viu, não pareceu surpresa, como se já esperasse minha presença.

Me afastei da porta e aproveitei para beber um pouco de água, uma vez que minha garganta estava seca pra caralho. Para ser sincero, tudo em mim parece seco agora depois dos últimos minutos sofrendo em silêncio, escutando enquanto ela fazia o mesmo.

Não consigo nem mesmo chorar, porque toda a água do meu corpo parece ter sido derramada. Me sinto quase aéreo, no entanto, não me importo com quão ruim é esse sentimento, porque tudo o que me importa é ela.

Cindy é a única coisa que importa em todo esse maldito mundo.

Por mim, todos poderiam morrer agora mesmo, desde que ela esteja bem.

A enfermeira que entrou com a médica sai do quarto primeiro. Ela me olha e dá um meio sorriso, como se dissesse que sente muito. A mulher parece nova, talvez uns vinte e seis anos, e aparenta se solidarizar comigo. Talvez porque me viu com falta de ar depois de tanto chorar.

Certeza de que essa foi uma cena ridícula e que causou uma má impressão na frente de todos aqui.

Senti os olhares de pena, mas não me importei. Eu só continuei chorando porque não conseguia parar. Minha mente traiçoeira dizia que ela nunca seria minha outra vez, que não há nada que eu possa fazer, porque Cindy jamais irá me encarar com o sorriso suave e olhos confiantes de novo.

Porra, eu fodi tudo.

Coço minha nuca inquieto e a médica finalmente sai.

— Como ela está? — pergunto na mesma hora.

— Você não é parente dela, certo?

Malditas regras.

— Por favor, só preciso saber se ela está bem — murmuro. — Ela terá alta?

A mulher me encara e suspira pesadamente, seu semblante parece cansado.

— Ela ficará bem — confirma. — Isso é tudo o que posso dizer, com licença. — Acena em minha direção e se afasta sem dizer mais nada.

Suspiro, sendo deixado completamente sozinho no corredor. E a verdade é que só não me expulsaram em definitivo – embora tenham tentado até desistir – porque estou pagando mais do que deveria por esse quarto.

Porque oferecer o melhor, nem que o assunto seja um tratamento hospitalar, é tudo o que posso fazer.

Bato minha cabeça contra a parede e o silêncio ensurdecedor é tudo o que recebo de volta. Fecho meus olhos, gostando da escuridão momentânea.

Eu poderia invadir seu quarto agora mesmo, mas de que adiantaria fazer isso se ela não quer minha presença? Eu só daria motivos para me tirarem daqui.

Droga. Droga. Droga.

O barulho da porta abrindo me assusta e quando a vejo sair, usando uma camisola hospitalar, fico paralisado.

Agora estou alucinando?

Ela dá um meio sorriso que me atinge em cheio e dou um passo para frente, ainda incerto se isso é uma imagem projetada pela minha cabeça fodida ou se é real. Cindy não se afasta.

Meu olhar vasculha seu corpo e aperto os olhos ao ver o curativo em seu antebraço.

— O que aconteceu? — pergunto em um tom baixo, com medo de assustá-la.

— Arranquei o acesso e me machuquei — admite, também escrutinando meu corpo.

Engulo em seco, sem me mover.

— Está doendo?

— Não. — Seu tom é seco e seu semblante frio.

Já estou destruído, princesinha. Não venha pisar em um animal ferido.

Não me olhe dessa forma, porque reparar em seus olhos vermelhos me machuca.

Não me encare porque meu coração acelera de uma forma doentia. Não se aproxime mais, porque minhas mãos doem em tê-la tão perto sem poder tocá-la.

Porra.

Como olhar para outra pessoa pode ser tão angustiante?

Seus olhos vazios me ferem de tal forma que nem mesmo as piores lâminas seriam capazes de fazer esse estrago.

Sinto que não posso respirar, o sentimento é tão ruim que quase me faz ajoelhar na frente dela outra vez.

— Eu… — Ela entreabre os lábios e balanço a cabeça em uma negativa várias vezes.

— Por favor, não faça isso — imploro sem o menor pudor.

— Mas você sequer sabe o que irei falar. — A acidez no timbre e o olhar sem vida me faz perceber que voltamos para a estaca zero.

Minhas pernas falham e meus olhos pinicam, me mostrando que eu estava errado sobre não ter mais água no meu corpo.

Sou um maldito mentiroso.

Me ajoelho na frente dela e as lágrimas escorrem em minha bochecha, seu olhar vacila quando me coloco tão vulnerável.

— Não termine comigo, princesinha — choramingo e jamais supliquei por nada na vida, mas por ela, eu suplico.

Rogo, imploro, rezo e até mesmo faço pactos para que não me abandone.

Faço tudo o que for necessário.

— Mas nunca começamos nada, como poderíamos terminar?

— Merda, Cindy, não fale assim — rosno. — Eu espero por você. Espero até que me perdoe. Espero por semanas, por meses ou até mesmo por anos, se você quiser. Mas não coloque um fim em nós, porque eu jamais tive algo tão precioso. Eu nunca desejei tanto proteger e cuidar de algo.

Ela funga, seu rosto fica úmido mais uma vez.

De novo, nos encontramos nessa posição.

De novo, estou ajoelhado aos pés dela.

De novo, nós dois choramos.

Porém, diferente da ponte, isso parece definitivo. Como se o que fosse dito e decidido aqui estivesse fadado a ser o fim, ou um recomeço.

— Se isso, a nossa relação, é algo tão precioso, por que mentiu? Por que você não queria me contar? — soluça. — Eu teria entendido, Dom. Eu teria me oferecido para ajudá-lo.

O brilho de esperança em seu olhar duela com o do rancor e o da traição.

Ela quer confiar em mim, ela quer insistir em nós, mas não acha que deve. Acredita que a dor não vale a pena.

— Eu estava envergonhado, eu já tinha ido longe demais, estava envolvido e apaixonado demais. Eu não queria que você visse esse meu lado.

Cindy revira os olhos.

— Você é um idiota ou o quê? Droga, Dom! Eu comecei a me apaixonar por você enquanto você me mostrava o seu pior lado. Eu não fugi nem mesmo depois de toda aquela perseguição e palavras cruéis, eu não teria me assustado tão facilmente.

Coço a nuca.

— Eu sei, mas você merecia mais do que isso. Você merecia muito mais do que alguém como eu, só que eu não queria admitir. Eu não queria porque não aceitaria deixá-la ir. Eu não aguentaria suportar a dor em seu olhar. Por isso eu pretendia manter essa merda em segredo. Fui até Caleb para obrigá-lo a manter distância de nós. Afinal, o acordo já não significava mais nada, você era a única coisa que eu queria, que eu quero, e eu não queria contar com medo de que você fosse embora.

— Que irônico ver onde chegamos. — Ela ri, mas o som é sofrido. — Viemos parar no exato cenário que você queria tanto evitar.

De fato, acho que Deus tem um senso de humor estranho.

— Tentar evitá-lo foi o meu erro, eu sei que deveria ter contado. Mas prometo que isso foi a única coisa falsa. Todo sentimento, conversa, toque e até mesmo provocação, foi real. Eu sequer tive chances de ganhar esse acordo, Cindy. Você me deixou fissurado desde o primeiro momento. Eu queria entendê-la, ansiei por saber mais sobre você, fiquei curioso e quanto mais se esquivava, mais eu me aproximava, sempre usando o falso pretexto de que eu precisava fazer aquilo, quando na verdade eu apenas queria estar na sua presença — assumo e respiro fundo ao me levantar.

Cindy me encara, sem ousar nem mesmo piscar. Seu olhar prende o meu por completo, da mesma forma que faz desde que nos conhecemos.

— Eu amei você antes mesmo de entender o que era o sentimento. Eu quis protegê-la, quando nunca desejei fazer o mesmo por ninguém. Eu me diverti ao seu lado, mesmo quando o tédio era o meu maior aliado. Eu quis ser aquele que você procuraria quando estivesse passando mal, sendo que não gosto de cuidar nem mesmo de mim. Eu cobicei por me tornar seu porto seguro, quando nunca tive um. Ansiei por ter sua confiança somente para mim, mesmo não me sentindo merecedor dela. — Dou um passo para mais perto e ela se mantém parada, apenas me observando.

Seguro sua mão e levo até meu peito.

— O que você está fazendo? — sussurra.

— A boca pode mentir, mas o coração não. — Respiro fundo, permitindo que ela sinta o ritmo acelerado com a ponta dos dedos. — Antes eu achava que era só mais um órgão inútil, com o único propósito de me manter vivo. Mas então ele começou a acelerar para você. Quando a vi sorrindo pela primeira vez, achei que fosse infartar. E me desculpe por não ter conseguido entender o que ele estava tentando me dizer antes, eu só nunca estive acostumado a ter um órgão meu se entregando tão voluntariamente a outra pessoa. A ideia é desesperadora. Quero dizer, meu coração dói se eu a vejo chorar e acelera quando você se aproxima, ele só parece funcionar por sua causa e sinto que se você for embora, ele nunca mais será o mesmo.

Seus olhos brilham mais do que um céu estrelado e sua respiração está sincronizada com a minha.

— Por que você não está falando nada?

— Porque eu não sei o que dizer. — Sua mão permanece sobre meu peito, como se ela gostasse de sentir o ritmo. — Eu deveria falar que posso esquecer tudo?

Nego.

— Não, eu não quero que você se esqueça. Na verdade, eu quero que você se lembre de como isso começou, quero que se recorde de como o princípio foi cheio de segundas intenções, mas que fui rapidamente

derrotado. Quero que guarde em sua memória o quanto me apaixonei perdidamente sem conseguir evitar. — Toco em sua bochecha. — Não se esqueça de nada, não se esqueça de como me conquistou. Não se esqueça de que fui um filho da puta e que você é boa demais para mim, só que eu te amo tanto que não posso deixá-la ir. Não se esqueça de que cometi um erro e que tentarei compensá-lo diariamente, nem que isso custe tudo o que tenho e tudo o que sou.

— Não fale idiotices, não quero perdê-lo.

— Por quê? Porque você me ama? — provoco com um meio sorriso.

— Claro que amo você, seu idiota mentiroso. Eu o amo tanto que o perdoaria mesmo se tudo tivesse sido falso. Eu o amo tanto que abriria mão daquilo que mais prezo, abriria mão da confiança em um relacionamento, só para mantê-lo ao meu lado. Eu o amo tanto que fugiria com você somente para deixar tudo para trás. Eu o amo tanto que deixaria minhas crenças de lado. Eu o amo tanto que o sentimento me assusta e me faz querer correr para longe de você, porque uma única palavra sua possui o poder de me destruir. — Seus lábios tremem e ela os umedece. — Droga, Dom. Eu o amo mais do que você é capaz de imaginar.

— Se você me ama dessa maneira, por que ainda está chorando?

Ela ri, fungando.

— Por que *você* ainda está chorando? — devolve na mesma hora.

— Porque eu temi que você me abandonasse.

— E eu temi perdê-lo. — Seus lábios resvalam nos meus e suas íris hipnotizam as minhas.

— Então faremos um novo acordo, Cindy Wright.

Ela pisca, seus olhos avermelhados refletem os meus.

— Que tipo de acordo, Dominic Edwards?

— Prometa nunca me abandonar e eu prometo jamais machucá-la outra vez. Faremos como na noite da floresta, você assume o controle. Jogue comigo, me use, se vingue, me traia bem na minha frente, quebre

meu carro, incendeie meu apartamento, destrua meu coração, me odeie, me ame. Faça tudo o que quiser, mas não me abandone.

— Qual a duração desse novo acordo? — Seus braços vão até meu pescoço e sinto sua mão em meu cabelo, com seu polegar deslizando em minha nuca.

Sorrio.

— Definitivo.

— Isso parece mais sério que um casamento — comenta.

— Porque é — sussurro, segurando sua cintura. — Prometa nunca me deixar, Cindy.

— Está bem, serei sua pelo resto da vida, Dominic, desde que você não me machuque.

— Se esses são os termos, nós seremos eternos. — Rio. — Você acabou de assinar um acordo com o diabo, princesinha.

— Não, eu assinei um acordo com um anjo e mesmo ele sendo sombrio, possessivo, mentiroso, absurdamente bonito, complicado e trapaceiro, ainda é um anjo.

Sua boca ataca a minha, o beijo tem gosto de lágrimas e segredos, e é assim que selamos nosso futuro, com uma promessa de algo mais bonito e duradouro do que um casamento.

É assim que o jogo acaba e eu perco, mas também ganho. Porque posso não ter feito o que combinei com Caleb, princesinha, mas fico satisfeito de não ter parado até você ser minha.

40



Se eu dissesse que poderíamos nos banhar em todas as luzes
Você se levantaria, viria e me encontraria no céu?
Você confiaria em mim enquanto estivesse pulando das alturas?
Você cairia em nome do amor?
In The Name Of Love _ Martin Garrix (feat. Bebe Rexha)

Cindy Wright

— Tem certeza de que não precisa mais de mim por hoje? — Francesca insiste e reviro os olhos.

— Você não disse que tinha uma festa para ir?

— Mas é só de noite, posso ficar a tarde inteirinha com você. — Pisca inocentemente e rio.

— Tire o restante do dia de folga, ficarei com o Dom de qualquer jeito.

— Se você está dizendo… — Ela assente e volto a encarar o celular, lendo a última matéria sobre a empresa Wright.

Desde que saí de casa, há quase um mês, não tenho tido nenhum contato com eles. A última vez que vi Caleb foi na noite da ponte e acho que o último gesto de bondade entre nós foi ele ter ligado para a ambulância. Desde então, não o vi em lugar nenhum.

Quero dizer, eles continuam na mídia. Aparecem em festas e eventos como se nada estivesse acontecendo. E embora a crise da empresa tenha sido exposta, Robert está conseguindo revertê-la. Então, talvez ao menos isso dure por mais alguns anos, contudo, não tenho certeza se sua reputação seguirá intacta, uma vez que estão saindo inúmeras reportagens sobre ele arruinar um legado centenário em tão pouco tempo.

É até vergonhoso de se ler.

Cristine parece bem, ao menos nas fotos. Ela segue ao lado dele e seriamente me questiono se há algo que a fará abandoná-lo. Talvez quando a empresa ruir isso aconteça.

Sigo lendo o que está escrito e bufo ao ver meu nome. Tenho aparecido em algumas manchetes também, a filha que se deserdou. Claro que vários me pintam como a vilã, que abandonou o barco assim que ele começou a vacilar. Ninguém de fora imagina que eu tapei todos os buracos enquanto tentava não cair e me afogar. Mas não ligo para o que pensam.

As pessoas que importam sabem a verdade e, bom, não é como se eu estivesse aparecendo somente nessas matérias. Também fui mencionada em umas outras duas, ou três, como a nova integrante da família Edwards.

Donatella e Peter fizeram questão de me receber, eles são bondosos e simpáticos. Totalmente diferente de Edgar, que foi acusado por assédio sexual e foi destituído do seu cargo.

Ele não foi preso, pessoas poderosas raramente são, mas fico satisfeita por saber que a família de Dom cortou totalmente os laços com ele. Só de saber que não irei vê-lo é reconfortante.

— Já estou de saída — Francesca avisa depois de pegar suas coisas e fecho a página que estou.

— Tudo bem, boa festa. Depois me conte tudo — falo suavemente e ela me lança um sorriso malicioso. — E peça uma carona para Boris, ele também foi dispensado.

No caso, dispensado por hoje, porque eu jamais deixaria nenhum deles. Meus seguranças, Francesca, Boris, a cozinheira, Beatrice, minha terapeuta e meus médicos. Todos estiveram comigo quando eu estava sozinha, é óbvio que preciso deles.

Nas últimas semanas, estava sendo complicado tê-los por perto. Quero dizer, enquanto eu ainda morava na mansão, eles sempre ficavam por lá. Mas no apartamento de Dominic não tinha como todos estarem, por isso, aluguei o meu no andar de baixo.

Quase nunca fico no meu próprio apartamento, mas os meus funcionários ficam e isso é o bastante para mim.

Francesca acena em despedida e sai, me deixando sozinha. O silêncio preenche a sala e bocejo, me aconchegando no sofá enquanto espero por ele.

Não sei quanto tempo se passa, mas aproveito para checar como está o lucro da última ação que investi e depois de perceber que eu estava certa em investir nela, entro no *Instagram* para me distrair.

O barulho da senha sendo digitada no painel me faz encarar a porta e sorrio quando ela é aberta, sentando rapidamente. A tontura me atinge de imediato por ter me sentado tão rápido e apoio minha mão no estofado.

— Já falei para você não levantar tão rápido — Dom resmunga, se aproximando de mim em uma mini corrida.

Ele coloca a mão em minha cabeça e me faz deitar outra vez, beijando minha testa. Sorrio, mesmo tonta e com o coração martelando em meu peito.

Dominic puxa um pote do bolso da sua calça e pega uma pitada de sal, trazendo até minha boca. Entreabro os lábios e aceito o sódio puro sendo posto em minha língua.

É engraçado pensar que quase sempre fiz isso sozinha, então me acostumei. Mas, ter Dominic como rede de apoio, me acompanhando em cada consulta, me estimulando quando não estou me sentindo bem, me fazendo rir quando choro pelo tratamento não ter efeito, me ajudando quando desmaio ou vomito, me lembrando de tomar os remédios, assistindo filme comigo quando não quero sair e seguindo minha rotina, é mais do que eu um dia desejei.

Ter Dominic comigo, me amando, é mais do achei que merecia.

Ele se afasta e volta com minha garrafa de água. Sorrio em agradecimento e ele se senta no canto do sofá, erguendo minhas pernas para apoiá-las sobre seu colo.

— Você está melhor? — pergunta, mas encara o relógio em seu pulso com meus batimentos.

Depois que caímos na água, eles acabaram estragando. Mas comprei um novo e Dominic o duplicou outra vez.

— Sim — confirmo. — Como foi com Archie? Vocês resolveram o problema com Relish?

Ele me encara como se eu tivesse o insultado.

— Você ainda pergunta? Achei que tivesse mais fé em mim, princesinha — provoca e sorrio.

Eu nunca tive o costume de sorrir, mas ultimamente tem sido inevitável. Nunca estive tão positiva em relação à minha doença e nunca me senti tão feliz, livre, com verdadeira vontade de viver.

É reconfortante.

— Relish é assustador, por isso tive minhas dúvidas.

— Mais assustador do que eu?

— Você ainda pergunta? — debocho, e ele revira os olhos, apertando minha panturrilha.

— Não me provoque, princesinha, sabe o que acontece quando faz isso.

— Sei, e é por isso que sigo fazendo.

Ele ri, mas suas pupilas dilatam e o olhar sombrio, que esconde inúmeros sentimentos bondosos, recai sobre meu corpo. Dom parece disposto a cair na tentação, mas engole em seco e balança a cabeça para afastar o pensamento.

— Você tem que ir para a natação e depois tem que fazer aquele exame às seis. Depois disso, aí sim será minha por quanto tempo quiser.

— Dom?

— Sim.

— Eu sou sua por tempo indeterminado — lembro-lhe, ele sorri de lado e suas pupilas ficam ainda maiores. *A possessividade lhe cai verdadeiramente bem.*

— De fato, você é minha para sempre.

Sua mão aperta a minha coxa com força e ele se inclina no sofá, ficando por cima de mim para me beijar.

E não importa se o mundo inteiro me criticar, não importa se todos nos julgarem por ficarmos juntos depois de como começamos, não importa se serei considerada burra ou ingênua, eu o amo mesmo assim. E sei que no dia seguinte, o amarei ainda mais.

Porque ele me fez perceber que o que torna as coisas frias ou quentes não são os lugares e sim as pessoas. Ele me fez notar que eu posso estar em um hotel luxuoso, em uma pousada perto do mar, em um hospital, em uma sala de esgrima ou até mesmo em um simples sofá, a sensação de estar nos seus braços sempre será quente. Porque ele se tornou o meu porto seguro, o meu lugar confiável onde posso chorar e ser verdadeira o tempo inteiro, sem medo de que ele vá embora depois de ver o meu lado feio.

Porque sei que independentemente do que acontecer, ele ainda estará ao meu lado, porque Dominic é meu.

Apenas meu.

Epílogo

Oh, meu Deus
Amor, amor, você não vê?
Eu tenho tudo que você precisa
S-só um gênio poderia amar uma mulher como ela
Genius _ LSD (Labrinth, Sia & Diplo)

Dominic Edwards

Alguns meses depois

Aceno em direção a Archie quando vencemos a partida e ele dá um meio sorriso, meneando sua cabeça. Meu humor está ótimo com a nossa vitória, mas se torna esplêndido quando minha mulher se aproxima, animada.

Porra, eu sou sortudo pra caralho.

Desço do cavalo e ela fica na ponta dos pés, me dando um selinho rápido.

— Você foi muito bem, meu amor. Por isso é o meu favorito, claro que só ganharam por sua causa — ela fala docemente, porém, toda essa doçura não é destinada a mim, e sim ao Sonho.

O cavalo balança sua cabeça, recebendo a carícia em sua orelha.

— Não me olhe assim — ela resmunga e sei que está falando comigo somente pelo tom que usa.

Afinal, Deus livre o pobre animal de ser alvo da sua acidez.

— Assim como? — debocho e ela levanta a cabeça, arqueando a sobrancelha.

— Como se tivesse ciúmes de um cavalo.

Bufo e ela sorri, se jogando em meus braços.

— Você jogou bem — sussurra no meu ouvido, deixando um beijo em meu pescoço.

Minhas mãos seguram sua cintura com cuidado e eu a abraço com tranquilidade, sabendo que todo o meu mundo está em segurança nesse momento.

— Eu sei.

— Então por que precisa ouvir elogios? — Soa sarcástica e me encara.

— Porque gosto, mas só se eles vierem de você.

Ela estala a língua, forçando indiferença, mas seus olhos brilham.

— Me esforçarei para elogiá-lo mais vezes — garante e as íris seguram as minhas. — Agora podemos ir? — indaga, ansiosa.

Criamos um costume, todas as vezes que ganho um jogo de polo, a levo para a mesma floresta que ela montou no Sonho pela primeira vez.

Acho que naquele dia, quando abandonei a partida ao perceber que seu coração estava acelerado, foi quando percebi que estava apaixonado. No fundo, eu tive plena ciência disso, embora eu tenha tentado negar a todo custo.

— Vamos lá — concordo e trocamos a sela, antes de nos despedirmos dos outros e sair.

Cindy segura as rédeas e vou atrás dela, me segurando em seu corpo enquanto o cavalo galopa.

Ela tem montado-o com mais frequência, sempre que saio para passear com ele, Cindy está comigo e, normalmente, é quem guia o caminho. Embora, às vezes não esteja tão bem para isso.

Quando chegamos na árvore que marcamos como nossa, desço e a ajudo a fazer o mesmo. Ela aceita minha mão estendida e beija a cabeça do animal, que gosta mais dela do que de mim.

Sonho entende o sinal de que está liberado para explorar por aí e nos sentamos no mesmo lugar de sempre, nossas costas ficam apoiadas na árvore.

O silêncio entre nós é confortável e cada segundo ao lado dela é assim, tranquilo. E eu que sequer conhecia o significado dessa palavra, nunca imaginei que fosse me adaptar tão bem com ela.

Criamos uma rotina que funciona para nós dois e mesmo praticamente morando juntos, há momentos em que ficamos separados. Às vezes, ela precisa do seu tempo e eu do meu. E é engraçado como funcionamos em sincronia até mesmo nessas horas.

Claro que brigamos.

Cindy pode ser adoravelmente irritante e às vezes suas provocações me tiram do sério. Afinal, descobri que sua acidez não era só porque éramos inimigos. Não, esse é mais um traço instigante da sua personalidade. Mas que tem capacidade de me fazer perder a cabeça.

Contudo, o resultado de cada troca de farpas acaba sendo o mesmo: eu a declaro como minha e ela me marca como dela.

Somos um do outro e é simples assim. Ninguém precisa nos entender.

Ninguém tenta nos atrapalhar, até porque, quem faria isso? Sua família está cada dia mais afundada na lama e nas sujeiras que não param de surgir sobre os últimos anos da empresa. Caleb perdeu seu cargo como líder dos Corvos. Edgar não seria burro a ponto de aparecer na Inglaterra outra vez. Meus pais são os maiores apoiadores do nosso relacionamento. Os funcionários dela me amam – ou me toleram. Estamos quase nos formando e os Anjos não teriam coragem de tocar em um único fio de cabelo dela.

Ela é completamente intocável.

Completamente inalcançável, mesmo não sendo uma de nós – por escolha própria. De acordo com Cindy, ela não quer estar atrelada a nenhuma sociedade, seu foco tem sido o investimento em ações e, porra, se ela continuar como está, em alguns anos será a mulher mais rica do país.

— Dom? — Sua voz corta o silêncio tranquilo.

— Sim?

— Você me perdoaria se eu te traísse? — A pergunta pode soar ofensiva, mas sei exatamente por que ela a faz.

Também tenho pensado sobre isso desde que descobri a verdade sobre meus pais.

O teste de DNA que Caleb tinha era um feito entre eu e Donatella, que não é minha mãe “adotiva” e sim minha mãe biológica.

Eles nunca falaram sobre isso antes e eu já tinha desistido de descobrir a verdade. Afinal, o preço que quase foi cobrado da última vez era alto demais. Então, estava determinado a deixar tudo no passado.

Mas Cindy não pensava da mesma forma e não faço ideia do que ela falou para minha mãe, no entanto, foi o bastante para ela me contar o que aconteceu há mais de vinte anos.

O casamento estava em crise, eles brigavam direto porque meu pai estava focado na sua carreira política e minha mãe se sentia sozinha. Então, um dia, acabou saindo e o traiu com um amigo antigo dela. Alguns meses depois, descobriu que estava grávida, falou a verdade e Peter a mandou para fora do país irritado.

Durante a gestação, ele foi visitá-la e os dois se entenderam. Ambos entraram em um acordo: eu seria enviado para um lar adotivo e não ficariam comigo. Meu destino já estava decidido, contudo, quando nasci, Donatella disse que se apaixonou assim que me viu e não conseguiu seguir em frente com a ideia de me abandonar.

Quando ela voltou, fez tudo de forma sigilosa e entrou em casa com o bebê. Ninguém a incomodava e ela ficou uma semana trancada em seu quarto, deixando Peter decidir se a aceitaria comigo, ou se ela iria embora para sempre. Quando ele fez sua escolha, ela saiu para a cidade discretamente e já voltou comigo em seus braços. Foi quando disseram para todos que fui adotado. Ninguém suspeitou e se alguém o fez, rapidamente o boato foi abafado, assim como a traição de Donatella nunca foi exposta ao mundo.

Naquela época, minha mãe poderia ter feito uma escolha diferente. Ela poderia ter me abortado, poderia ter realmente ido até o fim ao me colocar em um lar adotivo ou poderia ter inventado uma história absurda envolvendo álcool ou abuso. Mas ela arriscou o seu casamento, mesmo o amando, e foi sincera.

E Peter a amava tanto que a visitava enquanto sua barriga crescia, carregando o filho de outro homem. Peter ama tanto Donatella que perdoou sua traição e me criou como seu verdadeiro filho, nunca sendo cruel ou me negando sua atenção como outros fariam.

O homem que é meu pai biológico nunca soube da minha existência e morreu em um acidente de carro antes de descobrir. E desde que ela me falou sobre isso, tenho pensado no assunto.

Se fosse Cindy, se ela tivesse me traído com outro homem e acabasse grávida, eu a perdoaria?

— Sim — murmuro e ela me encara.

— Mentiroso.

— Estou falando sério. A dor de ser traído por você seria absurda, mas a de não tê-la é insuportável. Então, eu a perdoaria, e se houvesse um bebê, eu o amaria porque ele seria uma parte sua.

Ela pisca várias vezes e sorrio, vendo a surpresa irradiando em seu semblante.

— O quê?

— Eu não esperava essa resposta.

Dou de ombros.

— Eu a perdoaria, mas, por favor, não me traia. Acho que seria desolador — sussurro. — Lembre-se que você pertence unicamente a mim. E se tivermos algum problema, ameace me deixar.

— Eu estaria violando nosso acordo.

Bufo.

— Se você ameaçar me deixar, provavelmente eu estou machucando-a de alguma forma, então nós dois estaríamos o violando.

— É justo. — Ela acena, pensativa. — Mas eu nunca trairia você.

— Então jamais teremos um problema — afirmo e ela fica mais perto de mim, se aconchegando em meus braços.

O silêncio retorna e, dessa vez, sou eu quem o quebro:

— Cindy?

— Hum?

— Amo você.

Ela encosta sua cabeça em meu peito e fica ouvindo o ritmo do meu coração. Desde que selamos o novo acordo no hospital, ela criou o hábito de fazer isso.

— Também amo você — suspira, relaxada. — Verdadeiramente amo você, Dominic Edwards.

Sorrio, entrelaçando nossos dedos ao encarar o céu claro.

E não consigo evitar pensar que se o paraíso é o lugar para onde ela irá, eu imploro a Deus de joelhos para que perdoe esse anjo pecador e que me deixe encontrá-la. Porque um castigo pior do que ser condenado ao inferno é viver em um local onde ela não esteja.


SKET
CHES
ANMIN
INSTAGRAM

Agradecimentos

Mais um livro, mais um agradecimento.

E, sinceramente, dessa vez eu sequer sei quem eu devo citar primeiro. Tenho tantas pessoas para agradecer, tantas coisas a dizer (chocando zero pessoas KKSKSKK).

Nesse exato segundo são 17:47 e eu vou upar o arquivo daqui a poucas horas. Algumas pessoas me perguntaram qual era a expectativa para esse lançamento e embora minhas amigas sejam otimistas até demais em relação à ele, não gosto de ir tão longe. Nunca sei se sou merecedora de tudo o que já conquistei e talvez por isso, às vezes não consigo pensar tão além. Por mim, se entrar no ranking, estarei feliz. Mas se não entrar, está tudo bem também. Sei que eu e todas as pessoas que trabalharam comigo nesse processo, deram o seu melhor.

Então, vamos lá agradecer todas elas.

Milena Seyfild, ou apenas Mi, eu sequer sei o que falar para você. Caramba, eu ainda nem acredito que fizemos mesmo isso juntas. Quero dizer, eu realmente tenho uma duologia com você? Nossa, aposto que a Nina do ano passado não acreditaria nisso. A Nina que surtou lendo Angel Doll e que admira você para um caralho certamente está em choque.

E a Nina de agora, que está lançando Até Você Ser Minha, está super orgulhosa do que criamos. Obrigada por ser tão incrível, obrigada por me cobrar e fazer metinhas comigo, obrigada pela paciência e pelos surtos. Obrigada por aguentar meus áudios e por não ficar horrorizada com as minhas ideias. Obrigada por sempre topar mais uma ilustra e por ser tão insana quanto eu kkskskksk. Obrigada por ter me reconhecido de primeira,

por ter ficado ao meu lado durante a Bienal e obrigada, principalmente, por ter construído cada pedacinho desse universo ao meu lado.

Eu sempre serei sua fã e não digo isso apenas me referindo à sua escrita — que é surreal de boa. Não, eu falo isso como pessoa também. Você é boa, Mi. Você é sincera, simpática e confiável. Tão confiável que dentre todas as autoras incríveis que sou amiga, foi quem me fez embarcar em um mundo totalmente novo que eu sequer tinha escutado falar. Então, meu mais sincero obrigada.

E por falar em pessoas confiáveis, claro que eu vou citar minhas fiéis betas que sempre me acompanham, surtam comigo e aturam meus erros mais absurdos. Dessa, obrigada por sempre ser tão sincera e por não soltar minha mão, nem mesmo quando eu mereço que isso aconteça. Dih, obrigada por todas as mensagens e sugestões, você sempre me faz acreditar que sou uma escritora incrível. Ani, obrigada por sempre me ajudar, independente do horário ou de quão absurdo é o meu pedido. Judy, obrigada por sempre fazer comentários que me arrancam altas gargalhadas. Mari, obrigada por aceitar esse papel, mesmo quando já desempenha tantos outros na minha vida. Vivi, obrigada por ter lido, mesmo que eu tenha passado um bom tempo sumida. Eu verdadeiramente amo cada uma de vocês e sou imensamente grata por tê-las. (PS: Eu juro que sei onde é o acento de ridículo, mas na hora de digitar, é automático, ok?)

E já que toquei no assunto sobre digitação, Gabi e Amandinha, me perdoem por todo o sofrimento que fiz vocês passarem kssksk. Vocês são as melhores revisoras do mundo e só tenho a agradecer pelo trabalho incrível.

Hanny e Foxy, minha ilustradora e Designer favoritas, eu amo vocês e também só tenho a agradecer. Hanny, obrigada por nunca ficar com raiva de mim, mesmo eu sendo mais crítica do que deveria e encomendando ilustrações plena madrugada com inúmeros áudios e surtos. Foxy, obrigada por sempre entender exatamente o que estou pensando para o feed, mesmo eu sendo terrível na hora de explicar minhas ideias.

Lari, a única ruiva do meu coração, obrigada pelo trabalho sempre impecável e por ser a melhor assessora do mundo. Obrigada por não se

estressar quando abro minha boca de sacola e conto mais do que deveria, por não ficar irritada quando sumo por três dias e volto bancando a egípcia, por me apoiar independentemente do surto e por entender minhas necessidades melhor do que eu mesma.

Safada, Tóxica, Dorameira ou Aline (tenho muitas formas de chamar você, ok?), obrigada por tudo o que você fez nessa duologia. Obrigada por sempre me encaixar na sua agenda, por aguentar minhas inúmeras mensagens e até minhas reclamações sobre não ir ao show do Nunu. Seu trabalho é impecável também e me sinto honrada em ser sua amiga.

Tatá, eu não tenho palavras para lhe agradecer! De verdade, não sei o que seria de mim — e da Cindy — sem a sua ajuda. No começo eu estava tão perdida e com tanto medo de acabar falando alguma bobagem, mas você segurou a minha mão e me guiou, sempre me passando inúmeros conhecimentos e opiniões. Sério, seu papel aqui foi essencial e sou extremamente feliz por ter topado me ajudar. Obrigada por ter tirado cada dúvida minha — até mesmo aquelas absurdas que me deixavam morrendo de vergonha. Obrigada por cada áudio, risada e até mesmo revolta com o pai da Cindy. Obrigada por ter me ensinado tanto e por ter se tornado uma amiga, além de apenas uma leitura sensível.

Mari, deixei para mencionar você só agora porque irei começar a falar sobre a minha família. Então nada mais justo, uma que você é praticamente minha irmã, certo? Eu não tenho palavras para agradecer por tudo, você sabe disso. Nem se tentasse, conseguiria pôr em palavras a minha gratidão por tê-la em minha vida — o que é um saco, verdadeiramente queria que você soubesse o quanto significa para mim e o quanto eu te amo. Mas já que não consigo expressar, vou ao menos tentar agradecer. Obrigada por tudo, pelo apoio incondicional, por ter mais fé em mim do que eu mesma, por ser o meu “querido diário”, por cada piada interna e confiança depositada. Obrigada pelos 81 quotes, por me apoiar em tudo e por ser minha melhor amiga.

Nini e Mainara, obrigada por serem minhas irmãs. Sei que esse é um papel meio difícil de desempenhar de vez em quando. Posso ser chata quando quero e extremamente irritante se estiver disposta, mas ainda assim, vocês sempre estão ali por mim. Sei que há momentos em que foco muito no meu trabalho e acabo esquecendo de viver, então, muito obrigada por sempre me lembrarem que não posso viver através das páginas escritas para os meus personagens.

Marley, obrigada por ser o mais mimado de todos, por sempre exigir atenção e chorar ao meu lado até que eu pare de digitar e faça um carinho na sua orelha. Obrigada por invadir meus stories e por me fazer rir, somente em balançar o seu rabo.

Mãe, obrigada por ser meu ponto de equilíbrio. Muitas vezes eu tropeço e bambeio, mas sempre a tenho ali para me apoiar antes de cair. Obrigada por sempre secar minhas lágrimas e por dizer que vai arranjar barraco com meio mundo somente porque me viu chorando.

Deus e meus guias, obrigada pelo conforto de sempre. Quando me sinto perdida e não sei o que fazer, é o momento onde mais sinto a presença de vocês e sou tão grata por isso, por nunca ficar sozinha. Obrigada pelo apoio silencioso. Só o senhor sabe o quanto já chorei em silêncio e o quanto tentei esconder as lágrimas derramadas para ninguém se preocupar. E saber que quando me encontro em aflição, eu tenho a quem recorrer, é algo indescritível. Então, muito obrigada meu pai por me dar força, saúde e fé. Obrigada por me fazer acreditar em algo tão plenamente a ponto se sentir a calmaria em meio a tristeza, mesmo sem nenhuma palavra ter sido dita.

Às minhas parceiras, saibam que sou extremamente grata por toda a divulgação e por embarcarem em mais uma jornada comigo. Às influencers que estão trabalhando comigo nesse lançamento, gratidão por me encaixarem na agenda, mesmo eu sendo só mais uma dentre tantas autoras incríveis que tentam uma vaga com vocês. Ao meu grupo de leitoras, obrigada por sempre tentarem arrancar mais um spoiler, por me fazerem sentir que estou em uma virada de ano com as contagens regressivas e por me arrancarem sorrisos genuínos somente por estarem ao meu lado.

Gratidão. Gratidão. Gratidão. Amo vocês.

Aos meus leitores de modo geral, e à você que está lendo isso nesse exato instante, obrigada por ter me dado uma chance. Espero que você tenha desejado fazer parte dos Anjos, tenha entendido a Cindy e tenha se apaixonado pelo Dominic.

Não sei até onde eles irão e muito menos que tipo de recepção eles terão, mas estou contente com o resultado. E se a história dos dois for boa o bastante para fazer ao menos uma pessoa se apaixonar e acreditar no amor a ponto de desejar viver um igual, meu papel foi cumprido com êxito.

Obrigada a todos que me ajudaram e se esqueci de alguém, peço perdão. Amo vocês e sou imensamente grata por tudo. Se possível, avaliem o livro porque me ajuda muito e venham surtar comigo na DM.

Recadinhos da Nininha: Se hidratem, não se humilhem por ninguém e não aceitem uma situação ruim só porque a pessoa é membro da sua família, compartilhar o mesmo sangue não significa nada. Ps: Amo vocês.

Com amor, Nina Queiroz.

Fontes seguras confirmam que autora viciada em personagens caóticos e problemáticos tem um lançamento **clichê** programado. E embora muitas pessoas se recusem a acreditar, há quem diga que ela escreverá uma **comédia romântica** e que já tem tudo planejado, inclusive, inúmeras ilustrações prontas.

Ass: **Nininha Fofoqueira.**

Sobre a autora

Nina Queiroz tem idade suficiente para ser presa no Brasil enquanto não pode nem mesmo beber nos EUA. Odeia falar de si mesma, mas ama falar sobre qualquer outro assunto.

Vive em um mood eterno de leitora surtada oitenta por cento do tempo e os vinte restantes se dedica a ser uma escritora doidinha. Mora atualmente em Fortaleza, adora animais, ama dançar (mesmo parecendo uma lombriga/ boneco do posto) e detesta palhaços (embora seja seu emoji da vida e se identifique muito com eles).

Se considera romancefóbica (palavra inventada) já que se recusa a ler qualquer coisa que não tenha romance, precisa ter ao menos um casalzinho para aquecer o coração (fontes confirmam que ela já shippou uma abelha e uma humana na falta de um casal decente).

Come quando está ansiosa e fala demais quando está nervosa. Adora surtos e inclusive aguarda eles ❤ .

Onde encontrá-la:

Instagram:@ninaqueirozautora

Gmail: autora.nina.queiroz@gmail.com

[1] A balestra é um dos movimentos da esgrima. Trata-se de uma espécie de combinação de estocada com afundo. Para executá-la, o esgrimista deve dar um salto em direção ao oponente com o braço esticado e cair em posição de afundo.

[2] A execução do destaque tem mais a ver com a arma do que com o corpo. Ela acontece quando o atacante ameaça golpear uma região válida para atrair a arma do oponente, girar a própria e pontuar na região oposta. O punho do esgrimista que faz o destaque deve girar para ter tempo e força de mudar a trajetória e ainda acertar o golpe no adversário.

[3] A flecha é um dos mais arriscados movimentos da esgrima. É um golpe ultraofensivo, digamos. Trata-se de um ataque rápido em que o esgrimista literalmente corre em direção ao adversário com a arma esticada e apontada.

[4] A parada é um movimento da esgrima de contra-ataque. Só que é defensivo. É uma ação de proteção que possibilita uma pontuação posterior.

[5] Síndrome de Taquicardia Postural (PoTS) é uma condição em que a frequência cardíaca de uma pessoa aumenta significativamente quando ela se levanta. Isso pode causar sintomas como, tontura, desmaio e fadiga.

[6] A síncope vasovagal ou síndrome vasovagal é uma síncope relacionada à ativação inapropriada do nervo vago, que faz parte do sistema nervoso parassimpático.

[7] Chukker = Tempo.